ANAIS DAS COMUNICAÇÕES ACADÊMICAS DA III SEMANA DA FUNDAÇÃO

31 DE AGOSTO DE 2017
Centro Universitário São José de Itaperuna

COMISSÃO ORGANIZADORA:

JADER ALMEIDA DA SILVA
Reitor

HUDSON DE OLIVEIRA COSTA
Pró-reitor Acadêmico

JOSÉ MARIA CARDOZO
Secretário

ISMÊNIA LINHARES REZENDE ALMEIDA

Subsecretária

JOANE MARIELI PEREIRA CAETANO
Coordenadora do CENICE

ANA LÚCIA LIMA DA COSTA SCHMIDT
Coordenadora das Comunicações

(22)3811-0700
E-mail: @fundacaosaojose / www.fsj.edu.br
Rua Major Porphílio Henriques, Nº 41 - Centro - Itaperuna - RJ

III Semana da Fundação. (Itaperuna, RJ)
Anais do Congresso.
Itaperuna: Centro Universitário São José de Itaperuna, agosto, 2017.
ISSN 2175-8255
Modo de acesso: http://fsj.edu.br/unifsj/
Edição especial da TRANSFORMAR – Revista do Centro de Iniciação Científica e Extensão (CENICE)| Fundação Educacional e Cultural São José – Centro Universitário São José de Itaperuna
1. Interdisciplinar 2. Congresso

O conteúdo destes Anais é de exclusiva responsabilidade dos seus autores.

SUMÁRIO

Apresentação dos Anais ……..…..... 05

ARTIGOS COMPLETOS

1. Farmácia: O COPING RELIGIOSO NO PROCESSO DE TRATAMENTO DO CÂNCER: consciência real do diagnóstico da doença……...…06

2. História: O ENSINO RELIGIOSO NAS ESCOLAS: uma proposta voltada para liberdade, respeito e tolerância ……...….27

3. Letras: *A HORA DA ESTRELA*: do livro à tela ……35

4. Letras: *A SAGA DO CAVALO INDOMADO* SOB UMA PERSPECTIVA METAFÓRICA: o indomável no cavalo negro, na personagem Maria Olegária e na autora Maria Alice Barroso ……46

5. Letras: MUDANÇA SEMÂNTICA DO SUFIXO -INHO NO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO ……..…..58

6. Letras: *OS POSSEIROS*: uma literatura de engajamento social dos anos 50 ……..…71

7. Letras: O DETETIVE NO ROMANCE BARROSIANO: características tradicionais ou contemporâneas? ……..…..85

8. Letras: DA ARTE LITERÁRIA À CINEMATOGRÁFICA: a intertextualidade no fantástico mundo mágico de Harry Potter ……..……....100

9. Letras: A INTRATEXTUALIDADE PRESENTE NO LIVRO *A MORTE DO PRESIDENTE OU A AMIGA DA MAMÃE*, DE MARIA ALICE BARROSO ……..…..114

10. Letras: COLABORAÇÕES DA PLATAFORMA GOOGLE NA PRODUÇÃO TEXTUAL…...126

11. Letras: *O CRIME DO PADRE AMARO*, DE EÇA DE QUEIROS E SUA ADAPTAÇÃO PARA O FILME HOMÔNIMO DE CARLOS CARRERA ……..….137

12. Psicologia: A PSICOLOGIA, A FAMÍLIA E A ESCOLA COMO MEIO DE PROMOÇÃO DE SAÚDE MENTAL INFANTOJUVENIL ……..……..….146

13. Psicologia: O PROCESSO PSICOTERAPÊUTICO NA ABORDAGEM HUMANISTA-EXISTENCIAL: qual a necessidade de rótulos?……..……..…....157

14. Psicologia: ESTUDO ESTATÍSTICO DO COMPORTAMENTO SUICIDA: estudos, perfis e intervenções psicossociais ……..……...…..173

15. Psicologia: OS PREJUÍZOS DOS EXCESSOS DO USO DA TECNOLOGIA NO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DOS BEBÊS ……..……..182

16. Psicologia: SAÚDE E EDUCAÇÃO: Trajetórias e encontros com a mediação escolar no processo de inclusão da criança com autismo no ensino regular ……193

17. Psicologia: A FRAGMENTAÇÃO DO EU: o vazio na contemporaneidade……...…...203

RESUMOS

1. Ciências Contábeis: EVOLUÇÃO DA MULHER CONTABILISTA NO MUNDO ATUAL: desafios e perspectivas……...…...214

2. Ciências Contábeis: CONTABILIDADE AMBIENTAL COMO FERRAMENTA DE RESPONSABILIDADE SOCIOAMBIENTAL…….214

3. Ciências Contábeis:IMPOSTOS MUNICIPAIS E SUAS APLICAÇÕES NA SOCIEDADE …215

4. Ciências Contábeis: EMPRESAS FAMILIARES: há espaço para o profissional de controladoria? ……..……. ……...216

5. Farmácia:AUTOMEDICAÇÃO DOS AINEs: UM PROBLEMA DE SAÚDE PÚBLICA …….. 216

6. Farmácia:RELIGIOSIDADE NA BUSCA DE QUALIDADE DE VIDA DO OBESO ……..217

7. História: ESPIRITUALIDADE INACIANA E PROCESSO DE COLONIZAÇÃO NA PERSONAGEM DE MANOEL DA NÓBREGA ……...…….217

8. História:QUADRINHOS: BREVE HISTÓRICO E APLICAÇÕES EDUCACIONAIS ……218

9. Letras: JORGE AMADO E SUA TENDA DOS MILAGRES: a presença do Candomblé na literatura brasileira ……..218

10. Letras: BERTOLEZA E RITA BAIANA: as figuras representativas da mulher negra em *O Cortiço* ……...219

11. Letras: O USO DA GÍRIA COMO RECURSO DE APRENDIZAGEM EM UMA ABORDAGEM SOCIOLINGUÍSTICA ……...220

12. Letras: Jogos Interativos como meio de aprendizagem da Língua Inglesa…….....221

13. Psicologia: A prática psicológica enquanto referência para transmitir más notícias no processo de doação de órgãos e tecidos para transplante ……221

14. Psicologia: Transtorno afetivo bipolar, suas fases, seus subtipos e o desafio de seu diagnóstico e tratamento ……...222

15. Psicologia: O berço vazio diante da expressão da vida ……...…..223

APRESENTAÇÃO

Apresentamos os **Anais da III Semana da Fundação**, do Centro Universitário São José de Itaperuna, composto por artigos completos e resumos, apresentados por pesquisadores, alunos e professores, dos cursos de graduação do Centro Universitário, bem como de profissionais egressos da Instituição. A coletânea é resultado do processo de comunicações acadêmicas ocorridas no evento, no dia 31 de agosto de 2017.

A ação resultou na apresentação de 32 comunicações de trabalhos de pesquisa, sendo apresentados neste caderno, 17 artigos completos e 15 resumos.

Esses Anais podem ser considerados uma importante contribuição que pretende tornar coletivas as discussões interdisciplinares e sobre as mais diversas problemáticas discutidas nos cursos de graduação da instituição e de seu Centro de Iniciação Científica e Extensão (CENICE).

Por este motivo é que nos orgulhamos de trazer ao público uma publicação científica e pluralista que, certamente, contribuirá para que outros pesquisadores reflitam e aprimorem suas práticas de pesquisa em diferentes áreas.

A Semana da Fundação já representa um espaço ímpar de troca de experiências acadêmicas e, agora também, uma oportunidade de conhecer a produção científica desenvolvida por seus alunos, professores e pesquisadores que tanto contribuem para o desenvolvimento da região.

COMISSÃO ORGANIZADORA

ARTIGOS COMPLETOS:

1. FARMÁCIA:

O COPING RELIGIOSO NO PROCESSO DE TRATAMENTO DO CÂNCER: consciência real do diagnóstico da doença

Geane Freitas Pires de Castro[1]
Anne Novaes Freitas Pires de Castro[2]
Marcus Vinicius Novaes de Castro[3]

Conforme a Organização Mundial da Saúde (OMS), o índice de mortalidade do câncer tem crescido demasiadamente; esta patologia em questão é um problema de saúde pública mundial, que mata 8,8 milhões de pessoas anualmente no mundo, gerando medo e atingindo todas as faixas etárias. Se não for diagnosticado e tratado na fase inicial, pode levar o paciente à morte.

Num estágio mais adiantado da enfermidade, a realidade de que a vida está por um fio é, para muitos pacientes, uma situação de extrema dor. A certeza de que não há futuro e de que a despedida desta vida está iminente, estar consciente de que a qualquer momento haverá uma separação definitiva dos que aqui ficam – todo esse clima de consciência da inevitabilidade da morte que está à espreita torna o doente extremamente só, vivenciando antecipadamente o luto a ocorrer com a perda real de cada sopro de vida – em caso de pacientes em estágio terminal.

A concepção de saúde/doença mais plausível e que melhor responde as indagações contemporâneas considera o homem como ser social, com sua historicidade, contextualizado numa rede de relações, cujo bem-estar está dialeticamente atrelado às suas condições de vida. Portanto, saúde integral contempla vários elementos e princípios que envolvem a vida do indivíduo, está entrelaçada em todas as facetas do desenvolvimento humano, em todas as dimensões da vida, seja psíquica, social, mental, biofísica, transcendental, e todas alinhadas harmonicamente.

Palavras-chave: Câncer. Luto antecipatório. Religiosidade.

INTRODUÇÃO

A Organização Mundial da Saúde (OMS) estabelece o seguinte conceito: “A saúde é um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não consiste apenas na

[1]Mestranda em Ciências das Religiões, pela Faculdade Unida de Vitória. Pós-graduada em Gestão Educacional. Graduada em Farmácia, pela UNIG de Itaperuna. Professora do Centro Universitário São José de Itaperuna. Email gege_freitas@yahoo.com.br
[2]Graduada em Odontologia, pela UNIG de Itaperuna. Email anne.novaes_@hotmail.com
[3]. Mestrando em Ciências das Religiões, pela Faculdade Unida de Vitória. Bacharel em Direito (FDC).

ausência de doença ou de enfermidade"[3]. Trata-se de uma concepção idealista porque inalcançável, genérica, abstrata, inoperável, portanto não satisfatória. Concepção criticada por muitos estudiosos como Singer et al. (interpretados por Madeira e Alves), para quem o estado de saúde é prioritariamente "constituído pela maior ou menor presença de estados mórbidos socialmente reconhecidos"[4]. De fato, conceituar qualquer termo que seja nunca é exaustivo porque cercá-lo em todas as dimensões possíveis é tarefa interminável. O que ora se discorre neste tópico é a apresentação de alguns vieses mais determinantes de concepção saúde/doença.

Nos primórdios da humanidade, coletores/caçadores explicavam os incidentes de doenças de maneira coerente com a própria visão de mundo, recorrendo-se a demônios e forças sobrenaturais nas quais acreditavam e por elas invocavam em suas necessidades procurando utilizá-las adequadamente. Era uma visão encantada, "mágica do processo saúde-doença, permitia um alto grau de manipulação e era complementada por cuidadosas observações empíricas sobre a utilidade medicinal de produtos naturais, transmitidas cuidadosamente de geração a geração[5].

Doença, sob a ótica do cristianismo, na Idade Média, era um estado resultante do pecado cuja cura dependia da fé. Em sua maioria, os enfermos ficavam sob as atenções de ordens religiosas administradoras de hospitais – instituição desenvolvida pelo cristianismo para abrigar e confortar enfermos, não exatamente para curá-los. Atribuía-se ao doente a responsabilidade (individual ou coletiva) por seus sofrimentos; "o modo mágico de lidar com as doenças foi suplantado pelo modelo místico, ou religioso, que se tornou hegemônico. A doença passou a ser vista como pecado, resultado da desobediência a códigos de condutas prescritos pelos deuses"[6].

---

[3]OMS. Constituição da Organização Mundial da Saúde (OMS/WHO) – 1946. *Biblioteca Virtual de Direitos Humanos*. Universidade de São Paulo. Disponível em:<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/OMS-Organiza%C3%A7%C3%A3o-Mundial-da-Sa%C3%BAde/constituicao-da-organizacao-mundial-da-saude-omswho.html> Acesso em: 26 jul. 2017.

[4]MADEIRA, Lélia Maria; ALVES, Marília. Processo saúde doença trabalho, p.164-169. *Semina*: Ciências biológicas/Saúde Londrina, v.17, n. 2, 1996, p. 166.

[5]SABROZA, Paulo Chagastelles. Concepções sobre Saúde e Doença. 30p. *Curso de Aperfeiçoamento de Gestão em saúde*. Educação A Distância/Escola Nacional de Saúde Pública. Disponível em:<http://www.abrasco.org.br/UserFiles/File/13%20CNS/SABROZA%20P%20ConcepcoesSaudeDoenca.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2017, p. 6.

[6]SABROZA, 2017, p. 6.

Apesar de o objeto de estudo *saúde* vir sempre mantendo laços estreitos com o aspecto biológico e individual, também o processo saúde/doença passou a ser interpretado considerando concepções inerentes a cada sociedade. E assim, o capitalismo da segunda metade do século XIX entreviu outro cenário: o das doenças infecto-contagiosas. Foi, pois, com o desenvolvimento das ciências da vida que se deu "a identificação da estrutura celular, dos principais processos fisiológicos e da teoria evolutiva das espécies, fundamentaram de modo científico a ideia de saúde enquanto situação de adaptação às condições do meio externo"[7].

Desse contexto, em que a sociedade é tida como um enorme organismo, surgiu a consciência da patologia social exigindo métodos específicos para o estudo/tratamento das enfermidades, iniciando-se a estatística vital e a epidemiologia. Eis que aflora um conceito positivo de saúde associado às condições dignas de vida, enquanto a doença se vincula às condições de pobreza, desigualdade social, injustiça. Os modelos metafísicos e místicos foram superados com os avanços da teoria microbiana das doenças que sinalizava para eventos de agentes externos específicos, consolidando-se o conceito de saúde como bem-estar e equilíbrio da pessoa com seu habitat[8].

Nesse contexto, agentes políticos e econômicos, preocupados com transmissão de doenças, criavam meios de intervir vinculando ao Estado o profissional sanitarista, promovendo campanhas, como as de vacinação, por exemplo, contra moléstias que ameaçavam a saúde da população, ocorrendo assim significativas transformações "no modo de vida e na estrutura social. Em pouco tempo, as grandes epidemias deixaram de fazer parte do perfil de saúde e doença das populações urbanas dos países centrais"[9].

Enfim, a concepção de saúde/doença não é consensual; diverge social, econômica, política e culturalmente. Com efeito, "Os processos saúde-doença podem ser reconhecidos, a partir da posição do observador e aparecem, segundo cada posição, como alteração celular, sofrimento ou problema de saúde pública"[10]. "Dependerá da época, do lugar, da classe social. Dependerá de valores individuais, dependerá de

[7]SABROZA, 2017, p. 12.

[8]Cf. SABROZA, 2017, p. 13.

[9]SABROZA, 2017, p. 13.

[10]SABROZA, 2017, p. 4.

concepções científicas, religiosas, filosóficas. O mesmo, aliás, pode ser dito das doenças”[11].

A concepção de saúde/doença mais plausível e que melhor responde as indagações contemporâneas considera o homem como ser social, com sua historicidade, contextualizado numa rede de relações, cujo bem-estar está dialeticamente atrelado às suas condições de vida. Portanto, saúde integral contempla vários elementos e princípios que envolvem a vida do indivíduo, está entrelaçada em todas as facetas do desenvolvimento humano, em todas as dimensões da vida, seja psíquica, social, mental, biofísica, transcendental, e todas alinhadas harmonicamente. A deficiência em qualquer uma dessas dimensões impedirá a presença da saúde em seu estado pleno[12].

CÂNCER: CONSCIÊNCIA REAL DO DIAGNÓSTICO DA DOENÇA

Conforme a OMS, o índice de mortalidade do câncer[13] tem crescido demasiadamente; esta patologia em questão é um problema de saúde pública mundial, que mata 8,8 milhões de pessoas anualmente no mundo, gerando medo e atingindo todas as faixas etárias[14]. Se não for diagnosticado e tratado na fase inicial, pode levar o paciente à morte.

> A neoplastia ou câncer é um processo patológico que começa quando uma célula anormal é transformada pela mutação genética do DNA celular. Esta célula anormal forma um clone que começa a proliferar-se de maneira desordenada, ignorando as sinalizações de regulação do crescimento no ambiente circunvizinho à célula. As células adquirem características
> invasivas, com consequentes alterações nos tecidos adjacentes. Estas células se infiltram nestes tecidos e acessam os vasos sanguíneos e linfáticos, os quais transportam até outras regiões do corpo. Este fenômeno é denominado metástase[15].

[11]SCLIAR, Moacyr. História do conceito de saúde, 29-41. *Physis*: Revista Saúde Coletiva, 17(1), Rio de Janeiro, 2007, p. 30.

[12]SILVA, 2010, p. 48.

[13]“O termo ‘câncer’ é a tradução latina da palavra grega ‘carcinoma’, de ‘karkinos’ (crustáceo, caranguejo). Foi usado pela primeira vez por Gáleno, para indicar um tumor maligno da mama, no qual as veias superficiais deste órgão eram túrgidas e ramificadas, lembrando as patas de um caranguejo. Hoje o termo generalizou-se e é usado para indicar qualquer neoplastia maligna”. SILVA, 2010, p. 65.

[14]MINISTÉRIO DA SAÚDE. Inca. Instituto do Câncer**.** *ABC do câncer: abordagem básica para o controle do câncer***.** Rio de Janeiro: Inca, 2011, 128p. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/abc_do_cancer.pdf> Acesso em: 20 de mar. 2017.

[15]SILVA, 2010, p. 65-66.

No Brasil, o Instituto Nacional do Câncer (Inca) estimou para este biênio (2016-2017) a ocorrência de 600 mil casos novos de câncer no país, sendo necessário um trabalho árduo e consciente por parte dos agentes da saúde na perspectiva de atingir grande parte da população brasileira[16]. Em 2011, o Inca apresentou a incidência da doença representada pelos seguintes dados:

> Cânceres de próstata (61 mil) em homens e mama (58 mil) em mulheres serão os mais frequentes. Sem contar os casos de câncer de pele não melanoma, os tipos mais frequentes em homens serão próstata (28,6%), pulmão (8,1%), intestino (7,8%), estômago (6,0%) e cavidade oral (5,2%). Nas mulheres, os cânceres de mama (28,1%), intestino (8,6%), colo de útero (7,9%), pulmão (5,3%) e estômago (3,7%) figurarão entre os principais[17].

De acordo com o Inca, os tipos de câncer mais incidentes no mundo foram:

> [...] pulmão (1,8 milhão), intestino (1,4) e próstata (1,1 milhão). Nos homens, os mais frequentes foram pulmão (16,7%), próstata (15,0%), intestino (10%), estômago (8,5%) e fígado (7,5%). Em mulheres as maiores frequências encontradas foram mama (25,2%), intestino (9,2%), pulmão (8,7%), colo do útero (7,9%) e estômago (4,8%)[18].

O câncer não é classificado como doença, mas sim uma miríade de doenças com diversas manifestações distintas quanto a tipos celulares ou tecidos no organismo humano[19]. É atribuído a ele um conjunto de mais de cem doenças que apresentam em comum o crescimento desordenado de células malignas que invadem órgãos e tecidos, podendo espalhar-se para outras regiões do corpo gerando, assim, a metástase[20]. De

---

[16]MINISTÉRIO DA SAÚDE. Inca. Instituto do Câncer. *Estimativas da incidência e mortalidade por câncer*. Rio de Janeiro: Inca, 2015a. Disponível em:<http://www.inca.gov.br/estimativa/2016/index.asp?ID=2> Acesso em: 20 de mar. 2017.

[17]INCA, 2015a.

[18]INCA, 2015a.

[19]REISNER, H. M. *Patologia*: uma abordagem por estudos de caso. Porto Alegre: AMGH, 2016, p. 15-16.

[20]INCA, 2015a.

acordo com Braz[21], há quatro possibilidades das células cancerosas que se diferenciam do comportamento das células normais:

4 a *clonalidade*, que dá origem ao câncer decorrente de alterações genéticas numa única célula, cuja proliferação dão origem a clones de células malignas;
5 a *autonomia*, cujo crescimento da célula cancerosa não é regulado pelas influências bioquímicas e físicas normais do ambiente;
6 a *anaplasia*, que resulta na ausência da diferenciação normal e coordenada das células normais do organismo;
7 a *metástase*, originada pelo crescimento descontínuo das células cancerosas disseminadas para outras áreas do corpo.

O aparecimento do câncer se dá por causas variadas, podendo estar relacionado a fatores internos ou externos ao organismo, estando ambos inter-relacionados. Os fatores externos se dão aos hábitos e costumes culturais. Os internos referem-se à pré-disposição genética, havendo um descontrole celular referente à expressão de um determinado gene. A origem desse descontrole se deve pelas condições de uma exposição a fatores químicos, biológicos e físicos com capacidade mutagênica e/ou carcinogênica, originando a incidência dessa patologia[22].

Todos esses fatores de risco atuam na alteração da estrutura do DNA (genética) das células, dando início ao processo chamado de *carcinogênese* a partir de carcinógenos que estimulam o aparecimento do câncer em um organismo. Daí em diante, do processo de carcinogênese, o câncer passará por diversos estágios resultando a morte do paciente. O câncer é uma patologia que traz incertezas do futuro. Por razões como essas, segundo Silva, paciente e família são abalados mediante o diagnóstico e o subsequente tratamento desafiador[23].

> De um lado, há uma série de demandas afetivas por parte do paciente, que requer carinho e atenção, ainda que, por vezes, sua reação imediata seja de isolamento; de outro lado, há um conjunto de fatores externos e internos, como as preocupações e incumbências trazidas pela doença, por exemplo, problemas econômicos, representação social negativa da doença, conflitos familiares já existentes, mudanças físicas e psíquicas, às quais os pacientes são submetidos,

[21]BRAZ, M. M. *Aprendendo com o câncer de mama: percepções e emoções de pacientes e profissionais e de fisioterapia*. 2001. 101p. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção de Sistemas) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

[22]INCA, 2015a.

[23]SILVA, 2010, p. 69.

> que podem contribuir para o sentimento inicial da solidão e, consequentemente, para o seu isolamento[24].

Para muitos indivíduos, a palavra *câncer* tem conotação muito forte. É como se fosse uma sentença de morte, pois, quando diagnosticado, torna-se indesejado e visto como desfecho fatal. “O diagnóstico de doença oncológica, ainda muito associado a uma evolução fatal, e os tratamentos que a acompanham são fonte de intenso sofrimento psicológico para o doente e para a família”[25]. De acordo com Volpini,

> O estigma do câncer ainda marca de forma negativa seus portadores, embora, com o progresso da medicina, sejam maiores as chances de cura e as possibilidades da uma longa sobrevida. E, apesar de se falar mais abertamente sobre a doença, o medo permanece, parecendo que a palavra câncer é sinônimo de morte[26].

O imaginário social instituído (uma construção histórica) é que se trata de uma doença incurável[27], portanto a recepção do diagnóstico se dá normalmente pela deflagração de uma gama de emoções e reações no paciente e nos familiares em seu entorno. Foi o que constatou Silva, em sua pesquisa de campo com pacientes oncológicos, impactados mediante o diagnóstico. O pesquisador depreendeu dos dados daí coletados que esse é o instante mais crucial da vida de alguém, exatamente pelo assombro gerado coletiva e negativamente sobre a doença, sempre associada à irreversibilidade da morte[28].

Volpini, em sua pesquisa de campo, sobre o câncer na fase da adolescência,

---

[24]SILVA, 2010, p. 69.

[25]CARDOSO, Graça et al. Aspectos Psicológicos do Doente Oncológico, p. 8-18. *Revista do Serviço de Psiquiatria* do Hospital Prof. Doutor Fernando Fonseca, EPE. Disponível em: <http://www.psilogos.com/Revista/Vol6N1/Indice9_ficheiros/Cardoso%20et%20al%20_%20p8-19.pdf>. Acesso em 31 jul. 2017, p. 9.

[26]VOLPINI, Fernanda Siebert. *O adolescente frente ao câncer*: hospitalização e processos psicológicos. Monografia. Curso de Especialização em Psicologia Hospitalar. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto-Alegre-RS, 2007, p. 6.

[27] O rótulo “terminal” permanece, ainda que, segundo Kovács, 50% dos casos sejam comprovadamente passíveis de cura/controle. KOVÁCS, M. J. *Morte e desenvolvimento humano*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

[28]SILVA, V. C. E. *O impacto da revelação do diagnóstico de câncer na percepção do paciente*. Dissertação de Mestrado, Curso de Pós-Graduação em Enfermagem, Programa interistitucional USP/ UEL/ UNOPAR, São Paulo, 2005.

> [...] observou que o diagnóstico de câncer é um choque brutal, na medida em que o adolescente vê sua vida tomar um rumo diferente daquele imaginado. Há também uma ameaça de morte, desencadeando, no adolescente e na sua família, uma sucessão de reações e sentimentos que precisam ser trabalhados do ponto de vista psicológico[29].

As atitudes que os pacientes manifestam ao receberem o diagnóstico vinculam-se ao fator educacional em sua trajetória de vida e às experiências vivenciadas no ambiente cultural onde se desenvolveram como pessoa. Assim, há pacientes que querem ser esclarecidos sobre todos os aspectos da doença e respectivo tratamento; outros, porém, se negam a acreditar estarem doentes e a falar sobre a doença. Enfim, todos estão imersos na grande rede de crenças relacionadas à saúde/doença construída culturalmente no decorrer de suas vidas, fornecendo referências para a tomada de decisões das mais simples às mais complexas que o tratamento requer, diante de "uma situação indesejada e não esperada que não faz parte da programação da vida das pessoas"[30]. Assim,

> Cada doente lida com a doença oncológica de forma pessoal e individual, contudo, o facto de alguns doentes oncológicos tenderem a suprimir a expressão das suas emoções, pode contribuir para o aumento dos níveis de ansiedade e depressão. Pelo contrário, os doentes que utilizam estratégias focadas no problema e que procuram apoio psicossocial, conseguem manter uma autoestima elevada, melhor qualidade de vida e melhor adaptação à doença oncológica[31].

Nesse sentido, o momento da revelação do diagnóstico é uma situação delicada para a equipe de saúde responsável por essa tarefa. É preciso levar em consideração a predisposição ou capacidade de tolerância individual do paciente. Tentar entender "as condições de vida pessoal e seu nível cultural; o estágio do prognóstico da doença, bem como a possibilidade de colaboração familiar, além de determinar o quanto o paciente quer saber"[32]. Como se vê, trata-se de uma situação que envolve os profissionais que "também não estão imunes a reacções emocionais face ao sofrimento a que assistem e às difíceis decisões que têm de enfrentar na sua actividade clínica"[33].

---

[29]VOLPINI, 2007, p. 16.
[30]SILVA, 2005, p. 7.

[31]CARDOSO et al., 2017, p. 9.

[32]SILVA, 2005, p. 34.

[33]CARDOSO et al., 2017, p. 9.

Seja como for, a prevenção e o diagnóstico precoce contribuem de forma favorável para a cura ou para o aumento da sobrevida[34]. Ainda assim, há o assombro da doença devastadora e irreversível que foi gerado, por certo, porque, no passado, quando os doentes eram diagnosticados com câncer, o mal já estava em fase avançada, sem chances de sobrevida, de controle. Contemporaneamente, com os avanços da medicina, a situação não é sinônimo de morte certa, como se constatou há anos. Hoje, "a prevenção e o diagnóstico precoce vêm sendo considerados fatores importantes, pois contribuem para que cerca de um terço dos casos diagnosticados sejam potencialmente curáveis e são responsáveis por um aumento da taxa de sobrevida"[35]. Mas, continua não sendo fácil revelar o diagnóstico ao paciente, é

> [...] até os dias de hoje, um dilema vivido com frequência pela equipe de saúde, seja com o intuito de poupar o paciente no aspecto emocional, seja para evitar uma depressão psicológica de consequência agravante para o estado geral ou ainda para não se envolver mais do que exigiria a objetividade clínica[36].

Não se está querendo minimizar aqui a gravidade de uma doença como esta, mas apenas refletir sobre o imaginário assombroso instituído acerca desse mal. E para confundir a situação, há enfermos já habituados em sua vida a exagerar o que sentem e, quando cientes do câncer, exageram ainda mais "o desconforto para ganhos de atenção, medo do abandono e da solidão, ao mesmo tempo em que tendem a negar a relação entre os aspectos psicológicos e seu sofrimento[37].

Tomando por base o crescimento da incidência de câncer no país, vê-se a necessidade de um diagnóstico precoce para o ataque imediato à devastação que a doença pode provocar. Trata-se de um momento muito delicado o da recepção do diagnóstico em decorrência do fator emocional do paciente, que geralmente é evocado por pensamentos de morte capazes de interferir no bem-estar, desequilibrando-o. É relevante nessa empreitada a presença do psicólogo e também no percurso do

---

[34]NUCCI. N. A. G. *Qualidade de vida e câncer*: um estudo compreensivo, 2003. 225p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia. Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2003.

[35]SILVA, 2005, p. 7.

[36]SILVA, 2005, p. 28.

[37]SILVA, 2010, p. 73.

tratamento, atenuando reações negativas, sentimentos perturbadores por razões associadas a sintomas e tratamento requisitados[38]. Segundo Silva,

> [...] o modo como os sentimentos são expressos depende da personalidade básica do indivíduo, da percepção da situação e do grau de apoio por parte de outras pessoas. [...] a história de vida emocional, muitas vezes, desempenha um importante papel na determinação da resistência do indivíduo em contrair o câncer e na evolução da doença após seu surgimento.

Como se não bastasse ter de lidar com a consciência real do diagnóstico da doença, vem o enfrentamento do tratamento, geralmente longo, período em que o paciente experiencia privações, perdas, às vezes insucesso, sintomas vários de desconforto, incertezas, danos ao organismo. “O paciente oncológico vivencia uma triste realidade, a possibilidade de ter uma parte do seu corpo mutilado devido à doença”[39]. Quando adulto,

> [...] diante do diagnóstico e do tratamento clínico (e/ou cirúrgico) a que geralmente deve se submeter, vivencia uma radical transformação em sua rotina pessoal. Pois, ainda que conservando tanto quanto possível sua autonomia e suas relações cotidianas, seria mesmo de se estranhar se o adoecimento não trouxesse mudanças qualitativas importantes na apreciação do “tempo que resta”[40].

O tormento frequente, assim que são diagnosticados com câncer, pode levar alguns enfermos ao suicídio, pois há um contingente deles que não suporta o sofrimento em decorrência de tratamento desgastantes física e emocionalmente, invasivo, às vezes mutilantes, a que estão sendo submetidos. Inclusive “o término do tratamento oncológico pode não ser suficiente para distanciá-los dessas questões”[41].

LUTO ANTECIPATÓRIO E O PROCESSO DE TRATAMENTO

Num estágio mais adiantado da enfermidade, a realidade de que a vida está por um fio é, para muitos pacientes, uma situação de extrema dor. A certeza de que não há futuro e de que a despedida desta vida está iminente, estar consciente de que a qualquer momento haverá uma separação definitiva dos que aqui ficam – todo esse clima de consciência da inevitabilidade da morte que está à espreita torna o doente extremamente

[38]SILVA, 2010, p. 76.

[39]SILVA, 2010, p. 74.

[40]INCA. Instituto Nacional de Câncer. *Os tempos no hospital oncológico*. SILVA, José Alencar Gomes da. et al. (Orgs.). – Rio de Janeiro, 2015b, p. 37.

[41]INCA, 2015b, p. 29.

só, vivenciando antecipadamente o luto a ocorrer com a perda real de cada sopro de vida – em caso de pacientes em estágio terminal.

> Seja como paciente, seja como familiar, seja como profissional, lidar com a morte é sempre uma questão difícil, pois há, na cultura brasileira, uma ideia arraigada de que morrer é sinônimo de dor e sofrimento. Para o médico, que tem sua formação totalmente voltada para salvar vidas, o óbito também pode se tornar sinônimo de fracasso. [...] o medo de que o paciente morra agita os profissionais, acionando os seus próprios medos, e aí se apresentam a dor, o sofrimento, a ameaça e a impotência diante da morte, que extrapolam a pessoalidade do paciente, contagiando toda a equipe de saúde[42].

Há pacientes que perdem o controle com o agravamento da doença em decorrência da falta de resposta do organismo ao tratamento. Essa incapacidade funcional diminui sobremaneira a autoestima e aumenta os "sentimentos de autodesvalorização e ainda alterações da imagem corporal[43]. Transformações do funcionamento e da imagem corporais requerem do paciente oncológico um aprendizado à novidade instaurada, jamais desejada, sequer imaginada por um dia. "Essa modificação ou desadaptação transcorre como luto no campo dos afetos. Essa aceitação forçada gera uma gama de possibilidades emocionais como desespero, raiva, irritação e angústia, que, em grande parte, não são relatados a terceiros"[44].

Como se não bastassem a dor real do doente e a desesperança, há os familiares que sofrem juntos diante da impotência de minimizar o sofrimento do ente querido. Descortina-se uma série de necessidades:

> a) estar com a pessoa doente;
> b) poder ajudar na evolução e
> c) receber apoio, confirmação e reforço do seu contributo para o conforto do doente;
> d) ser informado acerca da condição do doente e da sua morte iminente;
> e) poder exteriorizar emoções;
> f) receber conforto e apoio dos membros da família; e
> g) receber aceitação, apoio e conforto dos profissionais de saúde[45].

Sendo apresentado como um problema grave, a revelação do diagnóstico do câncer suscita angústia, ansiedade, medo. Na consciência do paciente, esta patologia torna-se uma sentença de morte, cercada de inquietudes e agonia que perpassa o desenrolar do tratamento. O medo de morrer emerge de respostas psicológicas: a

[42]INCA, 2015b, p. 167.

[43]CARDOSO et al., 2017, p. 11.

[44]INCA, 2015b, p. 124.

[45]CARDOSO et al., 2017, p. 12-13

separação de quem ama, o medo da solidão e o medo do desconhecido, que afligem e atemorizam as pessoas, devido à incidência crescente e às altas taxas de mortalidade, levando o indivíduo a conotações extremamente negativas, e muitas vezes o diagnóstico, que é uma sentença de morte. A tristeza profunda faz o doente vivenciar o luto antecipatório, mais silencioso, talvez, que o luto que ocorre após a morte[46].

Assim explica Silva:

> [...] nós somos geralmente não verbais. É um luto que mantemos em nós mesmos. Nós queremos pouca intervenção. Existem poucas, ou não há necessidade de palavras. É muito mais que um sentimento que pode ser confortado com o toque de uma mão ou de se sentar silenciosamente juntos. Na maioria das vezes, no luto, estamos centrados na perda do passado, mas, no luto antecipatório, nos ocupamos com a perda que está na nossa frente. Em alguns casos, o luto antecipatório pode acontecer meses ou mesmo anos antes da perda. Para muitos, este é apenas o prelúdio do doloroso processo que enfrentamos[47].

Nessa conjuntura, cada um experiencia o próprio luto antecipado, segundo suas crenças e valores integrados ao sofrimento psicológico e físico a que é acometido. “Freud defende que o luto é um afeto normal, período em que ocorre o processo doloroso de reação à perda de um objeto amado e que, após um tempo, será superado. Elaboração e tempo que podem ser diferentes para cada sujeito”[48].

O momento de imprecisão, insegurança, inerente ao tratamento terapêutico, quase sempre revela sentimentos de irritabilidade, solidão, isolamento[49]. Dependendo do tratamento, o paciente precisa de internação hospitalar, afastando-se de familiares, trabalho, círculo de amizade e de sua rotina até então saudável (ainda que nunca se desse conta disso). Há reconfiguração no seu cotidiano e até mesmo no da família. “A despersonalização do indivíduo no ambiente hospitalar fere sua integridade física e moral. As condutas terapêuticas, que inicialmente são vistas como necessárias para o bem-estar, a qualidade de vida e a cura tornam-se ameaçadoras e invasivas”[50]; por isso, conforme Silva,

> [...] estar com uma doença crônica, por vezes fatal, é uma expressão singular para o paciente. Significa conviver com limitações que requerem do cliente uma aprendizagem para manejar as diferentes situações que se apresentam. A dor – física ou emocional – é única, indecifrável, intransferível e tremendamente solitária. O paciente vivencia momentos de reavaliação de valores, passa a querer

[46]SANTOS, 2010, p. 402.

[47]SANTOS, 2010, p. 402

[48]INCA, 2015b, p. 27.

[49]SILVA, 2010, p. 70.

[50]INCA, 2015b, p. 52.

> organizar a vida, a cumprir o inacabado, a correr contra o tempo, talvez no afã de aproveitar ao máximo o tempo que lhe resta[51].

Diante das aflições desencadeadas da doença, o sentimento da ameaça à vida e o temor do desconhecido desequilibram radicalmente o enfermo oncológico. Dóro et al.[52] explicam que o câncer possui uma representação simbólica muito negativa para familiares, profissionais da saúde, paciente e para a população em geral, causando uma gama de malefícios para o doente, que já se encontra emocionalmente fragilizado. Os autores listam uma série de crenças preconcebidas pela população em torno desta doença:

> 1. O câncer é sinal de morte;
> 2.O câncer é algo que ataca do exterior e não há nada como controlá-lo;
> 3.O tratamento – quer seja radioterapia, quimioterapia ou cirurgias – é drástico e negativo e, quase sempre, tem efeitos colaterais desagradáveis[53].

A representação simbólica mais lúgubre entre os pacientes oncológicos é o luto antecipatório diante do momento em que é apresentado o diagnóstico. O câncer é visto como um processo irreversível, cujo significado é um desenlace fatal. O espectro da morte se processa em meio a sofrimento. A vida que chega à demarcação final vem abastecida de um misto de “medo da dependência, da dor, da degeneração, da incerteza, da solidão e do isolamento, da separação das pessoas queridas e de serem abandonados pelos profissionais que deles cuidam”, vivendo processos de luto da irremediável perda de si e de pessoas queridas[54].

“Nesse morrer, o paciente experimenta a dor de se sentir enterrado antes mesmo de ter morrido”[55]. A simbologia da morte certa faz o paciente vivenciar um suposto atestado de óbito[56]. Há uma corrida contra o tempo que se exaure induzindo o doente a reflexões, a novas demandas urgentes. “E quanto mais se aproxima o momento da morte, algo de estranho acontece com o tempo. É o tempo do significado. É o tempo da intensidade. É o tempo do choro. É o tempo da espera”[57].

---

[51]SILVA, 2010, p. 70.

[52]DÓRO, M. P. et al. *O câncer e sua representação simbólica.* Psicologia Ciência e Profissão p. 120-134. Brasília, v. 24, n. 2, jun. 2004. p. 120.

[53]DÓRO et al., 2004, p. 120.

[54]INCA, 2015b, p. 67-68.

[55]DÓRO et al., 2004, p. 121.

[56]MORAES, M. C. O paciente oncológico, o psicólogo e o hospital, p. 57-60. In: CARVALHO, M. M. M. J. (Org.). *Introdução à Psicologia*. Campinas: Livro Pleno, 2002, p. 57.

[57]Informação verbal de pesquisa de campo com pacientes oncológicos. INCA, 2015b, p. 169-170.

"O processo de perda já ocorre no momento do diagnóstico, pela associação direta à ideia da morte, lembrando que, aqui, ideia significa ver e enxergar além do visível"[58]. Daí, "Em vez de conseguir aceitar o processo e realizar o enfrentamento, sucede-se a maximização das dificuldades"[59]. Na verdade,

> O homem não tende a encarar abertamente seu fim de vida na Terra; só eventualmente e com certo temor é que lançará um olhar sobre a possibilidade de sua própria morte. Uma dessas ocasiões é a consciência de que sua vida está ameaçada por uma doença[60].

No entanto, a ciência tem avançado bastante em prol da sobrevida dos pacientes com câncer, na busca de tratamentos mais eficazes e perspectivas de cura de diversos tipos de câncer. Neste cenário, a prevenção e o diagnóstico precoce têm sido fundamentais na sobrevida e, muitas vezes, na cura da doença. Em contrapartida,

> [...] a demora no diagnóstico acarreta em um atraso na iniciação terapêutica e pode ser associada ao crescimento tumoral, com consequente redução das chances de cura. Com efeito, o início do tratamento, que deve ser feito mais precocemente possível, consiste em um dos fatores mais importantes no prognóstico do paciente[61].

Mas a terapêutica utilizada aos pacientes com câncer é vivenciada, muitas vezes, de forma dramática, pois são manobras desconfortáveis e às vezes agressivas de forma física e psicológica, gerando desconforto ao paciente. Mas a tendência, com o avançar da tecnologia desenvolvendo novos experimentos, tem sido o prolongamento da vida, embora a população mais carente socioeconomicamente nem sempre possa desfrutar desse progresso, tendo que conviver com o "encurtamento das condições de cidadania para uma vida digna e qualitativa"[62].

Ocorre que, geralmente, o tratamento quimioterápico do câncer é vivenciado com sofrimento físico associado à fragilidade do enfermo na difícil convivência com a doença, que exige medidas terapêuticas agressivas. Por isso, quase sempre, os pacientes são

> [...] acometidos por diversos efeitos colaterais, dentre eles, os mais comuns são: dor, náuseas e vômitos, queda de cabelo, alterações de peso, fadiga e ansiedade.

---

[58]DÓRO et al., 2004, p. 121.

[59]DÓRO et al., 2004, p. 120.

[60]MORAES, 2002.

[61]BATISTA, Delma Riane Rebouças; MATTOS, Magda de; SILVA, Samara Frizzeira da. Convivendo com o câncer: do diagnóstico ao tratamento, p. 499-510. Revista *Enfermagem*. ;5(3) UFSM, jul./set. 2015, p. 504.

[62]DÓRO et al., 2004, p. 122.

> Dessa forma, alguns sintomas exercem influência sobre a qualidade de vida dos pacientes oncológicos, como a dor, por exemplo, que interfere no humor, mobilidade, sono, alimentação e atividades diárias de forma geral. Além disso, outros efeitos colaterais do tratamento oncológico como a anorexia, depressão, ansiedade, constipação, disfagia, dispneia e astenia afetam as relações sociais, familiares e de trabalho desses indivíduos.
> Um dos possíveis resultados dos efeitos colaterais provocados pela quimioterapia conduz o paciente a decisões impactantes como, por exemplo, a desistência do tratamento[63].

Os métodos mais utilizados para o tratamento são: cirurgia, radioterapia e quimioterapia, sendo utilizados muitas vezes de forma isolada ou combinada de acordo com a características de cada tumor. Quando a cura não acontece a partir dos tratamentos oferecidos, a terapêutica precisa ser modificada para um tratamento paliativo na tentativa de aliviar a dor, fornecendo uma sobrevida mais humana e menos sofrida[64].

É oportuno lembrar que

> A aproximação entre os pacientes e seus familiares em situações de adoecimento como no câncer exige, necessariamente, uma atenção especial dos profissionais da área de saúde, bem como uma assistência específica e adequada de apoio às necessidades desse grupo de pessoas. Para tanto, perceber como está constituída a organização familiar diante da patologia contribui para que os profissionais de saúde possam ofertar uma assistência de qualidade e individualizada de acordo com as necessidades de cada pessoa[65].

Outra dificuldade a enfrentar é o impasse clínico em se tratando de criança ou adolescente acometidos, por exemplo, de osteossarcoma (tumor ósseo), cujo tratamento curativo requer amputação. A indicação da cirurgia causa grande impacto psíquico, sendo comum entre paciente e progenitores a recusa do procedimento, acarretando avanço da doença e a consequente morte do enfermo. Não se consegue assimilar que o problema não é uma questão de escolha (amputar ou não), mas “uma indicação clínica precisa[66]. Assim,

> [...] a notícia da cirurgia de amputação surge para o paciente e sua família como um abismo, como algo que emudece, uma urgência que é a da equipe e que passa a ser a do paciente também. Um instante que inaugura um tempo marcado pela angústia e pela ausência do que dizer. A equipe pede ao paciente e seu entorno familiar que pense, mas o que comparece no lugar do pensamento é um vazio, os pacientes dizem não pensar em nada[67].

---

[63]BATISTA; MATTOS; SILVA, 2015, p. 506.

[64]ESPÍNDULA, J. A. *O significado da religiosidade para pacientes com câncer e para profissionais de saúde*. Tese Doutorado. 233p. Programa de Pós Graduação em Enfermagem Psiquiátrica da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, 2009.

[65]BATISTA; MATTOS; SILVA, 2015, p. 507.

[66]INCA, 2015b, p. 17.
[67]INCA, 2015b, p. 19.

Com efeito, a expectativa de tratamento de uma determinada patologia é vista de forma distinta nas diferentes culturas. As implicações do adoecer são entendidas conforme a compreensão de uma sociedade para outra ou de uma cultura a outra. A percepção e o discernimento de cada indivíduo são fundamentais para sua determinação e intrepidez a respeito do cuidado com a saúde[68]. No caso do câncer, torna-se, sempre, fundamental um apoio psicológico, junto ao clínico, para fortalecer, sustentar e fornecer informações essenciais a esta nova fase de vida, diante da necessidade de fase inicial do tratamento, pois

> [...] os pacientes desconhecem a finalidade do procedimento terapêutico, as drogas utilizadas e seus efeitos. Ficam temerosos em relação aos procedimentos e ansiosos quanto ao resultado dos exames. Estar com uma doença crônica, por vezes fatal, é uma experiência singular para o paciente. [...] o paciente vivencia momentos de reavaliação de valores, passa a querer organizar a vida, a cumprir o inacabado, a correr contra o tempo, talvez no afã de aproveitar o tempo que lhe resta[69].

Este momento de incertezas, em face das mudanças e descobertas inerentes aos procedimentos terapêuticos, revela como a vida é sentida de maneira diferenciada, pois cada paciente a conduz, em sua essência, reavaliando seus valores e sentimentos. Nem o fim do tratamento, como em casos de cura, é capaz de extinguir “as marcas de seu percurso único na história de vida de cada paciente”[70].

COPING RELIGIOSO: PROCESSO DE CURA

Derivada do verbo inglês *to cope*, a palavra *coping* (= enfrentamento) “significa ‘lidar com’, ‘enfrentar’, ‘contender’, ‘lutar’[71] – um processo de enfrentamento que o indivíduo desenvolve para o combate de eventos estressantes, uma espécie de orientação sob a ótica social e psicológica de combate ao estresse, e não sob seu

---

[68]SILVA, 2005.

[69]SILVA, A. C. *A capelania hospitalar: uma contribuição na recuperação de enfermo oncológico*. São Leopoldo: Oikos, 2010, p. 70

[70]INCA, 2015b, p. 38.

[71]FERNANDES; Gilberto; INOCENTE, Nancy Julieta. Estratégias para enfrentamento (*coping*): um levantamento bibliográfico. 5p. *XIV Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e X Encontro Latino Americano de Pós-Graduação*. Universidade do Vale do Paraíba. Disponível em: <http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2010/anais/arquivos/0570_0609_01.pdf>. Acesso em 13 ago. 2017, p. 1.

aspecto fisiológico. O *coping* tem sido usado para enfrentar uma doença como o câncer, por exemplo, “que traz o rótulo de morte antecipada, sendo vista como de difícil recuperação. [...] Conhecer essas estratégias pode ser um caminho para proporcionar melhor qualidade de vida a esses pacientes”[72].

Sem conseguir atingir plenamente o bem-estar, o indivíduo pode chegar ao estresse desenvolvendo alguma disfunção comportamental com sofrimento psíquico. “É para amenizar esse sofrimento que o indivíduo utiliza estratégias de *coping*, nas diferentes vivências que surgem no percurso de sua vida”[73]. Entre muitas intervenções para reduzir a ansiedade, durante as fases críticas do diagnóstico e tratamento do câncer, a Medicina Alternativa Complementar mostrou uma difusão mais ampla e muitos estudos científicos foram projetados para avaliar seu impacto na resposta dos pacientes. O Reiki foi incluído recentemente entre os programas terapêuticos complementares derivados da saúde oriental e tradições de cura para lidar com o câncer[74].

Verificou-se, também, que existem ferramentas disponíveis de fácil administração que permitem aos clínicos e profissionais o enfrentamento do câncer, como muitas intervenções psicossociais que vêm apresentando a melhora no tratamento/cura da enfermidade. Procurar entender esse recurso de melhoria aplicado ao comportamento da saúde é um novo desafio para paradigmas de intervenções[75].

Deparando-se com doenças – sejam físicas, sejam mentais –, é comum a busca de estratégias, incluindo, nessa trajetória de cura, uma inumerável série de “recursos religiosos como oração, promessas, peregrinação, rituais para poder enfrentar tais situações. O enfrentamento religioso torna-se então um meio de encontrar sentido, estabilidade e conforto diante da doença”[76].

Segundo Brito, Seidl e Costa-Neto, “O processo pelo qual as pessoas, por meio de sua religião, tentam entender e/ou lidar com importantes exigências pessoais ou

[72]IAMIN, Solange Regina Signori; ZAGONEL, Ivete Palmira Sanson. Estratégias de enfrentamento (*coping*) do adolescente com câncer, p. 427-435. *Psicol. Argum.*, v. 29, n. 67, Curitiba, out./dez. 2011, p. 427.

[73]IAMIN; ZAGONEL, 2011, p. 430-431.

[74]CHIRICO, A. et al. *Self-Efficacy for Coping with Cancer Enhances the Effect of Reiki Treatments During the Pre-Surgery Phase of Breast Cancer Patients*. Disponível em: <http://ar.iiarjournals.org/content/37/7/3657.full>. Acesso em: 15 ago. 2017.

[75]CHIRICO et al., 2017.

[76]IAMIN; ZAGONEL, 2011, p. 433.

situacionais em suas vidas é denominado de *coping* religioso"[77]. E concluem: "*Coping* religioso, portanto, descreve o uso da fé e de crenças religiosas para facilitar a solução de problemas e prevenir ou aliviar as consequências emocionais negativas de circunstâncias de vida que são estressantes"[78].

Conforme Koenig, a religião fornece recursos para lidar com o estresse, pode aumentar a frequência de emoções e reduzir a probabilidade de que o estresse resulte em distúrbios emocionais como depressão, transtorno de ansiedade, suicídio e abuso de drogas[79]. O que leva Fornazi e Ferreira a afirmarem que "[...] a relação entre a doença e a possibilidade de morte fazem do enfrentamento religioso uma estratégia de redução do estresse e melhoria da qualidade de vida"[80].

Koenig analisou 454 estudos publicados, que relatavam como a religiosidade e a espiritualidade ajudaram os pacientes a lidar com uma gama de doenças e uma variedade de situações estressantes. Na esmagadora maioria dos estudos, as pessoas relataram que foi útil lançar mão da religiosidade e da espiritualidade[81]. Alertam, porém, Panzini e Bandeira que "A religião pode ter efeito adverso na saúde quando crenças/práticas religiosas são usadas para justificar comportamentos de saúde negativos ou substituir cuidados médicos tradicionais"[82].

Para Panzini e Bandeira, o *coping* religioso, também conhecido como *coping* espiritual, relacionado à saúde e à qualidade de vida, utiliza-se da fé, da espiritualidade e/ou da religiosidade para lidar com o estresse[83], inclusive as autoras os designam como *coping* religioso/espiritual, utilizando esta abreviatura: CRE – "conceito desenvolvido por Kenneth Pargament, e definido como a utilização da religião, espiritualidade ou fé para o manejo do estresse"[84].

---

[77]BRITO; SEIDL; COSTA-NETO, 2016, p. 203.

[78]BRITO; SEIDL; COSTA-NETO, 2016, p. 204.

[79]KOENIG, Harold G. Religion, spirituality, and health: the research and clinical implications. *ISRN psychiatry*, v. 2012, 2012, p.7.

[80]FORNAZI; FERREIRA, 2010, p. 265.

[81]KOENIG, 2012, p. 5.

[82]PANZINI, Raquel Gehrke; BANDEIRA, Denise Ruschel. Coping (enfrentamento) religioso/espiritual, 126-135. *Rev. Psiq. Clín*. 34, supl. 1, 2007, p. 127.

[83]PANZINI; BANDEIRA, 2007, p. 126.

[84]CORRÊA; BATISTA; HOLANDA, 2017, p. 63.

Veit e Castro realizaram um estudo com 83 mulheres com câncer de mama e sua relação com o CRE. Ficou demonstrado que aquelas que não creem no poder de Deus vivenciam mais conflitos, são mais insatisfeitas e duvidam da cura.

> Esses achados sugerem que o CRE positivo ajuda as pacientes a lidar com o estresse da doença, podendo servir como um recurso potencial durante o tratamento. Entretanto, percebe-se que as estratégias de CRE negativo também estiveram presentes, merecendo ser observadas e trabalhadas para promover uma melhor adaptação[85].

Analisando sob essa ótica Koenig diz que, muitas vezes, as pessoas se dirigem para a religião como forma de lidar com a ansiedade e com o medo, os quais podem ser aumentados, pela religiosidade e espiritualidade sob ameaças de castigo por maldades e condenações na próxima vida. Há, inclusive, um velho ditado que enfatiza esse duplo papel: "a religião conforta os aflitos e aflige os consolados"[86]. Mas, o que muito se constata é que

> A vasta maioria das pesquisas indica que crenças e práticas religiosas estão associadas com melhor saúde física e mental. De 225 estudos investigando a relação com saúde física, a maioria verificou resultados benéficos do envolvimento religioso em relação à dor, debilidade física, doenças do coração, pressão sanguínea, infarto, funções imune e neuroendócrina, doenças infecciosas, câncer e mortalidade[87].

Embora se utilizem indiscriminadamente os termos *coping* religioso e *coping* espiritual, Panzini e Bandeira reconhecem que alguns autores os distinguem. E assim elas se expressam:

> A diferença tem sido explicada com base em a religião ter o cunho de ser institucionalmente socializada, vinculada a uma doutrina coletivamente compartilhada e/ou praticada, e a espiritualidade referir-se também a buscas e práticas subjetivas, individuais e não-institucionais (George et al., 2000). Por isso, textos mais antigos, e ainda alguns atuais, referem-se somente a *coping* religioso, embora muitas vezes estejam se referindo também a *coping* espiritual (ambos complementares e frequentemente usados em conjunto)[88].

Os autores Corrêa, Batista e Holanda citam, em seu artigo, uma pesquisa realizada por Mesquita et al., em 2013, realizada com 101 pacientes que faziam

---

[85]VEIT, Carina Maria Veit; CASTRO, Elisa Kern de. *Coping* religioso/espiritual em mulheres com câncer de mama, p. 421-435. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*. Rio de Janeiro, 65 (3). Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arbp/v65n3/08.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2017, p. 432.

[86]KOENIG, 2012, p. 5.

[87]PANZINI; BANDEIRA, 2007, p. 127.

[88]PANZINI; BANDEIRA, 2007, p. 129.

tratamento quimioterápico e que utilizavam o CRE para enfrentarem o câncer. Foram significativamente favoráveis os resultados[89]. Já se reconhece que a saúde do ser humano não está restrita à sua condição biológica, mas abarca esta condição numa interação física, mental, social e espiritual. Por isso, no tratamento/cura de qualquer doença, os profissionais da saúde já constataram o poder do *coping*, o que leva Saad, Masiero e Battistella a citar Koenig quando afirma sobre esse poder: "Curar algumas vezes, aliviar frequentemente, confortar sempre"[90].

O estudo de Chirico et al. sugere que os efeitos positivos no tratamento/cura do câncer se baseiam no nível de autoeficácia do paciente para lidar com o câncer; é um estado de expectativa, uma competência que a pessoa tem de lidar com tais estressores (*coping*). Os autores sugerem que os pacientes com esse poder de autoeficácia devam ser melhor adaptados no processo da doença para minimizar probabilidades de resultados psicológicos negativos. Também advertem Brito, Seidl e Costa-Neto sobre a possibilidade de o *coping* "se manifestar por fuga ou negação dos problemas, indo de encontro ao termo 'enfrentar' que significa atacar, defrontar ou encarar"[91].

Durante a primeira fase de hospitalização com o diagnóstico de câncer, na amostra de sua pesquisa, Chirico et al. verificaram que a autoeficácia de certos pacientes para lidar com esse mal pode desempenhar um papel importante na atenuação/alívio da condição estressante da situação em que se encontram[92]. A análise do relato dos dados da pesquisa desses autores revelou que pacientes com maior autoeficácia para lidar com o câncer tiveram maior impacto com a intervenção do Reiki no processo do tratamento do que os de menor autoeficácia. O Reiki atuou como um amortecedor/atenuador da ansiedade.

Assim, no enfrentamento da enfermidade, um paciente oncológico altamente eficaz, que procura ativamente por determinados resultados desejados, é capaz de gerenciar o estresse decorrente do diagnóstico e da hospitalização; e consegue, pois, tirar o máximo possível do tratamento de Reiki[93]. Chitico et al. sublinharam que os efeitos do tratamento levam em conta as diferenças individuais, o *coping* de cada um.

[89]CORRÊA; BATISTA; HOLANDA, 2017, p. 63.

[90]SAAD, Marcelo; MASIERO, Danilo; BATTISTELLA, Linamara Rizzo. Espiritualidade baseada em evidências, p. 107-112. *Acta Fisiátrica*, v. 8, n. 3, 2016, p. 111.

[91]BRITO; SEIDL; COSTA-NETO, 2016, p. 203.

[92]CHIRICO et al., 2017.
[93]CHIRICO et al., 2017.

Para Koenig, recursos de *coping* religioso incluem cognições poderosas (crenças fortemente realizadas) que dão sentido às circunstâncias difíceis da vida e proporcionam um sentido de efeito. As religiões fornecem uma visão de mundo otimista que pode envolver a existência de uma força transcendental pessoal (Deus, Jeová, etc.) que ama e se preocupa com os seres humanos e responde às suas necessidades. Essas cognições também dão um senso subjetivo de controle sobre eventos (ou seja, se Deus estiver no controle, pode influenciar as circunstâncias e ser influenciado pela oração, então a oração do indivíduo pode influenciar positivamente a situação)[94].

Corroborando essa linha de intelecção, Farinhas, Wendling e Dellazzana-Zanon revelam que

> Os resultados de um estudo sobre as concepções de familiares ao receberem o diagnóstico de câncer de um membro de sua família indicaram que:
> (a) a fé é uma estratégia importante para o enfrentamento tanto do diagnóstico como do tratamento do câncer e
> (b) que a oração e a reflexão são formas de suportar os reveses da doença e funcionam como uma proteção para os familiares[95].

Assim, segundo Koenig, as crenças religiosas têm o potencial de influenciar a avaliação cognitiva dos eventos negativos da vida de uma forma que os torna menos angustiantes. Essas crenças também ajudam a normalizar perda e mudança e fornecer modelos de pessoas que sofrem com os mesmos problemas ou problemas semelhantes (muitas vezes ilustrados nas escrituras religiosas). Para pessoas que passam por rigoroso tratamento médico, essas crenças são particularmente úteis porque a deficiência física não as impedem de orar, de crer – ao contrário de muitos outros recursos de *coping* que dependem da saúde física (passatempos, relacionamentos e empregos/finanças)[96]. Com efeito,

> A espiritualidade e o envolvimento em religiões organizadas podem proporcionar aumento do senso de propósito e significado da vida, que são associados à maior resiliência e resistência ao estresse relacionado às doenças[97].

---

[94]KOENIG, 2012, p. 7.

[95]FARINHAS, Giseli Vieceli; WENDLING, Maria Isabel; DELLAZZANA-ZANON, Letícia Lovato. Impacto psicológico do diagnóstico de câncer na família: um estudo de caso a partir da percepção do cuidador, p. 111-129. *Pensando Famílias*, 17(2), dez. 2013. Disponível em:<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v17n2/v17n2a09.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2017, p. 116.

[96]KOENIG, 2012, p. 7.

[97]PANZINI; BANDEIRA, 2007, p. 127.

No processo de cura, por conseguinte, o *coping* religioso positivo – cujo padrão "é expressão de um relacionamento seguro com Deus, de uma crença de que existe umentido maior a ser encontrado na vida e de um senso de conectividade espiritual com os outros" – pode amenizar o estresse e potencializar os benefícios do tratamento[98].

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É impactante para o indivíduo receber um diagnóstico de câncer. A primeira percepção é a da finitude do ciclo vital em razão de mitos enraizados na cultura ocidental acerca dessa patologia e de seu respectivo tratamento. Vem a quase certeza da dor e da submissão a tratamentos invasivos seguidos da provável morte. Dessa recorrência (associação da doença com a morte), surgiu o estigma social que contribui para o aumento do medo que as pessoas têm quando diagnosticadas com tal doença. Passa-se a conviver com a morte aparceirada da inquietação com aautoimagem e com a privação da vida sexual, da faculdade produtiva de uma vida regular.

É óbvio que há pacientes com reações distintas: enquanto há os que rejeitam a evidência, há os que se deprimem profundamente e há também os que conseguem aceitar o problema, isto é, os que podem manter conversas profundas, conseguem aceitar os aspectos positivos e negativos da vida, demonstrando maior maturidade e uma vida interior e interpessoal mais fecunda. Com efeito, A aceitação da doença é um processo gradual, que em geral evolui desde a negação da condição da doença até sua identificação e resignação.

Como o ser humano é um organismo complexo, não adianta só tratar o físico e esquecer o emocional, o intelectual e o espiritual. Nessa perspectiva, a fé costuma ser um complemento valioso no processo de tratamento e até mesmo de cura.

Conclui-se que a fé resulta a esperança para o enfrentamento do medo, gerando uma força intrínseca pela vontade de lutar e um real significado à própria vida; ter fé é sempre invocar concretamente o poder do mundo espiritual para os eventos e as experiências da vida diária.

2. HISTÓRIA:

[98]BRITO; SEIDL; COSTA-NETO, 2016, p. 203.

O ENSINO RELIGIOSO NAS ESCOLAS: UMA PROPOSTA VOLTADA PARA LIBERDADE, RESPEITO E TOLERÂNCIA

Clodoaldo Sanches Fófano[99]
Dulce Helena Pontes-Ribeiro[100]
Sonia Maria da Fonseca Souza[101]

RESUMO: A práxis do ensino religioso nas escolas públicas – preocupação básica no contexto escolar – é um tema de discussão relevante. Nesse sentido este artigo tem por objetivo refletir sobre uma prática educacional sem proselitismo, um ensino voltado para a liberdade religiosa de modo que o respeito e a tolerância se manifestem de forma intrínseca. Para isso, realizou-se uma pesquisa bibliográfica de base qualitativa, considerando as contribuições de teóricos cujas obras são pertinentes ao foco deste estudo. Recorreu-se também aos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Religioso (1997). Conclui-se que a disciplina de Ensino Religioso precisa ser ministrada, conforme está previsto na Constituição Federal brasileira e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação, a partir de um olhar laico e humanista do educador que deseja se abrir ao conhecimento, fazendo do espaço escolar um ambiente de respeito à diversidade religiosa e construção de conhecimento que contribuirá para a formação integral dos cidadãos.

Palavras-chave: Prática. Ensino Religioso. Proselitismo. Diversidade Religiosa.

ABSTRACT: The practice of teaching the principles and beliefs of various religions in the public school setting in an important topic of discussion. To this end, this article aims at reflecting on this educational practice without proselytizing, teaching religious freedom so that respect and tolerance manifest intrinsically. To do this, we carried out a study of relevant qualitative literature. The study also appealed to the National Curriculum Standards of Religious Education (1997). Our conclusion is that religious education must be given, as is provided for in the Federal Constitution and the Law of Guidelines and Bases of Education, from an educator with a secular and humanistic outlook. This will create a school environment of respect for religious diversity and a diverse construction of knowledge which will contribute to the integral formation of citizens.

Keywords: Practice. Religious education. Proselytism. Religious Diversity.

> O momento histórico em que vivemos nos solicita para uma abertura com relação às culturas e religiões diferentes da nossa, não só para satisfazer um interesse cognitivo e uma espontânea curiosidade, mas também para estabelecer comparações e estreitar os laços, a fim de realizar, quem sabe, uma união da humanidade além das diferenças.
>
> (*Angela Alves Bello, 1998*)

[99]Mestre em Ciências das Religiões, pela Faculdade Unida de Vitória. Professor da Escola de Aplicação, dos Cursos Técnicos e da Graduação do Centro Universitário São José de Itaperuna. E-mail: clodoaldosanches@yahoo.com.br.
[100]Doutora em Letras (Língua Portuguesa) pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Professora do Centro Universitário São José de Itaperuna. E-mail: dulcehpontes@gmail.com.br
[101]Doutoranda em Cognição e Linguagem, pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. Professora do Centro Universitário São José de Itaperuna. E-mail: sonifon1@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como tema a reflexão sobre a prática do ensino religioso nas escolas que necessita ser ministrado sem proselitismo, portanto deve, antes de tudo, ser voltado para liberdade, respeito e tolerância, além de se basear na cidadania e compreensão do outro.

A disciplina de ensino religioso deixou de privilegiar uma matriz religiosa específica porque o Estado se tornou laico, respeitando todas as formas de culto, o que pressupõe a neutralidade entre as religiões, cumprindo assim o que está proposto na Constituição Federal brasileira de 1988 em seu art. 210, §1º e na nova redação da Lei 9394/96, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), art. 33.

Com essa nova proposta, a escola precisa criar espaço para um ensino que não seja confessional, no qual o objetivo principal signifique conhecer o universo religioso, oferecendo possibilidades para o educando escolher as próprias crenças, entendendo que todas têm um valor de importância para quem segue.

Com isso, a disciplina de Ensino Religioso criará um diálogo saudável entre diversas religiões, fazendo com que o ser humano se localize no mundo com um comportamento fraternal.

Com a intensão de ratificar essa compreensão, salienta Domingos (2009, p. 60)

> Consideramos que a melhor maneira de contribuir significativamente para essa discussão consiste em dar início ao diálogo, por meio do qual os diversos atores envolvidos (escola, sociedade, famílias e alunos, professores e demais profissionais da educação) possam discutir e interagir, de forma racional, buscando uma maior compreensão do tema.

Nesta perspectiva, construiu-se questões que nortearam este trabalho:

. De que maneira a disciplina Ensino Religioso pode ser ministrada nas escolas púbicas, sem proselitismo?

. O que propuseram a Constituição Federal brasileira a e nova redação da Lei 9394/96, a LDB art. 33. sobre a prática do ensino religioso?

. Quais são os resultados obtidos, a partir do cumprimento da lei, dentro do âmbito escolar?

Cultivar uma religião é um fator indispensável para a plena realização humana. Ela se faz presente em todas as culturas, em diversos povos, independentemente do tempo, adotando variadas maneiras de devoção.

O ser humano, para se tornar completo, sente necessidade de buscar uma religião. Sendo assim, um diálogo aberto de maneira que envolva diversas religiões é importante para que os diferentes se conheçam, ampliando o universo cultural do educando, tornando esse conhecimento mais consistente e atrelado a diferentes áreas do saber. Dessa forma, a educação vai cumprir o seu devido papel que é cultivar cidadãos com formação integral.

Para tanto, a escola deve adotar uma prática de ensino religioso sem proselitismo, fazendo desse ambiente um local de experiências enriquecedoras.

A fim de alcançar os objetivos propostos deste trabalho, utilizou-se como recurso metodológico, a pesquisa bibliográfica, realizada a partir da análise pormenorizada de materiais já publicados na literatura, em especial artigos científicos, livros e também materiais divulgados no meio eletrônico.

O texto final foi fundamentado nas ideias e concepções de autores como: BELLO (1998), BERKENBROCK (1996), FREIRE (1980-2002), INCONTRE & BICHETO (2002), CARON (2013), CATÃO (1994), DOMINGOS (2009), SAVIANE (1991), SOARES (2010). E os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Religioso – PCNER - (1997).

A EDUCAÇÃO RELIGIOSA NA PROPOSTA DA LEI

A temática do ensino religioso é polêmica porque conduz as pessoas a várias indagações, inclusive, a própria ação de educar: como, por exemplo, conciliar liberdade religiosa e consciência individual, liberdade religiosa com o dever de passar crenças e valores para novas gerações.

Diante disso, percebe-se que trabalhar com o ensino religioso nas escolas não é uma tarefa fácil, assim como também é discutido a importância de se abordar todas as práticas religiosas em sala de aula.

Em nosso país, o ensino religioso precisa de uma ministração sem nenhuma intenção de doutrinamento de um credo específico. Logo, essa prática carece de um desenvolvimento de maneira respeitosa e produtora de conhecimento.

Na concepção do Forum Nacional Permanente do Ensino Religioso (apud INCONTRE & BICHETO, 2002, p. 2):

> […] a abordagem didática se dá numa sequência cognitiva, possibilitando a continuidade das aprendizagens que deve considerar: a bagagem cultural religiosa do educando, seus conhecimentos anteriores; a complexidade dos assuntos religiosos, principalmente devido à pluralidade; a possibilidade de aprofundamento.

Para isso acontecer, uma grande mudança ocorreu na proposta do Ensino Religioso nas escolas a partir de uma reformulação do art. 33 da LDB, Lei 9394/96. Na esfera estadual, a resolução de 27/07/2001, do Conselho Estadual de Educação (apud INCONTRE & BICHETO, 2002, p. 1): propõe um programa aberto:

> O ensino religioso nas escolas deve, antes de tudo, fundamentar-se nos princípios da cidadania e do entendimento do outro. O conhecimento religioso não deve ser um aglomerado de conteúdos que visam evangelizar ou procurar seguidores de doutrinas, nem associado à imposição de dogmas, rituais ou orações, mas um caminho a mais para o saber sobre as sociedades humanas e sobre si mesmo.

Com essa modificação, a religiosidade passa a ter um papel e uma responsabilidade de também contribuir para o cultivo do respeito mútuo, pois não existe uma outra maneira de se tentar reunir as mais diferentes crenças religiosas se não houver respeito.

A educação religiosa necessita cultivar essa devoção de maneira não confessional, e sim de forma cultural, ensinando valores, despertando críticas, mas acima de tudo o respeito por todas as formas de religião.

O ser humano apresenta uma extensão religiosa que necessita de cultivo, sem o domínio de um credo específico. Esse modelo de educação é conhecido como inter-religioso, que considera a religião uma prática importante de completude humana, entretanto, respeitando as escolhas de cada indivíduo.

Pestalozzi (op. cit., p. 3), em seu Instituto de Iverdon, também exercitou uma educação ecumênica. Por isso, afirmou que as características principais de sua metodologia era:

> Conservação dos sentimentos piedosos da criança; elevação à Religião e à virtude com plena consciência e conhecimento de seus deveres; estímulo a uma alegre atividade autônoma da criança; estímulo à pesquisa e à reflexão pessoal e através de tudo isso, promover a aprendizagem do conhecimento e das qualidades que a vida exige.

Perante a diversidade religiosa existente no Brasil, o primeiro vilão que se precisa combater é o preconceito. O medo pelo diferente, as discriminações socialmente divulgadas e opiniões alteradas criam nas mentes dos educandos concepções errôneas e julgamentos precipitados, com isso, surgem também generalizações simplificadas e conceitos sem fundamentos.

O educador que é pesquisador/estudioso, combate essas práticas, passa a olhar o diferente com uma ótica de compreensão humana e desejo de aprender, promovendo assim, um diálogo plural. O melhor remédio para o preconceito é a busca do conhecimento.

Segundo Catão (1994, p. 92), o alicerce do ensino religioso é:

> um caminho de reflexão sobre o sentido da vida e prática da justiça, na solidariedade, sendo para o ser humano a plena condição do exercício da liberdade; e para a sociedade, o comportamento solidário de todos os seres humanos.

Mesmo o educador tendo o perfil dessa prática, tem que ter cuidado para não se perder no meio de tantas informações. Assim, ele deve aprofundar primeiramente em sua religião. Vale destacar que o educador só desperta a religiosidade em alguém se a dele deve estar bem presente e sentida em sua própria vida.

Esse é o perfil do educador do ensino inter-religioso. Aquele que aceita a verdade do fenômeno religioso e não o classifica como ilusório ou alienado. Sabe respeitar outras crenças, reconhecendo o direito do educando de escolher o que melhor lhe agrade.

A educação é um procedimento democrático que permite a participação de todos os envolvidos consentindo a descoberta e a redescoberta do ser humano. Dessa forma, o mais importante nessa arte é a aprendizagem e não o ensino de uma religião dominante.

Ainda cabe ressaltar que a ausência da prática do ensino religioso nas escolas não garante a falta de proselitismo. Por exemplo, um educador que ministra a disciplina de Ciências quando abordo o processo de criação do homem pode muito bem defender a teoria anti-criacionista, divulgando assim uma crença pertencente a um grupo específico.

A EFICÁCIA NO CUMPRIMENTO DA LEI E A CONTRIBUIÇÃO PARA A FORMAÇÃO INTEGRAL DO EDUCANDO

O Brasil é um país laico, isso significa que cada pessoa possui a liberdade de adotar uma religião, de mudar, se for o caso, ou ainda não aderir a nenhuma. Sobre esse fato, Domingos (2009, p. 51) declara que:

> Assim, Estado laico é aquele onde o direito do cidadão de ter ou não ter religião é respeitado e que assegura a "liberdade de consciência". As únicas restrições feitas a esse direito referem-se à manutenção da ordem pública. Esse direito é assegurado pelo artigo 18 da Declaração Universal dos Direitos do Homem: "Toda pessoa tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião". A laicidade alia, então, a liberdade de consciência fundada sobre a autonomia individual e ao princípio da igualdade entre os homens. É a garantia da liberdade de pensamento do Homem dentro de uma comunidade política, a garantia de liberdade de espírito, a garantia da liberdade do próprio homem.

Diante disso, vale destacar que o supracitado só se torna realidade, caso o Estado se mantenha livre de qualquer credo ou religião. A laicidade necessita ser estabelecida e cultivada pelo Estado.

Esclarece Caron (2013, p. 57) que:

> No Brasil, o fio condutor de toda e qualquer iniciativa que visa organizar e efetivar o Ensino Religioso como disciplina do currículo é o princípio da liberdade religiosa. Este, por sua vez, é regido pelo princípio da laicidade que configura a própria natureza de um estado republicano e as instituições pelo mesmo, gerenciadas.

É evidente que o espaço escolar reúne diferentes grupos, de acordo com suas necessidades religiosas, porém com a intenção de formar cidadãos pensadores, com total liberdade na construção do conhecimento, possuidor de formação integradora.

A eficiência no cumprimento da LDB, faz com que o ensino religioso contribua para a formação ética do educando, como evidencia Soares (2010, p. 19): "trata-se de iniciar o educando numa religião, dar a ele noções de história das religiões, contribuir com sua formação ética ou introduzir na dinâmica plural de mundo..."

Conforme os PCNER (1997), na escola, esse componente curricular tem o objetivo de garantir a todos os educandos a possibilidade de estabelecerem diálogo com o diferente, com as diferentes culturas e tradições religiosas. E, como o conhecimento religioso está na essência cultural, esse ensino colabora para a vida grupal dos educandos, na esperança unificadora que a expressão religiosa tem, de modo próprio e diverso, diante dos desafios e conflitos.

Ao seguir essa orientação, o educador possibilita ao educando uma vivência maior de sua própria religião, reforçando e ampliando suas convicções, além de um despertar de interesse em conhecer outras religiões, que é a melhor forma de vencer o preconceito.

É por essa razão, então, que Berkenbrock (1996, p. 320) afirma: “O encontro com o diferente pode apontar para a própria identidade e levar a perguntar justamente sobre o específico dela.”

O novo conhecimento, de acordo com Paulo Freire (2002, p. 31), ao ser produzido:

> supera outro que antes foi novo e se fez velho e se `dispõe´ a ser ultrapassado por outro amanhã. Daí que seja tão fundamental conhecer o conhecimento existente quanto saber que estamos abertos e aptos à produção do conhecimento ainda não existente.

Perceber que as religiões que existentes em nosso país têm um eco em outras identidades religiosas, reforça a fé do educando e ao mesmo tempo, faz dele uma pessoa mais aberta e empática, com as riquezas e as belezas das diversas religiões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi discutido, acredita-se que a escola é o espaço de construção do conhecimento e também divulgação e socialização desse saber que historicamente ficou acumulado, como declara (SAVIANI, 1991, p. 22, 24).

A escola precisa oferecer aos educandos oportunidades de se tornarem capazes e conhecedores das variadas culturas cuja base religiosa contribui para uma completa cidadania. E como nenhum conhecimento teórico isolado explica plenamente o processo humano, é a aproximação dialógica entre eles que permite a construção de esclarecimentos e referências, que fogem do não confessional.

Na percepção de Paulo Freire (1980, p. 92-93) “o diálogo é o encontro dos seres humanos mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, a relação eu-tu”. E só há diálogo, quando existe intenso amor e consideração ao mundo e ao ser humano.

A disciplina Ensino Religioso precisa estar bem estruturada de acordo com as leis vigentes, seguindo um caráter sem proselitismo, abrindo oportunidades para que os educandos conheçam as diversas religiões, mesmo sabendo que algumas práticas na crença alheia poderão chocar alguns, mas que por outro lado, outras irão encantar e

agradar os corações, fazendo do ambiente escolar um local de respeito à diversidade religiosa.

Essa disciplina promove o conhecimento tanto quanto as demais. Assim, exige um planejamento prévio, conhecimento das religiões dos educandos e educadores das escolas onde a disciplina é ministrada, como também um levantamento da predominância das religiões existentes no entorno escolar, sem preferências confessionais, respeitando os princípios da laicidade do Estado brasileiro.

Dessa forma, o espaço escolar será um local de construção do conhecimento sobre as religiões, promovendo o universo cultural do educando e também sua formação integral, diante de desafios e conflitos.

REFERÊNCIAS

BELLO, Angela Ales. Culturas e religiões*. Bauru, Edusc, 1998.*

BERKENBROCK, Volney J. *A atitude franciscana no diálogo inter-religioso*. In: MOREIRA, Alberto da Silva (org.) *Herança Franciscana.* Petrópolis, Vozes, 1996.

CARON, Lurdes. *O currículo do ensino religioso e as matrizes culturais do povo brasileiro*. In: RELEGENS THRÉSKEIA estudos e pesquisa em religião V. 02 – n. 01 – 2013. Disponível em: http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/relegens/article/view/32674/20737. Acesso em 28 de fev. 2017.

CATÃO, Francisco. *Religião e sociedade*. Coleção convivência e liberdade, São Paulo: Paulinas, 1994.

DOMINGOS, Marília De Franceschi Neto. *Ensino Religioso e Estado Laico: uma lição de tolerância*. Disponível em http://www.pucsp.br/rever/rv3_2009/t_domingos.pdf. Acesso em 23 de fev. 2017.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

_____ *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. Ed. 22, São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FONAPER. *Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Religioso*. São Paulo/SP: Ave Maria, 1997.

INCONTRI, Dora & BIGHETO, Alessandro. *Ensino religioso sem Proselitismo. É possível?* In: *Videtur*, Salamanca/São Paulo, Arvo/USP, V. 13, 2002. Disponível em: www.hottopos.com/videtur13/dora.htm. Acesso em 28 de fev. 2017.

SAVIANI, Demerval. *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1991.

SOARES, Afonso M. L. *Religião e Educação - Da ciência da religião ao ensino religioso*. São Paulo: Paulinas, 2010.

3. LETRAS:

A HORA DA ESTRELA: do livro à tela

Camila Decimoni Talyuli; Rony da Silva Saboia Nunes[102]
Ana Lúcia Lima da Costa Schmidt[103]
Dulce Helena Pontes-Ribeiro[104]

RESUMO: Este artigo tem por finalidade mostrar a transposição da arte literária à arte cinematográfica cujo objeto de pesquisa é a obra *A hora da estrela*das autoras Clarice Lispector (literata) e Suzana Amaral (cineasta). Delinearam-se diferenças e convergências entre as duas artes; fez-se uma análise da obra de Clarice, apontou-se no filme *A hora da estrela* o que coincide e o que distingue do livro de Clarice. Concluiu-se que as artes selaram uma parceria. E mesmo sendo distintas, quando apresentam uma obra tão brilhante como a de Clarice Lispector, quem ganha é o público.

PALAVRAS-CHAVE: Arte.Cinema.Literatura.

INTRODUÇÃO

A hora da estrela, uma grande obra de Clarice Lispector, que atrai leitores e desperta o interesse de uma cineasta em levá-la às telas, constitui-se o objeto deste trabalho, que ultrapassa a leitura do romance para se chegar à arte cinematográfica. São muitos os interesses de estudiosos sobre o fenômeno Clarice Lispector. Neste artigo, por exemplo, os teóricos básicos de revisão bibliográfica sobre a obra clariceana *A hora da estrela* e sua autora são AUTRAN (2010) e FIGUEIREDO JORGE (2011), embora muitos

[102]Graduandos do Curso de Letras (Português/Inglês) do Centro Universitário São José de Itaperuna (Unifsj). Emails:camilatalyuli@hotmail.com;ronysaboia@yahoo.com.br.
[1032]Orientadora. Pós-Doutora em Cognição e Linguagem pela Universidade do Norte-Fluminense (Uenf). Doutora em Ciência da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (Ufrj). Mestre em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Juiz de Fora (Ufjf). Pós-Graduada em Literatura pela Fundação São José. Graduada em Letras pelo Unifsj. Professora em exercício do Ensino Médio do estado do Rio de Janeiro. Coordenadora e Docente da Educação Superior no curso de Letras do Unifsj.E-mail:analucia@fsj.edu.br.
[104]Co-Orientadora. Doutora em Letras (Língua Portuguesa) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj). Mestre em Educação pela Universidade Católica de Petrópolis (UCP). Pós-Graduação em Língua Portuguesa pela Faculdade de Filosofia de Itaperuna (Fafita). Graduada em Letras pela Fafita.Revisora da revista acadêmica *Transformar*, do Centro Educacional São José. Professora aposentada do estado do Rio de Janeiro. Docente da Educação Superior no UNIFSJ. E-mail: dulcehpontes@gmail.com.

outros autores tenham tido sua importância na complementaridade do texto como um todo. O artigo também se fundamenta em teóricos da metodologia da Literatura Comparada (transposição da arte literária à arte cinematográfica), como, por exemplo, Z (ano).

Mediante muitas interrogações, antes mesmo de iniciar este estudo, foi necessário delimitá-las para organizar a pesquisa, resultando assim na seguinte **questão-problema**: na aproximação entre o filme e o livro, quais são as semelhanças e as diferenças entre as obras de Clarice e Suzana? Responder a essa questão significou alcançar o **objetivo** geral de identificar até que ponto o cinema consegue abordar a literatura a contento. Esse empenho demandou a conquista destes objetivos específicos:1) discorrer sobre as artes literária e cinematográfica; 2) comentar pontos relevantes da obra *A hora da estrela*– objeto deste estudo; 3) identificar o que converge e o que diverge entre o livro e o filme.

Discorrer sobre um ícone da literatura brasileira como Clarice Lispector é um tema que por si só já é relevante, a tal ponto de ser tema de filme. A aproximação das duas artes (literária e cinematográfica) é um modo especial de confrontar cultura – ponto também significativo deste estudo.

O corpo do artigo está estruturado em três seções. Na primeira delas fala-se de modo mais abrangente sobre as artes literária (narrativa) e cinematográfica. Na segunda seção, são esclarecimentos relevantes do objeto de estudo a obra literária *A hora da estrela*. Na terceira seção, Clarice continua como foco, mas numa transposição de texto literário para obra cinematográfica, a qual é produção de outra autora.

NARRATIVA LITERÁRIA E ARTE CINEMATOGRÁFICA

Sabendo que uma arte diferencia-se da outra em muitos aspectos, a narrativa literária contém peculiaridades que, em um filme, passariam despercebidas. Por um lado, tem-se a obra literária, que apresenta um narrador, o envolvimento com o enredo, os fatos acontecendo exatamente como acontecem na vida real, incluindo-se aí a passagem do tempo; por outro lado, está a arte cinematográfica, por meio da qual não se percebe a presença do narrador (até porque este não é um de seus elementos), porém o filme também tem suas características particulares que envolvem completamente o público,

principalmente no tocante ao que está sendo exposto junto com a trama: acústica, cores, figurinos, cenários, dentre outros tantos detalhes.

Vale lembrar que a narrativa literária tem sua origem na Antiguidade clássica. Assim, a expressão *gênero literário* foi caracterizada como um conjunto de características temáticas em diferentes manifestações. O gênero narrativo cresceu baseado nos poemas épicos antigos que se relacionavam com as grandes epopeias. No século XX, a partir do estruturalismo, nasce um tipo de teoria semiótica da narrativa que sugere estudar a narratividade em geral (romances, contos, filmes, espetáculos, músicas, entre outros). Conduzidos por Roland Barthes, estes estudos procuravam encontrar uma "gramática" da narrativa. A partir daí, surgem os formulários de leitura e os conteúdos que explicavam o papel do narrador, as estratégias de narração, entre outros.

Conforme Nazário (1992, p.25), "Se a literatura expressa pensamentos e/ou formula reflexões, o cinema é fundamentalmente a ação, a conduta da personagem, e por isso tende a conservar maior contato com a aparente simplicidade da vida que reflete" (BARCELOS;PAULA;IVAN, 2007, p. 106).Muito além de uma recreação, a arte cinematográfica é uma síntese das seis artes que a antecederam: literatura, pintura, escultura, arquitetura, música, teatro. Daí ser considerada a sétima arte e caracterizada como extremamente intere multidisciplinar. Seu surgimento foi possibilitado pelo progresso tecnológico no final do século XIX. Assim, em 1895, nasce o cinema – arte que caiu no gosto do público e evoluiu de tal modo a ponto de se tornar uma indústria, ou, nas palavras de Mocelin (2009, p. 28), "a primeira indústria do entretenimento de massa". Na verdade, um filme é uma ilusão de ótica decorrente da frequência do movimento de imagens que se sucedem em fração de segundos.

Já em um texto narrativo, a atuação é o sincronismo de acontecimentos que ocorrem em um determinado tempo e espaço. Explicam Alessandra de Melo, Manuel Couto e Daniela Bordalo que "o texto narrativo sempre disporá de elementos primordiais, entre os quais o tempo, o espaço, personagens, enredo e narrador fazem parte de uma composição textual que dará sequência lógica entre os fatos". Mais adiante, afirmam: "De forma mais concisa, a ação sempre esteve presente no gênero narrativo, e está ligada a personagens que mobilizam esta ação, conferindo sustentabilidade ao enredo apresentado". E mais: "Em toda narrativa deverá necessariamente o narrador relatar os acontecimentos, permitindo que o leitor tome parte da história a partir de diversos pontos

de vista” (MELO; COUTO; BORDALO, 2016, p. 1193; 1194). Aliás, este é um dos pontos distintivos da narrativa literária: possuir um narrador.

> Praticamente todas as obras narrativas possuem elementos constituintes que respondem às perguntas tais como: quem? Quando? Que? Como? E porquês de modo geral, apresentam-se como: “Narrador” o que narra a história, “Tempo” cronológico e psicológico, o “Espaço” lugar onde se passa a ação, “Personagens” definido pelas características físicas e psicológicas, “Enredo” a trama que exige uma solução (MELO; COUTO; BORDALO, 2016, p. 1194).

Pelo exposto, infere-se que a estrutura narrativa, em geral, apresenta, cuidadosamente, a ordem das ações dando lógica aos fatos. Conforme afirma Candido (1987),“A personagem é um ser fictício que só existe dentro da obra literária, sendo, portanto, limitada ao espaço da mesma [...]” (apud BARCELOS; PAULA; IVAN, 2007, p. 103).Para caracterizar uma personagem, o escritor descreve uma gama inumerável de características a fim de que o leitor compreenda como é a protagonista fisicamente, e isso quase sempre desperta a curiosidade por parte do leitor, por não ter a visão física ali desenhada, então deixa que o leitor a imagine como quiser.

Lembra Arthur Autran que, “Enquanto a literatura constitui-se através da linguagem verbal, o cinema constitui-se através de imagens, da linguagem verbal (falada e escrita), de música e da ruidagem”. Interpretando Christian Metz, ao distinguir a linguagem verbal da cinematográfica, Autran assim se manifesta: “a menor unidade de significado da primeira [verbal]– apalavra – não tem correspondente na segunda [cinematográfica]; cuja menor unidade de significado – o plano – é bem mais complexo” (Cf. AUTRAN, 2010).

O cinema se caracteriza como uma mensagem direta, com personagens, luz, música, cenário, dentre outros recursos. Para que um filme seja feito, são necessários vários profissionais que contribuem com toda a produção, como: técnico de efeitos especiais, técnico de som, operador de câmeras, editores, coreógrafos, figurinistas, e outros mais. O cineasta, ao criar sua obra, tem por finalidade um público alvo definido e isso influencia a maneira de construção e conteúdo do exposto. Nisso, “Importa mais a possibilidade de desenvolvimento da experiência crítica do que a fidedignidade da obra exposta” (MELO; COUTO; BORDALO, 2016, p. 1011). Segundo Luana Fernandes Miranda, Warat esclarece que o mérito de um filme “não passa por uma linearidade legível, passa por sua possibilidade de tornar-se um texto aberto, que pode ser (re)escrito

em cada olhar" (Cf. MIRANDA, 2013, p. 09). Por isso, um único filme teria a capacidade de ter várias interpretações.

A adaptação de obra literária para cinematográfica constitui-se em uma empreitada bastante atrativa na qual a "fidelidade" não entra em cena, já que o filme se estrutura autonomamente, passa a ter vida independente da obra que lhe deu origem, a literária (Cf. AUTRAN, 2010).Miranda adverte da possibilidade do filme "ser muitas vezes excessivamente influenciado pela visão do produtor ou do diretor, de maneira a camuflar a história que está sendo contada com diversas crenças das pessoas envolvidas na elaboração do projeto" (Cf. MIRANDA, 2013, p. 10).De fato, tudo isso contribui para que o texto escrito que lhe deu origem sofra transformações de toda ordem.

A OBRA LITERÁRIA *A HORA DA ESTRELA*

A hora da estrela foi a última obra – uma novela – de Clarice Lispector. Ela descreve a saga de uma nordestina que, como muitas outras, migram do Nordeste para os grandes centros do Sudeste na perspectiva de uma vida melhor. Mais precisamente ela desembarca no Rio de Janeiro. Macabéa é um tipo de mulher que nenhuma outra ousaria ou teria vontade em ser. Fica evidente a personalidade dela na declaração da autora: "É uma história de uma moça que era tão pobre que só comia cachorro-quente. Mas não é só isso. A história é sobre uma inocência pisada, uma miséria anônima." (MOSER, 2011, p. 633). A personagem sofreu até seus últimos suspiros.

A história é narrada em primeira pessoa por Rodrigo S. M., escritor e um alterego de Clarice Lispector. A obra possui uma metanarrativa – no narrador Rodrigo S. M. conta a história de Macabéa à identificação da história do narrador com a da personagem. E a vida de Macabéa, Rodrigo a conta como tece a narrativa. O espaço é o Rio de Janeiro: "É que numa rua do Rio de Janeiro peguei no ar de relance o sentimento de perdição no rosto de uma moça nordestina." (LISPECTOR, 1998, p. 12) e a narrativa é linear como mostra a autora no início da obra: "Assim é que experimentei contra os meus hábitos uma história com começo, meio e "granfinale" seguido do silêncio e de chuva caindo." (LISPECTOR, 1998, p.13). Uma obra grandiosa, conforme afirma Benjamin Moser, no livro *Clarice,*

> "Explicitamente judaico e explicitamente brasileiro, ligando o Nordeste da infância ao Rio de Janeiro da vida adulta, "social" e abstrato, trágico e

> cômico, unindo suas questões religiosas e de linguagem com força narrativa de seus melhores contos, *A hora da estrela* é um monumento digno da "genialidade insuportável de sua autora (MOSER, 2011, p. 632-633).

A hora da estrela se inicia com o narrador buscando pela história que ele narrará. Nesse momento ele se mostra escritor: "Enquanto eu tiver perguntas e não houver resposta continuarei a escrever." (LISPECTOR, 1998, p.11). Ele também se coloca como um dos personagens mais importantes da obra: "A história – determino com falso livre-arbítrio – vai ter uns sete personagens e eu sou um dos mais importantes deles, é claro. Eu, Rodrigo S. M." (LISPECTOR, 1998, p.13). Ainda há outros personagens como Macabéa, Olímpico (também nordestino), Glória, Madama Carlota, as três Marias que moram no mesmo quarto com Macabéa, o médico e Seu Raimundo (chefe de Macabéa).

No início, Rodrigo fala da vida de Macabéa caracterizando a nordestina sem revelar o seu nome, criando o seu mundo, preparando o leitor para ir conhecendo aos poucos a personagem. Por diversas vezes, Rodrigo S. M. rebaixa a personagem:

> Sei que há moças que vendem o corpo, única posse real, em troca de um bom jantar em vez de um sanduíche de mortadela. Mas a pessoa de quem falarei mal tem corpo para vender, ninguém a quer, ela é virgem e inócua, não faz falta a ninguém (LISPECTOR, 1998, p.13-14).

Mas o narrador sendo o criador de Macabéa consegue amar a sua criatura com todas as suas características: "Só eu, seu autor, a amo. Sofro por ela." (LISPECTOR, 1998, p.27). A moça era datilógrafa, mas datilografava mal, sujava o papel, gostava de Coca-Cola, era virgem, morava num quarto com outras pessoas num velho sobrado colonial entre prostitutas e gostava de ouvir Rádio Relógio, não se higienizava adequadamente: "Ela toda era um pouco encardida pois raramente se lavava." (LISPECTOR, 1998, p. 27). A personagem nasceu para o anonimato e o sofrimento. As descrições sobre ela são bem detalhadas em todos os aspectos, afim de que o leitor não tenha dúvida alguma das suas condições precárias de vida. É uma estratégia do narrador para levar o leitor a compadecer-se da nordestina. Uma inocência que a faz desconhecer o seu próprio valor, a sua existência. Macabéa conheceu Olímpico, um nordestino, o qual começou a namorar. Mas Olímpico também não tinha paciência com a inocência da moça

> – E se me permite, qual é mesmo a sua graça?
> –Macabéa.
> – Maca, o quê?
> –Béa, foi ela obrigada a completar.

> – Me desculpe mas até parece doença, doença de pele (LISPECTOR, 1998, p.43).

Os encontros de Olímpio e Macabéa são bem detalhados pelo narrador quanto ao diálogo, aos lugares, às cenas. O jeito da moça resulta na perda do namorado para Glória, sua companheira de serviço, que, ao vê-la triste, a recomenda uma cartomante. Ela assim o faz. Nesse momento, Rodrigo S. M. faz uma reflexão metalinguística, uma de suas marcas na obra:

> (Como é chato lidar com fatos, o cotidiano me aniquila, estou com preguiça de escrever esta história que é um desabafo apenas. Vejo que escrevo aquém e além de mim. Não me responsabilizo pelo que agora escrevo)" (LISPECTOR, 1998, p. 72).

No desfecho Macabéa sofre um atropelamento e fica caída até morrer. A autora demora para finalizar a história, mas a nordestina que sonhava em ser estrela de filme morre conforme tanto sonhou, sendo uma estrela: "Pois na hora da morte a pessoa se torna brilhante estrela de cinema." (LISPECTOR, 1998, p. 29).

CONVERGÊNCIAS ENTRE O FILME E O LIVRO E LACUNAS OBSERVADAS NESSA TRANSPOSIÇÃO

Relacionar obra literária e cinema é levantar discussões, fazer comparações. Sempre o questionamento imediato tende para o lado da fidelidade da arte cinematográfica em relação à obra literária. No caso desta pesquisa, é o filme de Suzana Amaral em relação à obra literária de Clarice Lispector – *A hora da estrela*.

O grande passo para uma análise desse porte inicia-se pela intertextualidade, que é o diálogo entre elas. Por serem artes distintas, há a necessidade de uma adaptação do cinema em relação à obra literária, pois são mecanismos diferentes, porque enquanto a literatura visa um público individual, o cinema tem um público coletivo. Na literatura, o leitor, ao percorrer as linhas da obra através da leitura, precisa usar a sua imaginação relacionando-a aos fatos contados e criar o ambiente, o rosto das personagens, figurinos, tudo que envolve a história, a trama. No cinema, essas questões são praticamente impostas ao telespectador, pois o visual lhe é apresentado de forma concreta.

A literatura é a base para a exposição de outras artes, mas as características de cada uma delas merecem ser respeitadas, porque quem faz literatura tem objetivos

literários, baseando-se no seu público, enquanto a arte cinematográfica tem uma outra forma de entreter o seu público, pois o cineasta e o escritor têm percepções e propósitos distintos. Pelo fato de autores e obras literárias, desde a antiguidade, terem prestígio elevado, Aguiar (2003, p.119 apud CURANO, 2007) afirma que no século XX alguma ou outra produção cinematográfica "seguiu ou perseguiu enredos e personagens consolidados primeiro na literatura". Dessa forma, o sucesso da película estaria assegurado, tendo como suporte um texto consagrado.

É impossível afirmar uma fidelidade integral entre artes diferentes, pois cada uma possui característica própria. Além disso, os autores são pessoas diferentes, com pensamentos e visões diferentes sobre o que veem. O autor literário ao criar sua obra tem os seus objetivos, suas interpretações, sua estilística com as quais os autores cinematográficos podem não comungar por terem uma visão distinta. O ato de interpretar é particular a cada indivíduo, não é um ato uniforme. Sendo assim, pode-se afirmar que realmente o que existe entre textos diferentes é a intertextualidade e não uma fidelidade integral que seria impossível quando se trata de públicos com características bem diferentes.

A cineasta Suzana Amaral declara: "Prefiro basear-me em obras já prontas, e depois dar a minha versão, criando uma nova obra a partir da original." (CAETANO, 2004, p. 2 apud CURANO, 2007). Na fala da cineasta fica claro que ela se utiliza do texto literário como suporte, estímulo para os seus projetos cinematográficos. O importante é que na criação de uma nova obra, no caso a cinematográfica, o autor tome o devido cuidado de que em suas adaptações o texto literário não perca a sua originalidade, a sua essência, embora este e o cinema tenham as suas diferenças: o texto tem a linguagem como matéria-prima, enquanto o cinema, a imagem.

Na análise comparativa de *A hora da estrela*, obra literária de Clarice Lispector e a cinematográfica de Suzana Amaral, volta-se a atenção à transformação da literatura na linguagem cinematográfica, às adaptações necessárias ao público do cinema. Suzana Amaral se faz valer da ideia de Clarice Lispector para instigar o seu público a desfrutar de uma obra brilhante, que apresenta a vida sofrida e a inocência pisada de Macabéa. Na obra de Clarice Lispector, há a presença de um narrador em primeira pessoa que detalha e capta tudo o que acontece, como uma câmera faz no cinema: "Olhou-se maquinalmente ao espelho que encimava a pia imunda e rachada, cheia de cabelos, o que tanto

combinava com a sua vida.” (LISPECTOR, 1998, p. 25). A narração detalhada de Rodrigo S. M. auxilia a cineasta na construção de seus personagens, do espaço e de tudo que acontece em cada cena bem descrita pelo narrador: “É que numa rua do Rio de Janeiro peguei no ar de relance o sentimento de perdição no rosto de uma nordestina.” (LISPECTOR, 1998, p. 12).

É notório que Suzana Amaral se baseia nas palavras do narrador para produzir as suas imagens. Na obra de Clarice Lispector, o narrador diz que Macabéa era ignorante e por isso datilografava letra por letra lentamente: “Por ser ignorante era obrigada na datilografia a copiar lentamente letra por letra.” (LISPECTOR, 1998, p.15). Há uma cena no filme em que a personagem aparece datilografando lentamente, letra por letra, conforme detalhado pelo narrador Rodrigo S. M. na obra clariceana, transparecendo o diálogo entre as duas artes, a literária e a cinematográfica. Os detalhes que Rodrigo S. M. narra sobre Macabéa servem de base para a criação desta personagem no cinema. Vale salientar que Suzana Amaral traz às telas uma Macabéa com todas as características dadas por Clarice Lispector.

Se, de um lado, a obra de Clarice Lispector conta com um importante personagem, Rodrigo S. M., que constrói a narrativa e conduz as ações da trama; de outro lado, o filme abdica do narrador, que tem as suas falas substituídas pelas imagens das câmeras que relatam, mostram ao telespectador todas as características dos personagens através de suas ações, figurinos, enfim, a narrativa cede lugar aos recursos tecnológicos das câmeras. Por isso, é importante para aqueles que produzem arte cinematográfica e se baseiam em obras literárias como Suzana Amaral se atentarem para os detalhes na obra literária. Assim, ao transportá-la ao cinema, não se perca a originalidade, a sua essência e haja proximidade entre as artes de tal forma que o telespectador que já tenha lido a obra encontre no cinema semelhanças satisfatórias que confirmem essa proximidade, mesmo havendo diferenças inevitáveis devido à distinção de artes.

Suzana Amaral buscou na obra pronta suporte para a sua arte cinematográfica tendo a atitude em observar minuciosamente as descrições do narrador Rodrigo S. M. e transportá-las ao cinema pelos focos de suas películas e a criação de suas personagens, conforme descritas pela arte literária.

A autora do filme renova os elementos espaciais, complementando sua obra com uma estação de metrô e uma praça pública. Com isso, ela consegue fixar a Macabéa em qualquer cidade do mundo.

Quando a obra literária foi transformada para a arte cinematográfica, Suzana Amaral colocou seu diferencial, para que tornasse algo novo com base na criação de Clarice.

As semelhanças encontradas são muitas, pois Suzana centrou sua ideia conforme foi apresentada por Clarice, como a Macabéa (fisicamente e com todas s caraterísticas citadas por Rodrigo S.M), a cidade, Olímpico, dentre outras. Porém, as diferenças aparecem, pois Suzana também é uma autora, e colocou suas observações individuais, realizando uma nova criação. Tais elas: a ausência do narrador, a linguagem tende a ficar mais restrita, de forma mais objetiva.

Outro ponto de divergência que se encontra é no final do filme, quando Macabéa ao atravessar a rua é atropelada. No livro fica evidente que a protagonista morre, já no filme não. Aparece a imagem de Macabéa caída no chão e correndo ao encontro do rapaz que a atropelou, deixando transparecer uma dúvida, se ela realmente morreu ou não.

Portanto, Suzana não só confirma as características do texto de Clarice Lispector assim como complementa e (re)interpreta colocando o seu ponto de vista e suas próprias características. Assim, o filme *A hora da estrela* (1989) é a elaboração de um novo ícone baseado na obra de Clarice Lispector *A hora da estrela* (1977)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na pesquisa realizada sobre semelhanças e diferenças entre a narrativa literária e a arte cinematográfica, quando estas apresentam uma obra tão importante da literatura brasileira, pode-se observar que, apesar de distintas, não há sobreposição de uma arte à outra. Existem semelhanças e diferenças, mas cada uma com o que lhe é peculiar tem como grande objetivo a satisfação de seu público alvo. A narrativa literária com o seu público individual e a arte cinematográfica com o coletivo. A primeira trabalhando os detalhes que nutrem a imaginação do leitor. A segunda que se utiliza do visual e do sonoro para levar ao seu público uma fidelidade (não integral) na transposição da

narrativa à tela como meio de aguçar no telespectador a curiosidade pela leitura da narrativa.

Sendo assim, como se trata de transposição, as artes selaram uma parceria. E mesmo sendo distintas, quando apresentam uma obra tão brilhante como a de Clarice Lispector, quem ganha é o público.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Suzana. **A hora da estrela**. Filme. 1985.

AUTRAN, Arthur. **O cinema e Bakhtin**: notas acerca da contribuição de Robert Stam. 2010. Disponível em. Acesso em 26 mar. 2017.

BARCELOS, Liuvânia Cristina do Amaral; PAULA, Marcela Soares de; IVAN, Maria Eloísa de Sousa. A hora da estrela: a intertextualidade entre Lispector e Amaral, p. 99-109. **Nucleus**, v. 4. n. 1-2 , set. 2007.

COSTA, Marta Morais da. **Teoria da literatura II**. Curitiba-PR: IESDE,2008.

FIGUEIREDO JORGE, Carlos José. **Histórias, imagens e letras**: literatura e cinema numa perspectiva comparativa. 2011. Disponível em http://hd1.handle.net/10174/4212. Acesso em 21 maio 2017.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

MELO, Alessandra de Melo; COUTO, Manoel da Conceição da Silva; BORDALO, Daniela. Análise da linguagem regionalista no conto “A hora e vez de Augusto Matraga” de Guimarães Rosa. **Anais**. Simpósio de TCC C e Seminário de IC, 2016/1º, p. 1193.

MIRANDA, Luana Fernandes. **Interação História, Cinema e Direito**: um olhar histórico-cinematográfico sobre as origens da Legislação Trabalhista. 56fl. Universidade de Brasília (UnB) Faculdade de Direito. Brasília, dez, 2013.

MOCELIN, Renato. **História e cinema**: educação para as mídias. São Paulo, Brasil, 2009.

MOSER, Benjamin. **Clarice, uma biografia**. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

PEREZ, Luana Castro Alves. **A prosa intimista de Clarice Lispector**. 2017. Disponível em http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/literatura/a-prosa-intimista-clarice-lispector-1.htm. Acesso em 21 mar. 2017.

CURANO, Maria Eugênia. Literatura e cinema: adaptação, tradução, diálogo, correspondência ou transformação? IN: Revista Temporis[ação]. Vol.1 nº09, 2007.

4. LETRAS:

A SAGA DO CAVALO INDOMADO SOB UMA PERSPECTIVA METAFÓRICA: O *INDOMÁVEL* NO CAVALO NEGRO, NA PERSONAGEM MARIA OLEGÁRIA E NA AUTORA MARIA ALICE BARROSO

Ana Lúcia Lima da Costa Schmidt[105]
Luiza Guimarães Lanes[106]

RESUMO

A autora fluminense Maria Alice Barroso possui um repertório literário caracterizado por apresentar o mesmo espaço narrativo, que é denominado Parada de Deus. Em conformidade com esse nome, as obras estabelecidas nesse chão ficcional pertencem ao Ciclo Parada de Deus. Dentre os exemplares reunidos nessa coleção, encontra-se *A Saga do Cavalo Indomado*, o primeiro romance cronológico desse ciclo. Nesse viés, o presente estudo fixou-se nessa obra com a intenção de analisar as relações metafóricas de cunho *indomável* observadas entre três figuras relevantes que permeiam esse cenário: o cavalo Negro, a personagem barrosiana Maria Olegária e a autora Maria Alice Barroso. A fim de contextualizar essa pesquisa, também será realizada uma breve abordagem do conceito de metáfora e da relação metafórica entre a fundação de Parada de Deus e a cidade de Miracema, localizada no Noroeste Fluminense. É importante ressaltar que, apesar de ter recebido prêmios literários renomados, como o Walmap e o Jabuti, as obras de Maria Alice Barroso são pouco pesquisadas no meio acadêmico. Sendo assim, tal adversidade configura-se como a justificativa primordial desse artigo. Como embasamento teórico, destacam-se BARRETO (2016), BARROSO (1987) e MONTEIRO (1996).

PALAVRAS-CHAVE: “Ciclo Parada de Deus”. *A Saga do Cavalo Indomado*. Relações Metafóricas.

ABSTRACT

The author of Maria Alice Barroso has a literary repertoire characterized by presenting the same narrative space, which is called Parada de Deus. According to this name, the works established on this fictional floor belong to Parada de Deus. Among the specimens collected in this collection is *A Saga do Cavalo Indomado*, the first chronological novel of this cycle. In this bias, the present study was fixed in this work with the intention of analyzing the metaphorical relations of indomitable observation observed between three relevant figures that permeate this scenario: the Black horse, the Barrosian character Maria Olegaria and the author Maria Alice Barroso. In order to contextualise this research, a brief approach will also be made to the concept of metaphor and the metaphorical relationship between the Parada de Deus foundation and the city of Miracema, located in the Northwest Fluminense. It is important to note that, despite having received well-known literary awards such as Walmap and Jabuti, Maria Alice Barroso's works are poorly

[105]Doutora em Ciência da Literatura, área de concentração em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: dr.analucialima@gmail.com
[106]Graduanda em Letras/Literatura pelo Centro Universitário São José de Itaperuna (UNIFSJ). E-mail: luiza.lanes@yahoo.com.br

researched in the academic world. Thus, such adversity is the primary justification for this article. As a theoretical basis, stand out BARRETO (2016), BARROSO (1987) and MONTEIRO (1996).

KEYWORDS: “Ciclo Parada de Deus”. *A Saga do Cavalo Indomado*. Metaphoric Relations.

INTRODUÇÃO

A produção literária de Maria Alice Barroso reúne um conjunto de livros que apresentam, dentre outros elementos coincidentes, o chão ficcional, que é alcunhado como Parada de Deus. O cenário em análise é configurado como uma cidade pequena e simples localizada no noroeste fluminense. Por essa razão, os exemplares que contemplam tal espaço narrativo pertencem ao “Ciclo Parada de Deus”.

Nesse contexto, o presente estudo ancorou-se na análise do primeiro romance cronológico desse ciclo: *A Saga do Cavalo Indomado*, publicado em 1987. Essa obra narra a história da fundação de Parada de Deus, edificada pelo poderoso chefe político Chico das Lavras, que saiu do povoado de Vila do Príncipe, em Minas Gerais, com a intenção de explorar outros territórios. Na busca por novas terras, esse intérprete encontrou o local, onde, posteriormente, edificou Parada de Deus.

No que tange à edificação de Parada de Deus, Chico das Lavras relata que teve uma visão, na qual Jesus Cristo lhe disse para procurar ouro naquele local e empregá-lo na fundação de uma cidade. Nesse lugar, o personagem formou sua família, que é constituída por sete filhas e um filho, chamado José Inácio, o segundo da genealogia da família Moura Alves. Antes do nascimento de seus filhos, o líder de Parada de Deus prometeu a Cristo-Rei que seus descendentes serviriam a Igreja: as meninas iriam para o convento e o menino para o seminário.

Dentre outros aspectos, o livro aborda a inusitada amizade entre um cavalo chamado Negro e a filha caçula de Chico das Lavras, a Maria Olegária. A partir desse importante item, estrutura-se uma das relações metafóricas de caráter indomável da obra, que é a semelhança comportamental implícita entre o Negro e a menina dos olhos pisca-piscando, conhecida como Maria Olegária. Sendo assim, este artigo objetiva, em linhas gerais, discutir as relações metafóricas observadas em *A Saga do Cavalo Indomado*.

Além da relação metafórica elucidada acima, observa-se também uma relação de cunho indomável entre o cavalo Negro e a escritora da obra, Maria Alice Barroso. Paralelo a essa analogia de natureza rebelde, encontra-se uma relação metafórica associada à

fundação do espaço narrativo do livro em análise e a fundação de Miracema, cidade natal da autora de *A Saga do Cavalo Indomado*.

É importante salientar que, apesar de possuir uma produção literária riquíssima, as obras de Maria Alice Barroso são pouco conhecidas e exploradas no meio acadêmico. Ao representar uma perda literária séria, o impasse enumerado acima, desponta como a justificativa essencial para a confecção deste trabalho.

No que diz respeito à metodologia, é uma pesquisa de natureza bibliográfica, que tem como aporte teórico Barreto (2016), Barroso (1987), Monteiro (1996), bem como Castro (1978) e Fiorin & Platão (1992).

Sendo assim, antes de analisar as relações metafóricas observadas na obra, a próxima seção abordará o conceito dessa figura de linguagem a fim de evidenciá-la no âmbito literário.

A METÁFORA NA OBRA LITERÁRIA

A definição de metáfora pressupõe o entendimento de dois conceitos linguísticos: a denotação e a conotação. Enquanto o primeiro faz referência à natureza morfológica de um vocábulo, o segundo está relacionado à função que determinado termo pode adquirir em um contexto específico. Dentre os diversos recursos linguísticos que fazem alusão ao sentido conotativo, destaca-se a metáfora, objeto de estudo desta pesquisa.

De forma geral, a metáfora é conceituada como uma figura de linguagem que constrói comparações por meio de um viés analógico. No entanto, contrapondo-se à comparação, a metáfora não utiliza conectivos, particularidade que lhe confere um caráter subliminar. Sob uma perspectiva teórica, Platão & Fiorin a definem como “a alteração do sentido de uma palavra ou expressão quando entre o sentido que o termo tem e o que ele adquire existe uma intersecção” (PLATÃO; FIORIN, 1992, p. 122).

Nesse panorama, é importante resgatar o conceito de literariedade. Essa terminologia abarca a subjetividade da Literatura, demarcada pelas figuras de linguagem, jogos de palavras e outros mecanismos polissêmicos. Por ser configurada como um dos itens primordiais da literariedade, a metáfora é utilizada com frequência no texto literário. No entanto, cabe ressaltar que esse recurso linguístico não reside apenas nesse meio; “longe de ser um [*sic*] apenas um recurso literário ou exclusivo de poetas, a metáfora está presente em nossa fala mais cotidiana. E a frequência com que ocorre no dia a dia não deixa de ser surpreendente” (BURIGO; MOTA; MOURA, 2012, p. 235).

As principais ponderações acerca do posicionamento da metáfora no texto literário remetem à interpretação crítica e à bagagem cultural que os textos metafóricos demandam. Nesse contexto, é corroborado o grande prestígio que esse recurso linguístico atribui ao gênero. Vale relembrar que escritores célebres imprimiram, em suas produções, a vitalidade da metáfora. Walter de Castro, no livro *Metáforas Machadianas*, evoca o dinamismo dessa figura de linguagem na obra de Machado de Assis:

> O nosso autor escolhido – Machado de Assis – tem lá os próprios conceitos da metáfora. Dela fez largo uso para si e para os personagens, soube criticar o abuso, ironizar o mau uso e criticar os cacoetes literários da época.
> Tão profuso é o nosso autor brasileiro, tão abundante nas expressões metafóricas, que largos estudos já estão feitos. E nesses últimos meses, - não falo de anos passados – têm sido impressionantes os títulos dados a lume sobre a matéria. Impossível compulsá-los todos no tempo (CASTRO, 1978, p. 5)

Ao destacar a produtividade da metáfora no repertório de um expoente *sui generis* da Literatura Brasileira, esta citação remonta à magnitude dos textos metafóricos no âmbito literário e evidencia a importância da análise de livros dessa natureza.

Partindo do pressuposto de que a metáfora é alicerçada por intermédio de analogias, a próxima seção pontuará os aspectos semelhantes entre a fundação de Miracema e a de Parada de Deus a fim de comprovar a relação metafórica presente nesse cenário.

A RELAÇÃO METAFÓRICA ENTRE A FUNDAÇÃO DE MIRACEMA E A DE PARADA DE DEUS

Na obra *A Saga do Cavalo Indomado*, Chico das Lavras, além de ser considerado um importante chefe político, também é bastante conhecido por sua imensurável devoção ao Cristo-Rei, nome que o personagem utiliza para se referir a Jesus Cristo. Nas primeiras páginas desse livro, Maria Alice Barroso revela o motivo de tamanha religiosidade:

> Fora ele – e não o irmão – que o Cristo-Rei escolhera a fim de aparecer num descampado, com Seu grande manto cor de sangue, cegando os escravos com Sua luz, para dizer com voz grossa e autoritária: “Nestas terras ocê vai procurar ouro, Chico, e este ouro ocê empregue na fundação de uma cidade que deverá ter o meu nome, para maior honra e glória minhas.” (BARROSO, 1987, p. 30)

É exatamente nessa cidadezinha construída por Chico das Lavras e chamada, posteriormente, de Parada de Deus, que se passa o enredo de *A Saga do Cavalo Indomado*. Ao analisar o contexto que permeia a fundação de Parada de Deus, torna-se evidente que determinados aspectos da fundação de Miracema se assemelham a dessa cidade fictícia, conforme reitera a autora, na apresentação que elaborou para a Coleção Páginas Amarelas:

> Esse canto geográfico, para mim, se chama Parada de Deus, com dois distritos, Divino das Flores e Campo Santo. Claro que Miracema, minha terra natal, ao norte do Estado do Rio, tem muito a ver com tudo isso: a população, no entanto, me atribui um dom de descrever a cidade e seus habitantes que eu, verdadeiramente, não possuo (BARROSO, 1987, p. 17).

Em relação aos aspectos coincidentes entre a fundação de Miracema e a fundação de Parada de Deus, encontra-se a edificação de uma capela. Nesse contexto, Maria Alice Barroso relata, na *A Saga do Cavalo Indomado*:

> E foi assim que o vilarejo de Parada de Deus começara a surgir pouco adiante do sítio em que o ex-tropeiro passara às escavações, o produto da venda do ouro sendo empregado principalmente no material para a construção de uma capelinha e nas armas que eram necessárias para que ele, Chico das Lavras, pudesse rechaçar os bandidos que surgiam atraídos pelos rumores de que existia ouro no lugar (BARROSO, 1987, p. 31).

Por outro lado, Ruy Barreto, em *Odisseias brasileiras*, descreve sobre a fundação de Miracema:

> Algum tempo depois, Ermelinda decidiu reservar uma área em numa pequena elevação de sua propriedade para erguer uma capela em devoção e agradecimento ao seu padroeiro, Santo Antônio, por sua família ter chegado a seu destino e ser tão feliz. Para isso, doou uma grande área para o patrimônio da capela, cerca de 25 alqueires (BARRETO, 2016, p.161).

Ainda no contexto que aborda a construção da capela, observam-se outros dois elementos coincidentes. O primeiro refere-se ao desejo que o ex-tropeiro e Dona Ermelinda nutriam de delegar a igreja ao comando de seus respectivos filhos, José Inácio e Manoel. Já o segundo remete ao não cumprimento dos anseios dos pais, tendo em vista que José Inácio fugiu para se casar com Glorinha, seu amor de infância, e Manoel se casou com uma índia.

Além desses aspectos coincidentes, nota-se que, assim como Dona Ermelinda, Chico das Lavras também saiu do estado de Minas Gerais com a intenção de desbravar outras terras, conforme explicita Maria Alice Barroso na *A Saga do Cavalo Indomado*:

> Nunca estivera tão certo de que estava cumprindo uma missão no mundo, e fora para cumprir essa missão que o Cristo-Rei o retirara do povoado de Vila do Príncipe, em Minas Gerais, guiando as bestas do seu irmão mais velho (BARROSO, 1987, p. 29 e 30).

A fim de mencionar a premissa referente à saída de Dona Ermelinda de Minas Gerais, Ruy Barreto, em Odisseias brasileiras, afirma:

> Ermelinda devia ser uma senhora de alguns recursos, muita personalidade, coragem e fé no futuro, assim como as mulheres da sua família, e resolveu mudar-se de Remédios para a Zona da Mata fluminense, tal como fizeram Francisco leite Ribeiro, Monteiro de Barros e muitos outros (BARRETO, 2016, p. 143).

Em conformidade com essas semelhanças, encontra-se a imagem do coronel Firmo de Araújo, conhecido por ser uma "(...) figura respeitada, temida, adorada, que governava Palma (...)" (MONTEIRO, 1996, p. 9). Na *A Saga do Cavalo Indomado*, Maria Alice Barroso faz alusão a esse líder político de maneira implícita:

> O fato que mais se comentara e que se dera logo em seguida à fuga do casal fora o encontro entre Chico das Lavras e Zeca de Araújo, o assim chamado "Descolorido" ou "Malhado" – apelido que ninguém ousava dizer em tom mais alto – devido à forte dermatose que esbranquiçava seu rosto e suas mãos. Ele era o chefe político de Várzea da Palma, comandando um bando de capangas (...) (BARROSO, 1987, p. 247)

Nesse viés, cabe ressaltar que Palma é uma cidade localizada próxima ao município de Miracema. Nesse contexto, além da semelhança que envolve o sobrenome desse líder político e o local governado por ele, notam-se outras relacionadas à postura autoritária de Firmo de Araújo: "A alegação para tal atitude, fornecida pelos chefes do movimento, era a de que Firmo, em suas fazendas, abrigava e dava guarida a assassinos e ladrões de gado." (MONTEIRO, 1996, p. 9)

Nessa mesma perspectiva, Maria Alice Barroso ao relatar sobre o encontro de Chico das Lavras com Zeca de Araújo, diz que esse "(...) não era somente um chefe político, mas também o chefe de um bando de ladrões de cavalo e de gado)..." (BARROSO, 1987, p. 249)

O último ponto consoante entre o coronel Firmo de Araújo e a personagem Zeca de Araújo refere-se à história de que esse governante obrigava certas famílias a entregarem suas filhas ao grupo que ele integrava:

> “O que é mais doloroso, chegavam mesmo as raias do vandalismo, forçando muitas mulheres a abandonarem seus lares para segui-los. Davam-se cenas dantescas: um honrado amigo, chefe de família em Palma, recebeu uma carta atrevidíssima, intimando-o a entregar ao bando, duas filhas solteiras e que estavam ainda sob o seu pátrio poder.”(MONTEIRO, 1996, p. 19)

No que tange a esse relato, Maria Alice Barroso, na *A Saga do Cavalo Indomado*, confidencia o motivo de tais atitudes: “antes tinham trocado algumas palavras, e o proprietário da Gratidão dissera ao outro que ele não devia despejar sua raiva, devido à filha ter se apaixonado por um escravo, roubando as filhas dos outros.” (BARROSO, 1987, p. 248)

Nesse prisma, tal comportamento é corroborado no livro *O Assassinato do Coronel Firmo de Araújo* de Maurício Monteiro:

> “apareceu na fazenda de Firmo o ourives chamado Benjamin Reis e começou a namorar a filha deste coronel ficando mesmo enfeitiçado por ela. Alguns meses depois, bem intencionado como estava, resolveu pedir a moça em casamento. O pai recusou, forçando o ourives a se retirar da fazenda onde, há tempos, vinha trabalhando em sua profissão. Meses depois, não podendo mais esconder a falta que praticara, Arinda resolveu contar ao pai o seu relacionamento com Benjamin Reis (...)”

Por fim, o último elemento coincidente que permeia esse contexto é a imagem exibida na contracapa de uma edição de *A Saga do Cavalo Indomado*, que expõe uma fotografia real da cidade de Miracema:



Figura 1- Contrapa da edição de 1987 de *A Saga do Cavalo Indomado*

O retrato acima apresenta a Estação Rodoviária de Miracema no ano de 1926. Sendo assim, tal gravura potencializa as comparações analisadas nessa seção. No entanto, é importante ressaltar que há elementos ficcionais neste livro, como a escritora confirma: "Não tenho nenhum compromisso com a realidade: necessito apenas daquela atmosfera que a poeira do galope dos cavalos levantou na estrada. A ambiência é apenas o ponto de partida para o que irá acontecer depois." (BARROSO, 1987, p. 23 e 24). Após essa contextualização do espaço narrativo, a próxima seção analisará a natureza *indomável* do cavalo Negro.

O CARÁTER INDOMÁVEL DO CAVALO NEGRO

Antes de analisar as relações metafóricas de caráter *indomável* que circundam o enredo de *A Saga do Cavalo Indomado*, é necessário que a figura central desse contexto seja caracterizada. Apesar de possuir uma estrutura equina, acredita-se que o cavalo Negro foi fruto do cruzamento de uma égua com um cachorro enorme.

No que se refere às características físicas desse animal, destacam-se sua bela crina ondulada e seu pelo preto inconfundível. Entretanto, a peculiaridade mais forte desse intérprete é o seu temperamento rebelde e indomável. Chico das Lavras, o proprietário do Negro, contratou diversos domadores de cavalo para amansá-lo, porém, nenhum conseguiu. A única pessoa que realizava tal feito era Maria Olegária, a filha caçula de Chico das Lavras.

A partir desse comportamento insubordinado do cavalo Negro, edificam-se as relações metafóricas de cunho indomável observadas no primeiro romance cronológico do "Ciclo Parada de Deus". Partindo desse pressuposto, as próximas subseções irão especificar tais relações metafóricas.

A RELAÇÃO METAFÓRICA ENTRE O CAVALO NEGRO E A PERSONAGEM MARIA OLEGÁRIA

A afinidade que a filha caçula de Chico das Lavras demonstra pelos equinos é uma das características mais expressivas dessa intérprete:

> Aquele entendimento entre a moça e os cavalos era uma coisa que ninguém – nem o próprio pai, Chico das Lavras – conseguia entender: Maria Olegária dispensava rédeas, bridão, barbicha ou qualquer outro tipo de auxílio para guiar os animais que montava; apenas com os calcanhares ela conseguia transmitir à montaria a sua vontade, a direção que desejava tomar (BARROSO, 1987, p.51).

Essa forte ligação entre Maria Olegária e os cavalos se estende até o Negro, uma das figuras mais relevantes da obra em análise, conhecido por não permitir que ninguém o domasse, a não ser a moça dos olhos pisca-piscando. Nesse cenário, estrutura-se um dos pilares de *A Saga do Cavalo Indomado*: a estranha amizade de Maria Olegária com o cavalo Negro.

O que causa espanto na relação entre a Sinhazinha e o Negro é o entendimento humano que o cavalo demonstra quando a moça dos olhos pisca-piscando interage com ele. Em diversas passagens do livro em foco, Maria Alice Barroso evidencia tal compreensão: "o cavalo sacudiu a cabeça, a crina preta muito revolta e, como se tivesse entendido o que a moça dissera, corcoveou para trás, e em seguida, partiu galopando enquanto os escravos corriam no seu rasto, gritando, arapuados, na tentativa de aprisioná-lo." (BARROSO, 1987, p. 60)

Em conformidade com a importância desse animal na trama, o título do livro faz alusão a sua imagem, ao utilizar a expressão *cavalo indomado* a fim de se referir ao comportamento rebelde do animal. No entanto, a leitura do livro e a descrição da personagem Maria Olegária permite outra análise, que, por sua vez, diz respeito ao caráter subversivo da filha caçula de Chico das Lavras.

Tendo como premissa o desejo compulsivo que o chefe político de Parada de Deus nutria de encaminhar as filhas para o convento, observa-se em *A Saga do Cavalo Indomado*, um episódio que comprova com excelência essa postura audaciosa de Maria Olegária. Quando a Sinhazinha percebe que não há como convencer seu pai, Chico das Lavras, de que ela não queria servir à Igreja, essa personagem decide fugir com Honório, um domador de cavalo da fazenda.Esse cunho insubordinado da moça dos olhos pisca-piscando é tão evidente que Maria Alice Barroso, em uma passagem de *A Saga do Cavalo Indomado*, emprega o termo *indomável* para se referir à intérprete:

> Antes mesmo de conseguir detalhar os traços do rosto da filha caçula de Chico das Lavras, ele já conseguira apreender a expressão rebelde, indomável mesmo, daquele rosto cálido, em que os olhos pisca-piscavam, como que obedecendo a um ritmo interno de vida (BARROSO, 1987, p. 157).

O uso do mesmo termo para retratar personagens de naturezas físicas distintas corrobora com maestria a relação metafórica observada entre o cavalo Negro e a Maria Olegária. Sendo assim, a próxima subseção abordará a relação metafórica existente entre o Negro e a escritora Maria Alice Barroso.

A RELAÇÃO METAFÓRICA ENTRE O CAVALO NEGRO E A AUTORA MARIA ALICE BARROSO

Na apresentação de *A Saga do Cavalo Indomado*, mais especificamente, na Coleção Páginas Amarelas, Maria Alice Barroso discorre com afinco sobre o espaço narrativo do “Ciclo Parada de Deus”. A partir dessa descrição, observa-se a importância que a autora dá a esse chão ficcional:

> Devo admitir que fazer concessões para mim, entre outras coisas, seria ter que abandonar Parada de Deus, onde encontrei o caminho como escritora: ali tenho o meu chão ficcional povoado por gente da qual eu não gostaria de me afastar por nada deste mundo. Os Moura Alves, os Caetano de Melo, os Procópio Monteiro... - que Deus me dê vida para contar tudo que sei sobre eles! (BARROSO, 1987, p. 21)

Verifica-se, por meio da citação acima, que a escritora Maria Alice Barroso demonstrava um forte comprometimento social com o espaço narrativo do “Ciclo Parada de Deus”, que, implicitamente, faz referência à cidade de Miracema. A partir desse

engajamento político, edifica-se a última relação metafórica desse estudo, que associa a insubordinação do cavalo Negro à irreverência de Maria Alice Barroso.

Ao lado da ousadia de relatar questões sociais de maneira verossimilhante, reside o contexto histórico no qual Miracema, a cidade natal da escritora, estava inserida. O período da produção de Maria Alice Barroso coincide com a época do patriarcalismo fluminense, que era demarcado pela figura dos coronéis. Vale frisar que, nessa conjuntura, as decisões políticas concentravam-se, unilateralmente, na mão desses governantes. Além disso, sabe-se que esses líderes agiam de maneira autoritária e, muitas vezes, perseguiam aqueles que contrariavam sua autoridade administrativa. Sendo assim, tal situação potencializa a irreverência da escritora Maria Alice Barroso, uma vez que ela menciona, em suas obras, assuntos que incomodavam esses governantes. A fim de reforçar tal relação metafórica, é fundamental apresentar a

dedicatória escrita pela autora da obra na folha de rosto de um exemplar de 1987 editado pela R*ecord*:

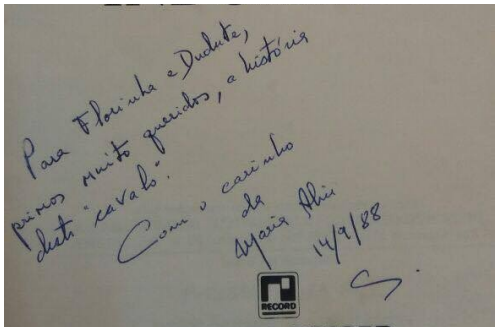


Figura 2 – Folha de rosto de uma edição de 1987 de *A Saga do Cavalo*

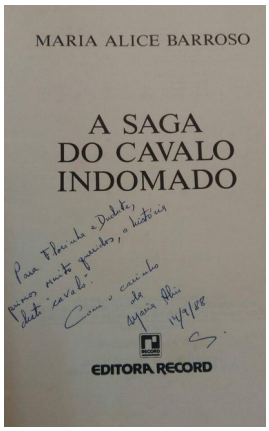


Figura 3 – Dedicatória contida em um exemplar

Na figura 3, a dedicatória escrita por Maria Alice Barroso é ampliada e, assim, identifica-se a seguinte mensagem: “Para Florinda e Dudute, primas muito queridas, a história deste “cavalo”’. Nesse âmbito, cabe salientar que uma das funções das aspas é destacar vocábulos que, em um determinado contexto, assumiram outro sentido. Sendo assim, a preocupação em registrar a última palavra dessa dedicatória entre aspas comprova a subjetividade pretendida pela autora, ao escrever *A Saga do Cavalo Indomado*.

Tendo como base a ousadia e bravura de Maria Alice Barroso, pode-se inferir que o termo “cavalo” grafado entre aspas na dedicatória em análise faz referência à própria autora da obra, uma vez que esse animal induz determinada robustez e valentia, assim como a escritora do “Ciclo Parada de Deus”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em linhas gerais, este trabalho evidencia a expressividade da metáfora em *A Saga do Cavalo Indomado*, bem como a importância da leitura de obras dessa natureza. Utilizando essa figura de linguagem como eixo norteador para a sequência narrativa, a escritora Maria Alice Barroso comprova a relevância da metáfora no texto literário.

Ao vincular a premissa elucidada acima à obra *A Saga do Cavalo Indomado*, constata-se que Maria Alice Barroso, constrói um romance, por intermédio da metáfora. Nesse sentido, observa-se a criação de uma personagem central delimitada por uma particularidade de cunho *indomável*. Partindo dessa característica dominante, estruturam-se as relações metafóricas de caráter *indomável*: a primeira associada à rebeldia da personagem Maria Olegária e a segunda relacionada à irreverência da escritora Maria Alice Barroso.

Nesse viés, conclui-se que “a metáfora é capaz de criar, conceber e até mesmo de “parir” a partir da interação entre os elementos que compõem a sentença metafórica, uma operação mental, sob a concepção de que a linguagem cria realidades e maneiras de pensar (SILVA NETO et. al, 2015, p.780).”

Sob outro prisma, a escritora do “Ciclo Parada de Deus” demonstra a importância da Literatura no conhecimento histórico de um determinado local. Nesse âmbito, *A Saga do Cavalo Indomado* revela importantes questões sobre a cidade de Miracema, localizada no Noroeste Fluminense. No que tange a esse aspecto, é importante ressaltar que a pesquisa sobre livros que narram um passado histórico é imprescindível à preservação da memória cultural de um povo.

Diante dessa conjuntura, compreende-se a magnitude desse estudo. Em primeira instância, destaca-se o fato da obra de Maria Alice Barroso constituir uma produção literária riquíssima. Por outro lado, contrapondo-se a essa asserção, encontra-se a defasagem de trabalhos que utilizam como *corpus* de análise o repertório literário dessa

escritora. Nesse percurso, vale frisar que apesar de ter ganhado prêmios literários importantes como o Jabuti, com o romance *A Saga do Cavalo Indomado*, a autora fluminense não consta nos cânones literários.

Referências Bibliográficas

BARRETO, Ruy. **Odisseias brasileiras.** Rio de Janeiro: Italiamiga, 2016.

BARROSO, Maria Alice. **A Saga do Cavalo Indomado.** Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 2001.

BARROSO, Maria Alice. **A Saga do Cavalo Indomado**. Rio de Janeiro: Record, 1987.

BURIGO, Henrique; MOTA, Mailce Borges; MOURA, Heronides. Contextualizando a metáfora: panorama de uma década de pesquisa neurolinguística. In: MOURA, Heronides; MOTA, Mailce Borges; SANTANA, Ana Paula (orgs.) **Cognição, Léxico e Gramática.** Florianópolis: Insular, 2012, p. 235-254.

MONTEIRO, Maurício. **O Assassinato do Coronel Firmo de Araújo**. Miracema: Edição do autor, 1996.

SILVA NETO, Antonio Cilírio da; FOSSILE, Dieysa Kanyela; HERÊNIO, Kerlly Karine Pereira. A metáfora no livro didático de ensino médio: um estudo feito a partir dos manuais aprovados pelo PNLD 2014. **Forum linguistic**. Florianópolis, v. 12, n. 3, p.771-785, jul./set. 2015.

CASTRO, Walter de. **Metáforas Machadianas**: estruturas e funções. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.

SAVIOLI PLATÃO, Francisco; FIORIN, José Luiz. **Para entender o texto Leitura e redação**. São Paulo: Ática, 1992, p. 121-127.

5. LETRAS:
MUDANÇA SEMÂNTICA DO SUFIXO -INHO NO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO

Douglas Parreira Braga Garcia; Fernanda Garcia Ribeiro[107]
Lenise Ribeiro Dutra[108]

[107]Graduandos do Curso de Letras (Português/Inglês/Literatura) do Centro Universitário São José de Itaperuna (Unifsj). Email:douglaspbgarcia@hotmail.com; nandagarcia12@hotmail.com.br;
[1082]Orientadora. Mestre em Letras pelo Centro de Ensino Superior (CES) de Juiz de Fora-MG.Especialista em Língua Portuguesa e Graduada em Letras pela Faculdade de Filosofia de Itaperuna (Fafita). Professora em exercício de Língua Portuguesa; Linguística e Literatura. E-mail:lenisedutra@yahoo.com.br.

RESUMO: Esta pesquisa, tendo o sufixo-inho como objeto de estudo, se propôs a inventariar suas interpretações semânticas sincrônicas, por meio de indicativos diacrônicos. Estabeleceu, para isto, sobre o referido sufixo, um traçado histórico, uma discussão sobre gramaticalização e lexicalização e uma explanação da mutabilidade de seu comportamento semântico. Concluiu-se desta pesquisa que o comportamento semântico do sufixo-inho no português contemporâneo se encontra muito modificado, pois já não é mais atribuído a ele somente a noção diminutiva como lhe fora atribuído anteriormente, e isto se dá pelo dinamismo da língua e pelo poder de intencionalidade dos falantes.

PALAVRAS-CHAVE: Gramaticalização. Neologismo. Semântica. Sufixo-inho.

INTRODUÇÃO

A linguagem é o principal meio de comunicação de uma sociedade; é por meio dela que se verifica a intencionalidade linguística pela qual o homem promove a comunicação e revela a finalidade do que quer expressar escolhendo, para isso, determinadas palavras, gestos e outros recursos conforme sua real intencionalidade. Com o decorrer do tempo, a linguagem humana vai se modificando continuamente. Como, por exemplo, ocorreu com o sufixo-inho (objeto deste estudo), que, apesar de representar diminutivo, nem sempre conota tamanho no português contemporâneo. Diante disso, levanta-se o seguinte **questionamento**: que transformações sincrônicas, a partir da diacronia, são observadas no emprego do sufixo-inho?

Neste sentido, tem-se como **objetivo** geral pormenorizar, por meio de indicativos diacrônicos, as interpretações semânticas sincrônicas do sufixo-inho; e,especificamente;elaborar um estudo traçando a trajetória do sufixo-inho; discorrer sobre a gramaticalização e lexicalização do referido sufixo e explanar sobre o comportamento semântico dele apresentando exemplos.

A justificativa deste estudo incide no fato de evidenciar a produtividade do sufixo-inho, tão utilizado pelos falantes da língua portuguesa, no processo de formação de palavras e das inúmeras noções semânticas dimensionais no tocante às ocorrências, evidenciando variadas noções pragmáticas. Para tal finalidade, o desenvolvimento deste trabalho apresenta três partes distintas, mas integrantes entre si. Na primeira, o foco recai

sobre a perspectiva histórica; na segunda, volta-se à gramaticalização e lexicalização; por fim, o alvo são noções semânticas comportamentais do sufixo em apreço.

De cunho bibliográfico, o estudo tem como base Ismael de Lima Coutinho (1976), Ieda Maria Alves (1994) e Wandercy de Carvalho (2017), que foram os teóricos de maior relevância no que se refere aos estudos gramaticais, lexicais e diacrônicos. Wandercy de Carvalho (2017) foi o autor de maior suporte para a compreensão da semântica ora tratada.

PERSPECTIVA HISTÓRICA

É de consenso o dinamismo como fenômeno constitutivo da língua, que a transforma com o passar do tempo para moldar-se às conveniências e inclinações emanadas das transfigurações histórico-culturais e geográficas concernentes a um povo. A lentidão ou rapidez desses fatores a modificarem a língua decorrem da sociedade. Assim, qualquer modificação da língua tem fundamentação nesses aspectos o que ocorre também com as alterações da língua portuguesa que vêm atravessando séculos em sua evolução (CHAVES, 2006, p. 38).

A perspectiva histórica das palavras com noções diminutivas estão estritamente ligadas à formação de palavras. No latim, existiam alguns sufixos próprios para categorias de formação dos diminutivos. Alguns deles são: *-olus; -ulos; -elus*, que resultaram nas seguintes palavras*:agellus* (pequeno terreno),*puellus* (rapaizinho),*paruulus* (pequenino). Na verdade, “A perspectiva histórica relacionada à formação de palavras com sufixos portadores de noção diminutiva se perde no tempo” (CARVALHO, 2017, p. 692).

Os formadores do diminutivo no latim quando se transpassaram para a língua portuguesa foram chamados de *sufixos eruditos*, e muitos deles estão enraizados em palavras do nosso léxico, mas que o falante sequer dá conta de que apresentam noções diminutivas. Exemplo: a palavra mama (seio), do latim recebe o sufixo-ellus>*mammellus,* que deveria ser seiozinho; fogo (flamma) + *-ula*>*flamula*; abelha + *ulla*>*apícula* (CARVALHO, 2017, p. 692).

O falante do português contemporâneo não tem conhecimento de que as palavras *mama*, *flâmula*, *apícula* e muitas outras, na sua origem, foram compostas por morfemas de noção diminutiva. Pode-se dizer, pois, que nestas palavras os sufixos deixaram de ser

morfemas flexionais – que são unidades mínimas que se juntam ao radical para marcar uma flexão, como a de grau (aumentativo e diminutivo) – para passarem a serem morfemas lexicais, que também são morfemas que se unem ao radical, mas desta vez para dar um novo sentido às palavras, carregado de intenções comunicativas. Pode-se dizer que acontece o mesmo com o sufixo-inho. O referente sufixo – categorizado como morfema flexional com noção de tamanho –não demonstrando, em algumas palavras, este sentido, como no caso destas palavras: galinha, cafezinho, sozinho, entre outras, que estão lexicalizadas em nossa língua (CARVALHO, 2017, p. 693).

Ismael Coutinho evidencia que o sufixo-inho é tratado pela gramática tradicional como sufixo nominal, que é aquele que serve para formar substantivos (isto é, palavras com as quais são designados seres ou substâncias) e adjetivos (qualificativos em língua portuguesa). São palavras do autor:

> [...] -inho, -im e -ino<-inuencerram ideia de diminuição, referência, relação, origem, servindo para firmar substantivos e adjetivos: livrinho, casinha, folhinha, espadim,folhetim, padim, flautim, latino, divino, londrino, cristalino,matutino, Antonino. (COUTINHO, 1976, p. 171).

O referente sufixo, conforme o autor, faz parte ainda do processo de formação de palavras, mas especificamente da derivação. E assim ele explica: “Derivação é o processo pelo qual de uma palavra já existente se forma uma nova com adição de um sufixo, ou supressão, e ainda pela sua transferência para outra classe de palavras” (COUTINHO, 1976, p. 167). O sufixo-inho, ainda dentro da mesma da categoria de formação de palavras, é um elemento que fará parte da derivação sufixal. Nesse sentido, esclarece Danilo Mota Lima:

> Considera-se que, na gramática, o sufixo corresponde ao afixo adicionado no final de uma palavra ou de um morfema, de modo que se criam palavras derivadas. São exemplos de palavras formadas pela anexação de sufixo os vocábulos: lealdade (-dade), pedreiro (-eiro), tranquilamente (-mente) e ouvinte (-nte) (LIMA, 2012, p. 2).

O tratamento dado a esse sufixo no português contemporâneo vem se modificando. A falar das já referidas palavras: *galinha, cafezinho, queridinha, mãezinha,* Observa-se que a elas a noção prescrita pela gramática tradicional já não comporta tal fenômeno. Daí poder-se dizer que estas palavras estão lexicalizadas, pois passaram pelo

processo de gramaticalização da língua e já não fazem nenhuma relação de tamanho como inicialmente lhe fora atribuído. Inclusive,

> Há quem fale que a origem do diminutivo está relacionada a palavras usadas por criança, mas na realidade, em função das características históricas das palavras vinculadas ao diminutivo, é mais provável que ele esteja relacionado ao gênero literário denominado sátira. Este é o gênero do riso e da depreciação, e o que não faltam são exemplos diminutivos depreciadores e provocadores de riso (CARVALHO, 2017, p. 692).

Feitas essas considerações sobre a perspectiva histórica do sufixo-inho, parte-se para o fenômeno de sua gramaticalização e lexicalização.

GRAMATICALIZAÇÃO E LEXICALIZAÇÃO

Entende-se gramaticalização como uma mudança linguística ocorrida através de um processo decorrente de situações comunicativas, já que são inúmeras as possibilidades que a língua nos oferece diante de seu dinamismo. Nessa transformação surgem novos elementos que vão compor o nosso léxico, com isso, cria-se uma nova interpretação que antes tinha outro significado, passando assim a conceber o uso como forma de regularização da língua. Esta pode ser entendida como um instrumento utilizado para um determinado contexto. Ao grupo de palavras de um mesmo idioma dá-se o nome de léxico, essas palavras reinventam seus usos e sentidos a cada surgimento de novos vocábulos, partindo do pressuposto de não há dominação do léxico de uma determinada língua, portanto, está em constante transformação.

Encontra-se em Figueiredo, Gomes (apud Traugott, 2011) a seguinte explicação sobre este processo:

> entendo gramaticalização como a mudança pela qual itens e construções lexicais vêm em certos contextos linguísticos servir a funções gramaticais, ou itens gramaticais desenvolvem novas funções...” (FIGUEIREDO-GOMES, 2011, p.301-302).

De acordo com as inúmeras mudanças ocorridas em nossa língua, uma palavra pode-se gramaticalizar e alguns fatores podem contribuir para que isso ocorra. A necessidade que o falante apresenta em sua comunicação para que outras formas comunicativas possam satisfazê-lo faz com que este falante deixe as estruturas velhas e busque novos meios para interagir.

A comunicação seria, portanto, um fato de força para as mudanças linguísticas, mas não esquecendo, que o contexto social e a perspectiva histórica contribuem para essas mudanças. A língua se adapta a cada contexto histórico, faz emergir o aspecto da mudança, fenômeno bastante relevante quando se tratada gramaticalização. Este, certamente, é um dos aspectos mais controversos desse fenômeno. Para muitos autores, as mudanças verificadas ao longo dos processos de gramaticalização não tendem a ocorrer de forma abrupta. Diversamente, a mudança ocorrida de um determinado período para outro pode levar séculos e isso não necessariamente significa a extinção da forma mais antiga. Ao menos por algum tempo, tanto a forma anterior, a mais antiga, quanto a mais inovadora permanecem na língua em competição.

A gramaticalização, para alguns autores, pode ser um padrão a ser seguido, como formas gramaticais vão surgir e como serão utilizadas através do estudo das línguas, e ainda, sendo observada de maneira diacrônica ou sincrônica. Para o Funcionalismo não se pode fazer uma distinção acerca dos pontos de vista sincrônicos e diacrônicos de acordo com as mudanças ocorridas na língua. Isso significa dizer que a gramática não pode seguir um modelo específico, deve-se adaptar às mudanças que vêm ocorrendo no discurso, se adaptando-se às novas formas utilizadas frequentemente nos atos comunicativos. É notável que o falante utiliza-se da gramática para desenvolver sua linguagem, mas ao mesmo tempo, gera palavras com novo valor comunicativo – uma forma gramaticalizada com um novo significado.

Nota-se que no decorrer das mudanças linguísticas tudo que parece casual torna-se uso frequente, cuja repetição acaba por fixar a ocorrência que entra na gramática. Quando uma palavra é usada de forma contínua, tende-se a fortalecer a sua nova forma de colocação, tornando desprezível sua construção anterior, dando assim, início a uma nova fase.

> As áreas que estão em permanente fluxo tendem a caminhar em uma direção de maior regularidade, eliminando possíveis anomalias. Em toda gramática, existem regularidades mais ou menos rígidas, ao mesmo tempo em que se encontram áreas que são maleáveis, que permitem aos usuários a liberdade de construção de seu discurso. Por motivos diversos, certos padrões novos tornam-se estabelecidos, dando origem a uma remodelação da gramática. (VOTRE, 2004 apud GONÇALVES 2013, p.3).

Nesta direção, pode-se dizer que a gramaticalização e a lexicalização são consideradas fenômenos mais específicos de uma grande área dos estudos linguístico, que é a mudança linguística.

Ambos são processos gradativos que apresentam características similares no que diz respeito à direção natural da mudança que difundem, porém se diferenciam quanto ao propósito e ao resultado do lexical e gramatical. As heterogeneidades parecem despertar interesse quanto à forma empregada do sufixo-inho, que até então, seus significados eram passados despercebidos.

Bechara (2001, p. 127-140) apud Carvalho (2017, p.695)

> tratando do “plural dos nomes com o sufixo -(z) inho” apresenta várias regras de uso do mesmo e exemplos diversos, dentre eles, cita: “os barzinhos da Lapa”, mas esquece de acrescentar que alguns desses “barzinhos da Lapa” cabem dezenas de pessoas, e, portanto, não são pequenos. Podemos ressaltar que o sufixo-inho apresenta outras características em relação à questão do tamanho, tratadas nas gramáticas normativas. Portanto, esse sufixo-inho foi perdendo o conceito ao longo do tempo de denominador de tamanho, agora serve para indicar um traço lexical, por isso, as formas utilizadas nas palavras, com significado de diminuição, perde-se a este conceito, deixando de ser um sufixo flexional, e sim, lexical, em função disso está em processo de ser gramaticalizado.

A lexicalização é o processo ao fim do qual um sintagma se lexicaliza, transformando-se em unidade lexical autônoma ou ganhando outros contornos semânticos. Toma-se como exemplo, o sufixo-inho; pode-se dizer que ele está em processo de lexicalização, pois além de apresentar várias significações, tornou-se em muitos momentos um item lexical sob a forma de unidade autônoma, por exemplo, quando se vê o registro na modalidade oral de “Ela é uma pessoa cheia de *inhos*”. Estes movimentos tornam aumentada a gramaticalidade deste item lexical, que na contemporaneidade adquiriu propriedades gramaticais por fazer parte do uso da linguagem dos falantes, entrando também no léxico. A forma -inho deixa de caracterizar apenas tamanho para, dependendo do vocábulo que acompanhar e da natureza do uso, assumir outras formas significativas dentro do léxico. O fenômeno da lexicalização amplia, assim, o conceito de gramaticalização.

Contudo, pode-se dizer que as palavras aqui observadas no emprego do sufixo-inho, podem ser vistas como uma ocorrência efetuada de acordo com o contexto pragmático. Por exemplo, quando se fala “cafezinho”, devemos imaginar a oposição

dessa palavra, pensamos então que não existe “cafezão”, logo “cafezinho” não é designado como diminutivo e sim uma expressão muito utilizada pelos falantes, tornando aceitável em nossa língua.

COMPORTAMENTO SEMÂNTICO DO SUFIXO -INHO

Em meio a inumeráveis distinções semânticas do sufixo-inho, esta pesquisa precisou delimitar seu *corpus* de análise – o que, neste caso, se deu aleatoriamente, conforme foram surgindo no decorrer do estudo; restringindo-se ao tratamento de 10 delas, como se verá doravante.

Destaca-se que entre as 10 citadas somente uma faz referência a tamanho, o que justifica a relevância deste trabalho em mostrar o comportamento semântico além do que é tratado na gramática normativa.

Para Carvalho (2017, p. 692-693):

> [...] atualmente, com o sufixo *-inho*, uma vez que algumas palavras com esse tipo de sufixo não apresentam a noção prevista para as mesmas, tal fato permite acreditar que as mesmas estão inteiramente lexicalizadas, e por isso não trazem mais o sentido diminutivo.

A história da língua portuguesa mostra que o léxico português tem se valido/utilizado principalmente mecanismos de derivação para atribuir novos significados às palavras, visto que a derivação é uma das formas mais ricas de construção de novas palavras e de novos significados e também mais recorrente no português brasileiro. Em palavras formadas com o sufixo-inho, observa-se, por exemplo,casos de neologismo semântico; e para que se compreenda melhor este fenômeno, traçam-se, a seguir, os conceitos de semântica, neologismo e por fim o de neologismo semântico.

Segundo Ferrarezi (2008, p.21) “Semântica é a ciência que estuda as manifestações linguísticas do significado.” Este conceito nos traz uma divisão entre sentido e significado, em que o significado é a palavra em seu valor literal, e sentido é a manifestação linguística do significado, como a palavra se comporta em determinados contextos e situações. À quase todas as palavras podem ser atribuídos diversos sentidos e algumas delas tiveram estes sentidos cristalizados, ou seja, não mudam sua forma, mas deixam de desempenhar um sentido que originalmente lhe era atribuído para exercerem um novo, que é o caso de algumas palavras construídas com o sufixo-inho.

> O acervo lexical de todas as línguas vivas se renova.Enquanto algumas palavras deixam de ser utilizadas e tornam-se arcaicas, uma grande quantidade de unidades léxicas é criada pelos falantes de uma comunidade linguística (ALVES,1994, p.5).

Toda língua é dinâmica, por isso está sujeita a constantes mudanças linguísticas, tanto morfológicas (de forma), quanto semânticas (de significado), a partir disto, ocorrem dois processos chamados neologia e neologismo. Neologia segundo Alves (1994, p.5) é um processo de criação do léxico, de modificação na forma da palavra e Neologismo consiste na palavra nova, com um novo sentido que resultou deste processo.

Ao abordar o termo neologia, Jean Dubois apud Azeredo (2001, p.165) denomina "neologia de sentido que consiste em empregar um significante que já existe na língua considerada, conferindo-lhe um conteúdo que ele não tinha até então". Isto acontece porque o Brasil possui uma grande diversidade de falantes e, portanto, de falares: o brasileiro desenvolve uma criatividade lexical e a todo instante pode-se deparar com vários neologismos no português brasileiro.

Toda palavra empregada exerce um significado, porém em contextos diversificados seu sentido pode mudar sem que se altere sua estrutura morfológica, chamamos a isto de "neologismo semântico". Esse fenômeno mostra a língua em funcionamento e o poder que os falantes têm de dar outros sentidos às palavras.

De acordo com Alves, (1994, p.62):

> Muitos neologismos são criados na língua portuguesa sem que se opere nenhuma mudança formal em unidades léxicas já existentes. Qualquer transformação semântica manifestada num item lexical ocasiona a criação de um novo elemento. Trata-se, nesses casos, do neologismo semântico ou conceptual.

Faz-se a seguir a categorização das distintas noções semânticas do sufixo em estudo, observando-se algumas ocorrências:

3.1 Noções de afetividade

Frequentemente, usam-se palavras formadas com sufixo-inho para expressar carinho, amor, afeição, como em palavras paizinho, mãezinha, amorzinho. Nestes casos passam a ter uma ideia de afetividade.

O poema "Carneirinhos" de Cecília Meireles possibilita uma leitura bastante interessante sobre o comportamento semântico do sufixo-inho, ao observarmos este valor semântico.

No poema, as ocorrências em destaque “Todos querem ser pastores, /quando encontram, de manhã, /os carneirinhos, /enroladinhos como carretéis de lã [...]”, pode-se observar que as palavras grifadas oferecem uma leitura contemplando o valor de afetividade, pois se constata a presença de substantivo e adjetivo no diminutivo como em “os carneirinhos enroladinhos”, que reforça ainda mais esta noção, não atribuindo outra leitura além do valor sentimental. Nota-se que neste fragmento as palavras com sufixo-inho não foram usadas para dar ideia de tamanho, e sim para expressar a afetividade.

3.2 Noção de avaliação

A noção de avaliação está próxima a da comparação como em “nem Jesus agradou a todos, imagina àquele rapazinho”. Repare-se que há uma comparação entre as palavras “Jesus” e “rapazinho”, que na verdade quer dizer “nem Jesus agradou a todos, imagina um rapaz como aquele”; o diminutivo nesta sentença serve apenas para um contexto de avaliação.

3.3 Noção de movimento

Vocábulos constituídos de sufixo –inho podem oferecer ao texto a noção de movimento; no entanto, isto significa que esta noção não está condicionada à palavra, mas à construção sentencial. Assim, a noção de movimento recai sobre o texto, podendo deixá-lo com ideia de rapidez ou lentidão, como por exemplo na estrutura “Ele foi à rua rapidinho, rapidinho, somente comprar pão”. Pode-se dizer que o sufixo- inho, nesta ocorrência, dá ao texto valor de movimento, de rapidez; em função, portanto, do ritmo que o sufixo confere à oração.

3.4 Noção de dimensão

Para que se entenda melhor esta noção, traça-se o conceito de dimensão encontrada no Dicionário Aurélio (2010, p. 237): “1 sentido em que se mede a extensão para avaliá-la; extensão.2.tamanho,volume”. A partir dos significados registrados pelo dicionarista, verifica-se que uma palavra empregada com o sufixo-inho com esta noção atrela-se à ideia de espaço, como se pode observar na estrutura “Amo viver nesse mundinho”. Ao analisar a sentença em questão, a palavra “mundinho” faz referência a um

determinado espaço ou extensão, podendo-se extrair, portanto do sufixo em estudo, o referido valor semântico.

3.5 Noção de intensidade

O sufixo-inho em alguns casos é usado para demonstrar intensidade de algo como, por exemplo, quando se diz “O céu está azulzinho hoje”, “A grama está verdinha” ou ainda “Ele acordou cedinho”. Nota-se que nestes casos seria o mesmo que dizer “O céu está muito azul hoje”, “A grama está muito verde” e “Ele acordou muito cedo”, dando valor de intensidade às sentenças. É importante destacar que na maioria das vezes esse valor semântico atribuído ao sufixo-inho ocorre em adjetivos.

3.6 Noção de pejoratividade/crítica

Sem dúvidas esta noção é a mais recorrente na fala dos brasileiros. Pejorativo significa depreciar, rebaixar ou insultar. O sufixo-inho nestas construções é empregado com essa finalidade, como veremos no exemplo a seguir: “Você vai namorar aquela mulherzinha?” ou “Esse doutorzinho não acertou um diagnóstico sequer”. Observa-se que ao empregar o diminutivo na primeira situação a única intenção é rebaixar/criticar; a palavra “mulherzinha” na verdade significa “mulher sem caráter ou sem moral” e não contempla o sentido de tamanho, mulher pequena. E na segunda sentença, o diminutivo revela desprezo, antipatia pelo doutor que seria incapaz de acertar um diagnóstico.

3.7 Noção de quantidade

Em muitos casos o sufixo-inho designa noção de quantidade, estando assim inteiramente lexicalizada, isso se deu pelo uso frequente entre os falantes que por conta disso se cristalizou em nossa língua.

Ao analisar a sentença “O cafezinho quente temperava o humor de todas as manhãs”, a palavra cafezinho foi usada com noção de quantidade, pois ninguém chega a algum lugar e pede um cafezão, é apenas uma palavra presente no vocabulário dos falantes, não tem relação nenhuma com tamanho e sim com quantidade.

3.8 Noção de tamanho

Esta é a noção mais descrita pelas gramáticas normativas em que se encontra o sufixo-inho como morfema flexional, designando ideia de tamanho, como ocorre em “Nesta cidadezinha as pessoas são muito corretas”, e em “ O mercadinho do Luiz ficou pronto”. Pode-se perceber que nas sentenças o sufixo-inho foi usado apenas para designar tamanho no primeiro exemplo e o mesmo que dizer “Nesta cidade pequena...”; e no segundo temos a ideia de que o mercado é um lugar pequeno e não um supermercado.

3.9 Noção de tempo

Em alguns casos o sufixo-inho pode também designar ideia de tempo. Observa-se a seguir em “Meu pai chegava bem de tardezinha” ou “Vou pegar para você agorinha” nestes exemplos as palavras designam ideia de tempo. As palavras “tardezinha” e “agorinha” designam momento em que ocorre o fenômeno.

3.10 Noção de tipologia

Em alguns casos no português, pode-se perceber que o sufixo-inho é usado para designar tipo. Um exemplo bastante comum e enraizado na cultura linguística é a palavra “amarelinha”. “Sempre brinquei de amarelinha”. Amarelinha é apenas um jogo infantil, então por tanto só pode ser atribuído a esta palavra uma noção de tipologia e que não faz referência nenhuma a tamanho.

Observa-se que ao apresentar várias noções semânticas atribuídas ao sufixo-inho é preciso ter em mente que na atualidade o referido sufixo já não denota somente a noção de tamanho, mas também vários outros sentidos que podem variar de acordo com a intencionalidade dos falantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se constatar que a linguagem é o principal meio de comunicação de uma sociedade; e que é por meio dela que se verifica a intencionalidade linguística do falante ao promover a comunicação e a finalidade do que quer expressar, observou-se com essa pesquisa que não apenas os vocábulos formais, mas também as formas presas como alguns sufixos, em língua portuguesa, modificaram-se para sustentar os anseios

comunicativos do falante. É o que ocorreu com o sufixo-inho (objeto deste estudo), que, apesar de representar diminutivo, de acordo com a tradição gramatical, nem sempre denota tamanho em português contemporâneo, adquirindo também papel de unidade lexical autônoma.

A comunicação tem urgência que algumas palavras/expressões apresentem outras significações para o estabelecimento pleno na troca de informação. Nesse sentido, o sufixo-inho passou por alguns processos semânticos como, por exemplo, o neologismo semântico para designar sentidos que não somente o de diminuição, que lhe fora atribuído originalmente. Ainda nesta direção, os processos de gramaticalização e de lexicalização foram responsáveis pela não cristalização de apenas uma característica semântica do sufixo em questão: aquele previsto pela tradição, que configura a este morfema somente a condição significadora de tamanho.

O sufixo-inho tem se modificado, constantemente devido ao fato de a língua ser um processo mutável; assim, este morfema tomou a forma de uma unidade lexical gramaticalizada, com um novo significado ou como foi verificado, com outras noções semânticas.

REFERÊNCIAS

ALVES, Ieda Maria. **Neologismo**: criação lexical. São Paulo: Ática, 1994.

AZEREDO, José Carlos de. **Língua Portuguesa em Debate- Conhecimento e Ensino.** São Paulo: Vozes, 2001.

CARVALHO, Wandercy de. **-inho e as relações semântico-funcionais**: a estilística na sala de aula. 2017. Disponível em:http://www.filologia.org.br/xvi_cnlf/tomo_1/063.pdf. Acesso em: 01 de setembro de 2017.

CHAVES, Anna Libia Araújo. **O sufixo-inho nas entrevistas do VALPB**: uma análise semântico-discursiva. 78p. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa-PB, 2006.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de gramática histórica.** Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

FiGUEIREDO-GOMES, João Bosco. Os mecanismos de gramaticalização de expressão *é que,* p.299-315. In: ------; OLIVEIRA, Rosileide Rosa Freire de; ARAÚJO, Silvano Pereira de. **Práticas linguageira, literatura e ensino**. Mossoró- RN: Vern, 2011.

GONÇALVES, Alcione**. ESTUDO DO PROCESSO DE GRAMATICALIZAÇÃO DO VERBO IR: UMA ANÁLISE DIACRÔNICA.** 2013. Disponível em: http://www.ufjf.br/praticasdelinguagem/files/2014/01/323-%E2%80%93-343-Estudo-do-processo-de-gramaticaliza%C3%A7%C3%A3o-do-verbo-ir-uma-an%C3%A1lise-diacr%C3%B4nica.pdf. Acesso em: 13 de setembro de 2017.

GOMES, João Bosco Figueredo/ OLIVEIRA, Risoleide Rosa Freire de/ ARAÚJO, Silvano Pereira de. **Práticas Linguageiras: Literatura e ensino.** Mossoró, RN: Edições UERN, 2011.

JUNIOR, Celso Ferrarezi. **Semântica para a educação básica.** São Paulo: Parábola, 2008.

LIMA, Danilo Mota. **Os sufixos de grau e a polissemia sufixal**: análise dos sufixos --ão e -inho no texto publicitário. 2012. Disponível em: http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao19/artigosic/artigo_ic_005.pdf. Acesso em: 11 de setembro de 2017.

OLIVEIRA, Carla Maria. **Gradação de afetividade nos formativos –inho (A) e -Zinho (A) a partir dos estudos de gramaticalização.** 2017. Disponível em: http://www.revistaicarahy.uff.br/revista/html/numeros/2/dlingua/Carla_Maria_de_Oliveira.pd

f. Acesso em: 03 de maio de 2017.

6. LETRAS:

OS POSSEIROS: UMA LITERATURA DE ENGAJAMENTO SOCIAL DOS ANOS 50.

Thayone Aparecida da Silva Soares[109]
Ana Lúcia Lima Costa Schmidt[110]

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar a temática regionalista da escritora miracemense Maria Alice Barroso em parâmetros gerais na obra *Os posseiros* (1955). Sendo este o primeiro romance da autora com temática rural, publicado em uma época de constantes rupturas e mudanças no cenário brasileiro, recebeu elogios de importantes nomes da literatura, como Jorge Amado, e rendeu à autora uma publicação na antiga União Soviética com 600 mil exemplares. Durante a análise será realizado um levantamento das partes da obra em que se identifica o regionalismo brasileiro, a fim de apontar a influência do contexto histórico no romance barrosiano e como a autora se

[109]Graduanda em Letras pelo Centro Universitário São José de Itaperuna (UNIFSJ). Contato: thayonesoares05@gmail.com

[110]Doutora em Ciências da Literatura, área de concentração em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Contato: dr.analucialima@gmail.com

impõe socialmente perante as questões de luta relacionadas à posse de terras. O trabalho será de cunho bibliográfico e como aporte teórico, mencionaremos os trabalhos de Martins (1981), Amado (1943) e Moniz (1977).

PALAVRAS-CHAVE: Posseiros. Regionalismo. Maria Alice Barroso. Posse de terras. Romance Barrosiano

ABSTRACT
The present article aims to analyze the regionalist theme of Maria Alice Barroso's writer in general parameters in the work “Os posseiros” (1955). This being the author's first rural-themed novel published at a time of constant ruptures and changes in the Brazilian scene, she received praise from important names in literature, such as Jorge Amado, and it gave the author a publication in the former Soviet Union with 600,000 copies. During the analysis it will be made a survey of the parts of the work in which Brazilian regionalism is identified, in order to point out the influence of the historical context on the Barrosian novel and how the author imposes herself socially on the issues of struggle related to land tenure. The work will be bibliographical and as a theoretical contribution, we will mention the works of Martins (1981), Amado (1943) and Moniz (1977).

KEY-WORDS: Posseiros. Regionalism. Maria Alice Barroso. Land tenure. Barrosian Novel.

INTRODUÇÃO

Maria Alice Giudice Barroso Soares foi uma jornalista e escritora que durante sua trajetória profissional ganhou dois Prêmios Esso de Jornalismo, teve notoriedade no Brasil e no exterior com seus livros e ganhou, também, dois renomados prêmios literários: o Walmap e o Jabuti. Entretanto, sua produção literária não foi bem difundida no meio acadêmico e, por essa razão, são poucas as produções científicas que engrandecem o nome e o trabalho da autora. Surgiu daí a motivação inicial desta pesquisa, já que não considerar a grandiosidade das obras de Maria Alice pode significar uma grande perda literária.

Para contextualizar os leitores desse presente estudo, Maria Alice Barroso, na verdade, nasceu no Rio de Janeiro e mudou-se para Miracema, uma cidade do interior do Rio, quando ainda era bem pequena. Dessa forma, passou a considerar Miracema sua cidade natal e trouxe esse espaço para suas obras como chão ficcional, criando o “Ciclo Parada de Deus”, em que as obras tratam sempre dos mesmos personagens e do mesmo ambiente. Faleceu em 12 de outubro de 2012, na cidade mineira de Juiz de Fora, aos 86 anos, em consequência de um infarto fulminante.

O presente artigo tem como objetivo analisar como a autora Maria Alice Barroso tratou a temática da posse de terras no livro *Os Posseiros*, a fim de identificar marcas regionalistas em sua obra e evidenciar como o contexto histórico da época influenciou essa grande escritora a desenvolver esse romance. Apesar de não fazer parte do "Ciclo Parada de Deus", essa obra merece ser destacada entre as produções literárias da autora por ter sido grande alvo de elogios por parte de grandes nomes da literatura brasileira, como Jorge Amado, e por ter rendido uma publicação na antiga União Soviética com 200 mil exemplares.

Pode-se dizer que não é comum que autores iniciem suas produções literárias com temáticas densas como a luta pela posse de terras, mas foi exatamente isso que Maria Alice fez ao publicar, em 1955, *Os Posseiros*, obra que, apesar de ter sido escrita há 62 anos não perdeu sua atualidade ao lidar com problemas que ainda existem no cenário nacional.

A grande inspiração da autora para escrever a obra, segundo o site Tabloid Digital[111], veio de um conflito que a mesma presenciou entre posseiros e grileiros nos arredores da cidade de Governador Valadares, em Minas Gerais. A partir dessa motivação, desenvolveu-se um enredo que conta a história de personagens como Zé Severino, Orlanda, Antônio e outros.

Um país onde há sessenta e um milhões de hectares de terras agricultáveis, sendo que a maior parte delas compõe-se de latifundiários que, na maioria dos casos, são improdutivos, causou e ainda causa conflitos pela posse de terras em várias regiões do país e assim pode-se dizer que Serra Alta, nome da uma região fictícia onde é narrada a história, pode ser qualquer parte do território nacional, o que demonstra o quanto é alarmante e amplo esse problema na sociedade brasileira. Com uma escrita fácil e realista, Maria Alice trata desse tema emblemático de forma leve e interessante.

O presente artigo será dividido em duas seções, sendo a primeira delas composta por uma breve apresentação do enredo da obra com uma análise acerca de como Maria Alice Barroso aborda o tema "luta pela posse de terras" no romance *Os Posseiros*. Essa primeira seção é acompanhada de uma subseção que tem o intuito de observar a forma como a autora utilizava da voz dos personagens do romance para demonstrar sua opinião

[111]Disponível em: http://www.millarch.org/artigo/maria-alice-conta-o-drama-dos-posseiros. Acesso em 28 ago. 2017.

sobre a problemática da posse de terras. Já na segunda seção, buscou-se verificar como o contexto histórico da época influenciou a temática regionalista barrosiana.

A TEMÁTICA SOCIAL DOS *POSSEIROS*

Apesar de ter sido ousada ao iniciar sua produção literária com uma obra de temática densa e emblemática, Maria Alice não foi à primeira escritora a dar ênfase à luta pela posse de terras voltada para uma literatura rural. Jorge Amado, nos anos 30, já explorava em seus romances essa temática e talvez seja por isso que este mandou um exemplar da obra para a antiga União Soviética com ótimas recomendações, para que fosse traduzido e publicado em uma edição de seiscentos mil exemplares. Obras com essa abordagem tratam de temas atuais, e podem ser vistas como reportagens que retratam um drama social que caracterizam, na maioria das vezes, o contexto histórico da época.

Ao longo das trezentas páginas de *Os Posseiros,* a autora narra uma série de acontecimentos envolvendo camponeses, policiais e coronéis em uma luta cravada para a conquista da posse das terras do Vale de Serra Alta. Assim como podemos perceber na epígrafe da obra - “Temos muita queixa do governo do Estado. Ele parece só proteger os fortes e os que têm dinheiro” (BATISTA in BARROSO, 1955) -, o livro traz duras críticas ao modelo de governo da época. Essa epígrafe é o relato de um posseiro e já nos demonstra a perspectiva crítica reflexiva que Maria Alice defende ao escrever uma história em que irá tratar sobre temas como a desigualdade social, posse de terras, violência e o coronelismo. Um fator de relevância, que precisa ser destacado, é a forma como a autora utiliza da descrição minuciosa dos acontecimentos, das pessoas e dos lugares, ao longo da narrativa, com intuito de aproximar o leitor da obra, fazendo com que este se sinta parte da história, das lutas, das vitórias e dos sofrimentos das personagens.

Para um melhor entendimento da pesquisa, é necessário que se faça uma breve elucidação do enredo de *Os Posseiros.* Dessa forma, pode-se dizer que a história começa com a trajetória de Zé Severino e sua família saindo da Bahia com o intuito de mudar de vida. Assim como muitos que migravam nessas mesmas condições, a família não contava com os recursos básicos para viver como emprego, comida e, muito menos, lugar para morar. Por essa razão, ao chegarem a Serra Alta resolvem se instalar no lugar chamado “Vale”, que até então, não interessava a ninguém, pois os fazendeiros achavam que

aquela terra não era produtiva. Na obra, Maria Alice caracteriza bem a alienação e a inocência dos posseiros em relação ao Governo, o que é perceptível nesse trecho: “E assim, sem nunca ser incomodado por representante desse fantástico Governo, ele pôde plantar a sua roça, melhorar sua casinha, e depois, comprar umas cabeças de gado” (BARROSO, 1955, p. 25).

Por acreditarem que ali poderiam firmar moradia, aos poucos, cada vez mais pessoas foram chegando nas mesmas condições de Severino e se juntaram a ele no “Vale”. Logo, isso começou a incomodar os fazendeiros da região que ainda não haviam se atentado para a grande produtividade daquelas terras que agora eram cultivadas pelos posseiros. Desse modo, assim que os posseiros se instalaram com suas famílias e começaram a cultivar a terra, acreditando em uma estabilidade que não existia, chega à cidade um “estrangeiro”, D. Francisco, milionário que é amigo do governador e que demonstra interesse em comprar o “Vale” e expulsar os posseiros de lá, contando, para isso, com a ajuda do prefeito Genuíno e do delegado Frazão. Porém, a primeira tentativa é falha como podemos perceber com a fala de Zé Severino neste trecho: “[...] nós não temos nada com a venda do Governo, isso é que é. O Governo nunca foi dono dessas terra, o Governo nunca teve calo na mão” (BARROSO,1955, p. 69), que deixa claro a insatisfação e resistência dos posseiros em ceder as terras para o novo dono.

Ao notarem a pressão que o governo estava impondo para que deixassem as terras, os posseiros decidem se unir e se organizar com a esperança de lutar. Eles não iriam aceitar, facilmente, perder uma terra que cultivaram durante anos para um estrangeiro que acabou de chegar e que jamais compreenderia o esforço e a dedicação que tiveram. Entretanto, eles sabiam que eram poucos em quantidade e simples analfabetos, sem nenhum tipo de poder ou influência. Mesmo com essas limitações, é visível que a união entre eles os faziam mais fortes, já que em muitos trechos do livro isso é enfatizado: “A lição do proveito que pode resultar do trabalho em conjunto nunca mais será esquecida por eles. Para o clã que habitava o Vale, a terra pertence a todos que lá estão.” (BARROSO, 1955, p. 87).

O sentimento de igualdade é o que une os posseiros, que dividiam tudo entre si. Para eles todos eram donos da terra já que todos cultivavam-na e, por essa razão, todos eram iguais. Com a chegada de Antônio ao Vale, que aos poucos foi se tornando braço direito de Severino na luta contra a polícia, a resistência ganhava mais um impulso.

Quando Zé Severino, primeiro morador do vale e líder até então, fora assassinado, Antônio assumiu a liderança e fez nascer naquele povo um ideal de justiça. Quando a polícia cercou os posseiros, a grande luta estava por vir e Antônio e seus homens estavam preparados:

> [...] só tenho a dizer que confio em ocês tanto quanto confio no futuro de paz e de igualdade que conquistaremos com nosso triunfo sobre as forças dessa polícia de assassinos, que recebem dinheiro para assassinar seus irmãos camponeses (BARROSO, 1955 p. 177).

O cerco em volta do vale durou cinco dias e durante esses dias os posseiros lutaram bravamente contra a tropa da polícia da forma que podiam para permanecerem em suas terras de direito, porém a polícia acabou dominando o local e levando consigo os poucos posseiros que sobreviveram. O livro demonstra claramente a forma desumana como os policiais tratavam os posseiros no trecho em que afirma que eles eram levados "escoltados pela polícia, apertados dentro de um caminhão, igual a gado que vai para o matadouro" (BARROSO, 1955, p. 250).

A luta pela liberdade dos posseiros do "Vale de Serra Alta" se espalhou em pouco tempo e tomou conta dos corações de diversos camponeses, como podemos observar no trecho: "a luta não acabou, minha gente, a terra é de quem trabalha nela" (BARROSO, 1955, p. 251), palavras de Orlanda, filha de Zé Severino, que com sua morte e a morte de Antônio se tornou a líder da resistência e acabou sendo levada para a prisão.

É interessante notar a evolução da personagem Orlanda ao decorrer da obra. No início da história era uma garota tímida e de poucas palavras, porém inteligente e que tinha uma enorme vontade de aprender. Quando Antônio se muda para o "Vale", Orlanda logo se apaixona e se encanta pelo modo como Antônio compreende as coisas e isso faz com que ela queira ser, assim como ele, uma líder. E é o que acontece quando Antônio morre no último dia de resistência: a partir daí, o povo passa a considerar Orlanda sua nova líder e heroína. Pode-se perceber que Orlanda deve ser considerada uma personagem redonda ou modelada que, segundo Soares, "podem ter seu retrato e sua atuação complementados e modificados no decorrer da narrativa" (SOARES, 1948, p.48).

Quando o "Vale" foi tomado pelos policiais, os posseiros que sobreviveram foram presos e suas famílias foram levadas para o Bairro Proletário, que nasceu por inspiração de Genuíno, que havia prometido não deixar as famílias desabrigadas após a Resistência. Entretanto, essa atitude de Genuíno só demonstra a crítica de Maria Alice aos políticos que

agiam por interesse, já que isso era apenas uma maneira de engrandecer sua carreira política e com isso ele poderia ser eleito nas próximas campanhas.

Houve um segundo movimento que ocorreu quando Orlanda foi levada para a capital por conta das histórias heroicas que contava na cadeia para as pessoas:

> E o povo se juntava frente à cadeia, inquieto, um zunzum febril correndo pela pracinha, carregado pelo vento da tarde sombria e vindo alcançar os ouvidos dos posseiros, que se punham a bater com os punhos nas paredes, indiferentes às ameaças dos soldados. A pergunta era sempre a mesma e passava de boca em boca, sem encontrar resposta. Ninguém sabia onde tinha ido parar a filha de Zé Severino. Foi quando surgiu um bagageiro da estação dizendo que vira dois soldados do Batalhão de Rodrigo arrastando uma moça para o trem naquela madrugada (BARROSO, 1955, p. 256).

Então, alguns operários, camponeses e até comerciantes de todas as cores e crenças foram até a delegacia da cidade a procura de respostas sobre o paradeiro de Orlanda. O povo invadiu e libertou os presos que lá se encontravam. Esse movimento, diferente do outro, não queria luta ou qualquer tipo de violência, aquelas pessoas só queriam saber para onde Orlanda tinha sido levada.

Após ter controlado o segundo movimento, o prefeito da cidade sabia que o que havia começado pelos posseiros no “Vale” havia dado ao povo um novo motivo para lutar e essa luta não acabaria tão cedo. E ele não estava errado. A luta dos posseiros de Serra Alta foi o início de uma luta travada até hoje por muitos camponeses sem-terra que reivindicam seus direitos. A terra pode significar riqueza e pobreza, vida ou morte, poder político e posição social ou marginalização. Para cada pessoa ou grupo social, ela tem um valor e para os posseiros, a terra era mãe (GANCHO, 1995, p.5).

A LUTA PELA POSSE DA TERRA NA PERSPECTIVA BARROSIANA

Essa subseção tem como finalidade identificar a forma como a autora Maria Alice Barroso utilizou o romance *Os Posseiros* para expor seu ponto de vista sobre essa temática perante a sociedade. Dessa forma, a autora utilizou, para compor seu romance, personagens fortes, decididas, humildes e verdadeiras, aproximando o leitor da narrativa. Outro fator relevante nesse romance é a forma como a autora utiliza a voz das personagens para expressar seu ponto de vista. Em alguns trechos do livro isso é

perceptível, como em: “Maldito seja o preto que não pegar da garrucha para vingar as injustiças que seus pais sofreram!” (BARROSO, 1955. p. 137).

Essa pequena fala vem retratar a revolta do negro Mané Deodoro com a morte de Zé Severino, líder e primeiro morador do Vale da Serra Alta, que foi morto pelos policiais em uma luta cravada pela posse das terras do Vale. É importante ressaltar a forma como a autora utilizou uma linguagem forte e simples não só para expressar a raiva e ao mesmo tempo a frustração daquele camponês, mas também para expor suas críticas contra as injustiças que a todo o momento esses latifundiários sofriam.

Em outro trecho, a autora utiliza mais uma vez da “voz” do personagem chamado de mulato velho para transmitir sua reflexão perante essa problemática:

> [...] fiquei sabendo que as terras do Vale não valia nada, ali só crescia alma penada e assombração, ninguém queria comprar o Vale. Veio Zé Severino, levantou seu barraco, trabalhou como um burro, ele e a mulher, e depois os outro vieram chegando, até o Vale ficar como é hoje, terra boa pra danar. Agora os branco diz que é dono do Vale e bota a polícia pra tocar os negros de lá. Eu pergunto ao sinhô moço: vosmecê, no lugar de Severino, saía de lá sem brigar? (BARROSO, 1955.p. 113)

O questionamento feito pela personagem ao final da fala nos leva a refletir sobre como reagir perante uma situação como aquela. E mais uma vez é comprovado a forma como Maria Alice aproxima o leitor de sua obra de forma reflexiva, fazendo com que os leitores se interessem pelo tema.

Maria Alice utiliza de maneira brilhante a personagem Antônio, um revolucionário que chega ao Vale com intuito de ajudar os posseiros, para persuadir os leitores do romance. Dentre as falas dessa personagem, a autora utiliza da oratória expondo para aqueles camponeses a necessidade da luta pelos direitos e pela igualdade social.

> [...] da tirania exercida pelos coronéis, que não permitem que vossos filhos aprendam a ler e a escrever. Para que continuem a trabalhar como escravos, como animais, para enriquecê-los. Ocês, mães têm não somente o direito mas também o dever de lutar por um mundo melhor para vossos filhos, mundo esse em que eles são os únicos donos d terra que hoje cultivam, trabalhando de sol a sol. (BARROSO,1955. p. 215)

Nesse trecho é perceptível a forma como a autora utilizou a voz da personagem Antônio para expressar sua crítica sobre a desigualdade social presente na obra, e que ainda se encontra no cenário brasileiro como um problema persistente.

Percebe-se durante toda a narrativa a grande ligação que os posseiros tem com suas terras e com seus companheiros e isso é claramente abordado pela autora em diversos trechos.

> Esta é a riqueza maior que os rudes e simples posseiros do Vale da Serra Alta receberam junto com sua posse: a amizade pura e leal que os mantém unidos, colaborando uns com os outros, sem invejas, sem rixas. Parece que a terra dividida ensinou a eles como serem úteis á coletividade, sem experimentarem depois o sentimento de que foram lesados em seu patrimônio. A lição do proveito que pode resultar do trabalho em conjunto nunca mais será esquecida por eles. Para o clã que habitava o Vale, a terra pertence a todos que lá estão. (BARROSO, 1955. p. 87)

Evidenciamos com essa análise, que nesses trechos e em outros vários trechos presentes no romance *Os Posseiros* de Maria Alice Barroso podemos encontrar, implicitamente, através da voz de seus personagens, a influência barrosiana dando forma a literatura engajada sobre a luta pela posse das terras.

Na próxima seção desse artigo encontra-se uma análise sobre como o contexto histórico brasileiro influenciou a literatura barrosiana em sua temática regionalista.

O CONTEXTO HISTÓRICO COMO INFLUÊNCIA NA TEMÁTICA REGIONALISTA BARROSIANA

Analisou-se na seção anterior a obra *Os Posseiros* de Maria Alice Barroso e como ela aborda em sua escrita, de forma clara e objetiva, seu ponto de vista social perante esse problema que o país vem enfrentando ao longo de tantos anos.

Dessa forma, torna-se relevante para essa análise lembrar que a história do Brasil, foi, e ainda é, repleta de conflitos e revoltas populares relacionadas à má distribuição de terras. A Guerra de Canudos (1896-1897), no Nordeste, a Guerra do Contestado (1912-1916), no Sul, e a Guerra do Formoso (1950-1960), no Centro-Oeste, são alguns dos mais importantes episódios dessa luta que tiveram grandes influências na literatura da época.

De especial relevância nessa narrativa é a organização das Ligas Camponesas, movimento surgido em meados da década de 1950, na luta de arrendatários pelo acesso a terra no interior de Pernambuco (MARTINS, 1981). O crescimento das Ligas - só no Nordeste, elas tinham em torno de 70 mil associados - e a politização de seu discurso -

que passou a incluir temas como a reforma agrária, o desenvolvimento e a questão regional -, foram considerados por muitos analistas como um dos detonadores do movimento que levou ao golpe militar do Brasil em 1964.

> Apesar das variações da política governamental em torno do tema da questão agrária, ao longo destes dezoito anos de governo militar, esse ponto doutrinário permanece intocado: a despolitização da questão fundiária e a exclusão política do campesinato das decisões sobre seus próprios interesses, que redundam basicamente em restrições severas à cidadania dos trabalhadores do campo. Além, é claro, do banimento da atividade política do campo, sobretudo a dos grupos populares e de oposição que assumem como corretas as lutas camponesas (MARTINS, 1982).

O Brasil é um dos países com maior concentração de terras do mundo. A concentração e improdutividade possuem raízes históricas, que remontam ao início da ocupação portuguesa neste território no século 16. As lutas contra a exploração e, por conseguinte, contra a expulsão e contra a exclusão, marcam a história dos trabalhadores. A resistência camponesa se manifesta em diversas ações e, nessa marcha, participa do processo de transformação da sociedade. Tendo isso em vista é perceptível a influência e importância de uma literatura que aborde temas sociais e que dizem respeito a problemas enfrentados por milhares de pessoas que, por muitos anos, foram deixadas a mercê de um governo que não luta por seus direitos.

Ao estudar literatura na escola aprende-se que existe uma ordem cronológica de acontecimentos e que a literatura se divide de acordo com as características de cada época. É claro que se tratando de escrita e de pessoas, podemos dizer que nenhuma dessas épocas tem, somente, as características designadas de sua própria escola literária, até porque não tem como estabelecer uma forma delimitada pelo tempo que cada autor deve escrever. As criatividades artísticas dos escritores variam de acordo com o passar dos anos.

> A Literatura, como toda arte, é uma transfiguração do real, é a realidade recriada através do espírito do artista e retransmitida através da língua para as formas, que são os gêneros, e com os quais ela toma corpo e nova realidade. Passa, então, a viver outra vida, autônoma, independente do autor e da experiência de realidade de onde proveio (COUTINHO, 1978. p. 9-10).

Pode-se perceber com essas informações que os movimentos literários são, portanto, uma maneira de sistematizar didaticamente os estudos literários.

> Os elementos biográficos, necessários a melhor compreensão do autor e sua época literária, como outros dados cronológicos, são da maior importância para bem situar nestas obras e autores e indicar-lhe a ação e reação. A história literária deve, porém, antes ser a história daqueles do que destes. Obras e não livros, movimentos e manifestações literárias sérias e consequentes, e não modas e rodas literárias, eiva das literaturas contemporâneas, são, a meu ver, o imediato objetivo da história da literatura [...] (VERISSIMO, 1963, p. 11).

Um importante momento literário que contribuiu, sem dúvidas, para a formação da temática regionalista e que não pode ser chamado de “escola literária” é a Geração de 30 que teve seu apogeu na segunda fase do Modernismo e por conta disso, não pode ser considerada uma escola literária por pertencer ao Modernismo. O período modernista brasileiro teve início com a Semana de Arte Moderna de 1922, e evolui em três gerações, marcadas pela busca de inovações capazes de amadurecer a literatura nacional. Mais do que tudo, através dessa "fala", os autores dessa época consolidaram em suas obras questões sociais bastante graves: a desigualdade social, a vida cruel dos retirantes, os resquícios de escravidão, o coronelismo, apoiado na posse das terras – todos os problemas sociopolíticos que se sobreporiam ao lado pitoresco das várias regiões retratadas. Na opinião de Schwartz:

> [...] produz-se na linguagem [dessas] novas poéticas um verdadeiro processo de carnavalização, com a subversão dos gêneros, com formas coloquiais da linguagem em convivência com o poético tradicional, ao mesmo tempo em que se introduz a manifestação do cotidiano na arte. (ibidem, 1983:53)

O Modernismo buscou com sua literatura relatar o cotidiano brasileiro fortalecendo o nacionalismo, caracterizando com isso, a terra e o povo brasileiro. Em tal dialética, o gosto pela expressão local e pelo sentimento do exótico pode ser visto como elemento impulsionador do surgimento de uma tendência – o regionalismo – que se manifesta em vários momentos da história do sistema literário nacional.

> Não há dúvida que uma literatura, sobretudo uma literatura nascente, deve principalmente alimentar-se dos assuntos que lhe oferece a sua região; mas não estabeleçamos doutrinas tão absolutas que a empobreçam. O que se deve exigir do escritor, antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda

> quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço (MACHADO DE ASSIS apud CANDIDO, 1975, p. 368-369).

Percebe-se que história e literatura andam de mãos dadas há muitos séculos com o intuito de aproximar o leitor, transformando acontecimentos reais em obras que os leitores se identifiquem com narrativa e com as personagens. Como já foi dito, Maria Alice se inspirou para escrever o romance *Os Posseiros* em uma situação vivenciada por ela mesma e a partir desse contexto fundamentou sua obra. Depois de analisar as tendências literárias da Geração de 30, pode-se dizer que na obra de Maria Alice existem características regionalistas que condizem com as que permeiam as obras desse momento literário.

Essa temática regionalista tem uma vasta tradição de quase 150 anos na literatura brasileira. Surgiu em meados do século XIX nas obras de autores como José de Alencar e Bernardo Guimarães, porém, o regionalismo brasileiro teve maior repercussão no século XX, como já foi mencionado, com a Geração de 30. Para um melhor entendimento, o regionalismo brasileiro é caracterizado como uma literatura que põe em foco uma determinada região do Brasil, visando retratá-la, de maneira mais superficial ou mais profunda, dependendo do autor.

> O regionalismo não é uma linguagem regional, que o inutilizaria, mas falar de problemas que estão mais próximos da pessoa que fala: a dor do homem, a alegria, as suas lutas e as belezas, etc. Não é claro, com a limitação de uma linguagem local, que utiliza a expressão universal e a transmissão objetiva do conteúdo humano do poema ou do romance. [...] Apenas com aquele interesse intrínseco do humano, na valorização do humano. O que limita o regionalismo não é o tema de interesse circunscrito, mas a linguagem, com seus perigos de fixação que lhe poderá inutilizar a universalidade. [...] O que interessa é o problema do homem. [...] O homem só é amplamente homem quando é regional. [...] O perigo do regionalismo para o poeta é também a limitação da linguagem, porque o conteúdo psicológico lá está indiretamente no seu conteúdo humano. E a poesia, em geral, não é realista, ou melhor, não permite tanto realismo como o romance. (NETO, 1958, p. 85 e 86).

O regionalismo em si, como foi dito acima, tem como foco o contexto histórico do homem, independentemente da localidade geográfica. Temos então, na obra *Os Posseiros* um romance regionalista que relata de forma atemporal e com clareza a luta pela igualdade, por direitos, os quais foram tirados de muitos camponeses que vivem da agricultura para sustentar suas famílias.

> O movimento de reivindicação e a onda surda da tomada de consciência de uma classe ecoaram de certo modo no domínio estético, e a massa começou a ser tomada como fator de arte, os escritores procurando opor à literatura e à mentalidade litorâneas a verdade, a poesia, o sentido humano da massa rural e proletária, esta um prolongamento urbano do pária sertanejo. Dentro da sua linha própria de desenvolvimento interno, o romance correu paralelo, interagindo com a evolução social, recebendo as repercussões (CANDIDO, 2004, p. 42).

Pode-se perceber com clareza essa característica regionalista atemporal no trecho:

> Primeiro brado de revolta dos pobres e dos negros daquela região contra o domínio dos ricos e dos brancos, história que estava gravada no coração de todos eles com letras de sangue e fogo. Agora outros brados ressoarão pelo campo afora, eles já sabem o Caminho, Orlanda saberá guiá-los tão bem quanto Antônio havia guiado os posseiros durante a Resistência. Era como se eles tivessem sido cegos desde o nascimento e, de repente, a passassem a enxergar, fazendo luz onde outrora só existiam trevas (BARROSO, 1955, p.299).

É perceptível, nesse trecho, a forma atemporal na qual a autora se refere ao local dando a entender que esse lugar pode ser qualquer outra região do Brasil. Outro traço importante que podemos perceber é a forma alienada que os posseiros viviam antes da resistência e como ela fez com que eles mudassem suas perspectivas de vida.

Assim como Maria Alice retrata e critica em sua obra sobre questões sociais problemáticas, alguns autores renomados da literatura brasileira também voltaram o seu foco narrativo para os problemas sociais que o país enfrentava naquela época. Jorge Amado foi um deles, autor Modernista, tendência literária na qual os autores denunciavam, criticavam e até davam sugestões através de seus romances sobre como os problemas sociais que o país enfrentava naquela época poderiam ser solucionados. A literatura de Jorge Amado se volta para os problemas sociais e uma de suas principais obras foi *Terras do Sem Fim* na qual a narrativa conta a história de dois poderosos proprietários rurais disputam a última reserva de mata nativa onde estão as terras mais férteis para o plantio de cacau.

Apesar de Maria Alice ter publicado *Os Posseiros* em 1955 pode-se perceber que seu romance aborda uma problemática que o Brasil perpetua durante todos esses anos, entre eles a desigualdade, o coronelismo, analfabetismo, que muitos camponeses enfrentam em seu cotidiano. A autora se expressa e critica informalmente esses

problemas sociais fazendo através de sua literatura um relato da vivencia de sua localidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do artigo foi analisado o *corpus* da obra de Maria Alice Barroso Os Posseiros publicado em 1955 com o intuito de identificar características da temática literária regionalista á fim de evidenciar como o contexto histórico influenciou esta brilhante escritora a desenvolver esse romance com uma linguagem sucinta e clara, objetiva e direta buscando relatar um fato que a própria presenciou e que foi de extrema importância para a escolha desse tema. Ao longo da narrativa é interessante resaltar que a autora utilizou seus personagens para criticar, implicitamente, o governo que desvaloriza o trabalhador rural, que não tem condições financeiras para se instalarem em localidades melhores e acabam se tornando latifundiários. É necessário resaltar que essa problemática ainda persiste no cenário brasileiro nos dias atuais e isso nos mostra como uma literatura dos anos 50 consegue abordar um tema social tão importante se tornando assim uma obra de engajamento social com o intuito de proporcionar ao leitor que a lê um momento de reflexão.

REFERÊNCIAS

Blog. Disponível em: http://blogdotadeumiracema.blogspot.com.br/2016/10/maria-alice-barroso-uma-miracemense-de.html. Acessado em 21 de jul. de 2017.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 5. ed. Belo Horizonte; São Paulo: Itatiaia: Ed. da Universidade de São Paulo, 1975. v. 2.

COUTINHO, Afrânio. **Notas de teoria literária**. 2ª ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978. p. 9-10.

GANCHO, Cândida Vilares. et. al. **A posse da terra**. 3.ed. São Paulo, Editora Ática., 1995 (Série Princípios).

MARTINS, José de Souza. **O Cativeiro da Terra**. 2.ed. São Paulo, LECH-Livraria Editora Ciências Humanas., 1981.

MARTINS, J. S. 1981. **Os camponeses e a política no Brasil**. Petrópolis: Vozes. _____. 1982. **"O Estado e a militarização da questão agrária na Amazônia"**

Disponível em: http://www.millarch.org/artigo/maria-alice-conta-o-drama-dos-posseiros

Scielo. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64452012000200004 Acessado em 20 de jul. de 2017.

Sua Pesquisa. Disponível em: http://www.suapesquisa.com/literaturabrasil/. Acessado em 22 de jul. de 2017.

Schwartz, J. (1983). **Vanguarda e cosmopolitismo na década de 20**: Oliverio Girondo e Oswald de Andrade. São Paulo: Perspectiva.

VERISSIMO, Jose (1963). Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=sSAqBgAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT2&dq=literatura+brasileira&ots=uxCmaRfSYz&sig=63GnBotgHMnRpqczoR5340jtE_k#v=onepage&q=literatura%20brasileira&f=false.

Acessado em 22 de jul. de 2017.

7. LETRAS:

O DETETIVE NO ROMANCE POLICIAL BARROSIANO: CARACTERÍSTICAS TRADICIONAIS OU CONTEMPORÂNEAS?

Adriene Ferreira de Mello[112]
Ana Lúcia Lima Costa Schmidt[113]

RESUMO

A partir da análise da narrativa policial da escritora miracemense Maria Alice Barroso, realizada em um trabalho anterior intitulado *"Desafiando Van Dine e Todorov: o romance policial barrosiano em questão"*[114], o presente estudo propõe uma nova investigação acerca do mesmo tema, mas com um enfoque diferente e particular: o detetive. Partindo do pressuposto de que o detetive é uma das figuras de sustentação para a narrativa policial tradicional, objetiva-se encontrar nos exemplares *O Globo da Morte: Divino das Flores* e *Quem Matou Pacífico?*, características marcantes do detetive da obra barrosiana, alcunhado como Tônico Arzão, a fim de verificar se o mesmo pode ser considerado um detetive de caráter tradicional ou contemporâneo. Nesse contexto, também será realizado um levantamento sobre algumas características literárias da narrativa que podem a classificar como tradicional ou contemporânea, já que essas peculiaridades podem ser cruciais para delimitar o cunho do detetive em questão. Para isso, usaremos como parâmetro a pesquisa de Massi (2009a; 2009b; 2009c; 2011) com o intuito de explicitar as

[112]Graduanda em Letras/Literatura pelo Centro Universitário São José de Itaperuna (UNIFSJ). E-mail: adriene.mello@hotmail.com;
[113]Doutora em Ciência da Literatura, área de concentração em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Contato: dr.analucialima@gmail.com;
[114]*Revista Philologus,* Ano 22, N° 66 Supl.: *Anais da XI JNLFLP.* Rio de Janeiro: CiFEFiL, set./dez.2016. <http://www.filologia.org.br/rph/ANO22/66supl/0053.pdf>

mudanças na narrativa policial de um século para outro e, consequentemente, as mudanças na postura do detetive neste tipo de gênero literário. Como aporte teórico, encontram-se os trabalhos de Reimão (1983), Fiorin (1990) e Soares (2007).

PALAVRAS-CHAVE: narrativa policial; detetive; Maria Alice Barroso; romance barrosiano.

ABSTRACT

From the analysis of the police narrative of Maria Alice Barroso, an earlier work entitled "Challenging Van Dine and Todorov: the Barrosian police novel in question", this study proposes a new research on the same subject, but With a different and particular focus: the detective. Based on the assumption that the detective is one of the support figures for a traditional police narrative, the objective is to find in the copies: "O Globo da Morte: Divino das Flores" and “Quem Matou Pacífico?", Barrosiana, nicknamed Tônico Arzão, in order to verify if it can be seen as a detective of traditional or contemporary character. In this context, In this context, a survey will also be carried out on some literary characteristics of the narrative that can classify it as traditional or contemporary, since these peculiarities may be crucial to delimit the stamp of the detective in question. Therefore, we will use as a parameter Massi's research (2009a; 2009b; 2009c; 2011) in order to make explicit the changes in the police narrative from one century to another and, consequently, the changes in the detective's posture in this type of literary genre.. As a theoretical contribution, works by Reimão (1983), Fiorin (1990) and Soares (2007).

KEY-WORDS: police narrative; detective; Maria Alice Barroso; romance barrosiano.

INTRODUÇÃO

Em razão de seu sucesso constante, desde sua criação com Edgar Allan Poe no século XIX, a narrativa policial é considerada um gênero da literatura de massa que conquista leitores de diferentes idades e estilos. Muito desse sucesso se deu pela estruturação da narrativa, que mesmo nas versões mais contemporâneas, segue uma linearidade nos acontecimentos, sendo o delito, a investigação e a descoberta do criminoso os seus elementos típicos, e um núcleo de personagens composto por criminoso, vítima e detetive, esse último merecendo papel destaque pela sua postura ao longo de toda a narrativa, podendo ser considerado a base de estruturação de um típico romance policial tradicional.

A escritora P. D. James, um dos grandes nomes do gênero e autora do livro “Segredos do Romance Policial”, afirmou em uma entrevista para o site da editora “Três

Estrelas"[115] que o gênero policial é "especialmente popular em momentos de inquietação, ansiedade e incerteza, quando a sociedade se depara com problemas que nada é capaz de resolver e aliviar".

Entre os motivos que fomentam o sucesso do gênero policial está a presença de uma personagem como o detetive. Tal intérprete representa um papel crucial na narrativa de enigma, tendo em vista que

> a partir de um crime, de autoria desconhecida, o *sujeito do fazer detetive* é acionado a desvendar o mistério acerca da identidade do *sujeito do fazer criminoso,* que deverá ser entregue, posteriormente, a um destinador-julgador, que irá puni-lo da forma merecida. É o suspense acerca da identidade do criminoso que mantém o leitor preso à narrativa do início ao fim e que é responsável pelo desenrolar da trama. Isso porque, as ações do detetive determinam as ações do criminoso, ou seja, enquanto não tiver a identidade revelada, o criminoso pode continuar fazendo novas vítimas (MASSI, 2009b, p.80, grifos da autora).

Por conta desta importância creditada ao detetive na construção desse tipo de gênero literário, o presente trabalho pretende analisar um importante detetive da narrativa policial brasileira, mais especificamente da narrativa ambientada no interior do Brasil, o incomparável Tonico Arzão. Criado por Maria Alice Barroso para compor o "Ciclo Parada de Deus", a personagem confere à narrativa nuances singulares quando existe uma investigação a ser realizada e possui características de um verdadeiro Sherlock Holmes, capaz de desvendar mistérios e decifrar enigmas a partir de seu instinto investigativo.

Na primeira seção desse estudo, será realizado um contraste entre os detetives das obras tradicionais e os detetives das obras contemporâneas, para que na segunda seção possa ser realizada uma análise a partir da figura de Tonico Arzão em duas obras do ciclo barrosiano: *O Globo da Morte: Divino das Flores* e *Quem Matou Pacífico?*, verificando quais de suas características dedutivas podem ser consideradas tradicionais e contemporâneas.

O DETETIVE TRADICIONAL *VERSUS* O CONTEMPORÂNEO

Etimologicamente, o significado da palavra tradicional está ligado àquilo que é clássico, e o que é clássico pode ser considerado algo exemplar, excelente e modelar, ou

[115]Disponível em: http://www.editora3estrelas.folha.uol.com.br/catalogo/livros/7156-segredos-do-romance-policial.shtml. Acesso em 26 ago. 2017.

seja, o que é clássico segue um padrão. Em contra partida, o contemporâneo está em conexão com aquilo que é inovador e que traz novas perspectivas a determinadas circunstâncias, desvinculando-se de padrões impostos e acrescentando novas vertentes ao que já existia.

Nessa perspectiva, para que algo se torne tradicional/clássico é preciso que sua fórmula seja um exemplo que deu certo. Ao observarmos a narrativa policial de Edgar Allan Poe, que é a primeira do gênero literário policial, nota-se que diversas narrativas seguiram a fórmula e, consequentemente, também conquistaram sucesso, como as obras de Agatha Christie e de Conan Doyle. Mas a qual é o segredo para este sucesso? A partir de uma análise dos elementos estruturais da narrativa policial, pode-se observar que a linearidade *crime – investigação – descoberta* é uma fórmula modelar e responsável por consagrar a narrativa policial.

Então, por que inovar se esta forma que deu certo já é clássica e, consequentemente, modelar? Em todos os tempos, as expressões artísticas acompanham as mudanças sociais, permanecendo imutáveis apenas por um determinado período, mas se adaptando quando é necessário trazer novas perspectivas, passando a ser consideradas contemporâneas. Com a literatura não é diferente e foi isso que aconteceu com a narrativa policial: ela não abandonou o modelo clássico, mas adaptou características inovadoras a sua forma, acompanhando a mudança da sociedade.

Quais são, então, as diferenças entre a narrativa policial tradicional e a contemporânea? Na verdade, não há tantas diferenças estruturais, o que as difere, segundo Massi (2009b) é o fato de que na narrativa tradicional

> a investigação se concentrava em um só sujeito, o detetive, admirado justamente por ser o único do enredo capaz de encontrar o culpado pelo crime [e a narrativa contemporânea] constitui uma ampliação do gênero, não por ter apresentado características inéditas, [...] mas sim por explorá-las e incorporá-las ao núcleo do romance policial (MASSI, 2009b).

Dessa forma, o que muda na narrativa policial não é a forma de se estruturar o texto e sim as situações da sociedade moderna que são acrescentadas ao que já era tradicional. Percebe-se nesses tipos de texto uma descentralização da figura do detetive que dá lugar a outras temáticas dentro do enredo.

Na narrativa policial contemporânea, também podem ser encontradas, além da incorporação de novas temáticas, outras características que não eram vistas nas

narrativas policiais tradicionais, como a investigação realizada por mais de uma pessoa, todas com a mesma importância do detetive. Nas narrativas tradicionais, os "pseudodetetives" ajudavam o detetive na investigação, mas não podiam ser considerados capazes de desvendar por si só o mistério. Já nas narrativas modernas, uma dupla pode se unir para desvendar o enigma ou, até mesmo, uma equipe especializada nesse tipo de investigação pode ser contratada para encontrar o criminoso. Ao contrário do tradicional, nessa forma de narrativa todos desempenham os mesmos papéis sem destaque principal para uma figura apenas.

No contexto em que foram escritas as primeiras narrativas policiais, o detetive era acionado por conta da desconfiança da sociedade acerca da competência da polícia para encontrar os criminosos e foi por esse motivo que seu papel tornou-se determinante na solução do enigma. Somente o detetive era dotado de habilidades lógicas suficientes para encontrar a solução do mistério e, por isso, agia sozinho e contava apenas com a sua esperteza. Já nas narrativas contemporâneas, é muito improvável que especialistas em desvendar crimes - os detetives - sejam acionados e ajam sem interferência da polícia em casos de mistério. Isso se deve ao fato de que a sociedade se transformou e os crimes, consequentemente, são realizados por criminosos mais perigosos, o que dificulta que uma pessoa comum e sem armamentos suficientes descubra a identidade desse assassino.

De fato, segundo Massi (2009c), a presença da polícia e de investigadores ligados a essa instituição é uma importante característica presente nas obras policiais contemporâneas, mas é evidente que há exceções e também se verificam pessoas comuns e que não fazem parte da área policial realizando o trabalho dos detetives. Não é mais uma característica do detetive contemporâneo ser um sujeito dotado de uma inteligência diferenciada e que possui métodos de investigação bem definidas como nas narrativas tradicionais.

> Nos romances policiais contemporâneos os detetives são pessoas comuns porque não possuem nenhum talento ou dom para a investigação. Quebrando todas as regras dos detetives tradicionais, os contemporâneos não precisam trabalhar como detetives profissionais, podem integrar a polícia, podem ser amadores e realizar a primeira investigação e, ainda, podem ser representados por mulheres. Assim, eles integram o rol das personagens secundárias e só saem dele quando conseguem encontrar o criminoso e, com isso, provar sua competência (MASSI, 2009c, p.366).

A partir das diferenças entre o detetive tradicional e o contemporâneo observadas nessa seção, passaremos ao objetivo principal da pesquisa que é caracterizar o personagem Tonico Arzão, grande detetive barrosiano, a fim de verificar se seu papel dentro da narrativa pode ser considerado fundamental, assim como as narrativas tradicionais, ou de segundo plano, como nas obras policiais contemporâneas.

TONICO ARZÃO: O DETETIVE BARROSIANO

Contando com sua genialidade como escritora, Maria Alice Barroso escreveu livros de temáticas variadas para contar inúmeras histórias. Criando um ciclo de obras, denominado “Parada de Deus”, em que há uma relação metafórica entre as personagens e compartilham o mesmo chão ficcional, trouxe para os leitores uma visão diferente do interior, demonstrando que não é só nos grandes centros que acontecem grandes mistérios. É preciso salientar que, apesar de possuir uma produção literária rica em temas e assuntos que podem ser bem exploradas pelo meio acadêmico, as obras de Maria Alice não possuem grandes pesquisas a nível científico, o que acarreta uma grande perda literária. Desse modo, a pesquisa também teve como objetivo engrandecer o nome desta autora que merece um maior reconhecimento por seus grandes feitos literários.

Nessa perspectiva, como já foi mencionado, escolhemos para compor o *corpus* de análise dessa pesquisa duas obras do ciclo barrosiano - *Quem Matou Pacífico?* e *O Globo da Morte: Divino das Flores* – por considerar que são as duas obras que se encaixam no gênero romance policial. Em ambas, notamos a presença da personagem que consideramos o objeto de análise desse trabalho: o detetive Tonico Arzão.

Entretanto, antes de chegarmos à análise do perfil investigativo de Tonico Arzão, é preciso contextualizar as obras que compõem nosso *corpus*. *Quem Matou Pacífico?* é a segunda obra do ciclo “Parada de Deus”, publicada em 1969. Já o livro *O Globo da Morte: Divino das Flores* foi publicado em 1985 e é o terceiro do ciclo. Apesar de cronologicamente *Quem Matou Pacífico?* ter sido publicado antes de *O Globo da Morte: Divino das Flores*, há uma diferença no tempo da narrativa, tendo em vista que na primeira observamos Tonico Arzão já estabilizado como delegado de Parada de Deus e na segunda verificamos ainda um simples fazendeiro e morador dessa cidade, mas já com um faro investigativo bem apurado. O que ocasiona essa inversão de tempos nas duas narrativas é o fato de o livro *O Globo da Morte: Divino das Flores* ter seu discurso construído por meio de *flashback* – “discurso construído a partir do desfecho da diegese (*in ultimas res*), tendo, portanto, [...] que recuar no tempo” (SOARES, 2007, p. 50) - em

que Zepino, o narrador homodiegético, ou seja, testemunha ocular dos fatos que divide a história com outras personagens, relembra fatos acontecidos no passado, quando ele ainda era criança.

Em um breve perfil, Tonico Arzão, “com seu jeito manhoso e sua perna de pau”, é caracterizado no prefácio do livro *Quem Matou Pacífico?* como um “exemplo de homem comum cujo raciocínio se alimenta na experiência que tem da vida e do convívio com os habitantes de Parada de Deus, e na sua capacidade de observar fatos, reuni-los e interpretá-los” (POLVORA in BARROSO, 1978, p.6). Velho fazendeiro viúvo, que ficou “perneta” quando ainda era jovem e que, pelas características físicas jamais poderia ser considerado apto a desvendar mistérios e cuidar de casos tão difíceis como os que ele cuidava quando assumiu o cargo de delegado de Parada de Deus, Tonico surpreende os leitores de Maria Alice Barroso e pode ser comparado aos grandes detetives dos consagrados romances policiais estrangeiros.

Começaremos essa análise pela postura da personagem no livro *O Globo da Morte: Divino das Flores*, já que, de acordo com o tempo da narrativa, esse é o primeiro momento que Tonico age como uma espécie de detetive.

O GLOBO DA MORTE: DIVINO DAS FLORES

O enredo da obra mencionada não tem um foco específico no crime a ser desvendado e também não possui a linearidade *crime – investigação – desfecho* desde o início, o que provoca uma descentralização da figura do detetive, uma característica do romance policial contemporâneo. A história aborda outras temáticas como as características do distrito de Parada de Deus – Divino das Flores – e a personalidade dos inimigos da família Moura Alves, que são os personagens principais de todas as obras do ciclo barrosiano, os Caetano de Mello. A temática circense e a vida em torno do picadeiro também são bem exploradas e contadas a partir da ótica de Zepino, que relembra o tempo que viveu no “Gran Circo Palagreco”. Somente a partir da metade do livro é que o suspense toma conta de toda a história e surge, então, um crime a ser desvendado: a morte do motociclista Hans.

Muitos suspeitos são apontados e a morte misteriosa é assunto em toda a região. Como líder político e uma espécie de autoridade máxima do local, quem assume as investigações para desvendar o enigma é Zé Pedro Caetano de Mello. No entanto, este não possui um bom faro para investigações desse nível e é a partir daí que ele conta com

a ajuda de um grande aliado: Tonico Arzão. Destaca-se o trecho da narrativa em que esse é admitido como “auxiliar” da investigação por Zé Pedro Caetano de Mello:

> Nesse momento foi como se alguém tivesse cutucado Zé Pedro para que ele prestasse atenção em alguma coisa que até aquela hora lhe tinha passado despercebida.
> -Vai contando, seu Tonico – ele falou [...] – vai contando, por favor. Tou muito interessado nessa história.
> Tonico Arzão levantou o chapéu de lebre, passou a mão pelos cabelos cortados à escovinha e ajeitou, novamente, o chapéu na cabeça. A partir daquele momento ele ficara seguro de que iria participar das investigações sobre a morte do motociclista do Grão-Circo Parlagrecco (BARROSO, 1981, p.209).

Em um primeiro momento, Tonico quer apenas servir de testemunha no caso e contar o que viu na noite do crime, mas seu dom para investigar pistas e excluir suspeitos o faz ir muito além de apenas um “pseudodetetive” de Zé Pedro Caetano de Mello. Ele toma as rédeas da investigação e contando com suas habilidades dedutivas, descobre, enfim, quem matou o motociclista.

Nesta história há características de Tonico que precisam ser enfatizadas para que se possa definir se este é um detetive de estilo tradicional ou contemporâneo. A primeira delas é notar que, de fato, suas características físicas não foram limitações para que ele alcançasse seu objetivo que era descobrir quem era o criminoso da história. Como ele, podemos citar os detetives de Agatha Christie, Miss Marple – uma velhinha simpática - e Hercule Poirot - baixinho, gordo e desarmado -, que também não possuíam caraterísticas físicas favoráveis para serem detetives, mas nunca perderam o foco investigativo.

Uma das características nessa obra que aproximam Tonico Arzão do estilo contemporâneo é o fato de este ser uma pessoa comum, que nunca havia participado de uma investigação anteriormente, mas que se vê como o único capaz de descobrir o enigma. Ele não é como Sherlock Holmes ou Hercule Poirot, que já eram detetives consagrados e agiam por amor à investigação. Ele se deixa levar pela sua curiosidade e mesmo sendo um amador, demonstra que é capaz de ir muito além de pequenos crimes e investigações. O detetive amador é caracterizado por Massi (2009c) como “os sujeitos detetives que tem outra profissão [...] e que jamais haviam realizado uma investigação criminal”, eles podem se confundir com os detetives de ocasião, a diferença é que os amadores ainda poderão aparecer em outras obras, como é o caso do detetive barrosiano, e os de ocasião, não.

Entretanto, a maior característica contemporânea presente na narrativa é a temática principal girando em torno do misticismo. Nos romances policiais contemporâneos, por conta da descentralização da figura do detetive, algumas temáticas

inovadoras e que tomam conta de todo o enredo podem ser encontradas, o que não é possível encontrar nos romances tradicionais. No caso de *O Globo da Morte: Divino das Flores* o crime está ligado diretamente à temática do misticismo, já que

> nessas obras o foco do enredo não recai sobre a busca da identidade do criminoso, realizada pelo detetive, mas sim sobre alguma questão ligada ao misticismo ou à religiosidade envolvendo a vítima assassinada. O mote do enredo é o misticismo que governa a vida das personagens e, consequentemente, a narrativa, e que serve de causa ou é a consequência do crime. Este parece ser uma estratégia para vender o misticismo, a ideologia predominante no enredo (MASSI, 2009a).

Na obra em análise, notamos a presença dessa temática com a personagem do mágico Zeno que usava seus dons de hipnose para manipular as pessoas, a fim de que elas fizessem aquilo que ele desejava fazer com suas próprias mãos. Foi exatamente isso que Zeno fez com Seu Frates, o farmacêutico da cidade, usando-o para assassinar o motociclista Hans em seu lugar. Dessa forma, ele se vingou do amante de sua mulher, mas não sujou suas próprias mãos e por isso não poderia ser condenado a crime nenhum. É exatamente isso que provoca uma mudança na estrutura do romance policial: o crime é descoberto, mas suas razões são inexplicáveis a partir do que é considerado racional. Massi (2009a, p.3), sobre isso, considera que “ao contrário do que deveria ocorrer, os criminosos são descobertos, mas, em geral, não são entregues a um destinador-julgador, que deveria puni-los”. Em *O Globo da Morte: Divino das Flores*, Tonico Arzão cumpre sua missão de detetive com êxito e chega à conclusão de que o responsável pelo assassinato de Hans é o mágico Zeno, mas, também, consegue perceber que esse assim faz utilizando a inocência de Seu Frates, que havia sido hipnotizado e, então, resolve contar o que descobriu apenas para Zé Pedro Caetano de Mello, de modo que os dois decidem guardar o segredo sobre a identidade do assassino, já que quem seria punido não é o verdadeiro criminoso. Essa é uma grande alteração da forma tradicional do romance policial, tendo em vista que a investigação termina e o segredo permanece por uma questão de “justiça” que tem como mote a temática mística que envolve a narrativa.

QUEM MATOU PACÍFICO?

Como já foi mencionado, *Quem Matou Pacífico?* é o segundo livro do ciclo “Parada de Deus”. Entretanto, em comparação com o tempo da narrativa na obra *O Globo da Morte: Divino das Flores*, os acontecimentos dessa obra são cronologicamente posteriores. O livro é o primeiro romance policial brasileiro com narrativa ambientada no meio rural e segundo Hélio Pólvora, no prefácio da terceira edição do romance,

> *Quem Matou Pacífico?* é o nosso primeiro romance policial de fôlego, conforme a tradição do gênero, fiel a regras antigas e novas, preso a uma estesia que, partindo do *quem,* do *como* e do *porquê*, envolve o leitor numa tensão crescente. [...] Maria Alice quebra algumas tradições do gênero segundo a concepção de Conan Doyle e van Dine (POLVORA, *in* BARROSO, 1978, p. 8).

Em outro trabalho intitulado *Desafiando Van Dine e Todorov: o romance barrosiano em questão* (PEREIRA et al., 2016), as divergências da obra de Maria Alice para as regras postuladas por Van Dine e os demais teóricos que se enveredaram por esse assunto ganharam mais destaque e aprofundamento. Por essa razão, não nos prenderemos em enumerar essas diferenças e passaremos ao real objetivo que é analisar a postura da personagem Tonico Arzão como detetive policial da obra já mencionada no início da seção.

Se na própria capa do livro *Quem Matou Pacífico?* encontramos a especificação de gênero policial, não cabe a este trabalho, procurar comprovações que possam adequar ou não essa obra como pertencente a esse gênero. Em contraposição com a obra analisada na seção anterior, a narrativa em questão é um romance que segue algumas das principais regras postuladas para a construção de uma narrativa de enigma, como a sequência *crime – investigação – descoberta* e a presença do que julgamos ser o principal elemento deste tipo de gênero: o detetive, objeto essencial de nossa análise.

Nessa obra, Tonico Arzão encontra-se em um momento diferente do que aparece em *O Globo da Morte*. Ele não é mais apenas uma testemunha que ganha papel elementar na investigação ao lado de um “superior” e sim, o grande investigador, o detetive, o delegado e responsável por todos os crimes que aconteciam em Parada de Deus. Tonico adquiriu credibilidade, respeito e notoriedade por suas características dedutivas marcantes, o que motivou Oceano a nomeá-lo como delegado da cidade, cabendo até a ele mesmo, que até então era autoridade na cidade, obecê-lo se fosse necessário. A coragem e a postura sensata e firme de Tonico causam admiração aos leitores dos romances barrosianos. Para comprovarmos essas características da personagem, destacaremos agora o trecho em que ele afirma ter autonomia até mesmo sobre Oceano:

> Tou disposto a trabalhar com ocê, Oceano, [...] mas é preciso que uma coisa fique assentada entre nós, desde já – eu vou pra delegacia fazer justiça, cego e surdo pra qualquer pedido de amigo, seja seu ou seja meu. Aquele que for culpado, pode ser até meu filho ou meu irmão, não importa: a gente justiça seja quem for. (BARROSO, 1978, p.104).

A credibilidade e a autonomia de Tonico Arzão são características marcantes da postura de um detetive policial tradicional, já que “o núcleo central do romance [policial] é o trabalho do detetive no desvendamento do segredo” (FIORIN, 1990, p.94). A personagem que Maria Alice Barroso escolhe para o seu romance policial pode não possuir características físicas que a faz melhor que os outros detetives, mas as suas capacidades dedutivas contribuem para que seja aquilo que um verdadeiro detetive tradicional deve ser: “o único sujeito do enredo capaz de encontrar, sozinho, a identidade secreta do criminoso” (MASSI, 2009c, p. 2).

É importante notar que, nesta obra, Tonico Arzão cumpre seu papel de investigador sem a ajuda de um pseudodetetive, característica que distancia a narrativa das regras policiais tradicionais. A personagem analisada também faz parte do núcleo policial e por isso, segundo Massi (2009b, p.6), realiza a investigação “por obrigação profissional, pelo *dever-fazer”*. Contudo, nota-se também, que assim como os detetives tradicionais, Tonico carrega em si um amor pela investigação, que foi descoberto já com idade avançada, mas que não o impede de descobrir e punir o criminoso responsável pelo caso. Em alguns trechos do livro, Maria Alice dá voz a essa personagem para que ela mesma confirme e explique de onde vem toda essa habilidade investigativa.

> [...] não tem segredo coisa nenhuma: o que eu faço sempre é desconfiar de todas as pistas que tão mais claras que a luz do dia. Procuro sempre imaginar, além de tudo que ouvi e vi, o que pode tá atrás de cada depoimento, de cada confissão, de cada interrogatório: o que ficou no escuro, o que tá emaranhado, o que ninguém me disse e eu só imaginei – é por aí que eu vou, manso e quieto como um gato caminhando em telhado de vidro. Mesmo assim gosto muito de ouvir o falatório do povo: no meio de um milhão de mentiras, há sempre meia verdade que termina alumiando a gente (BARROSO, 1978, p.98).

Essa maneira de se autocaracterizar como alguém sem segredos investigativos é um marco que aproxima Tonico Arzão dos detetives modernos, tendo em vista que, como afirma Massi (2009a, p.2), “os detetives das obras contemporâneas não são mais sujeitos extraordinários, os únicos capazes de encontrar o culpado. A princípio, são pessoas comuns, não possuem uma “inteligência fora do normal””. A grande ideia dos autores dos romances policiais contemporâneos é mostrar que, na verdade, não existe ninguém incapaz de descobrir um enigma, mas é necessário usar de raciocínio lógico e muita perspicácia para coletar informações que ficam subentendidas a fim de se chegar ao verdadeiro culpado. Por essa razão é que são considerados “melhores” os detetives que possuem mais experiência em casos diversificados, pois já adquiriram essa capacidade

de perceber o que ninguém percebeu ou de desconfiar daquilo que ninguém desconfia. Por não possuírem as mesmas habilidades de articular pensamentos dedutivos como os dos detetives das narrativas policiais, os leitores, na maioria dos casos, tem dificuldade de encontrar o criminoso antes de chegar ao fim do livro, sendo essa a grande razão para a ansiedade dos mesmos por descobrir quem é o assassino da vez e, também, para o sucesso do gênero policial.

Ao analisar o perfil de Tonico Arzão, descrito por Maria Alice Barroso em suas obras, podemos associá-lo, nesta obra em questão, a outros dois grandes detetives tradicionais: Holmes e Poirot. Assim como esses dois célebres detetives, a personagem barrosiana também possui um importante atributo que contribui em grande escala para o sucesso do romance policial, as características de personalidade própria. Reimão (1988, p.79) afirma que os detetives não podem ser apenas “máquinas dedutivas”, mas precisam de características peculiares e que o aproximem do leitor para que fortaleçam a narrativa policial. Segunda ela, “essas características de personalidade própria [...] não se relacionam diretamente com suas atividades enquanto detetives; são "agregações" [...] que [...] são uma das causas da popularização e da grande aceitação destes (romances policiais)”. As características de personalidade própria que podem ser percebidas em Tonico Arzão são coisas simples, mas que o conferem um diferencial. Em muitos momentos, essa personagem se pega relembrando sua mulher, Isaltina, e com tom saudosista recorda momentos vividos ao seu lado. Também percebemos a coragem e a imposição de Tonico para defender seu ideais e aquilo que ele julga ser o certo, como no trecho em que enfrenta Oceano para recuperar os detidos que este roubara de sua delegacia:

> ocê tenha paciência, Oceano [...] mas eu, e ninguém mais, é responsável pela vida destes homens, e enquanto eles estiverem parando na delegacia, ninguém pode arrancar eles de lá. [...] Se ocê quer resolver este caso [...] desde já eu dou procê o cargo, a delegacia, os presos e tudo o mais: só não posso é ficar desmoralizado assim, como um joão-bobo qualquer, sem vontade nem lei. [...] por isso quero que ocê resolva agora, sem delonga: ou volto agorinha mesmo pra Parada, com os homens, e ainda delegado, ou vou embora e deixo eles aqui, e ocê fica com o cargo de delegado pra dar a quem ocê achar melhor (BARROSO, 1978, p.104).

Constata-se que a postura decidida de Tonico Arzão é a característica de personalidade própria de maior expressividade nesta personagem, o que pode ser considerado um traço de aproximação com os detetives dos romances policiais tradicionais. Todavia, segundo Reimão (1983, p.79), essas “agregações” já podem ser

consideradas evoluções quanto ao modelo de narrativa e de detetive policial estabelecido por Poe - primeiro autor a elaborar narrativas com enigma -, tendo em vista que este considerava o detetive como uma “máquina de raciocinar” e a narrativa como uma "luta cérebro a cérebro" e a partir dessas características peculiares à personalidade do detetive, temos um novo modelo de personagem que pode ser considerada humanizada e “através dessa *“humanização",* o detetive se torna mais próximo e, portanto, mais assimilável para o leitor”.

Por fim, uma última característica do detetive, inteligentemente, criado por Maria Alice precisa explicitada. Nesta obra em análise, a personagem declara em alguns momentos contar com uma ajuda espiritual para solucionar os casos mais dificultosos. Essa “ajuda” viria a partir de sonhos influenciados pelo espírito de Isaltina, sua falecida esposa, e pelo Cristo-Rei, objeto de devoção dos moradores de Parada de Deus. Destaca-se abaixo o trecho onde Maria Alice dá voz à personagem sobre esse assunto na narrativa:

> E nesse meu trabalho há uma coisa esquisita: quando o caso tá mais difícil, mais encrencado, parece que o Cristo-Rei me ajuda e a minha boa Isaltina, que Deus a tenha em bom lugar, ela também me auxilia: nessas horas acontece a coisa mais esquisita – eu durmo e sonho com a história toda – quando acordo, relembro tudo que sonhei: daí em diante o criminoso tá perdido porque quando começo a agir tou mais certo na trilha do bicho que cachorro perdigueiro quando fareja a caça (BARROSO, 1978, p.98).

Nota-se que essa maneira de explicitar a “ajuda” que o detetive recebe através de sonhos é uma característica que se difere das narrativas policiais tradicionais, tendo em vista que nestas o detetive jamais assumiria ser uma pessoa que precisa de alguma ajuda exterior.

Por fim, as considerações finais embasadas nessas duas seções de análise serão demonstradas e pretende-se, enfim, delimitar se o perfil do detetive barrosiano é tradicional ou contemporâneo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após todos os dados coletados na análise do *corpus,* algumas considerações precisam ser postuladas a fim de chegarmos ao objetivo principal da pesquisa: definir se o detetive barrosiano apresenta mais características tradicionais ou contemporâneas. Por ter sido realizada a partir de dois livros do “Ciclo Parada de Deus”, a análise pode trazer conclusões diferentes para cada obra, tendo em vista que a personagem apresenta posturas singulares em cada uma.

De acordo com a análise de *O Globo da Morte: Divino das Flores*, a personagem apresenta uma característica considerada tradicional e três contemporâneas. Já de acordo com *Quem Matou Pacífico?*, foram delimitadas três características tradicionais e três contemporâneas. É preciso salientar que a menor quantidade de características encontradas na primeira obra se deve ao fato de esta ter apenas o assassinato e a investigação como plano de fundo para o desenrolar das outras temáticas e, por essa razão, ela não é considerada, assim como a segunda obra, um romance policial típico.

Diante de todos os resultados encontrados na análise, pode-se afirmar que o detetive barrosiano é, na verdade, um detetive heterogêneo, tendo em vista que em sua postura há uma mescla de características tradicionais e contemporâneas. Maria Alice inovou ao criar essa personagem por trazer o clássico e o inovador em um só intérprete, isso mostra o quanto sua escrita pode ser considerada moderna e inteligente. Pode-se ainda salientar que o detetive barrosiano é um detetive em transição, ou seja, ele não abandona o que é pertinente a todo detetive tradicional, mas acrescenta nuances singulares à narrativa graças ao seu jeito moderno.

É importante destacar o quanto esta pesquisa é relevante para o engrandecimento da escritora ímpar e inventiva que foi Maria Alice Barroso. Essa autora pode ser considerada contemporânea por se identificar com o que afirma Massi: “esses autores apresentam uma liberdade de escrita, característica da modernidade, e traçam suas narrativas sem se preocupar em repetir um modelo fixo de estrutura e em respeitar os limites até então propostos ao gênero” (2011, p.22). Sem dúvidas, Tonico Arzão pode ser comparado aos grandes detetives das narrativas policiais, mas tem um estilo próprio que condiz com essa liberdade de escrita dos autores modernos e perceber essas marcas em uma obra brasileira, de uma escritora que ambientou suas narrativas no interior, é essencial para a valorização da literatura nacional.

Espera-se que, após essa pesquisa, os livros de Maria Alice possam penetrar cada vez mais no âmbito acadêmico, assim como pretendia a Editora Record na apresentação feita para a segunda edição de *O Globo da Morte: Divino das Flores*: “esta é uma obra que não ficará restrita às resenhas jornalísticas: ela ingressa com passo firme nas salas de aulas das Faculdades de Letras para ser discutida, interpretada e estudada por professores e estudantes de literatura”, tendo em vista que uma vasta e rica produção literária como a de Maria Alice Barroso merece ser valorizada.

REFERÊNCIAS

BARROSO, Maria Alice. **Quem Matou Pacífico?**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1978.

_____. **O Globo da Morte:** Divino das Flores. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1981.

FIORIN, José Luiz. Sobre a tipologia dos discursos. **Significação:** Revista Brasileira de Semiótica, São Paulo, n.8/9, p. 91-98, out. 1990.

MASSI, Fernanda. A configuração do romance do policial contemporâneo: uma abordagem semiótica. In: **Anais do SILEL**, v.1, Uberlândia: EDUFU, 2009.

_____. O detetive do romance policial contemporâneo. **Revista Pró Língua**, v.2, n.1, jan/jun. 2009.

_____. O detetive do romance policial: do tradicional ao contemporâneo. In: **Anais do SETA**, n.3, 2009.

_____. **O romance policial do século XXI:** manutenção, transgressão e inovação do gênero. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

PEREIRA, Abia Dias et al. Desafiando Van Dine e Todorov: o romance policial barrosiano em questão. Revista Philologus, v. 22, n.66. In: **Anais da XI JNLFLP**. Rio de Janeiro: CiFEFiL, set./dez.2016.

REIMÃO, Sandra Lúcia. **O que é romance policial?.** São Paulo: Brasiliense, 1983.

SOARES, Angélica. **Gêneros Literários.** 7ª ed. São Paulo: Ática, 2007, p. 45-51.

8. LETRAS:

DA ARTE LITERÁRIA À CINEMATOGRÁFICA: intertextualidade no mundo mágico de Harry Potter

Fernando Henrique Coelho [116]
Ana Lúcia Lima da Costa Schmidt[117]
Dulce Helena Pontes-Ribeiro[118]

[116]Graduando do Curso de Letras (Português/Inglês) do Centro Universitário São José de Itaperuna (Unifsj). Email: fernandohc1995@gmail.com.
[1172] Orientadora. Pós-Doutora em Cognição e Linguagem pela Universidade do Norte-Fluminense (Uenf). Doutora em Ciência da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (Ufrj). Mestre em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Juiz de Fora (Ufjf). Pós-Graduada em Planejamento Educacional pela UNIVERSO. Graduada em Letras pelo Unifsj. Professora em exercício do Ensino Médio do estado do Rio de Janeiro. Coordenadora e Docente da Educação Superior no curso de Letras do Centro Educacional São José, ministrando atualmente aulas de Língua e Cultura Latinas. E-mail:analucia@fsj.edu.br.
[118]Co-Orientadora. Doutora em Letras (Língua Portuguesa) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj). Mestre em Educação pela Universidade Católica de Petrópolis (UCP). Pós-Graduação em Língua Portuguesa pela Faculdade de Filosofia de Itaperuna (Fafita). Graduada em Letras pela Fafita. Revisora da revista acadêmica *Transformar*, do Centro Educacional São José. Professora aposentada do estado do Rio

RESUMO: Este estudo tem como objetivo, comparar as duas formas de arte em que a obra *Harry Potter e a Ordem da Fênix* se encontra, explicitando suas semelhanças e diferenças que há entre na versão cinematográfica e na versão literária. faz-se uma análise sobre as características da arte literária e da cinematográfica e até que ponto uma deve sua fidelidade a outra. Ao decorrer da pesquisa discorreu-se um pouco sobre o que é intertextualidade, que é a chave para fazer a comparação da obra entre as formas de artes destacadas anteriormente. Fez –se um resumo geral da história da franquia *Harry Potter* até o seu quinto livro que é o objeto de estudo deste artigo. Por fim fez-se a comparação entre o livro e o filme da série, apontando suas semelhanças e diferenças e analisando se o filme em si é necessário para entender a obra *Harry Potter e a Ordem da Fênix.*

PALAVRAS-CHAVE: Arte literária e cinematográfica, Intertextualidade, Harry Potter e a Ordem da Fênix.

INTRODUÇÃO

A pesquisa em destaque marca como ponto importante a fusão entre dois tipos de artes distintas, que são a arte literária e a arte cinematográfica. Escolheu-se como *corpus* a obra literária *Harry Potter e a ordem da Fênix*, da autora britânica J. K. Rowling e sua transposição para o filme do mesmo nome dirigido por David Yates. Procura-se, neste artigo, tratar da comunhão dessas duas artes por meio de uma visão crítica, comparada e intertextualizada a fim de responder a seguinte **questão-problema:** em que medida a intertextualidade na arte cinematográfica é suficiente o bastante para entender a obra literária de *Harry Potter e a Ordem da Fênix*?

Essa busca implica como **objetivo** geral identificar se a intertextualidade presente no filme embasado na obra da autora J. K. Rowling tem autonomia suficiente para que o realismo fantástico literário seja entendido. Já como objetivos específicos foi necessário: 1) caracterizar as duas artes: literária e cinematográfica; 2) discorrer sumariamente sobre intertextualidade; 3) evidenciar particularidades da obra literária; 4) rastrear situações no filme idênticas ou bem similares às do livro e as que dele divergem.

A justificativa do estudo deste tema se dá em razão da ocorrência do acervo de Harry Potter ter rompido paradigmas da então literatura infanto-juvenil, convertendo-se num fenômeno editorial inusitado. A heterogeneidade de leitores surpreende como também surpreende a ansiedade com que eles aguardavam o lançamento de cada livro da série. Decorrente disso, surgem quadrinhos, jogos eletrônicos, filmes, etc., o que torna

de Janeiro. Docente da Educação Superior, ministrando atualmente aulas de Língua e Cultura Latinas no curso de Letras do Centro Educacional São José. E-mail: dulcehpontes@gmail.com.

a obra um marco cultural. O trabalho também se justifica pela intertextualidade da obra literária em apreço presente no filme que requer do autor deste o esforço de hibridização ao lidar com citações e adaptações para preencherem lacunas na transposição de uma arte para outra.

A metodologia utilizada para este estudo é a revisão bibliográfica sobre intertextualidade cujos autores de maior relevância foram Julia Kristeva (2005) e Luiz Antônio Marcuschi (2008). Sobre realismo fantástico na obra literária em estudo e na arte cinematográfica para desvendar o problema instaurado, além dos muitos autores estudados, recorreu-se, especialmente, a Robert Stam (2008) e a J.K.Rowling (2003).

O desenvolvimento do artigo apresenta uma seção em que se estabelece uma espécie de paralelo entre arte literária e cinematográfica, apontando pontos convergentes e divergentes entre elas. Em seguida, faz-se uma sumária discussão sobre intertextualidade. Depois, comenta-se sobre a obra de *Harry Potter* e a ordem da Fênix, pontuando características que a tornam singular. Por fim, faz-se um rastreamento de como o filme capturou partes do livro com o esforço da intertextualidade.

ARTES LITERÁRIA E CINEMATOGRÁFICA: CARACTERÍSTICAS

A arte literária e a cinematográficas, pode-se dizer, que caminham juntas, de mãos dadas, porém cada uma delas tem suas características específicas que as dividem em certos pontos como. Por exemplo, a arte literária é um tipo de arte muito mais detalhada se comparada ao cinema, pois, em uma página de um livro, o autor tem que descrever em palavras tudo que se está passando em um momento, diferentemente do cinema em que se tem todas essas informações instantaneamente na visão do espectador. Melhor explicando: nesta, são apresentados, visualmente, os cenários, os figurinos dos personagem, suas expressões, suas emoções, etc. Já naquelas tais dados têm que ser retratados verbalmente, especificando, inclusive o enredo. Na grande maioria dos casos, a obra literária é mais completa do que um filme baseado nela, podendo causar uma estigmatização nas adaptações literárias para os cinemas.

Desde o tempo em que o cinema se definiu como sétima arte, há esse confronto entre literatura e cinema, pois a literatura é como se fosse uma fonte interminável de riquezas em que a sétima arte pode beber. Data-se, por ora, como uma das primeiras

adaptações literárias para o cinema o filme intitulado *Viagem à Lua*, do francês George Méliés (1902), embasado na obra do autor Júlio Verne *Da Terra à Lua*'. Só que as inúmeras adaptações cinematográficas nem sempre conseguem agradar ao público de leitores, causando frequentemente certa estranheza entre duas artes.

O desagrado das adaptações cinematográficas em relação à literatura se dá devido a vários fatores. Primeiramente porque se espera da história retratada no livro estar fielmente de acordo com a adaptação; também, o fato do figurino dos personagens não estarem em sintonia com os da obra literária; outra insatisfação decorre da escalação de atores. Neste último aspecto, a responsabilidade fica muito árdua para os diretores de cinema, uma vez que o ator selecionado para interpretar tal papel precisa convencer como personagem e também ter a aceitação do público que espera uma adaptação o mais fiel possível – o que é, no caso, um equívoco pelo lado do público.

Quando a questão é adaptação de uma arte para outra, não se quer dizer que o produto que está sendo moldado para ser apresentado em uma outra forma de arte tenha de ficar idêntico ao modelo original, que lhe deu origem. Como o próprio nome diz: é uma adaptação, não uma transformação totalmente fiel de um livro para um filme. Nesse sentido, Rober Stam, especialista da área da arte da literatura comparada e do cinema, com vários livros publicados, leciona o seguinte:

> A linguagem tradicional da critica à adaptação fílmica de romances, como já argumentei anteriormente, muitas vezes tem sido extremamente discriminatória, disseminando a ideia de que o cinema vem prestando um desserviço a literatura. Termos como "infidelidade'', "traição", "deformação", "violação", "vulgarização", "adulteração" e "profanação" proliferam e veiculam sua própria carga de opróbrio. Apesar das variedades de acusações, sua motriz parece ser sempre a mesma – o livro era melhor (STAM, 2008, p. 19-20).

Com base nessas informações nos passadas pelo nosso estudo, podemos concluir que há um grande preconceito quando o assunto é adaptação entre livro e cinema e que na verdade todo esse preconceito não passa de um grande equivoco entre o publico de leitores, pois a adaptação é como se fosse uma metamorfose que pode pegar uma arte, muda-la até certo ponto e transforma-la em algo novo, que no caso seria uma nova arte, com características específicas novas, com novos pontos de vistas críticos diferentes e entre outras coisas que caracteriza o produto final desta metamorfose.

INTERTEXTUALIDADE: EFEITO DE CONVERGÊNCIA DE UMA OBRA A OUTRA

Hoje em dia quando lemos romances, livros de caráter científico, textos sendo eles literários ou não e entre outras formas de nos passar informações, Podemos notar que dentro daquele produto que nos está sendo passado, existe uma certa referência por meio da leitura, ou de forma áudio visual que acarreta na televisão por meio de novelas, minisséries, programas humorísticos e até mesmo na musica há referências de outras obras que nos fazem querer associar uma obra à outra, caracterizando suas semelhanças. E esse tipo de ocorrência que de vez em quando ou quase sempre nos é percebido chama-se intertextualidade.

O conceito de intertextualidade foi considerado uma criação do filósofo russo Mikhail Bakhtin, mas na verdade o próprio nunca nomeou esse processo de junção de referências como intertextualidade. A primeira pessoa a usar este termo foi a filósofa e escritora Bulgara Julia Kristeva em seu livro “Introdução à Semanálise”, que partiu do conceito do dialogismo que diz “todo enunciado constitui-se a partir de outro enunciado, é uma réplica a outro enunciado” (FIORIN, 2016, p.27), a mesma baseava-se nos estudos de Bakhtin sobre o dialogo entre obras, podemos visualizar seu baseamento à partir desta afirmação:

> Bakhtin foi o primeiro a introduzir na teoria literária: todo o texto se constrói como um mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto. Em lugar da noção de intersubjetividade, instala-se a intertextualidade e a linguagem poética lê-se pelo menos como dupla (KRISTEVA, 2005, p.68).

Como foi visto nas informações dadas sobre o conteúdo da intertextualidade temos outro estudioso que também trabalha os conceitos de intertextualidade segundo os padrões estabelecidos por Bakhtin que é o estudioso brasileiro José Luiz Fiorin autor do livro “Introdução ao Pensamento de Bakhtin” e por base no que ele diz em seu livro podemos citar aqui:

> Intertextualidade deveria ser a denominação de um tipo composicional de dialogismo: aquele em que há no interior do texto o encontro de duas materialidades lingüísticas, de dois textos. Para que isso ocorra, é preciso que um texto tenha existência independente do texto que com ele dialoga. (FIORIN,2006, p.58)

Há os que dizem que nenhum texto hoje em dia vem de forma homogênia para nossas mãos, há sempre a presença de outro texto no conteúdo de outro texto, como disse o linguista brasileiro Luiz Antônio Marcuschi em sua obra intitulada: *Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão*

> Há hoje um consenso quanto ao fato de se admitir que todos os textos comungam com outros textos, ou seja, não existem textos que não mantenham algum aspecto intertextual, pois nenhum texto se acha isolado e solitário (MARCUSCHI, 2008, Pag.120.)

Por meio dessa análise que Marcuschi faz sobre a intertextualidade, podemos definir a intertextualidade como a presença de um texto em outro. E essa presença intertextual é dividida em duas formas que se definem em: intertextualidade implícita e a intertextualidade explícita.

A intertextualidade implícita ocorre quando lemos um texto, assistimos a um filme ou ouvimos uma musica e a referência que está contida no texto não nos é percebida imediatamente, é necessário um conhecimento prévio para que a referência contida ali seja entendida com mais rapidez, pois o conteúdo presente na obra está fragmentado de uma forma que dificilmente identificaremos sua referência em nossa primeira observação se não tivermos um conhecimento prévio do que estamos lendo. Podemos citar como exemplo de intertextualidade implícita o filme *As 10 Coisas Que Eu Odeio Em Você* que está implicitamente intertextualizado com a obra *A Megera Domada*, fazendo um intertexto implícito entre obra literária e cinema.

Agora, definimos como intertextualidade explicita aquelas referências diretas das fontes de onde vieram, onde a pessoa que está de alguma forma em contato com uma determinada obra percebe logo ao manter o contato sua origem e suas características, que estão extensamente apresentadas nas adaptações literárias para área de comunicação áudio visual, que temos como exemplo: o livro *Desventuras em Série* que já foi adaptado para o cinema e para série de tevê, temos um exemplo de intertextualidade explícita na musica do grupo brasileiro *Secos e Molhados* com a musica ‘’Primavera nos Dentes’’ que faz um intertexto direto á poesia de João Apolinário.

Com base em todas essas informações, nos é claro o conceito da intertextualidade em nosso mundo, nenhum texto é totalmente virgem, a sempre referências de outras obras nas coisas em que entramos em contato hoje em dia e esse processo de intertextualidade nos gera várias formas de estudos na área da comparação das artes.

O FENÔMENO LITERÁRIO HARRY POTTER

Harry Potter foi uma série de sete livros que foram publicados de 1998 a 2007, tendo a autoria da escritora britânica J. K. Rowling. Entre estes sete livros que narram as aventuras do jovem bruxo Harry Potter com seus amigos Hermione Granger e Rony Weasley, também temos livros ‘’spin offs’’ que explicam mais especificamente coisas que estão presentes nos livros mas que não são explicados totalmente no enredo principal.

Harry Potter narra a historia de um adolescente que quando era bebê ficou órfão, pois seus pais foram assassinados pelo maior bruxo das trevas de todos os tempos ‘’Lord Voldmorte’’ porém ele consegue escapar com vida desta tragédia e é levado para morar com seus tios: Valter Dusley e Petunia Dusley e com seu primo Duda Dusley, embora estivesse morando com seus tios Harry era muito mal tratado e só conseguiu achar a sua verdadeira felicidade quando aos onze anos começou receber cartas de convite para a Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts. Ouve um atrito entre os tios pois não queriam que ele fosse para Hogwarts, mas Harry conseguiu o que queria com a ajuda de seu grande amigo Rubio Hagrid. A partir dai começa sua grande aventura no mundo bruxo.

Ao decorrer desta aventura observamos que um livro direcionado para o publico infanto-juvenil, não tem somente coisas boas e felizes. Quando entramos em contato com o mundo de Harry Potter presenciamos a constante luta entre o personagem Harry Potter e o vilão da série Lorde Voldemort, que no meio desta batalha que dura sete livros presenciamos muitas mortes de personagens queridos para os protagonistas e para nós mesmos que acaba nos causando um sentimento triste.

Podemos afirmar com uma grande certeza, que a saga Harry Potter quebrou esse paradigma de que livros infanto-juvenis tem sempre um final feliz para todos e que os bonzinhos não morrem. Ao decorrer da saga vemos muitos personagens que amamos morrerem, personagens de bom coração não apenas os vilões.

Para explicar essa inimizade entre Harry Potter e Lorde Voldemort, terei que citar o quinto livro da séria que se subintitula *A Ordem da Fênix*, pois neste livro conta um pequeno prelúdio da serie, que foi quando Lorde Voldemort descobriu uma profecia que dizia:

> ‘’ Aquele com o poder de vencer o Lorde das Trevas se aproxima...nascido dos que o desafiaram três vezes, nascido ao terminar o sétimo mês... e o Lorde das Trevas o marcará como seu igual, mas ele terá um poder que o

> Lorde das Trevas desconhece... e um dos dois deve morrer na mão do outro pois nenhum poderá viver enquanto o outro sobreviver... aquele com o poder de vencer o Lorde das Trevas nascerá quando o sétimo mês terminar...'' (ROWLING, 2003, p. 680).

Percebe-se a singularidade desta obra pela forma em que ela é narrada (na terceira pessoa) esse estilo narrativo nos aproxima emocionalmente do personagem principal dando-nos uma imersão maior no enredo da obra. Pode-se citar também pela conexão que o leitor estabelece com os personagens por meios dramáticos criando um tipo de vínculo entre o leitor e o personagem, a forma em que é descrita o realismo mágico no mundo bruxo que é incrível de uma forma que deixa o leitor encantado com a mente brilhante da autora pela forma que ela descreve o seu mundo mágico. Outra forma que destaca a singularidade da obra é o mistério que se desenvolve em cada obra e vai deixando o leitor cada vez mais ansioso para ler sobre o que virá depois, motivando o público a realizar a prática da leitura de uma forma prazerosa que a autora J.K. Rowling sabe fazer muito bem.

Com base nessas informações podemos ver de forma resumida a história central de Harry Potter que o transformou neste fenômeno que abalou gerações de pessoas de todas as idades, mesmo sendo direcionada para o publico infantil e jovem e que hoje no século XXI dificilmente acharemos uma obra literária de gênero aventura/fantasia que nos deixe tão encantados quanto Harry Potter, chegando ao ponto de sair dos livros e nos deleitar nas telonas dos cinemas, se igualando à clássicos da literatura. portanto a singularidade dessa obra é indiscutível.

HARRY POTTER E A ORDEM DA FÊNIX: **LIVRO E FILME**

Como foi dito ao decorrer no estudo sobre a adaptação de uma obra literária em um filme por meio da intertextualidade, um filme baseado em um livro não necessita estar totalmente fiel ao livro pelo qual lhe deu inspiração, pois a obra fílmica ao passar pelo processo de conversão por meio da intertextualidade passa ganhar sua autonomia.

A questão é: em que nível essa autonomia do cinema mantém sua fidelidade ao livro sem que afete a mensagem principal que a obra literária transmitiu para o publico leitor. Faremos nesta seção uma análise entre o filme e a obra literária *Harry Potter e a Ordem da Fênix*, destacando os elementos que assemelham ambas e que as diferenciam.

Para começar com o nosso processo de comparação, digo que não irei mencionar diferenças banais entre a obra e o filme como: horário em que certa ocasião se passou, local em que aconteceu certo evento (contando que não seja um evento importante para o desenvolvimento do enredo) ou outras ocasiões do tipo.

Bom para começar, gostaria de falar sobre a senhora Figg, que está presente no inicio do filme e na audiência de Harry no ministério da magia. O filme conseguiu finalmente apresentar esta personagem, que é citada desde o primeiro livro como uma senhora que tomava conta do Harry quando seus tios e seu primo estavam fora, já no filme ela aparece como um flash em nossa vista sendo que pra quem leu os livros até ali, está tudo bem, pois já sabem quem ela é, mas para aqueles que se limitaram a ver os filmes fica uma situação um tanto que confusa, a pessoa que assiste pode ficar se perguntando “Da onde saiu essa velha”, pois é do nada que ela aparece sem explicação de onde ela veio, de onde ela conheceu o Harry e por que ela tem contato com o mundo bruxo. Como havia falado, a senhora Figg é uma personagem que não está presente nos outros filmes, porém nos livros ela é mencionada desde a pedra filosofal (primeiro livro). Irei agora listar alguns personagens que estão presente no livro em questão mas não apareceram no filme:

Mundungo Fletcher
Rita Skeeter
Dobby
Firenze
Marieta Edgecombe

Bom, como estava falando o filme tem uma grande lista de personagens cortados do livro que passa dos vinte, o que podemos ver acima é uma pequena lista de personagens relevantes e outros recorrentes da franquia que fazem falta para os fãs e para que o enredo pudesse ficar melhor, explorando mais a história contada na franquia.

Para começar a comentar sobre os personagens cortados do filme, devo começar por ninguém menos que Mundungo Fletcher, personagem que teve sua primeira aparição no cinema em “*As Reliquías da Morte”*, no livro em questão ele era o responsável pela segurança de Harry enquanto ele passava as férias da casa de seus tios, o fato dele ter se ausentado por um momento da vigilância ocasionou no ataque dos dementadores á Harry (um outro fato que será comentado mais a frente), no caso do filme ele simplesmente não aparece e Harry fica desprotegido em Little Whinging.

Rita Skeeter personagem que teve sua primeira aparição em "*O Cálice de Fogo"* tanto no livro quanto no cinema, voltou a aparecer na sequência em uma entrevista com o próprio Harry sobre os eventos que ocorreram em o "*Cálice de Fogo".*

Chegou a vez de falar de Dobby o elfo doméstico, que está presente em todos os livros à partir da *Câmara* Secreta, porém nos filmes está somente na *Câmara Secreta* e nas *Relíquias da Morte Parte 01*.No livro escolhido como corpus para esta pesquisa Dobby tem um papel importante pois ele que revela à Harry a existência da *Sala Precisa*, que é onde Harry monta um grupo chamado *Armada de Dumbledore,* para combater as diretrizes criada pela nova diretora Dolores Umbridge. Mas na versão cinematográfica da obra como Dobby não está presente, o mesmo foi substituído pelo personagem *Neville Longbotton* (pela segunda vez) pois no filme Neville que encontra a *Sala Precisa* e a Hermione explica os detalhes da mesma.

Com a demissão da professora de adivinhação Sibila Trelawney executada por Dolores Umbridge, houve a necessidade de se contratar outro professor de adivinhação o centauro Firenze que tem somente sua aparição explícita no primeiro filme da série, embora o mesmo tenha recebido um papel importante no livro, o mesmo não pode ser dito do filme, pois ele não está presente.

Para quem leu o livro sobre a parte em que a personagem Marieta Edgecombe vai contar a Umbrigde sobre as reuniões da Armada de Dumbledore na sala precisa e o que acontece depois com ela, que foi o efeito da azaração que Hermione lançou em todos os membros da armada, caso eles pensem em delatar o grupo, ficou um tanto que confuso sobre o que a adaptação fez. No caso do filme quem foi a dedo duro, foi à paixonite de Harry Cho Chang que foi interrogada e por meio dos efeitos do veritaserum acabou dizendo a localização da sala precisa a Umbrigde. No caso trocaram a amiga de Cho por ela mesma, pois no livro Cho briga com Harry em relação ao que a amiga fez, pois Harry achou um ato de terrível de traição e Cho defendeu sua amiga de casa, já no filme todos ignoram ela pelo que ela fez.

Após essas considerações dadas à esses personagens que poderiam ser bem úteis no filme, irei fazer algumas comparações em relação a alguns eventos ocorridos entre o filme e o livro. Como é a intenção da pesquisa trabalharemos aqui eventos que se assemelham e se divergem entre as duas artes.

Começaremos pelas semelhanças entre o livro e o filme: Podemos citar primeiramente como semelhança entre livro e o filme o início dos mesmos, na cena em que Harry está sentado em um balanço e seu primo Duda vem importuna-lo (embora esta cena tenha uma minúscula diferença no livro, não interfere na semelhança entre ambos, pois no filme Duda vem com um bando de garotos importunar Harry e no livro ele aparece sozinho);

O ataque dos dementadores em Little Whinging momento em que Harry usa o feitiço do patrono fora da escola de magia e bruxaria de Hogwarts e o aviso de expulsão por cometer tal ato;

Harry sendo resgatado por membros da Ordem da Fênix, logo após o ataque dos dementadores, sendo também informado que Dumbledore teria exigido uma audiência no ministério da magia, para tratar da expulsão de Harry e logo após é escoltado até a sede da Ordem da Fênix;

O próprio julgamento sobre o uso do feitiço do patrono na frente de trouxas executado por Harry no ministério da magia e a aparição ilustre de Alvo Percival Wulfrico Brian Dumbledore como seu advogado, defendendo-o da acusação e por fim julgado inocente. Cabe citar algumas coisas sobre esta cena que é a primeira aparição de Dolores Umbridge neste volume e o início de uma relação conturbada entre Harry e Dumbledore que se extende em toda obra pelo fato de Dumbledore estar evitando Harry, não dando oportunidade para Harry se comunicar com ele;

Conversa entre Harry e seu padrinho Sirius Black sobre os antigos membros da ordem da fênix, antes de Harry embarcar no expresso de Hogwarts;

A chegada de Harry e seus amigos a Hogwarts e pela primeira vez ele pode ver as criaturas que puxavam as carruagens chamadas testrálios, o que de fato ele não entendeu de primeira pois seus amigos não as via, para eles as carruagens sempre andaram sozinhas até Hogsmeade, só quando a personagem Luna Lovegood que tem a sua primeira aparição neste filme/livro o explica que os testrálios só são visíveis para aqueles que testemunharam a morte pelo menos uma vez que no caso de Harry testemunhou a morte de Cedrico Diggory na obra anterior e Luna à de sua mãe;

A conexão entre Harry e Voldemort por meio de sua cicatriz na testa, acarretando um comportamento agressivo em Harry fazendo-o mudar de personalidade em certas

ocasiões, e muitas vezes tratando seus amigos de uma forma agressiva, o que gerou várias duvidas entre os personagens do por que ele está agindo daquela forma;

Uma que não pode deixar de ser citada é a forma de punição executada pela Umbridge que chega ser uma tortura, marcando a mão de Harry com a frase “Não devo contar mentiras”;

A reunião e a criação da Armada de Dumbledore e suas aulas práticas de magia regida por Harry, para formar uma resistência contra a professora Umbridge e o próprio Voldemort;

O breve relacionamento amoroso entre Harry e Cho Chang;

Um dos sonhos de Harry que se conceitua mais como uma visão pois sua mente está conectada com a de Voldemort por meio da cicatriz fazendo-o ver e saber o que Voldemort planejava, o que no caso foi o ataque de Nagini ao senhor Weasley no ministério da magia;

As aulas de Oclumência imposta à Harry para que Voldemort não invada mais sua mente, aula regida pelo professor Severo Snape;

Fuga em massa de comensais da morte de Azkaban, entre esses comensais está a terrível Bellatriz Lestrange e o culpado por essa fuga foi ninguém menos que o bode expiatório do ministério da magia Sirius Black;

Harry invadindo as memórias de Snape, penetrando em memórias privadas do professor que logo em seguida decorrente disso se recusa a dar mais aulas de Oclumência à Harry;

Harry tem uma visão em que Sirius está sendo torturado por Voldemort (uma visão falsa imposta em sua mente propositalmente por Voldemort para atrai-lo ao ministério, porém ele não sabia) e decide ir para o ministério com alguns membros da Armada de Dumbledore;

O combate entre a Armada de Dumbledore e a Ordem da Fênix contra os comensais da morte no ministério da magia;

A morte de Sirius Black;

O uso da magia proibida Crucio executada por Harry em Belatriz Lestrange;

O combate de magia entre Dumbledore e Voldemort;

E por fim a descoberta de todos de que Lorde Voldemort realmente voltou.

Bom, como podemos ver na análise existem várias semelhanças entre o filme e o livro, mas em meio a essas semelhanças existem também várias omissões que poderiam estar presente no filme mas que o diretor preferiu deixar de lado pois nem todas essas omissões são relevantes e também diferenças que ocorreu no processo de adaptação.

Algumas diferenças entre o livro e o filme foram citadas enquanto eu comentava sobre os personagens que foram excluídos do filme, por isso algumas diferenças não serão citadas novamente para evitar a repetição.

Para começar comparando as diferenças falando sobre a relação conturbada entre Sirius Black e Molly Weasley, pois no filme a relação entre eles não é explicitada, já no livro vemos claramente que os dois vivem em constante conflito;

Outra informação que é muito interessante e que o filme não aborda da forma devida é a questão das famílias de bruxos de sangue puro que se interligam, dando o conceito de que todo bruxo sangue puro tem um certo grau de parentesco com outro bruxo, essa informação nos é dada no diálogo entre Harry e Sirius na mansão dos Black;

Antes vimos quem foi o delator que denunciou a localização da sala precisa que até ai teve diferencia passando de Marieta Edgecombe no livro para Cho Chang no filme, mas a questão aqui é falar de como eles acabaram com as reuniões da Armada de Dumbledore na sala precisa. No filme a professora Umbridge destrói a parede da sala precisa e captura os alunos que fazem parte da Armada de Dumbledore, o que na verdade não funcionaria pois a sala precisa é como se localiza-se em outra dimensão, ou seja, ela poderia destruir a parede de onde se localizava a sala precisa mas não encontraria nada. Já no livro vemos uma coisa aceitável, que é quando todos estão saindo da sala os alunos que ajudam a Umbridge perseguem os membros da Armada e Draco Malfoy espera Harry sair da sala e o captura;

Uma coisa pouco relevante, mas que daria ao público que assiste o filme um pouco mais de informação sobre a juventude de Tiago Potter, foi a conversa que Harry teve com Sirius e Remo Lupin logo após Harry penetrar nas memorias de Snape, para saber o por que de o pai dele ter atormentado tanto Severo Snape;

Uma cena, especificamente uma fala que só esta no filme, que foi brilhante, foi a fala da personagem Belatriz Lestrange logo após matar seu primo Sirius Black, que foi a seguinte: “Eu matei Sirius Black hahahaha”. A adaptação deu um show nessa parte do filme.

A profecia que é o que Lorde Voldemort procuro em toda esta obra não é totalmente contada no filme, você só sabe que aquilo tem grande importância para Voldemort mas o conteúdo em si dentro daquela profecia não nos é apresentado claramente, somente no livro, cuja profecia foi citada na seção anterior da pesquisa.

No final do filme depois de todos aqueles eventos catastróficos visualizamos uma tranquila conversa entre Harry e Dumbledore sobre o que tinha acontecido ao contrário do livro em que a reação de Harry é totalmente o oposto, Harry se mostra totalmente agressivo, culpando Dumbledore e Snape pela morte de Sirius, sai quebrando coisas dentro da sala do diretor, discute muito com ele, até ele se acalmar e entender tudo que Dumbledore lhe dizia.

Com base nessas comparações podemos ver que uma obra literária obviamente não é o espelho da cinematográfica, tendo em meio à esse processo de hibridização mudanças, pois tanto a arte literária quanto a cinematográfica tem suas autonomias que as tornam singulares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no estudo desenvolvido nesta pesquisa, pode-se concluir que a arte literária e a fílmica, ainda que independentes uma da outra, podem se fundir criando algo novo. A sétima arte, mesmo em caso de adaptação de uma obra literária, não necessita ser um retrato fiel desta que a inspirou. Isso porque cada qual tem vida própria, tem a sua autonomia que a torna singular.

No caso das obras analisadas, pode-se afirmar que a obra fílmica consegue ser entendida pelo público por meio da intertextualidade, mesmo havendo várias alterações nesta transposição de artes. Ambas são capazes de proporcionar a catarse, revolver as emoções, provocar a fruição de modo a fomentar o devaneio e a imaginação.

REFERÊNCIAS

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin.** São Paulo: Ática, 2006.

KRISTEVA, Julia. **Introdução a semanálise.** 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2005

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Produção Textual, análise de gêneros e compreensão.** 3. ed. São Paulo: Parábola, 2008.

ROWLING, J.K**. Harry Potter e a Ordem da Fênix.** 2. ed. RJ: Rocco, 2003.

STAM, Robert. **Literatura Através do Cinema**. Realismo, Magia e a Arte da Adaptação. São Paulo: UFMG, 2008.

9. LETRAS:

A INTRATEXTUALIDADE PRESENTE NO LIVRO "A MORTE DO PRESIDENTE OU A AMIGA DE MAMÃE" DE MARIA ALICE BARROSO

Larissa Barbosa Finamore[119]
Ana Lúcia Lima da Costa Schmidt[2]

RESUMO

O presente estudo tem como tema a análise da intratextualidade no último livro do "Ciclo Parada de Deus", *A Morte do Presidente ou A Amiga de Mamãe (1994)*, escrito pela escritora miracemense Maria Alice Barroso. Este artigo tem como objetivo caracterizar o que é a intratextualidade e também apresentar trechos do livro em que a autora fez uso do recurso do intratexto. E também com o propósito de trazer a luz a complexidade, não apenas do livro em questão, mas sim do "Ciclo Parada de Deus" como um todo. A metodologia utilizada é uma revisão bibliográfica, tendo como aporte teórico Fiorin (2016), Koch, Bentes e Cavalcante (2007), Kristeva (2005) e Todorov (2007).

PALAVRAS-CHAVE: Intratextualidade. Intratexto. Ciclo Parada de Deus; Maria Alice Barroso. A Morte do Presidente ou A Amiga de Mamãe.

ABSTRACT

The present study has as a subject the analysis of "Ciclo Parada de Deus", *A Morte do Presidente or A Amiga de Mamãe* (1994), writen by Maria Alice Barroso, a writer from Miracema. This article has the objective of characterizing what intertextuality is and also presenting some passages from the book in which the author made usage of the intratext. And also with the objective of bringing to light the complexity, not only of the book in question, but of the "Ciclo da Parada de Deus" as a whole. The used methodology is a bibliographic review having as a theoric subsidy Fiorin (2016), Koch, Bentes e Cavalcante (2007), Kristeva (2005) and Todorov (2007).

KEYWORDS: Intertextuality, intratext, Ciclo Parada de Deus; Maria Alice Barroso, A Morte do Presidente ou A Amiga de Mamãe.

[119]Graduanda em Letras com habilitação em Português pelo Centro Universitário São José (UNIFSJ)

2. Doutora em Ciência da Literatura, área de concentração em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: dr.analucialima@gmail.com

INTRODUÇÃO

Maria Alice Barroso nasceu em Miracema no ano de 1926. Formada em biblioteconomia. Foi diretora da Biblioteca Nacional, do Instituto Nacional do Livro e do Arquivo de Informação.

Lançou o seu primeiro romance, *Os Posseiros*, em 1955. E em 1967, publica *Um Nome para Matar*, dando início ao "Ciclo Parada de Deus".

O ciclo é formado por cinco romances, *Um Nome para Matar* (1967), *Quem Matou Pacífico?* (1969), *O Globo da Morte* (1981), *A Saga do Cavalo Indomado* (1988) e *A Morte do Presidente ou A Amiga de Mamãe* (1994). E conta da história dos Moura Alves que são fundadores de uma pequena cidade na divisa do estado do Rio de Janeiro com Minas Gerais, chamada Parada de Deus e que pode ser comparada com Miracema, onde Maria Alice nasceu e viveu.

O "Ciclo Parada de Deus" se passa desde a independência do Brasil até o suicídio de Getúlio Vargas. Sendo que, cronologicamente, *A Saga do Cavalo Indomado* é o primeiro e *A Morte do Presidente ou A Amiga da Mamãe* é o último.

Nesse artigo em especifico irei trabalhar com o último livro do ciclo, *A Morte do Presidente ou A Amiga da Mamãe*, no qual Maria Alice usa a intratextualidade para conectar todos os outros livros a esse.

O último livro do "Ciclo Parada de Deus" conta a história de Antônio Carlos Rodrigues Arzão, um mulato que dá aula de português e francês na escola de Parada de Deus e está satisfeito com a sua vida na pacata cidade. Porém sua esposa, Lygia Procópio Monteiro, almeja se mudar para o Rio de Janeiro para lançar a sua carreira política.

E em uma das suas viagens ao Rio de Janeiro com a filha Aninha, que assim como o pai deseja permanecer em Parada de Deus, Lygia conhece Leda de Freitas, a amiga de mamãe, que faz parte da UDN e que a apresenta Carlos Lacerda, por quem Lygia tinha grande admiração. Juntas elas tinham interesse em montar um Clube da Lanterna, "organização civil fundada em 28 de agosto de 1953, no Rio de Janeiro (então Distrito Federal) pelo jornalista Carlos Lacerda para combater o governo do presidente Getúlio Vargas", em Parada de Deus.

O enredo se desenvolve a partir daí, passando por momentos importantes como a morte do capitão Oceano de Moura Alves, o personagem mais marcante de toda a composição literária de Maria Alice, e o suicídio de Getúlio Vargas, uma personalidade tão importante para a história do Brasil.

O QUE É INTRATEXTUALIDADE?

Antes de esclarecer o que é a intratextualidade, é importante determinar o que é intertextualidade, pois os dois conceitos estão interligados.

No ensaio intitulado “A Estratégia da Forma”, Laurent Jenny afirma que

> “o discurso intertextual articula-se então sobre os escombros da narrativa” (1973, p.27), ou seja que uma nova narrativa é sempre construída aproveitando de pedaços das que vieram previamente. E essa visão é confirmada em outro trecho em que ele define intertextualidade como “a irrupção dum texto noutro”. (1973, p.30)

E apesar da intertextualidade ser considerada um termo bakhitiniano, esse termo nunca foi utilizado pelo filósofo russo. Foi Julia Kristeva em seu livro “Introdução à Semanálise” que utilizou o vocábulo para se referir ao conceito de dialogismo que diz que “todo enunciado constitui-se a partir de outro enunciado, é uma réplica a outro enunciado” (Fiorin, 2016, p.27) quando ela afirma que

> Bakhtin foi o primeiro a introduzir na teoria literária: todo o texto se constrói como um mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto. Em lugar da noção de intersubjetividade, instala-se a *intertextualidade*, e a linguagem poética lê-se pelo menos como dupla. (Kristeva, 2005, p.68)

Para Bakhtin o que chamamos de intertextualidade deveria ser a denominação de um tipo composicional de dialogismo: aquele em que há no interior do texto o encontro de duas materialidades linguísticas, de dois textos (Fiorin, 2016, p. 58)

Paulo Sérgio de Vasconcellos em seu livro *Efeitos Intertextuais no Eneida de Virgílio* utiliza o termo autotextualidade para se referir ao que vamos chamar nesse artigo de intratextualidade, e ele descreve como “autocitação, isto é, na evocação, em dada obra, de uma passagem de outra obra do mesmo autor”. (2001, p. 148)

Nesse artigo será utilizado o termo intratextualidade que são “co-incidências, ou intersecções, que são elaboradas pela retomada de segmentos de textos do próprio autor” (Koch, Bentes, Cavalcante, 2007, p. 121). Ou seja, quando o autor faz menção as suas próprias obras em outro contexto, em uma nova composição, isso é considerado um intratexto.

E isso é exatamente o que Maria Alice Barroso faz no livro *A Morte do Presidente ou A Amiga de Mamãe*, no qual, como diz Raquel de Queiroz no prefácio do livro, os personagens dos romances anteriores também saltam a toda hora no elenco de caras novas, renovando saudades, como o velho capitão Oceano. (1994, p.9)

A INTRATEXTUALIDADE NO LIVRO *A MORTE DO PRESIDENTE OU A AMIGA DE MAMÃE*

Como foi dito anteriormente, Maria Alice Barroso no último livro do "Ciclo Parada de Deus" retoma os livros anteriores fazendo alusão aos personagens e aos acontecimentos dos mesmos.

Isso acontece, pois, os personagens criados pela escritora miracemense são tão vivos e próximos da realidade que eles não se contentam em transmitir apenas a própria história. Eles ajudam a contar e fazem parte da trajetória dos demais personagens.

Um Nome para Matar (1967)

O capitão Oceano de Moura Alves, ex-prefeito de Parada de Deus, é o personagem principal do livro *Um Nome para Matar* (1967), que conta cento e cinquenta anos da história de Parada de Deus e centra-se no capitão Oceano e em seu conturbado casamento com Maria Corina. Em *A Morte do Presidente ou A Amiga de Mamãe*, Maria Alice constantemente volta a questão não resolvida do primeiro livro, que é se Maria Corina realmente se suicidou ou se Oceano a matou por conta da suposta traição. É possível perceber a intratextualidade em trechos como:

> Fora também ali, na principal via de Parada de Deus, em confluência com a rua dos Turcos, que capitão Oceano recebera a notícia do suicídio de sua mulher, Maria Corina, embora muita gente dissesse que não houvera suicídio nenhum, já que o laudo do respeitável doutor Adoremus certificara que o cadáver apresentava dois únicos ferimentos nas costas. (Barroso, 1994, p. 26)

No livro que fecha o ciclo também encontramos referências aos filhos do capitão Oceano, Maria Isabel, mais conhecida como Bebel, e Heleninho, que recebeu o nome em homenagem ao avô, o capitão Heleno de Moura Alves.

Quem Matou Pacífico? (1969)

O segundo livro do ciclo, *Quem Matou Pacífico?* (1969), que traz a história de Pacífico de Moura Alves, irmão de Oceano, marido de Idalina e amante de Luzia, a filha do coveiro. E tem todos os ingredientes instigantes para a investigação da morte do protagonista ocorrida na subida do cemitério. O encarregado de fazer a ligação entre as duas obras é o delegado Tônico Arzão, que é o detetive encarregado de descobrir quem matou Pacífico. E a conexão entre as duas obras se torna explicita em momentos como:

> — Vamos lá *pra* dentro — convidou Tônico, manejando a cadeira de rodas com a mesma habilidade com que utilizara, no passado, as suas muletas.

> — A Luzia *tá* esperando pela gente pra botar o café na mesa. (Barroso, 1994, p.127)

O Globo da Morte: Divino das Flores (1981)

O prefeito de Parada de Deus no momento em que se passa a história de *A Morte do Presidente ou A Amiga de Mamãe*, Zé Pedro Caetano de Melo, é quem faz a ligação com o livro *O Globo da Morte* (1981). A obra que traz a história dos inimigos políticos dos Moura Alves, os Caetano de Melo, habitantes do distrito de Divino das Flores. Zé Pedro, antigo rival do capitão Oceano, passou trinta anos esperando e sonhando com o grande amor da sua vida, Lina Parlagrecco, a trapezista do Circo Internazionale de Itália. O mesmo circo no qual trinta anos atrás ocorreu o misterioso assassinato do motociclista do globo da morte.

O diálogo entre os dois livros é perceptível em fragmentos como:

> A molecada viu, entre divertida e interessada, quando a mulher gorda desceu a pequena escada do seu camarim e caminhou na direção do prefeito, de braços abertos para ele. Os dois estiveram assim abraçados por muito tempo e depois ficaram se olhando, como se não pudessem acreditar no que estavam vendo - então subiram os degraus da pequena escada (e a mulher gorda levava o prefeito pela mão e ele a seguia na maior obediência, como se fosse um menino seguindo a professora) e desapareceram atrás da porta do camarim. (Barroso, 1994, p.77)

E também:

> Talvez todos pensassem que ao fechar a porta do camarim Lina Parlagrecco e Zé Pedro Caetano de Melo fossem para a cama, aquela pequena cama estreita em que a ex-trapezista tinha que dormir de barriga para cima a fim de não cair no chão: mas eles se tateavam, tentando um reconhecimento mútuo - aqueles primeiros momentos foram difíceis porque nenhum dos dois sabia exatamente o que dizer um ao outro. Após tantos anos de separação, eles só contavam com suposições, principalmente Zé Pedro, que vivera todo aquele tempo de notícias muito vagas, que ora davam estar sua amada num distante país da Europa, outras vezes a informação era de que ela excursionava pelo norte do Brasil, e assim por diante. (Barroso, 1994, p.77)

A Saga do Cavalo Indomado (1988)

E em relação ao livro *A Saga do Cavalo Indomado (1988),* a responsável pela intratextualidade entre os dois livros é Aninha. A filha do professor Antônio Carlos Rodrigues Arzão e de Lydia Procópio Monteiro, que segundo a empregada Maria, que era "segundo os espíritas da região, a médium mais adiantada do Centro Espírita da Escrava

Secundina", a reencarnação de Maria Olegária, filha de Chico das Lavras, o fundador de Parada de Deus, e personagem principal da *Saga do Cavalo Indomado*. (Barroso, 1994, p.147)

Aninha divide algumas características com Maria Olegária, como sua personalidade forte e o fato de não se dobrar a vontade dos outros. E afirma, nos momentos do livro em que ela assume o posto de narradora, escutar o galopar de Negro, o cavalo indomado que é uma extensão de Olegária e a ajudou a fugir com Honório, o domador de cavalos que o pai, Chico das Lavras, contratou para domar Negro. Isso pode ser encontrado no seguinte trecho:

> E foi naquela noite que escutei, outra vez, o galope do cavalo indomado reboando nos meus ouvidos, e quando acordei pela manhãzinha uma faixa vermelha me passou pela vista, igual que um raio, e quando fui tomar café na cozinha Maria tava contando pra tia Inês o que ela tinha ouvido no Centro Espírita da escrava Secundina. (Barroso, 1994, p.214)

O DELEGADO TONICO ARZÃO COMO ELEMENTO DE INTRATEXTUALIDADE

A figura do delegado além de ser importante para que a intratextualidade aconteça entre os livros *Quem Matou Pacífico?* e *A Morte do Presidente ou A Amiga de Mamãe*, ele também ajuda para que o mesmo aconteça com os outros livros do ciclo, pois ele é o "melhor repositório dos casos e histórias daquela região". (Barroso, 1994, p.97)

É possível perceber isso na seguinte passagem, que faz a ligação entre Tônico Arzão e o livro *Um Nome para Matar*:

> Ele, Tônico Arzão, acompanhara aquele drama, principalmente o que ocorrera naquela fria noite de 25 de junho de 1935, quando a mulher de Oceano de Moura Alves fora descoberta em seu quarto, na fazenda do Degredo, morta, com dois tiros nas costas. (Barroso, 1994, p.127)

O detetive Tônico Arzão também ajuda na intratextualidade de *O Globo da Morte*, pois está sempre contando para Aninha, sua sobrinha-neta, as histórias do que aconteceu em Parada de Deus. Em especial, a história do misterioso assassinato do motociclista Hans, que Tônico Arzão ajudou na investigação mesmo antes de se tornar um detetive. E isso é perceptível no trecho abaixo:

> Entre as muitas histórias que seu tio-avô, o famoso delegado Tônico Arzão, lhe contara, tinha aquela que se passara em Divino das Flores, distrito de Parada de Deus, onde Zé Pedro Caetano de Melo vivera muitos anos, para não ter que continuar habitando nos domínios do capitão Oceano de Moura Alves. Tônico Arzão costumava dizer que nenhum outro circo que

> aparecera por aquelas bandas podia se igualar àquele que fora acampar justamente no pequeno distrito de Divino das Flores, grimpado na Serra do Caldeirão: e foi ali que Zé Pedro Caetano de Melo tinha conhecido a filha do dono do circo, uma mocinha italiana, trapezista, e que na opinião do delegado era uma flor em botão. (Barroso, 1994, p.60)

E também contando histórias para Aninha, o delegado ajuda na intratextualidade com o livro *A Saga do Cavalo Indomado*, como é mostrado no fragmento a seguir:

> Segundo a narrativa do velho delegado Tônico Arzão, Maria Olegária sumira com o domador de cavalos, e dizem que ela morrera de uma febre maligna para os lados da distante Amazônia: o que restara dessa história - e não havia um só morador em Parada de Deus que não a conhecesse, embora em versões diferentes - era o tropel do "cavalo indomado", que muitos diziam ouvir noite adentro, um galope estranho, que chegava aos ouvidos, mas ressoava mais forte no coração de cada um. (Barroso, 1994, p.93)

A INTRATEXTUALIDADE NOS DEMAIS LIVROS DO “CICLO PARADA DE DEUS”

Apesar da intratextualidade ser encontrada com maior clareza em *A Morte do Presidente ou A Amiga de Mamãe*, também é possível perceber nos outros livros pertencentes ao “Ciclo Parada de Deus”.

Um Nome para Matar (1967)

O primeiro livro lançado do ciclo conta 150 anos de história de Parada de Deus, e por isso está recheado de referências ao seu fundador, Chico das Lavras, e também aos seus filhos, especialmente o Zé Inácio. E esses são personagens de *A Saga do Cavalo Indomado*. Essas referências podem ser notadas nos seguintes trechos:

> — No fundo, no fundo, todo esse povo tem uma inveja desgramada de nós: muito provavelmente porque meu finado marido, o capitão Heleno de Moura, era filho natural do coronel Zé Inácio; não me acanho de dizer a verdade, às vezes o capitão me passava um respe por causa disso: “Que necessidade ocê tem, Paula!”, me dizia ele, “de ficar falando a toda hora que sou filho bastardo? Não precisa tá gritando isso pra bonito e pra feio, pra preto e pra branco, a cidade toda sabe dessa história”. (Barroso, 1967, p.66)

E também:

> O pai, Chico das Lavras, que fora também conhecido em seus tempos de tropeiro como Chico das Bestas, contara a ele, Zé Inácio, que recebera essa visão num grande descampado (que mais tarde foi transformado na vila de Parada de Deus) e que os cinco escravos que possuía para ajudá-lo com os animais haviam testemunhado a aparição. Ele, Chico das

> Lavras, passara ainda dois dias e duas noites de joelhos, rezando, para agradecer a visão, só depois desse dias de prece foi que se pôs a trabalhar, ajudado pelos escravos, a pesquisar a terra da maneira mais tosca possível, com o auxílio de algumas peneiras que trouxera para vender no povoado de Carangola, Porém Deus não lhe avisara, em Sua aparição, que aquela zona abrigava índios e bandidos, que já se haviam apercebido da existência do outro, vendendo caro, portanto, a partilha da exploração dos veios; ainda que não avisando da presença dos bandidos da região, Deus se postara decididamente a seu favor, e só assim ele, o até então conhecido somente como Chico das Bestas, explicava ao filho Zé Inácio o fato de ter vencido aquela luta desigual, dispondo apenas de cinco escravos ajudantes de tropeiro — às pressas, e devido à necessidade, transformados em capangas seus — e das armas com as quais negociava. (Barroso, 1967, p.108)

Quem Matou Pacífico? (1969)

No segundo livro do ciclo, é feita uma leve intratextualidade por meio dos irmãos Pacífico e Oceano de Moura Alves, que foram apresentados aos leitores no primeiro livro do ciclo, *Um Nome para Matar.* E que retornam nesse livro, com Pacífico sendo morto na subida do cemitério e com Oceano querendo vingar a morte do irmão.

> — Quanto mais ocê procurar se lembrar de tudo que tou perguntando, melhor procê, meu filho. Pacífico de Moura, o proprietário de Santana, foi assassinado ontem de noite, no morro do cemitério, quase em frente da casa do coveiro. (Barroso, 1969, p. 36)

O Globo da Morte: Divino das Flores (1981)

O terceiro livro do “Ciclo Parada de Deus” traz novamente a figura do capitão Oceano, afinal o livro conta sobre os Caetano de Melo que são inimigos políticos dos Moura Alves. A presença do capitão na narrativa pode ser notada em trechos como:

> — Oceano sabia que aquela prisão de um dos seus principais inimigos era um ato que provocaria consequências, era tão explosivo quanto fora a fuga de Iaiá Caetano de Melo para casar-se com seu avô, Zé Inácio de Moura Alves, após Clemente, pai de Iaiá, ter jurado de morte a Zé Inácio, mas Oceano sabia que aquela era a sua grande oportunidade de humilhar um inimigo que tinha a ousadia de não ter medo dele, que o afrontava quase que publicamente, vindo de Parada de Deus, passando horas debruçado sobre o balcão de vendo do “carcamano maldito”, Ângelo Crespi, às vezes dando as costas para a rua, como se provocasse os tiros ou pedisse por eles, embora todos soubessem que por perto certamente estria Hermitão, vigiando, e quem ousasse atirar contra Zé Pedro Caetano de Melo poderia até mesmo acertar o alvo e matá-lo, mas de antemão tinha certeza de que não sobreviveria, podia até mesmo antecipar quem iria receber o dinheiro pela morte do inimigo de Oceano, pois o próprio, aquele que seria o assassino, não receberia. (Barroso, 1981, p.29)

Outro personagem já conhecido pelo leitor que retorna em *O Globo da Morte* é Tônico Arzão, mas dessa vez antes de se tornar o delegado de Parada de Deus, já que esse livro se passa antes dos acontecimentos do livro *Quem Matou Pacífico?*. Tônico irá fazer parte das investigações sobre a morte do motociclista Hans, como mostra o fragmento abaixo:

> Tônico Arzão levantou o chapéu de lebre, passou a mão pelos cabelos cortados à escovinha e ajeito, novamente, o chapéu na cabeça. A partir daquele momento ele ficara seguro de que iria participar das investigações sobre a morte do motociclista do Grão-Circo Parlagrecco. (Barroso, 1981, p.209)

A Saga do Cavalo Indomado (1988)

Nas páginas finais de *A Saga do Cavalo Indomado*, Maria Alice Barroso faz uma retomada aos acontecimentos dos outros livros do "Ciclo Parada de Deus". Talvez para fazer com que o leitor relembre fatos importantes dos demais livros, assim o preparando para *A Morte do Presidente ou A Amiga de Mamãe* em que, como já foi dito anteriormente, a todo momento traz à tona fatos dos livros anteriores.

Maria Alice Barroso relembra *Um Nome para Matar*, falando sobre a morte de Maria Corina

> Pois seria esse mesmo Oceano, o neto daquele que se tornara seu filho preferido, Heleno de Moura, quem seguiria o exemplo do avô, raptando a morena Maria Corina, filha do Nonô da farmácia, com quem teve três filhos e a quem — dizem — acabou mandando matar, embora, oficialmente, tivesse sido aceita a versão de que Maria Corina havia se suicidado (embora todos soubessem que o tiro que a matar Maria Corina fora dado pelas costas, o que não deixava de ser um modo inusitado de alguém se matar) (Barroso, 1988, p.165)

E resgata o assassinato de Pacífico de Moura Alves, que foi mostrado em *Quem Matou Pacífico?*

> E o próprio Oceano que, muito mais tarde, ainda na qualidade de prefeito, convidara Tônico a ocupar a delegacia de Parada de Deus. E foi como delegado que Tônico solucionou o mistério que cercava o assassinato de Pacífico de Moura Alves, irmão de Oceano, que recebera dois tirambaços de garrucha quando subia o morro cemitério da cidade para encontrar com sua amante, a moça Luzia, filha do coveiro Joãozão. (Barroso, 1988, p.167)
>
> Em relação ao *Globo da Morte*, é relembrado o assassinato do motociclista Hans, e participação de Tônico Arzão, antes de se tornar um delegado, na investigação do crime.
>
> Também fora Tônico Arzão quem defendera uma estranha teoria sobre o assassinato do motociclista Hans, do Circo Parlagrecco, que aparecera sangrando a faca, amarrado ao globo da morte em que se exibia, durante o

> espetáculo, junto com seu companheiro, o também alemão, Ralph. A teoria desenvolvida por Tônico — e que o delegado daquela época, o gordo Honório Tritão, jamais aceitara ou sequer entendera — era a de que o mágico do circo, o misterioso Zeno, hipnotizara Brutus, o urso, e o farmacêutico de Divino das Flores, seu Frates, que absolutamente inconscientes do que faziam — sob o comando da mente de Zeno — tinham sangrado a faca o motociclista, na beira do rio, e depois o urso e o farmacêutico tinham amarrado o cadáver ao próprio local de trabalho da vítima, isto é, ao chamado globo da morte. A motivação do crime era o fato de a mulher de Zeno traí-lo às escâncaras com o motociclista. Porém essa argumentação de Tônico nunca passara de uma provável versão para o crime, ocorrido no vilarejo de Divino das Flores, distrito de Parada de Deus, e que nunca conseguira levar os prováveis culpados para a cadeia. (Barroso, 1988, p.167-168)

E por último, *A Morte do Presidente ou A Amiga de Mamãe*, que tem uma de suas personagens apresentada nessas páginas finais de *A Saga do Cavalo Indomado*. Isabel de Moura Neves, ou Bebel, como prefere ser chamada, é filha do capitão Oceano e de Maria Corina e almeja descobrir mais sobre o suposto suicídio da mãe.

> As visitas que Isabel fez a Tônico Arzão — com mais oitenta anos, já então delegado aposentado e encafurnado na fazenda Santa Bárbara — não tinham outro motivo senão investigar detalhes do possível assassinato da mãe. Ninguém melhor do que ele podia esclarecer aquela tragédia, da qual ela muito pouco se lembrava, a não ser algumas cenas, frases perdidas e, sobretudo, aquela imagem de mulher morena, rutilante, o riso casquinado, que movimentava qualquer cenário em que estivesse. (Barroso, 1988, p.173)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos livros do “Ciclo Parada de Deus” é possível observar o conceito de encaixe que é utilizado por Todorov no ensaio *Homens-Narrativas* presente no livro “As Estruturas Narrativas”

> A aparição de uma nova personagem ocasiona infalivelmente a interrupção da história precedente, para que unia nova história, a que explica o “eu estou aqui agora” da nova personagem, nos seja contada. Uma história segunda é englobada na primeira; esse processo se chama encaixe. (Todorov, 2006, p.123)

Ou seja, o encaixe acontece quando diversas narrativas são entrelaçadas por meio dos seus personagens. E é dessa maneira que Maria Alice produz a intratextualidade em *A Morte do Presidente ou A Amiga de Mamãe*, pois ela constantemente, como foi mostrado na sessão anterior, traz à tona personagens dos livros anteriores. Tudo isso com a intenção de apresentar uma conclusão para a história desses personagens.

Esse encaixe entre todos os cinco livros do “Ciclo Parada de Deus” deixa extremamente clara a complexidade da obra de Maria Alice Barroso, uma escritora que apesar de ter recebido prêmios importantes, como o prêmio Jabuti pelo livro *A Saga do Cavalo Indomado*, não tem o reconhecimento que merece.

REFERÊNCIAS

BARROSO, Maria Alice**. A Morte do Presidente**: ou A Amiga de Mamãe. Rio de Janeiro: Record, 1994. 222 p.
BARROSO, Maria Alice. **O Globo da Morte**: Divino das Flores. Rio de Janeiro: Record, 1981.
BARROSO, Maria Alice. **Quem Matou Pacífico?**. Rio de Janeiro: Record: 1978.
BARROSO, Maria Alice**. Um Nome para Matar**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 2001.
FIORIN, José Luis. **Introdução ao Pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Contexto, 2016. 160 p.
JENNY, Laurent. **A estratégia da forma**. In: INTERTEXTUALIDADES. Poétique. Revista de teoria e análise literárias. Coimbra: Almedina, 1979. P.5-49
KOCH, Ingedore G. Villaça; BENTES Anna Christina; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Intertextualidade**: diálogos possíveis. São Paulo: Cortez, 2007.
KRISTEVA, Julia. **Introdução à Semanálise.** Tradução Lúcia Helena França Ferraz. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.
LAMARÃO, Sérgio. **Clube da Lanterna**. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/clube-da-lanterna>. Acesso em: 05 jul. 2017.
TODOROV, Tzvetan. **As Estruturas Narrativas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

10. LETRAS:

COLABORAÇÕES DA PLATAFORMA GOOGLE NA PRODUÇÃO TEXTUAL

Otávio de Oliveira CASTELANE[120]
Joane Marieli Pereira CAETANO[121]

RESUMO

A tecnologia promove alterações em várias instâncias sociais, inclusive na escola, com vistas ao aperfeiçoamento de processos. Nesse contexto, convém analisar as

[120]Graduando em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e em Língua Inglesa pelo Centro Universitário São José de Itaperuna (Unifsj). E-mail: otavio31castelane@hotmail.com
[121]Mestra em Cognição e Linguagem, pela Universidade Estadual do Norte Fluminense (Uenf). Especialista em Letras, pelo Centro Universitário São José de Itaperuna (Unifsj). Professora da Educação Básica, Técnica e Tecnológica (IFF campus Itaperuna). Docente de Linguística no Curso de Letras (Unifsj). E-mail: joaneiff@gmail.com

contribuições que os recursos tecnológicos provenientes desse avanço podem trazer ao ensino de língua materna durante as práticas de produção textual. Para tanto, metodologicamente, trata-se de pesquisa qualitativa, pautada em revisão bibliográfica, a fim de investigar, mais especificamente, as potencialidades das ferramentas disponibilizadas pela plataforma Google, em especial o Google Forms e o Google Docs, nas atividades em sala de aula de língua portuguesa. Diante da eminente inserção da tecnologia em âmbito pedagógico, torna-se importante estudar sua aplicabilidade e seus possíveis benefícios na qualidade do ensino.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de língua; Tecnologia; Google Forms; Google Docs.

ABSTRACT

The technology promotes changes in various social instances, including in school, with a view to process improvement. In this context, it is desirable to analyze the contributions that technological resources from this advancement can bring to the teaching of maternal language during the textual production practices. For this, methodologically, this is qualitative research, guided by bibliographical revision, in order to investigate, more specifically, the potentialities of the tools made available by the Google platform, especially Google forms and Google Docs, in the activities in the Portuguese language classroom. Faced with the eminent insertion of technology in pedagogical scope, it becomes important to study its applicability and its possible benefits in the quality of education.

KEYWORDS: Language Teaching; Technology; Google Forms; Google Docs.

INTRODUÇÃO

Estamos diante de mudanças sociais e do avanço constante das tecnologias, transformando nitidamente o comportamento da sociedade. Posto isso, faz-se necessária a formação de um novo homem, de um novo profissional. Hoje, mais que nunca é importante saber lidar com diferentes situações, resolver problemas imprevistos, ser flexível e multifuncional e estar sempre aprendendo.

Diante de tudo isso, a educação não pode se marginalizar às inovações, tornando-se obsoleta e sem flexibilidade. O professor tem que assumir seu papel de agente ativo possuindo mente aberta para refletir criticamente sobre sua crítica no processo de ensino-aprendizagem, colaborando assim para formação de cidadãos aptos a viver em uma sociedade cada dia mais globalizada.

Posto isso, é preciso que os professores abracem uma postura aberta, criativa, critica, reflexiva para que possam (trans)formar sua pratica pedagógica, capacitando-se através de formação continuada; igualmente, para que possam acompanhar os novos paradigmas de contemporaneidade e, de fato, contribuir – como diria Freire (2003) – para

a construção de sujeitos preparados para uma participação libertadora, transformadora nas práxis coletivas.

Atualmente, o acesso à tecnologia se tornou essencial na tentativa de otimizar processos. No contexto escolar, essa entrada se deu partir dos anos 90 com a chegada dos computadores e posteriormente com o acesso à internet. A partir disso, ganha espaço nos lares dos estudantes e professores.

Na contramão de toda facilidade oferecida pelas novas tecnologias, há o despreparo do profissional para o seu uso, ocasionando situações conflituosas na relação do aluno-tecnologia-professor, haja vista os casos de dificuldade docente em manejar o recurso tecnológico, a ausência de equipamento suficiente no contexto escolar, o mau aproveitamento da tecnologia durante a abordagem dos conteúdos, dentre outros. Todavia, esses dilemas não podem interpor as possibilidades de alteração significativa da dinâmica escolar intermediada pela tecnologia. Conforme Leffa apud Fettermann e Caetano (2016, p. 22), as contribuições da tecnologia para o professor dizem respeito a ações como “servir como um instrumento de apoio, assumindo muitas das rotinas do trabalho pedagógico, de modo a deixá-lo com mais tempo livre para reflexão, para a crítica e para a criatividade no desempenho de suas funções docentes”. Já em relação aos subsídios oferecidos aos alunos, o autor salienta que “a tecnologia pode facilitar a invenção e a descoberta, promovendo a agência e contribuindo para que o aluno seja não apenas receptor, mas também construtor de seu conhecimento” (LEFFA apud FETTERMANN e CAETANO, 2016, p. 22).

Desta forma, nesse trabalho procurou-se sugerir o uso de duas plataformas do Google para utilização, comunicação e facilitação do aprendizado entre alunos e professores.

Justificada por essa eminente entrada da tecnologia no âmbito pedagógico, procurou-se resposta para o seguinte questionamento: de que forma os avanços tecnológicos podem contribuir para o ensino de língua materna nas práticas de produção textual?

Objetivamente procurou-se demonstrar a importância dessa abordagem mediante teóricos e documentos norteadores do ensino de língua e apresentar o potencial pedagógico da usabilidade de recurso tecnológicos no ambiente escolar. Este estudo se caracteriza como uma pesquisa qualitativa, pautada em uma revisão bibliográfica, pois faz

uso de materiais já disponibilizados por outros autores, entre eles Heidemann et al (2010), Antunes (2009; 2014), Marcuschi (2008), e Rojo (2009).

O ENSINO DE PRODUÇÃO TEXTUAL E A APLICABILIDADE DAS FERRAMENTAS GOOGLE FORMS E GOOGLE DOCS

O contexto contemporâneo para o ensino de língua portuguesa requer que a abordagem pedagógica parta de gêneros textuais, de modo a tornar o ensino mais contextualizado às dinâmicas sociais de uso linguístico do público-alvo, a fim de estimular as práticas de leitura, escrita, revisão e reescrita visto que há

> o caráter de artificialidade dos contextos escolares em que a escrita é solicitada; a ausência de uma dialogicidade, ainda que apenas simulada; o afastamento das propostas de produção escrita em relação aos usos sociais que efetivamente são feitos; a representação que os alunos construíram, na própria escola, acerca da escrita e dos requisitos que determinam sua adequação e qualidade; a estreiteza na compreensão das operações processuais implicadas na atividade de escrever.(ANTUNES, 2009, p. 162)

Todavia, ainda há grande dificuldade de se efetivar tais orientações. Dentre as possibilidades de contornar essas situações deficientes, procura-se vislumbrar possibilidades através da aplicação de ferramentas tecnológicas.

Antes disso, importa resgatar, brevemente, as nuances da abordagem metodológica para o ensino de língua materna. Em época de validação da antiga Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1971, presenciava-se um cenário de dicotomias, desde a cisão entre as disciplinas na área (Gramática x Produção de Texto x Literatura) até a separação entre sujeitos de 1ª classe (dignos do acesso à educação para ascensão social) e sujeitos de 2ª classe (se inseridos em ambientes escolarizados, eram relegados à aprendizagem exclusiva de uma técnica para o trabalho). Conforme Mendonça e Bunzen (2006), vivia-se, desse modo, um momento fragmentação do ensino, no qual o foco era a especialização para domínio de uma área, em uma concepção desvinculada à formação integral do indivíduo, uma vez que se valorizava uma formação para conteúdo, com destaque para o “saber por saber”.

Diante do insucesso dessa perspectiva, verificou-se a emergencial transição de um modelo fragmentário de ensino para uma proposta alicerçada na noção de letramento,

isto é, de preparo do aluno para ler e escrever textos com proficiência em suas práticas linguísticas cotidianas. Rojo (2009, p. 11) ratifica essa premissa com vistas à consolidação de uma educação linguística ética e democrática: “defendo que um dos objetivos principais da escola é possibilitar que os alunos participem de várias práticas sociais que se utilizam da leitura e da escrita (letramentos) na vida da cidade, de maneira ética, crítica e democrática”. Tendo importância fundamental sua concepção tecnológica, o letramento digital, que deve “saber utilizar as TIC, saber acessar informações por meio delas, compreendê-las, utilizá-las, e com isso mudar o estoque cognitivo e a consciência crítica e agir de forma positiva na vida pessoal e coletiva. ” (SILVA, 2005, p. 33)

Existem diversas abordagens de letramento, como o letramento ideológico de Magalhães (2012), em que o tema das aulas dos joven e adultos (EJA) eram definidos previamente pelos próprios alunos. O exemplo institucionalizado no Centro de Desenvolvimento e Cultura do Paranoá/Cedep demonstra vanguarda e comprometimento de vários profissionais com práticas mais significativas. Contudo, cabe ao professor como tarefa diária de planejamento repensar suas ações e buscar métodos que efetivem a contextualização. Outra experiência interessante é relatada por Galarza (2015), que usa a sala de aula como espaço de fala, conversa, troca e socialização. No depoimento da autora, professora de língua portuguesa na Secretaria de Educação do Rio Grande do Sul, ela descreve que, por intermédio de conversas em aula, em uma interação oral coletiva, em relação horizontal diante dos alunos, consegue lê-los e ouvi-los: “passei a conhecer melhor meus alunos e seu mundo, pude registrar tudo o que poderia servir de ‘gancho’ para buscar temas de relevância para a leitura e a escrita em aula” (GALARZA, 2015, p. 61). Trata-se, desse modo, de pesquisa com caráter etnográfico, devido ao delineamento de perfis de grupo sociais, que requer mediação docente como suporte para o processo de aprendizagem.

Diante das considerações acima sobre a evolução do paradigma educacional e as redefinições dos letramentos. Stone (2007 apud MAGALHÃES) já aponta a compreensão do letramento *online*, visto que os alunos contemporâneos vivenciam experiências concretas e frequentes com a mídia digital. Faz-se importante, assim,

> (...) o engajamento com a cultura popular fora da sala de aula, significa um poderoso acesso à elaboração de um currículo de leitura e escrita que seja relevante à vida das pessoas e que as prepare para as complexas atividades de letramento tecnologicamente mediadas em que terão de

> atuar no mercado de trabalho, na vida pessoal e comunitária, e em suas relações com o governo, as instituições e organizações (MAGALHÃES, 2012, p. 60).

Por conta disso, a escola passa a ter um compromisso social em uma dimensão mais abrangente. Com relação ao ensino de língua portuguesa, a demanda em voga não requer apenas a aprendizagem de conteúdos gramaticais, mas também a inserção do sujeito enquanto cidadão que faz uso de sua língua para transitar em diversas esferas sociais. Assim,

> Considera-se que é à escola e à escolarização que cabem tanto a aprendizagem das habilidades básicas de leitura e de escrita, ou seja, a alfabetização, quanto o desenvolvimento (...) das habilidades, conhecimentos e atitudes necessárias ao uso efetivo e competente da leitura e da escrita nas práticas sociais que envolvem a língua escrita, ou seja, o letramento (SOARES apud SOUZA, CORTI e MENDONÇA, 2012, p. 59-60).

Desse modo, em contexto de mudanças provenientes da promulgação da nova LDB de 1996 e da elaboração de documentos norteadores do ensino como as Orientações Curriculares Nacionais (OCN) e os Parâmetros Curriculares Nacionais, surgem propostas diversificadas que pretendem estimular a formação ampla, e em especial ao ensino de línguas, a capacidade de atuação cidadã a partir das ações comunicativas intermediadas pela língua portuguesa.

Nesse ínterim, as principais recomendações sinalizam para o trabalho com gêneros, definidos como “constitutivos da situação discursiva (...) mais ou menos estáveis de textos (BAKHTIN, 1995 apud ANTUNES, 2009, p. 210). Mas por que a necessidade de uma abordagem centrada nos gêneros? Justamente por revelarem sua inserção na mencionada situação discursiva, contexto real em que se observa a materialização concreta da língua em uso. Além disso, “os gêneros discursivos cada vez mais flexíveis no mundo moderno nos dizem sobre a natureza social da língua” (BRASIL, 2000, p. 21).

Mediante a perspectiva de trabalho com gêneros, convém destacar a orientação para que se dê o devido espaço ao estudo dos gêneros orais. Embora as pesquisas em torno da modalidade oral sejam recentes segundo Marcuschi (2008), não se pode perder a potencialidade de análise linguística que o texto oral possui, sobretudo na identificação de suas peculiaridades discursivas. Ademais, falamos tanto quanto ou mais do que

escrevemos; também nos inserimos socialmente através de práticas orais. Logo, é necessário que o ensino dedique-se à promoção de uma análise mais aprofundada de como a conversação se processa em seus vários contextos de aplicação.

Na teoria, pode-se compreender bem a importância da abordagem indicada. As dificuldades mais preocupantes residem na concretização, dentre elas, a seleção de quais gêneros estariam contextualizados ao perfil do alunado contemporâneo. De antemão, é imprescindível compreender a diversidade da sala de aula. As novas práticas não surtirão efeito se ainda pensarmos na projeção de um público discente arcaico, haja vista que o desempenho linguístico dos usuários tem, na atualidade, se aplicado em dimensões mais amplas, tais como a internet. Nesse sentido, Antunes (2014, p. 47) alerta para a necessidade de valoração de um ensino pautado em uma Gramática Contextualizada, aquela que está "a serviço dos sentidos e das intenções que se queira manifestar num evento verbal, com vistas a uma interação qualquer". Mais especificamente sobre as atividades de leitura e produção de textos, a autora aponta possibilidades de critério para seleção:

> O ensino de línguas deveria privilegiar a produção, a leitura e a análise dos diferentes gêneros, de cuja circulação social somos agentes e testemunhas. Os critérios de escolha desses gêneros de textos, conforme cada estágio da escolaridade, poderiam advir da **observação das ocorrências comunicativas atuais**, ou seja, daquilo que, de fato, é usado no cotidiano de nossas transações sociais (ANTUNES, 2009, p. 213, grifo nosso).

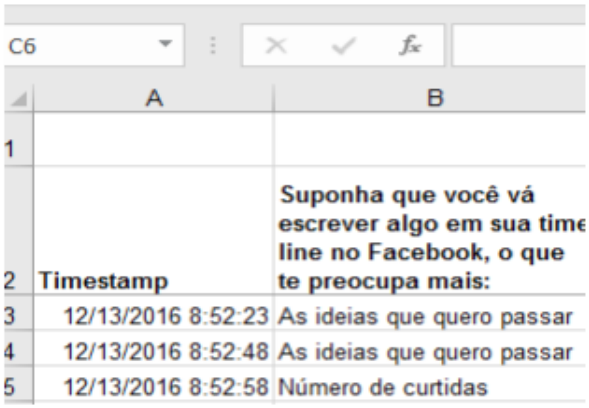
Outra dúvida que permeia a concepção das práticas de leitura e escrita na escola relaciona-se à como motivar os alunos a ler e escrever. Antunes (2009, p. 214) também retoma tal impasse e propõe sugestões quanto à escrita, ao acreditar que "as motivações para escrever na escola deveriam inspirar-se nas motivações que temos para escrever fora dela. Se alguma vez fazemos descrições a partir de figuras, é com alguma finalidade definida".

Na tentativa de resolução das duas problemáticas – como efetivar um ensino de produção textual contextualizado e como motivar os alunos a aderir a essa proposta –, este estudo vê nas ferramentas tecnológicas oferecidas pela Plataforma Google oportunidades de investigar as aptidões e hábitos discentes quanto às suas práticas comunicativas mais comuns.

Entre inúmeras plataformas, destaca-se inicialmente o Google Forms e o Google Docs. Cada um deles contém sua especificidade de uso e de retorno automático. Seguindo, detalharemos de melhor maneira a usabilidade dos recursos oferecidos por essas plataformas e seu uso no contexto escolar.

O Google Forms - em português Google Formulários, disponível em https://www.forms.google.com - é uma plataforma que permite a criação/inserção de documentos em forma de formulários para serem disponibilizados online a todos ou a um público-alvo por meio de um link específico que é criado para cada formulário. Os campos de criação da plataforma permitem ao usuário criar questões e disponibilizar ou não recursos para as respostas, como resposta em formato de múltipla escolha, exigência de respostas abertas curtas ou longas, checkboxes, além de direcionar o entrevistado para cada pergunta específica de acordo com suas respostas. A inserção de imagens ou vídeos também está disponível ao criador.

Essa plataforma também oferece outro recurso, a visualização dos resultados. “Essa é uma das principais vantagens no uso do Google Forms: a visualização dos dados coletados. As respostas aparecem organizadas em uma tabela [...], onde cada coluna corresponde às resoluções de uma questão e cada linha corresponde a um respondente” (HEIDEMANN, OLIVEIRA, VEIT, 2010). Tal forma permite a visualização do resultado individualizado online ou em planilhas offline (imagem 01), porém o mesmo pode ser disponibilizado em formas de gráficos (imagem 02).


C6

	A	B
1		
2	**Timestamp**	**Suponha que você vá escrever algo em sua time line no Facebook, o que te preocupa mais:**
3	12/13/2016 8:52:23	As ideias que quero passar
4	12/13/2016 8:52:48	As ideias que quero passar
5	12/13/2016 8:52:58	Número de curtidas

Imagem 01: Demonstrativo de resposta em planilha
Fonte: Planilha disponibilizada pelo Google Forms, 2017



Imagem 02: Demonstrativo de resposta em gráfico
Fonte: Dados dos autores (Google Forms), 2016.

Os resultados obtidos podem ser usados no contexto escolar para que o professor saiba a necessidade dos seus discentes, desde que o mesmo promova uma atividade diagnóstica por meio de formulários e contribua para a diversificação de sua metodologia de ensino de determinada disciplina – neste caso, da produção textual – de forma específica à realidade discente, promovendo assim um ensino contextualizado, eliminando dessa forma uma das razões do medo do papel em branco que, segundo Passarelli (2012), seria a falta de base quanto aos conhecimentos de mundo para o processo da escrita.

A outra plataforma a ser abordada é o Google Docs - em português Google Documentos, disponível em https://www.docs.google.com - que inicialmente tem a função relativa a uma folha em branco (imagem 03), função que se assemelha ao Microsoft Word. Inicialmente, a plataforma solicita que o usuário escolha entre templates disponíveis ou totalmente em branco.

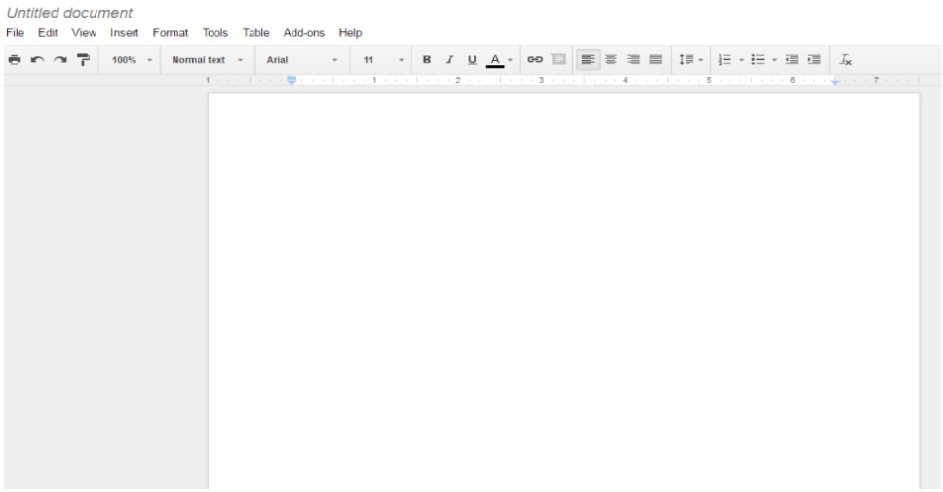


Imagem 03: Página de escrita do Google Docs
Fonte: Google Docs, 2017.

Além da criação, a exportação e importação de documentos já existentes, a inserção de imagens, tabelas, gráficos, equações matemáticas e outros são disponibilizados, como funções básicas de um editor de textos.

O diferencial da plataforma é o compartilhamento. O usuário pode permitir o acesso de outros mediante seus e-mails. Sendo assim, o outro usuário recebe um convite para editar, ver ou sugerir mudanças de acordo com a vontade do criador do documento.

Essa possibilidade no contexto escolar é uma porta de entrada da tecnologia. O relacionamento entre professor-aluno se dá atualmente também fora da escola. Permitindo ao professor que essa nova forma de comunicação seja usada no contexto das produções textuais para escritas, revisões e reescritas e promovendo um feedback mais rápido e claro ao aluno por meio do recurso comentários (imagem 04) que podem ser fixados ao lado do texto, a fim de pontuar questões importantes à revisão e reescrita.

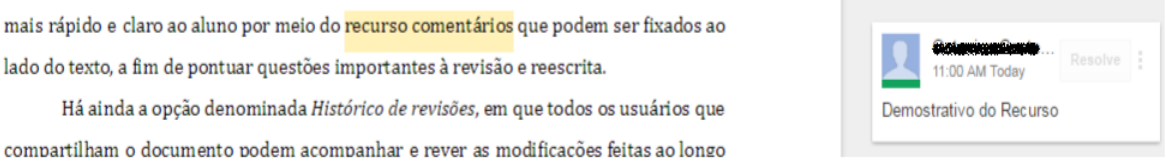


Imagem 04: Demonstração de Comentário
Fonte: Google Docs, 2017.

Há ainda a opção denominada Histórico de revisões, em que todos os usuários que compartilham o documento podem acompanhar e rever as modificações feitas ao longo de toda a produção. A título de ilustração, apresentamos abaixo uma imagem da tela capturada com o Histórico de revisões da produção deste artigo:

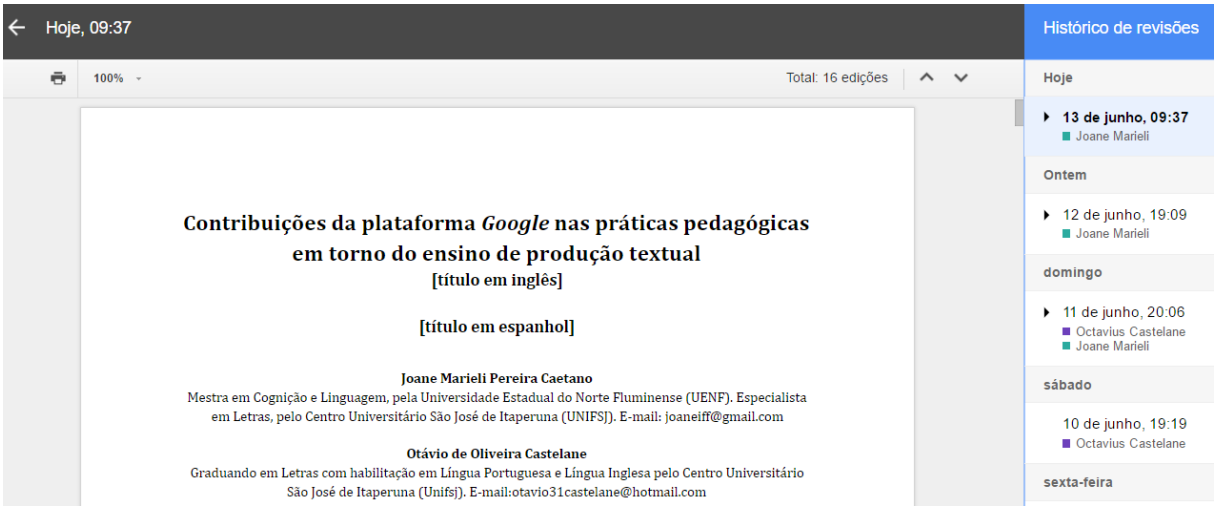


Imagem 05: Histórico de Alterações
Fonte: Demonstrativo dos autores (Google Docs)

O recurso disponibiliza integralmente o histórico de alterações realizadas no arquivo e dispõem didaticamente as modificações de cada autor em cores diversificadas com vistas a melhor visualização. Pode-se ainda restaurar revisões. Basta que o usuário selecione a alteração que deseja reverter à escrita original e clique no botão “Restaurar esta revisão”.

Todo o conteúdo no Docs, como acontece com o Google Forms, é salvo em uma nuvem maior do Google - o Google Drive. Isso permite o acesso ao conteúdo de qualquer lugar com conexão à internet ou sem conexão em que o documento foi disponibilizado para edições offline. Por isso, todas as alterações são salvas quase que automaticamente, facilitando ao processo a rever mudanças feitas pelo aluno no texto usado.

Verificam-se, desse modo, várias possibilidades de aperfeiçoamento das atividades de produção textual a partir de ferramentas online gratuitas, que requerem, apenas, que o usuário tenha uma conta no Gmail. Essas observações ficam registradas, assim, como sugestões para trabalhos posteriores que venham a concretizar na prática a usabilidade desses recursos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O evidente avanço tecnológico promove mudanças substanciais em toda a dinâmica social, atingindo a escola em sua abrangência. Diante disso, cabe à instituição escolar definir como lidará diante das mudanças. Embora seja um percurso que demanda

capacitação e estudo atualizado devido à dinamicidade dos recursos tecnológicos, recorrer à tecnologia para o ensino de línguas pode gerar oportunidades de aprendizagem mais contextualizada.

Dentre as possibilidades, este estudo destacou o uso da Plataforma Google, mais especificamente por intermédio das ferramentas online Google Forms e Google Docs. Como benefícios para as aulas de produção textual, abordou-se a aplicabilidade do Google Forms para investigar o perfil discente quanto aos hábitos de leitura e escrita e, consequentemente, disponibilizar informações úteis na seleção do repertório textual a ser utilizado na disciplina, partindo, assim, de uma abordagem contextualizada, pois retoma materializações de uso linguístico recorrentes ao cotidiano do aluno. Verificou-se, ainda, a potencialidade da ferramenta Google Docs nas atividades de escrita e, em especial, revisão/reescrita através dos recursos de Comentários e Histórico de revisões.

Este estudo partiu, dessa forma, de sugestões para inserção de instrumentos tecnológicos com o intuito de auxiliar as práticas de produção textual. Transpor a tecnologia ao trabalho desenvolvido nas aulas de português pode se configurar, assim, como uma ação promovedora de contribuições pedagogicamente significativas.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Gramática contextualizada:** limpando “o pó das ideias simples”. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

_____. **Língua, texto e ensino**: outra escola possível. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **Lei nº 5.692/71**, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1° e 2º graus. Brasília: MEC, 1971. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em 09 jun. 2017.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **Lei nº 9394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf>. Acesso em 09 jun. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** ensino médio. Brasília: MEC, 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>. Acesso: em 09 jun. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio:** Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Brasília: MEC, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf>. Acesso em 09 jun. 2017.

BUNZEN, Clécio; MENDONÇA, Márcia. Sobre o ensino de língua materna no ensino médio e a formação de professores: introdução dialogada. In: _____. **Português no Ensino Médio e formação do professor**. Parábola Editorial, 2006.

FETTERMANN, Joyce Vieira; CAETANO, Joane Marieli Pereira. **Ensino de línguas e novas tecnologias:** diálogos interdisciplinares. Campos dos Goytacazes, RJ: Brasil Multicultural, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à pratica educativa. 26. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

GALARZA, Débora Karam. Aulas de português, construção de conhecimento e interação social. In: ZILLES, Ana Maria Stahl; FARACO, Carlos Alberto (org.). **Pedagogia da variação linguística:** língua, diversidade e ensino. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

HEIDEMANN, Leonardo Albuquerque; OLIVEIRA, Ângelo Mozart Medeiros de; VEIT, Eliane Angela**. Ferramentas Online no Ensino de Ciências: uma proposta com Google Docs. Física na Escola**, vol. 11, n. 2, pg. 30-33, São Paulo: 2010. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/116446/000792476.pdf?sequence=1> Acesso em: 12 jun. 2017

MAGALHÃES, Izabel. Letramento, intertextualidade e prática social crítica. In: _____ (org.) **Discursos e práticas de letramento***:* pesquisa etnográfica e formação de professores. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2012.

,
MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

PASSARELLI, Lílian Ghiuro. **Ensino e correção na produção de textos escolares.** São Paulo: Cortez, 2012.

ROJO, Roxane**. Letramentos múltiplos:** escola e inclusão social. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SILVA, Helena et al. Inclusão digital e educação para a competência informacional: uma questão de ética e cidadania. Brasília: **Revista Ciência da Informação**, v. 34, n. 1, p. 28-36, jan/abr. 2005.

SOUZA, Ana Lúcia Silva; CORTI, Ana Paula; MENDONÇA, Márcia. **Letramentos no ensino médio.** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

11. LETRAS:

O CRIME DO PADRE AMARO, DE EÇA DE QUEIRÓS, E SUA ADAPTAÇÃO PARA O FILME HOMÔNIMO DE CARLOS CARRERA

Liniker Seliprande Ribeiro[122]
Ana Lúcia Lima da Costa Schmidt[123]
Dulce Helena Pontes-Ribeiro[124]

RESUMO: Este trabalho procura comparar a obra literária *O crime do padre Amaro* (Eça de Queirós), que marcou um período de uma determinada época, com um filme homônimo (Carlos Carrera), criado a partir da estrutura do romance, mas que se passou em outra época, com outras finalidades. No artigo, objetiva-se comparar não só as divergências e convergências, mas também todo o jogo de interesse que há por trás das duas obras, já que se passam em tempos diferentes. Fez-se, em termos metodológicos, uma revisão bibliográfica e uma abordagem comparativa entre literatura (texto verbal) e sua adaptação a cinema/filme (linguagem mista). Concluiu-se que, neste tipo de trabalho, ocorre uma espécie de tradução ou interpretação que jamais contempla plenamente o texto original porque se trata de uma nova obra que, por isso mesmo, tem sua autenticidade e merece respeito.

PALAVRAS-CHAVE: Autor – Diferença - Filme - Obra literária – O Crime do Padre Amaro

INTRODUÇÃO

O cinema é um grande influenciador nas mentes dos seres humanos. Ora uma manifestação artística capaz de desencadear no espectador o senso crítico e o conceito estético, ora um entretenimento proporcionando a diversão. Muitos têm por preferência assistir a um filme a ler um livro, principalmente quando ambos tratam da mesma temática

[122]Graduando do Curso de Letras (Português/Inglês) do Centro Universitário São José de Itaperuna (Unifsj). Email: liniker10@outlook.com.
[1232] Orientadora. Pós-Doutora em Cognição e Linguagem pela Universidade do Norte-Fluminense (Uenf). Doutora em Ciência da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (Ufrj). Mestre em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Juiz de Fora (Ufjf). Pós-Graduada em Literatura pela Fundação São José. Graduada em Letras pelo Unifsj. Professora em exercício do Ensino Médio do estado do Rio de Janeiro. Coordenadora e Docente da Educação Superior no curso de Letras do Unifsj. E-mail: analucia@fsj.edu.br.
[124]Coorientadora. Doutora em Letras (Língua Portuguesa) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj). Mestre em Educação pela Universidade Católica de Petrópolis (UCP). Pós-Graduação em Língua Portuguesa e Graduada em Letras pela Faculdade de Filosofia de Itaperuna (Fafita). Revisora da revista acadêmica *Transformar*, do Unifsj. Professora aposentada do estado do Rio de Janeiro. Docente da Educação Superior no curso de Letras do Unifsj. E-mail:dulcehpontes@gmail.com.

e o receptor é um daqueles que não suportam folhear um livro. Mas será que o cinema adapta sua produção de modo totalmente fiel à obra literária que lhe serviu de referência, quando se trata de adaptação? Com base nesse questionamento, tomou-se como objeto de estudo *O crime do padre Amaro*, obra literária do romancista realista português Eça de Queirós e a adaptação dessa obra no filme homônimo de Carlos Carrera.

Desse modo, chegou-se à seguinte **questão problema**: que elos e rupturas são identificados no par livro/filme homônimo *O crime do padre Amaro*? Para desvendar esse problema levantado, foi preciso, como **objetivo geral**, identificar traços do livro mantidos no filme e o que dele destoa. O estudo também requereu a conquista de objetivos específicos, quais sejam: 1) discernir arte literária de arte cinematográfica; 2) explanar a crítica social da época de publicação da obra literária sublinhando a ideologia pertinente; 3) traçar o que pode se evidenciar de divergência e convergência no par livro/filme.

A metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica e a abordagem comparativa entre literatura (texto verbal) e sua adaptação a cinema/filme (linguagem mista). Sob um ângulo, a revisão bibliográfica é a base de sustentação de toda e qualquer pesquisa acadêmica, que possibilita o esclarecimento do problema, a delineação e o alcance dos objetivos da pesquisa. Quanto mais se aprofunda nela, mais aumentam a objetividade e a consistência dos dados coletados. Sob outro ângulo, a abordagem comparativa é um ramo da Teoria Literária que procura comparar diferentes teorias ou obras. Estas não necessariamente literárias, podem ser artes distintas, como as deste artigo, por exemplo. Além das obras que foram o objeto deste estudo de Eça de Queirós (1998) e de Carlos Carrera (2002), os autores mais consultados para este estudo, foram Érica Carvalho Arruda (2007) – no que se refere à obra literária e ao contexto de sua publicação; e Ismael Xavier (2003) – no que tange à arte cinematográfica.

O trabalho se justifica a partir do momento em que demonstra até que ponto o filme mantém a ideologia da obra, a crítica social da segunda metade do século XIX – discussão que se configura num modo instigante de transmitir cultura e partilhar conhecimentos. Nesse empenho, o corpo deste artigo se inicia pelo diálogo possível entre obra literária e obra cinematográfica. Em seguida, delineia-se o contexto histórico-social e literário que abrange o ano de publicação da obra de Eça de Queirós (1875). Na sequência, explica-se a questão da adaptação do livro para a tela com os respectivos

recursos. Finaliza-se apontando convergências e divergências entre o par homônimo livro/filme.

ARTE LITERÁRIA E ARTE CINEMATOGRÁFICA: UMA DIALOGICIDADE

Quando se fala em obra literária e sua adaptação para o cinema, está se falando de uma transposição, ou seja, uma obra primaria (textual) que foi adaptada para as telas. O ideal, para o receptor, é que se conheça tanto uma quanto a outra, mas muitos têm suas preferências e negligenciam o filme ou o livro. Entretanto, é muito interessante se conhecer ambas as obras, porque o autor do filme provavelmente não será o mesmo do texto literário. Nesse ensejo, aufere uma nova feição à obra, valendo-se de recursos particulares da outra arte; pode, a partir de uma nova visão, até mesmo mudar o desfecho da história. Segundo Ismail Xavier,

> A interação entre as mídias tornou mais difícil recusar o direito do cineasta à interpretação livre do romance ou peça teatral, e admite-se até que ele pode inverter determinados efeitos, propor outra forma de entender certas passagens, alterar a hierarquia dos valores e redefinir o sentido da experiência das personagens. A fidelidade ao original deixa de ser o critério maior de juízo crítico, valendo mais a apreciação do filme como nova experiência que deve ter sua forma, e os sentidos nela implicados, julgados em seu próprio direito (XAVIER, 2003, p. 61-62).

Porém, as obras devem manter um diálogo entre si, mesmo que o autor da obra fílmica tenha liberdade para fazer modificações, seja nas personagens, seja no próprio desenvolvimento da produção fílmica. Ainda assim o autor precisa manter o tema principal da obra, ou então sua produção não terá nada a ver com a anterior, isto é, não estará dialogando com a que lhe dera origem. A manutenção do diálogo possibilitará ao leitor ou telespectador, quando estiver consumindo tais obras, identificar convergências e perceber divergências quando as encontrar. Desse modo, poderá, de imediato, perceber a relação entre as obras, pois uma foi extraída da outra, portanto essa dialogicidade é inevitável.

Quando se fala em recriação de um texto, obviamente haverá um primeiro, e neste inspirado emergirá a recriação. Esse recurso do qual se valerá, no caso, o diretor midiático é o que se chama de *intertextualidade*, isto é, um texto inserido ou fruto do

outro. Nesse sentido, entende-se que a produção do filme só foi possível porque a obra literária já existia.

Se, por um lado, o escritor tem em seu favor a linguagem oral em toda a sua diversidade e recursos inumeráveis; por outro lado, está o cineasta se valendo de um conjunto de materiais bem distintos em substituição à verbalização do escritor. É óbvio que entra em cena, em quase a totalidade dos filmes, a verbalização (conversações), mas envolta em figuras de movimento, jogos de luz, acústica (munida de equipamento sonoro, melódico), coloração e as câmeras ajustadas para captar melhores posições de filmagem, planos e muitas outras peculiaridades.

Tais recursos, dos quais se vale um cineasta, funcionam como principal objetivo à atratividade. São as câmeras em jogo, interceptando detalhes, apreendendo pormenores da expressão das personagens, no seu modo especial de vestir-se, no tom da voz que imprime em cada situação, na trilha sonora que acompanha situações relevantes. Isso tudo tem como propósito chamar a atenção do telespectador: nada por de trás de uma tela é em vão; tudo, antes de ali estar, já fora projetado na mente do cineasta. A todo esse esforço com o fim de manter o cerne da obra literária que serviu de referencial à arte cinematográfica é o que se nomeia de *dialogicidade*, que se dá mediante a intertextualidade. Assim então, “A intertextualidade e a dialogicidade ajudam a transcender os limites do conceito de fidelidade” (AMORIM, 2013, p. 21). E, nesse ponto de vista, a adaptação é, neste caso, a retomada de um texto do passado, sobreposta a um novo molde de algo já existente.

Além da intertextualidade, a questão *assunto* precisa ser considerada em relação ao tempo de publicação da obra referente e ao da obra adaptada. Livro e filme, baseados num mesmo assunto, conforme Ismael Xavier, “são vistos como dois extremos de um processo que comporta alterações de sentido em função do fator tempo, a par de tudo o mais que, em princípio, distingue as imagens, as trilhas sonoras e as encenações da palavra escrita e do silêncio da leitura” (XAVIER, 2003, p. 61).

Nesse sentido, observa-se que, mesmo o filme sendo resultado da produção textual, ele não segue exatamente sua mesma finalidade, não só pela questão temporal, mas também por uma questão de atratividade. Algo bem comum no cinema, pois o escritor midiático tem como alvo um outro tipo de público, que não é granjeado pelo que

lê, mas sim pelo o que escuta e vê. Sobre essa perspectiva, Straubhaar e Larose, afirmam:

> Os meios de massa mudaram o processo de transmissão de valores e a socialização. Quando as culturas humanas eram exclusivamente orais, os indivíduos aprendiam coisas primariamente com seus pais ou parentes, ou de professores locais, pastores, narradores de histórias e outros que viviam por perto e eram, provavelmente, muito parecidos com eles. [...] Hoje a mídia assumiu muitos dos papéis tradicionais de narradores de histórias, professores e mesmo pais. Com os meios de massa, o povo de uma nação inteira – ou, no caso particular de alguns livros, filmes, canções ou shows, o povo de todo o mundo – está ouvindo as mesmas histórias, ideias e valores (STRAUBHAAR; LAROSE, 2004, p. 284-285).

O poder de alcance das produções midiáticas é disparadamente maior; por si só, isso já requer algumas mudanças. E ainda existem vários outros fatores que determinam diversas alterações na obra – o que de maneira nenhuma interfere na qualidade da obra, pois ela somente ganha uma nova roupagem, e quem determina se foi para melhor ou para pior é o próprio público que, de modo geral, resultará em variações de gostos. Contudo, a rejeição de um ou de outro não é o suficiente para ratificar que uma produção seja boa ou ruim. O que acontece é que cada um possui suas próprias preferências, e é por isso que existe espaço para as duas produções, e ambas podendo ser bem aceitas.

Para entender melhor este estudo, “cabe perguntar de que forma Eça de Queirós estabeleceu um caminho próprio dentro do que ficou conhecido como escola realista naturalista” (ARRUDA, 2007, p. 11). Procura-se, então, conhecer dados relevantes da época em Eça de Queirós escreve e publica o romance – tema da seção seguinte.

CONTEXTO HISTÓRICO-SOCIAL DA ÉPOCA DA PUBLICAÇÃO DO LIVRO

Para entender melhor o romance de Eça de Queirós (*O crime do padre Amaro*), é necessário conhecer um pouco mais da época em questão. Era um tempo de mudanças, de experimentar o novo. A literatura também vivia uma mudança, pois ficava para trás o Romantismo e entrava em cena o Realismo/Naturalismo.

Como em qualquer cenário de mudanças houve oposições, nem todos estavam prontos para essa nova face que a arte vinha ganhando, pois no período romântico a vida, a mulher, enfim, tudo que cercava o homem era muito idealizado. Então era de se esperar que todos se chocariam com o Realismo. A arte realista chegou com vigor em Portugal,

jogando verdades para fora. A idealização que existia no período anterior foi deixada, e agora a arte vivia do que passava na frente do artista, da forma real de como ele enxergava a vida.

A literatura já vinha tomando nova forma em outros países, como na França, por exemplo. Portugal, por sua vez, vivia um processo de modernização, uma estrada de ferro era construída ligando França a Portugal, e isso contribuiu muito para que os artistas portugueses fossem influenciados pelos franceses. E assim aconteceu. Jovens estudantes de Coimbra ao entrar em contato com a literatura da França começaram a perceber que a arte que produziam não condizia com a realidade de seu país. E foi assim, por alta influencia dos artistas franceses, mais especificamente Gustave Flaubert, que o Realismo chega com total força em Portugal. No primeiro momento com Antero de Quental, poeta responsável por iniciar a produção realista no país e, em seguida, no seu ápice, com o romancista Eça de Queiros.

Era notória a mudança. Até o vocabulário era bem diferente. O jeito doce de referir-se a uma dama, o modo enrustido de dizer coisas pesadas do Romantismo, tudo isso foi quebrado. O escritor realista era “sem papas na língua”, não media o peso das palavras, seus escritos não eram maquiados, mas sim jogados de forma clara, valendo-se até mesmo de palavras sujas – e isso não importava, desde que seus objetivos fossem cumpridos.

O alvo do Realismo era a Igreja Católica e o clero. Todos os valores corrompidos foram evidenciados nas obras e jogados a público em alto e bom tom de ironia: isso ocorreu em especial na obra do escritor Eça de Queiros em *O crime do padre Amaro*. Este livro chocou não só os membros do clero, mas também a população de Portugal. Antes dessa publicação existia um povo que se escondia atrás da religião, pessoas que pareciam viver somente em prol da obra de Cristo, e ninguém era digno de questioná-las. Isso caiu por terra depois do livro em questão.

A chegada do novo nem sempre é vista com bons olhos, ainda mais quando esse vem desafiando uma instituição tida como séria e livre de qualquer suspeita. Foi esse o quadro em que o Realismo foi se envolver. Com a chegada dessa nova fase da literatura, cuja extrema repercussão pode ser posta na conta de Eça de Queirós, muitas coisas sofreram grandes mudanças. A principal delas foi a mulher.

A personagem Amélia causou no público, talvez o que nenhuma outra até então havia causado. Isso porque nela foram expostos sentimentos da figura feminina nunca explorados antes, pois a mulher era considerada uma figura pura e altamente idealizada. Com a chegada da obra “O Crime do Padre Amaro“ tudo isso muda.

Isso porque o autor retrata em seu texto uma mulher real, já não mais aquela donzela pura e idealizada do romântico, mas uma mulher que tem desejos proibidos, vontades próprias, enfim, na obra do escritor português Amélia age através de suas próprias vontades, representando uma realidade que até então não era mostrada.

A proposta realista era retratar a realidade, Eça a cumpriu com muita ousadia. O ato de desnudar a mulher, chamar para ela um novo olhar através de uma personagem tão polêmica foi uma sacada incrível. Pois já que o escritor queria destacar algo real e que condizia com o tempo atual de Portugal, nada melhor do que polemizar. O ponto chave para entender essa escolha de Eça, seja talvez a reprovação por mudanças e a comodidade que era permanecer no período romântico.

O autor precisava de algo para chocar, algo revolucionário, ou então nem seria digno de curiosidade do público. Isso porque a oposição contra essa mudança era muito forte, escritores com um nome muito mais forte estavam dispostos a bater de frente contra os ideais realistas. Até então Eça era só mais um nome.

Mas a partir do momento em que ele meche com uma instituição poderosíssima como a Igreja Católica, e joga todas as fraquezas para fora, quando retrata um romance proibido entre uma jovem moça e um padre, e ainda recheia essa história com vários outros membros da instituição religiosa que cometiam vários atos inaceitáveis e repugnantes. O choque já veio com o título, e junto a ele o interesse do público em saber o conteúdo dessa obra. A partir de então, Eça passa a ser um grande nome não só do Realismo, mas também de Portugal.

ADAPTAÇÃO DO LIVRO PARA A TELA: RECURSOS

Cinema e literatura é um casamento que funciona muito bem, pois uma obra ser digna de ser transformada em um filme, onde ganha uma materialização das personagens, sem dúvidas é algo fantástico. Porém, os recursos utilizados para tais obras

são bem distintos, e não poderia ser diferente, já que um escritor conta apenas com a escrita e sua estilística, enquanto um cineasta conta com infinitos recursos.

Na obra literária o autor se vale de muita inspiração para escrever e dar vida à sua obra. No caso de Eça, isso acontece ainda com mais intensidade pelo modo altamente descritivista adotado pelo autor português. O leitor de Eça é capaz de materializar uma personagem através de sua escrita, pois tamanho é seu cuidado e seu poder de descrever as personagens e tudo que as rodeiam.

A adaptação da obra procura mostrar o contexto histórico em que a narrativa passou, com as marcas da literatura daquele tempo. Transforma-se um romance – de narrador onisciente, de terceira pessoa, permeado predominantemente de discurso direto, assinalado por uma linguagem esmerada, elegante, mediada por figuras de linguagem primorosas – em um filme do qual se vale seu diretor de recursos bem distintos.

No cinema o diretor tem a seu favor outros recursos, como; material humano para dar vida às suas personagens, cenários, jogo de câmera e enquadramentos necessários. Deixemos Xavier explicar um pouco sobre esse assunto:

> Classicamente, costumou-se dizer que um filme é constituído de sequências – unidades menores dentro dele, marcadas por sua função dramática e/ou pela sua posição na narrativa. Cada sequência seria constituída de cenas – cada uma das partes dotadas de unidade espaçotemporal. Partindo daí, definamos por enquanto a decupagem como o processo de decomposição do filme (e portanto das sequências e cenas) em planos. O plano corresponde a cada tomada de cena, ou seja, à extensão de filme compreendida entre dois cortes, o que significa dizer que o plano é um segmento contínuo da imagem.13(grifo nosso)

A presença da música também é um fator totalmente proposital e pensado para as cenas, e seu poder dentro do contexto fílmico é enorme, pois uma única musica é capaz de eternizar determinada situação. Outro recurso totalmente favorável ao cineasta é a iluminação. Um ambiente pouco ou muito iluminado, claro ou escuro é determinante para o sucesso da gravação de uma cena.

A partir desses recursos um diretor de cinema é capaz de fazer uma cena espetacular combinando todos eles: uma cena com pouca luz, tocando uma trilha sonora de suspense e com o enquadramento fixado em uma porta, gera uma expectativa de tensão. Já uma cena com muita iluminação, com uma musicalidade romântica e com o enquadramento em um casal apaixonado, gera um clima totalmente favorável para a disseminação do amor.

LIVRO E OBRA: PONTOS DIVERGENTES E CONVERGENTES

A obra literária e a fílmica, possuem algumas diferenças, não só por particularidades dos autores, mas também por se passarem em épocas distintas. Sobre isso afirma Ismail Xavier:

> O livro e o filme nele baseado são vistos como dois extremos de um processo que comporta alterações de sentido em função do fator tempo, a par de tudo o mais que, em princípio, distingue as imagens, as trilhas sonoras e as encenações da palavra escrita e do silêncio da leitura.

A versão escrita foi lançada no século XIX, enquanto a produção fílmica foi lançada em 2002, sendo assim uma obra contemporânea do século XXI. Devido a essa passagem de tempo muitas coisas forçaram mudanças nessa transposição, apesar de continuar sendo um romance muito intenso formado por personagens que vivem em conflitos externos e internos o tempo todo, ainda assim com o passar do tempo o impacto dessa obra não foi tão forte.

Embora as muitas represálias que Carrera sofreu ao iniciar as gravações, sua recriação não gerou o mesmo impacto, isso ocorre porque o século XXI já e mais marcado por tais escândalos, as notícias já corriam com bem mais agilidade através dos veículos de comunicação como a televisão.

Ainda que o cinema e o fator tempo force o autor a adaptar alguns acontecimentos, isso não quer dizer que o filme sai prejudicado ou que é pior que a obra, pelo contrario, tratam-se de trabalhos distintos, mas que ao mesmo tempo se completam, e se engradecem juntos, pois uma obra não perde seu valor por ser recriada, ela só tente a ser mais divulgada. Assim como um filme de uma grande obra também já gera altas expectativas antes mesmo de ser lançado. Logo uma comparação julgando valores seria altamente injusta, porque cada obra foi importante em seu tempo, claro, cada uma com suas particularidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse tipo de trabalho ocorre uma espécie de tradução ou interpretação que jamais contempla plenamente o texto original porque se trata de uma nova obra, que por isso mesmo tem sua autenticidade e merece respeito. A adaptação deixa entrever que

toda e qualquer obra não pode ser considerada acabada. O romance de Eça abre portas, torna-se matéria-prima para a criação de Carrera, também um dispositivo criativo sob a tutela do diretor.

Ambas as obras são críticas contundentes às corrupções da igreja/clero e comportamentos das famílias e sociedade em geral daquele contexto. Essas apreciações ferinas se tornam mais envolventes ainda no filme, em razão do retoque de atualidade com vista a se tornar tão chocante ao telespectador como também o livro o fora para o leitor.

REFERÊNCIAS

AMORIM, M. A. Da Tradução intersemiótica à teoria da adaptação intercultural: estado da arte e perspectivas futuras, p. 15-33. **Revista Itinerários**, Araraquara, n. 36, jan./jun. 2013.

ARRUDA, Érica Carvalho. **A silenciosa encenação de saias e batinas**: a propósito de "O crime do padre Amaro", de Eça de Queirós. 127p. Dissertação de mestrado em Literatura Portuguesa. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2007.

CARRERA, Carlos (direção). LEÑERO, Vicente (roteiro). **O crime do padre Amaro**. Data de lançamento em São Paulo: 17 jan. 2003. Drama/Romance, 2 horas, 2002.

QUEIRÓS, Eça de. **O crime do padre Amaro**. 12. ed., São Paulo: Ática, 1998.

STRAUBHAAR, Joseph; LAROSE, Robert. **Comunicação, mídia e tecnologia**. São Paulo: Pioneira Thomson learning, 2004.

XAVIER, Ismael. **A experiência do cinema**. Rio de Janeiro: Graal – Embrafilmes, 2003.

XAVIER, Ismail (2003, apud ARRUDA, Érica Carvalho, 2007.

12. PSICOLOGIA:

A PSICOLOGIA, A FAMÍLIA E A ESCOLA COMO MEIO DE PROMOÇÃO DE SAÚDE MENTAL INFANTOJUVENIL

Gabriela de Souza Paula [125]

[125]Graduanda do Curso de Psicologia do Centro Universitário São José de Itaperuna (UNIFSJ). gabrielasouzapaula@hotmail.com

Mariana Fernandes Ramos dos Santos [126]

RESUMO: A saúde mental no Brasil vem atravessando um período de grandes mudanças, oriundas da reforma psiquiátrica. A partir daí, a psicologia tem se feito cada vez mais presente na saúde mental e em dispositivos que são resultados da reforma psiquiátrica, como os CAPS. O presente artigo teve como objetivo geral abordar a contribuição da psicologia para a família e a escola, considerando a saúde mental infanto-juvenil. O método utilizado foi à revisão sistemática de literatura. Os achados apontam para a importância dos espaços onde a criança/adolescente está inserida, fato este que contempla a RAPS. O artigo destacou ainda as parcerias com a escola e a família, contextos aos quais o paciente esta incluído e que estão intimamente relacionados com a qualidade das relações do mesmo e sua qualidade de vida. Bem como a importância da psicologia, junto à família e a escola na saúde mental infanto-juvenil como mediador desses espaços de "ser". Visto que o atendimento em Psicologia segue a lógica psicossocial, onde todos os ambientes nos quais os sujeitos estão inseridos são parte do tratamento e se faz de suma importância o diálogo entre eles, tendo a família, o maior destaque entre os demais. Dentro destes espaços, podemos analisar a escola como um território a ser atuado de forma intensiva pelo psicólogo, que é o mediador de diálogos que pensam a atenção psicossocial, não mais concentrando um olhar psicopatológico ou biologizante direcionado ao membro sintomático: a criança, visão esta que vai de encontro à lógica da Reforma Psiquiátrica.

PALAVRAS-CHAVE: Atendimento psicossocial. Saúde mental infanto-juvenil. Família. Escola.

INTRODUÇÃO

A saúde mental no Brasil vem atravessando um processo de mudanças, e a essas mudanças deram o nome de reforma psiquiátrica[127]. A partir daí, a psicologia tem se feito cada vez mais presente na saúde mental e em instituições que são resultados da reforma psiquiátrica, como os CAPS.

A questão problema do presente trabalho girou em torno de: Como o psicólogo pode atuar junto à família e a escola na saúde mental infanto-juvenil na promoção de um atendimento psicossocial?

Justificando-se sob esta ótica, faz-se importante a reflexão da significância da psicologia junto à família e a escola na saúde mental infanto-juvenil. Devido ao impacto psicológico causado nessas pessoas, e ainda, associado a estes fatores, está o estigma sobre a doença na vida do paciente. O que se faz relevante discutir, uma vez que a

[126]Professora do Curso de Psicologia da UNIFSJ. Psicóloga. Neuropsicóloga. Terapeuta Cognitivo Comportamental. Mestre em Psicologia. marineuropsi@hotmail.com

[127]É o nome que se dá a busca pela mudança na área social da loucura, onde se luta pelos direitos das pessoas com problemas mentais ao tratamento dentro de seu território e sem a exclusão das instituições gerais como os hospitais psiquiátricos.

rotulação da criança como sendo o “problema” traz em si uma implicação significativa ao futuro da mesma. Fomentando discussões que levem em consideração os espaços aos quais as relações acontecem e não mais a criança em si.

Podendo o psicólogo atuar em diversos programas voltados a atenção de saúde mental na busca por garantir mais qualidade no atendimento ao usuário e ainda com sua formação lançando mão de técnicas que estão ao seu alcance para que essa pessoa consiga maximizar sua qualidade de vida. A atuação do psicólogo com a família é importante, pois o profissional poderá observar e levar em conta os comportamentos familiares, que repetidamente as crianças e os jovens refletem em suas vidas, e o contexto disfuncional familiar. Ainda no atendimento familiar, esse profissional poderá acolher essa família que se encontra entre os estigmas do julgamento da sociedade, religião e sofrimento interno.

A psicologia também se faz significativa na escola, pois busca junto do paciente e da família mecanismos para mediar a dinâmica do contexto escolar, solucionar problemas do dia-a-dia integrando todos os envolvidos, de modo que essa convivência propicie boas experiências e bons relacionamentos para todos, focando na qualidade das relações.

Este trabalho teve como objetivos: abordar a contribuição da psicologia para a família e a escola, considerando a saúde mental infanto-juvenil; compreender as mudanças positivas que a Reforma Psiquiátrica traz; relacionar o estigma da saúde mental com o preconceito que as pessoas sofrem; refletir sobre a psicologia e a atuação do psicólogo no âmbito da saúde mental; refletir sobre a importância da parceria CAPSi/ Família/ Escola; compreender as reações psicológicas e emocionais do paciente no ambiente familiar e escolar. O que pode ser realizado partir de uma revisão sistemática de literatura, podendo destacar autores como: SANTOS, M. F. R; M. F, G, SCHANK. A. OLSCHOWSKY; MORAIS, C.A. *et al.*.

A discussão gira em torno da importância da psicologia, junto à família e a escola na saúde mental infanto-juvenil. Uma vez que o atendimento em Psicologia segue a lógica psicossocial, onde todos os ambientes nos quais os sujeitos estão inseridos são parte do tratamento, e, na família, o maior destaque entre os demais. Nestes espaços, podemos analisar a escola como um território a ser atuado de forma intensiva pelo psicólogo, atuando como mediador de diálogos que pensam a atenção psicossocial, junto à escola e

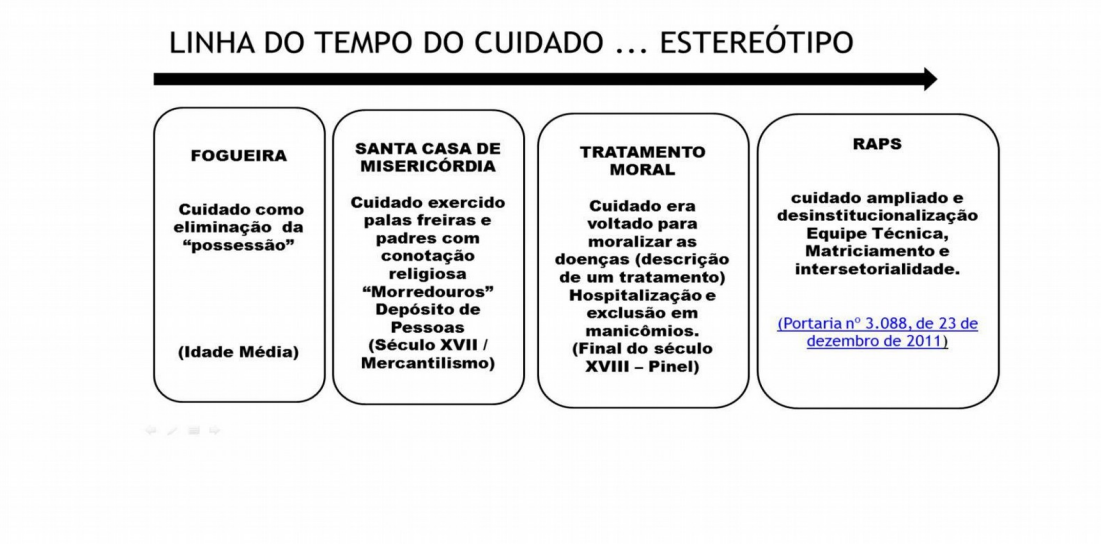
família e não mais concentrando um olhar psicopatológico ou biologizante direcionado ao membro sintomático: a criança.

Este artigo se dividiu em três seções, na primeira seção busca-se de forma breve, apontar o capsi como estratégia da reforma psiquiátrica; a segunda seção abordar a RAPS e a educação, uma parceria necessária; e por último, a família em tratamento. Propostas importantes da discussão em saúde mental infanto juvenil.

CENTROS DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL

Ao decorrer da história da humanidade o conceito de loucura vem sofrendo modificações, trazendo consigo uma mudança de paradigmas e com isso os tratamentos também se modificando. Segundo Hirdes (2009), no Brasil, a Reforma Psiquiátrica teve como um ponto fundamental a declaração de Caracas, onde os governantes se propuseram a buscar a reforma da assistência psiquiátrica.

A partir dai começaram a ser fomentadas novas formas de tratamento para doentes mentais, onde os países da América Latina, se propuseram a buscar a reforma da assistência psiquiátrica. Agora o isolamento não esta mais presente nos tratamentos. Pode-se perceber essas mudanças na linha do tempo abaixo, onde Santos (2017) mostra resumidamente as alterações no cuidado da saúde mental.



Fonte: Santos (2017)

Vale levar em consideração que a reforma psiquiatria preconiza a mudança no tratamento de pessoas com problemas de saúde mental e a exclusão dos modelos hospitalares como os manicômios.

Na saúde pública, podemos ressaltar como resultados da Reforma Psiquiátrica a implantação dos Centros de Atenção Psicossocial, esses dispositivos apresentam a característica de atendimento de portas abertas, comunitário e contam com equipes multiprofissionais.

Os CAPS são organizados em modalidades como: CAPS I, CAPS II, CAPS III, CAPS AD, CAPS AD III E CAPSi, são regulamentados pela portaria n°336/GM/2002 e integram a rede do SUS (Sistema Único de Saúde). Os autores Sales e Dimenstein (2009) afirmam que :

> "A consolidação desses serviços tanto em âmbito nacional quanto estatual é uma realidade, conforme pode ser visto nos dados do Ministério da Saúde (2007). Em 2002, a quantidade total de CAPSs existentes no país totalizava 424 unidades – sendo seis no Estado do Rio Grande de Norte. Ao final de 2006, o número total já chegava a 1001 no país, em âmbito estadual somavam-se 21 CAPSs" (SALES & DIMENSTEIN (2009),p.278)

É perceptível que esses centros no Brasil tem aumentado à cada ano, e que os resultados da reforma são positivos e verdadeiros. Com isso pode ser destacado o crescente número de pacientes com intenso sofrimento psíquico que a partir da reforma tem acesso ao tratamento de forma digna e respeitosa.

Dentro desta proposta, é colocado em evidencia a importância da garantia do direito à pessoas com intenso sofrimento psíquico, bem como crianças e adolescentes. Nesse sentido, Morais *et al* (2012), entende que: "Na saúde pública, os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), inclusive aqueles destinados especificamente às crianças e aos jovens são estratégia primordial da reforma psiquiátrica".

As crianças ou jovens portadores de intenso sofrimento psíquico contam com esta modalidade de atendimento, sendo esse realizado em comunidade e com o auxilio da família. Esses dispositivos facilitam o tratamento, possibilitam a eficácia do mesmo e ainda garantem os medicamentos necessários a essa população.

A psicologia se faz presente dentro desses dispositivos, acolhendo esses usuários e seus familiares bem como realizando o acompanhamento durante todo o tratamento. De modo que Sales e Dimenstein (2009), dizem que:

> “As principais atividades cotidianas iniciadas pelos psicólogos foram: acolhimento dos usuários, triagens e retriagens, coordenação de oficinas diversas, participação em oficinas coordenadas por outros técnicos, grupos operativos, grupos terapêuticos e atendimentos individuais.” (SALES & DIMENSTEIN (2009), p.816)

Desta maneira é possível constatar a atuação do psicólogo dentro de dispositivos como os CAPS se da de forma dinâmica, e não dentro da proposta da clínica, esta atuação é dirigida pela demanda do paciente e dos projetos terapêuticos, sejam eles, singulares ou no território.[128] Tendo esse profissional mecanismos para buscar a melhoria no atendimento psicossocial, bem como o convívio das pessoas envolvidas nesse tratamento.

RAPS: educação e CAPSi, uma parceria necessária

Depois da família, a escola é a área onde a criança começa a ter contato com o mundo, nesse ambiente eles aprendem e fazem trocas de experiências, sendo ainda um lugar onde existem limites e regras a serem seguidas.

Conforme o Fórum Nacional de Saúde Mental Infanto-juvenil indica (Brasil, 2014), deve haver uma proximidade e conexão entre o Ministério da Saúde e o Ministério da Educação, para que os usuários dos CAPSi tenham acesso à educação inclusiva nas instituições de ensino.

Diante da necessidade de ensino acessível para todas as crianças, em 1994, foi realizado na Espanha a Declaração de Salamanca, que prevê educação para todos, independente de suas condições. De acordo com essa lei, a educação deve ser centrada na adversidade possibilitando que todas os alunos aprendam juntos, e de fato se alcance a educação para todos.

É considerado inclusão escolar, quando os alunos estão dentro de um sistema que promova a mesma, ou seja, quando o aluno tem possibilidade de equidade, tendo acesso a educação baseando-se na suas habilidades e dificuldades. No Brasil as leis educacionais tem buscado cada vez mais a inclusão. Um marco importante é a Constituição de 1988, que efetiva direitos iguais para todos os cidadãos, justificando a inserção dessa criança na rede de ensino, tendo acesso a educação.

[128]Projeto terapêutico singular é o projeto terapêutico para cada paciente, de acordo com sua história e sua demanda; já o projeto terapêutico no território é a atuação dentro dos diferentes espaços os quais o paciente circula dentro do território que é de responsabilidade do CAPSi,

Mais tarde, em 1990 o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), vem reafirmar os direitos das crianças e adolescentes. Prevendo que as crianças e adolescentes estão protegidas integralmente, e tenham garantia de direitos, bem como a inclusão a educação regular.

Já em 2011, o Decreto de n° 7.611, vem assegurar o dever do Estado com a Educação, garantindo um sistema educativo inclusivo em todos os níveis, tendo como base a igualdade de oportunidades, não excluindo alunos deficientes, garantindo ensino fundamental gratuito assegurando as necessidades de cada aluno, oferta de educação especial preferencialmente na rede regular de ensino.

A parceria entre CAPSi/família/escola tem por sua vez uma grande influência sobre o tratamento, proporcionando a eficácia no mesmo, e possibilitando que todos tenham acesso à educação. Pois segundo a lógica psicossocial estar incluído no sistema de educação faz parte do tratamento e é contemplado no seu projeto terapêutico. Couto, Duarte e Delgado (2008) apontam que:

> "A saúde geral, particularmente a atenção básica, educação e a assistência social, são considerados programas estratégicos para acesso de crianças e adolescentes ao cuidado em saúde mental, dentre outros fatores, porque são mais acessíveis à população e tendem a gerar menos estigma tanto para os usuários quanto para suas famílias." (COUTO, DUARTE e DELGADO, 2009)

Os programas da Rede de atenção psicossocial (RAPS)[129] proporcionam às pessoas direitos como a garantia de sua autonomia, da liberdade e o exercício da cidadania. O trabalho em rede salienta o modo que se deve pensar junto as crianças, seus familiares, a escola e o tratamento. Pois todo o ambiente em que a criança/adolescente está inserido influencia na vida desses sujeitos.

Pode-se dizer que a escola é um lugar onde a criança/adolescente tem suas próprias experiências e isso faz com que sua emancipação e sua autonomia sejam trabalhados, de modo que os alunos estão na escola para aprender. De acordo com Sanches & Teodoro (2006):

> Com a escola inclusiva, os alunos, todos os alunos, estão na escola para aprender, Participando. Não é apenas a presença física, é a pertença à escola e ao grupo, de tal maneira que a criança/o jovem sente que pertence à escola e a escola sente responsabilidade pelo seu aluno (Rodrigues, 2003), não é uma parte do todo, faz parte do

[129]Contempla o atendimento em rede.

> todo (Correia, 2001). (RODRIGUES *et al CORREIA* IN SANCHES & TEODORO)

Dessa forma, é salientado a escola que faz parte da RAPS, onde busca-se que os alunos de fato façam parte dos processos educacionais. Pois esta lógica contempla a circulação dos pacientes à vida, ou seja, em diferentes espaços onde a vida acontece, entre eles: a escola.

A FAMÍLIA EM TRATAMENTO

Quando uma pessoa recebe um diagnóstico de transtorno mental, consecutivamente, se vê com uma enfermidade associada à loucura e todos os rótulos que estão ligados à ela. No momento em que isso ocorre com uma criança ou um jovem, toda a família se mobiliza e passa a fazer parte do tratamento. Uma vez que, o lidar cotidianamente com o paciente também tem implicação sobre o prognóstico do mesmo. Camatta e Schneider (2009) descreve o a participação da família da seguinte forma:

> "No Brasil, a participação da família no tratamento está prevista nas novas legislações no campo da saúde mental, dentre as quais destacamos a Portaria n° 224/1992, do Ministério da Saúde, que dispõe sobre as diretrizes assistenciais em saúde mental e estabelece normas para o atendimento ambulatorial e hospitalar." (CAMATTA & SCHNEIDER, 2009)

A família faz parte do tratamento e se torna peça fundamental para a eficácia do mesmo. Ainda que esse diagnóstico não seja fácil de ser recebido, pois essas patologias ainda são muito estigmatizadas por toda a sociedade. Todos se cercam de dúvidas e até mesmo de medo, buscam um tratamento que seja rápido e capaz de trazer a cura a esse jovem que está sofrendo psiquicamente, porém o que lhes resta é realizar os tratamentos que lhes são oferecidos.

Nessa conformidade, as famílias podem muitas vezes não compreender o que está ocorrendo, e por qual motivo essa enfermidade atingiu essa crianças ou adolescente, acreditando que forças ou espíritos malignos, feitiços e até mesmo castigo divino estão tomando aquele jovem, e buscam ajuda em suas crenças, operando os cuidados em saúde mental de acordo com suas tradições religiosas.(SILVA, DIMESTEIN e LEITE,2013). Em alguns casos, essas pessoas e suas famílias são encaminhadas aos CAPSi, onde recebem o devido tratamento e esclarecimento.

Ao começar o tratamento, a família passa a conviver com muitos fatos novos, como o preconceito da sociedade, o medo do que pode acontecer a partir dali, se o portador da doença vai conseguir conviver em comunidade e ser tratado em seu território. E muito disso está associado ao que a sociedade traz consigo sobre quem é doente e quem não é doente. Desse modo, Schrank e Olschowsky (2008), ressaltam a importância da família no tratamento:

> "Nesta multiplicidade de sujeitos envolvidos, a família se destaca pelo seu papel de cuidadora e por ser, mui- tas vezes, o elo mais próximo que os usuários têm com o Mundo." (p.128)

Desse modo, o familiar que se dispõe a cuidar dessa criança/adolescente passa por mudanças em sua rotina, da mesma maneira que torna-se um importante auxilio no tratamento intensificando a relação já existente com o paciente.

Assim a atuação do psicólogo junto a família dentro de dispositivos como o CAPSi é importante pois o profissional poderá observar e levar em conta os comportamentos familiares, que repetidamente as crianças e os jovens refletem em suas vidas, pois muitas vezes o que é observado são famílias comprometidas, ou adoecidas de forma intensa. Ainda no atendimento familiar, esse profissional poderá acolher essa família que se encontra entre os estigmas do julgamento da sociedade, religião e sofrimento interno, de acordo com o Brasil (2015) esses dispositivos possuem ações voltadas para a família.

> "Atendimento para a família: ações voltadas para o acolhimento individual ou coletivo dos familiares e suas demandas, que garantam a corresponsabilização no contexto do cuidado, propiciando o compartilhamento de experiências e de informações." (BRASIL, 2015)

Por esta razão faz parte da rotina do CAPSi, os cuidados voltados para esse grupo, são exemplos isso: o grupos de pais, onde há uma troca de informações entre os responsáveis, sobre como está indo o tratamento, se está havendo melhora, como o paciente tem estado e como a família está agindo com esse paciente e como toda a família tem agido. Toledo (2006) descreve o grupo de familiares como:

> "O grupo de familiares acontece uma vez por semana, no mesmo horário de um dos atendimentos da criança. Temos observado que esta abordagem tem se mostrado eficaz - as crianças têm apresentado alguma evolução e as relações familiares vêm adquirindo uma maior flexibilidade em sua dinâmica." (TOLEDO, 2006)

Com isso além do tratamento que é oferecido ao público juvenil os pais também conseguem abertura para expor seus sentimentos, dúvidas e sofrimentos. Ou seja, há um espaço em que esta família seja acolhida e ouvida, e este espaço é um dos objetivos e traçados do tratamento e cuidado desta criança. O que amplia a visão do cuidado e não segue um lógica rotuladora bem como biologizante, e sim uma visão psicossocial. Retirando a criança desse lugar de bode expiatório e envolvendo a familia no lidar cotidiano deste paciente.

Esse programa acolhe as famílias e permite espaços de reflexão para que essas pessoas não se sintam perdidas e sozinhas, buscando mais uma vez um atendimento que leve em consideração os espaços que os jovens estão inseridos, tendo a família a maior importância no tratamento. Sendo o psicólogo um profissional de sua importância na realização destes espaços, pois este profissional tem a função de atuar de forma a promover qualidade de vida intrafamiliar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente trabalho possibilitou uma breve contextualização da importância dos espaços onde a criança/adolescente está inserido para a saúde mental infanto-juvenil.

O que desmistifica o papel do psicólogo como algo clínico e o paciente sendo tratado isoladamente, para que seja feito um tratamento dentro da lógica da RAPS se faz importante à relação do profissional da psicologia como um técnico dentro da atuação psicossocial e esta atuação sendo executada com parcerias.

No artigo pode-se ressaltar as parcerias com a escola e com a família, contextos os quais o paciente esta sendo inserido e que de certa forma estão intimamente relacionados com a qualidade das relações do paciente bem como a qualidade de vida desta pessoa.

Na proposta da RAPS, o psicólogo atua na postura psicossocial, onde não há centralidade no paciente e na doença que ele tem, como uma visão hospitalocêntrica e médica, o que se destina a uma atuação mais ampla, convidando ao profissional para estar na escola e na família, atuando não só com o sujeito mas sim nos contextos aos

quais eles estão incluídos, ou seja, o psicólogo discute demandas e não se restringe somente em atende-las.

Não há a pretensão de se esgotar este tema aqui, uma vez que se faz importante uma análise critica desta atuação psicossocial com os parceiros aqui discutidos, porem percebe-se que por ser um tema inovador dentro de uma lógica ampla necessita de fomentação de discussões posteriores.

REFERÊNCIAS

Brasil.(2014) **Fórum Nacional de Saúde Mental Infantojuvenil.** Brasil. Ministério da Saúde. Secretária de Atenção a Saúde.

Brasil (2015) **Centros de Atenção Psicossocial e Unidades de Acolhimento como Lugares da Atenção Psicossocial nos Territórios.** Brasil. Ministério da Saúde. Secretária de Atenção a Saúde.

CAMATTA, M.W.; SCHNEIDER, J.F. **A visão da família sobre o trabalho de profissionais de saúde mental de um centro de atenção psicossocial.** Esc Anna Nery Rev Enferm 2009. Disponível em :< http://www.scielo.br/pdf/ean/v13n3/v13n3a04> Acesso em 12 de fevereiro de 2017

SCHANK,G. OLSCHOWSKY, A. (2008) **O Centro de Atenção Psicossocial e as estratégias para inserção da família.** Rev Esc Enferm USP. Disponível em:< http://www.redalyc.org/html/3610/361033294017 > Acesso em 20 de agosto de 2017

COUTO, M. C.V. DUARTE, C.S. DELGADO, P.G.G. **A saúde mental infantil na Saúde Pública brasileira: situação atual e desafios.** Rev. Bras. Psiquiatr. vol.30 no.4 São Paulo Dec. 2008 Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462008000400015 > Acesso em 07 de julho de 2017

Delegados da Conferência Mundial de Educação Especial (1994) **Declaração de Salamalanca.** Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf > Acesso em: 10 de agosto de 2017

MORAIS, C.A. *et al.* **Concepções de saúde e doença mental na perspectiva de jovens brasileiros.** Estud. psicol. (Natal) vol.17 no.3 Natal Sept./Dec. 2012 Disponível em <:https://www.researchgate.net/profile/Claudia_Fukuda/publication/262443265_Brazilian_y

oung_people_perceptions_of_mental_health_and_illness/links/02e7e53c668701a260000000.pdf > Acesso em: 13 de fevereiro de 2017

Presidência da República . **Constituição de 1998.** Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm> Acesso em 12 de agosto de 2017

Presidência da República . **Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)** Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069Compilado.htm > Acesso em 12 de agosto de 2017

SALES, A.L.L.F. DIMENSTEIN, M. (2009) **Psicologia e modos de trabalho no contexto da Reforma Psiquiátrica.** Psicologia Ciência e Profissão, 29 (4), 812-827. Disponível em : < http://www.redalyc.org/html/2820/282021779012/> Acesso em 06 de julho de 2017.

SALES, A.L.L.F. DIMENSTEIN,M. (s/d) **Psicólogos no processo de Reforma Psiquiátrica: Práticas em desconstrução.** Disponível em : < http://www.redalyc.org/html/2871/287122123008/ > Acesso em 06 de julho de 2017.

SANTOS, M. F. **Saúde Mental e Estereótipos: Estudo sobre os profissionais do Centro de Atenção Psicossocial-II do estado do Rio de Janeiro.** (2017).

SILVA, V.H.F. DIMENSTEIN, M. LEITE, F.J. **O cuidado em saúde mental em zonas rurais.** Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal 2013. Disponível em: < http://www.redalyc.org/html/420/42028699008/ > Acesso em 12 de agosto de 2017

TOLEDO, R. P. **A experiência de atendimento a um grupo de familiares em um centro de atenção psocissocial infantil(Capsi).** Vínculo v.3 n.3 São Paulo dez. 2006 Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-24902006000300009 >Acesso em 25 de abril de 2017

SANCHES, & TEODORO,A. (2006) **Da integração à inclusão escolar. Perspectivas e conceitos.** Revista Lusófona de Educação. Disponível em: < http://www.redalyc.org/html/349/34918628005/ > Acesso em: 22 de agosto de 2017.

13. PSICOLOGIA:

O PROCESSO PSICOTERAPÊUTICO NA ABORDAGEM HUMANISTA-EXISTENCIAL: qual a relevância de diagnósticos?

Amanda Aguiar Borges[130]

[130]Graduanda do Curso de Psicologia do Centro Universitário São José de Itaperuna (UNIFSJ). Contato: amanda.won@hotmail.com.

Ieda Tinoco Boechat[131]

RESUMO: Este trabalho tem como proposta discutir o processo psicoterapêutico humanista-existencial, levando em consideração a totalidade da pessoa humana enquanto ser-no-mundo. Possui, assim, como objetivo analisar o processo psicoterapêutico, questionando o papel e a relevância de diagnósticos durante esse processo. Para tanto, em seus objetivos específicos, busca descrever o processo terapêutico humanista-existencial em Psicologia, explicar como a referida abordagem entende a questão da classificação diagnóstica e situar a classificação nosográfica no processo psicoterapêutico, apresentando um caso clínico na complementação da discussão teórica. Adotando metodologia qualitativa, a pesquisa bibliográfica se realiza, buscando compreender de que modo se pode desenvolver um processo psicoterapêutico que não se atenha a categorizações nosológicas baseadas em diagnósticos, uma vez que tais questões se fazem presentes no cotidiano do psicólogo. Dessa forma, constata-se, então, que em sua prática clínica, o profissional suspende constructos científicos – por meio da redução fenomenológica – não se orientando por classificações diagnósticas, por adotar o método fenomenológico em sua atuação, tendo as vivências do cliente com ponto de partida para o tratamento.

PALAVRAS-CHAVE: Psicoterapia; Diagnósticos; Existência; Classificação nosológica.

INTRODUÇÃO

Baseado nos conhecimentos da Psicologia, o processo psicoterapêutico destina-se a questões relacionadas ao comportamento e ao psiquismo humano, presente nas diversas orientações psicológicas, na tentativa de auxiliar a pessoa que busca a psicoterapia em suas particularidades, as quais são vivenciadas e experienciadas de diferentes formas, possibilitando o crescimento e o amadurecimento decorrentes das transformações que podem ocorrer ao longo da caminhada terapêutica.

Considerando o tema proposto, este artigo tem por objetivo geral analisar o processo terapêutico humanista-existencial, em que o cliente deve ser entendido em sua totalidade, buscando junto com seu terapeuta uma melhor compreensão de si. Em seus objetivos específicos, busca descrever o processo terapêutico na abordagem humanista-existencial em Psicologia, explicitar como a referida abordagem entende a questão da classificação diagnóstica; situar a classificação nosográfica no processo psicoterapêutico, e apresentar um caso clínico a fim de ilustrar a discussão teórica.

[131]Docente do Curso de Psicologia (UNIFSJ). Mestre em Cognição e Linguagem (Uenf). Psicóloga Clínica e Terapeuta de Família. Contato: iedatboechat@hotmail.com.

Dessa forma, a presente pesquisa busca respostas para o seguinte problema: de que modo se pode desenvolver um processo psicoterapêutico efetivo, em que pesem as categorizações nosológicas baseadas em diagnósticos clínicos presentes no cotidiano profissional do psicólogo?

As pessoas estão inseridas em diversos âmbitos sociais e afetivos, estando propensas a situações que produzem o adoecimento psíquico, então, é preciso pensar sobre o acompanhamento psicológico, buscando reflexões que possam contribuir para que ele seja visto numa perspectiva libertadora. Portanto, o processo terapêutico de que trata este artigo, pretende propiciar ao cliente um melhor entendimento no que se refere ao seu modo de existir, auxiliando em seu crescimento, o que implica questionar e, quem sabe, desmitificar possíveis estereótipos que tendem a enquadrar a pessoa em um molde ou categorizá-la obedecendo a padrões pré-estabelecidos, que incluem questões diagnósticas, uma conduta psiquiátrica – área da saúde – que pode ser encontrada na Psicologia – área das ciências humanas.

A metodologia adotada, de natureza qualitativa, utiliza a pesquisa bibliográfica, a partir de contribuições de autores como Cardinalli (2012), Erthal (2013), Forghieri (1996, 2015) e Teixeira (2006).

O PROCESSO TERAPÊUTICO NA ABORDAGEM HUMANISTA-EXISTENCIAL EM PSICOLOGIA

O princípio básico da Psicologia Humanista-Existencial, segundo Erthal (2013, p. 80), refere-se à compreensão do cliente em sua totalidade, partindo do seu próprio ângulo para analisar a estrutura de sua existência humana, expressando “[...] um posicionamento filosófico sobre o qual repousam os pressupostos e atitudes do processo terapêutico”. Em vista disso, segundo a autora, ao longo do referido processo, busca-se compreender a existência humana, considerando a pessoa o centro da psicoterapia, possibilitando-a exercitar a liberdade de escolha, além de auxiliar no desenvolvimento de suas capacidades e na atualização de suas potencialidades, faculdades inerentes ao ser humano, que lhe permitem movimentar-se com maior liberdade em suas vivências. Por isso, faz-se necessário perceber a pessoa humana em sua completude, levando-a a

reflexões que favoreçam a reformulação de suas questões existenciais. Assim, a Psicologia Humanista-Existencial

> [...] como orientação psicológica combina aspectos do existencialismo com o humanismo, reconhecendo a contribuição de ambos: apoia-se no reconhecimento existencial de que o ser humano é responsável pelo seu devir e no postulado humanista de que este mesmo ser possui uma tendência para experienciar sua plena realização, testando a todo momento seus próprios limites. (ERTHAL, 2013, p. 60).

De acordo com Teixeira (2006), o processo terapêutico vivencial pretende ajudar o cliente em seu crescimento pessoal, facilitando o alcance de sua autenticidade, de forma a assumir sua existência responsavelmente, projetando-se livremente no mundo - promovendo a ampliação da consciência e a potencialização da liberdade de escolha. Nesse sentido, baseando-se em Husserl, Forghieri (2015) afirma que a intencionalidade é uma característica fundamental à consciência, pois é no uso da consciência intencional que a pessoa atribui sentido e significado a sua existência, possibilitando a compreensão de que a consciência e o objeto, assim como a pessoa e o mundo, fazem parte de um mesmo processo, formando uma unidade. Desse modo, a consciência "[...] é sempre consciência de alguma coisa, não se apresentando assim, separada do mundo" (CARDINALLI, 2012, p. 19).

Fundamentando-se em Sartre, Erthal (2013) apresenta a consciência humana entendida em dois níveis: a consciência de primeiro grau e a consciência de segundo grau. Nessa perspectiva, "[...] a primeira é a consciência que ultrapassa a si mesmo para atingir o objeto e se esgota nessa mesma posição" (ERTHAL, 2013, p. 46), considerada como irreflexiva, pois o indivíduo se confunde ao objeto por não se entender como responsável por determinada ação, não envolvendo o pleno conhecimento do conteúdo psíquico, que deverá ser alcançado através da reflexão. No segundo nível de consciência, "[...] existe um eu que é consciente de ser consciente do seu objeto" (ERTHAL, 2013, p. 46), que se responsabiliza por suas ações: é a consciência reflexiva. Assim, a psicoterapia tem por objetivo auxiliar o cliente quanto à ampliação de autoconsciência, a fim de que assuma sua existência com liberdade responsável.

> Em suma, espera-se que a principal tarefa da terapia vivencial seja proporcionar uma maximização de autoconsciência para favorecer

> um aumento do potencial de escolha; proporcionar uma ajuda efetiva ao cliente no sentido de descobrir o seu poder de autocriação; ajudá-lo a aceitar os riscos de suas próprias decisões responsáveis. Enfim, de aceitar a liberdade de ser capaz de utilizar suas próprias capacidades de existir. (ERTHAL, 2013, p. 28).

Dessa forma, a tarefa da psicoterapia descrita por Erthal (2013) ressalta o conceito sartriano de “liberdade fundamental” do homem, que está relacionado ao de “projeto original”, que se refere às escolhas primeiras que a pessoa faz sobre si mesma, interferindo nos demais projetos de sua vida. Então, compreender o “projeto original” envolve a compreensão de sua autoimagem, pois “[...] a escolha é o ser de cada realidade humana” (ERTHAL, 2013, p. 67). Por isso, para Sartre, o indivíduo se projeta ser, não sendo, assim, nada mais do que seu projeto.

O processo psicoterapêutico é um espaço vivencial em que a pessoa tem a oportunidade de (re)ver seu “projeto original” pela (re)significação que ela pode atribuir as suas vivências. Assim, durante a psicoterapia é possível destacar algumas etapas – que não ocorrem necessariamente nessa ordem, uma vez que elas se inter-relacionam – que permitem alcançar uma melhor compreensão da existência do cliente, nomeadas em momentos como “para-outro”, “para-si” e “para-si-para-outro”, explicitadas a seguir conforme as entende Erthal (2013).

A princípio, no estágio “para-outro”, o indivíduo apresenta uma desorganização referente ao seu próprio conteúdo, não possuindo consciência de ser responsável pelas questões que o afligem, impedindo a ocorrência de modificações devido à forma inautêntica de existir. Com isso, devido ao pouco contato consigo, “[...] os problemas são tratados como não fazendo parte de si, facilitando relatos, superficiais” (ERTHAL, 2013, p. 214). Nessa etapa do processo terapêutico, o indivíduo tem o outro como principal fonte de referência, encontrando-se voltado para o passado, reduzindo as possibilidades de vivências presentes. Em contrapartida, na fase “para-si”, é possível se descobrir formas mais autênticas de existir, fazendo com que o indivíduo passe a alcançar um maior nível de conscientização, identificando os problemas como fazendo parte de si e responsabilizando-se por suas escolhas, procurando “[...] valores mais compatíveis com sua forma mais autêntica de vida” (ERTHAL, 2013, p. 214). De acordo com Erthal (2013), o que era antes confusão e sem sentido aparece integrado e compreendido do aspecto de significância pessoal, em que a partir das novas formas autênticas de existir o cliente

passa a se encaminhar para a fase “para-si-para-outro”, estabelecendo uma ligação entre o passado e o presente, respeitando suas limitações e percebendo o que impede de vivenciar a sua liberdade – aí parece estar a saúde da existência humana.

> Ser saudável existencialmente não consiste, pois, num estado permanente de intensa satisfação, mas numa vivência global de tênue tranquilidade, na qual estão contidos sentimentos paradoxais de aflição e de bem-estar, que se articulam dialeticamente; na coragem para assumir os ricos das situações e no reconhecimento de estar conseguindo enfrentá-las, do melhor modo possível, a cada momento da existência. (FORGHIERI, 1996, p. 5).

A psicoterapia como “[...] a arte e a ciência que se dedica ao alívio do sofrimento humano, decorrente de conflitos e desordens emocionais” (GOMES; CASTRO, 2010, p. 83) busca alcançar o cliente em sua totalidade, uma vez que, ao longo de sua existência são estabelecidas e vivenciadas diversas relações, as quais incluem a relação consigo mesmo, com o outro e com o mundo em um processo de “vir-a-ser” que lhe exige novos posicionamentos e lhe confere novas possibilidades de escolha.

> Ser-no-mundo é uma estrutura originária e sempre total, não podendo ser decomposta em elementos isolados. Entretanto, tal estrutura primordial pode ser visualizada e descrita em seus vários momentos constitutivos, mantendo a sua unidade. É desse modo que podemos considerar os vários aspectos do mundo e as diferentes maneiras do homem existir no mundo. (FORGHIERI, 2004, p. 28).

Portanto, o processo terapêutico humanista-existencial concebe a pessoa humana como um ser-no-mundo que se constitui a cada instante de suas vivências, decidindo no aqui-e-agora o que será no momento seguinte. Assim, através desse processo, busca-se contribuir com o crescimento do cliente – a partir de reflexões – entendendo que ele é um ser repleto de potencialidades a serem atualizadas e de possibilidades a serem criadas. Nesse contexto, coloca-se em questão os diagnósticos clínicos.

A QUESTÃO DA CLASSIFICAÇÃO DIAGNÓSTICA E A RESTRIÇÃO DO EXISTIR NA VISÃO HUMANISTA-EXISTENCIAL

As questões relacionadas às classificações diagnósticas podem ser percebidas através de instrumentos como o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), que “[...] se propõe a servir como um guia prático, funcional e flexível para organizar informações que podem auxiliar o diagnóstico preciso e o tratamento de transtornos mentais” (DSM-5, 2014, p. 41), assim como pela Classificação Internacional de Doenças (CID), catalogando as doenças, “[...] de forma que os critérios do DSM definem transtornos identificados pela denominação diagnóstica e pela codificação alfanumérica da CID” (DSM-5, 2014, p. 41). Nessa perspectiva, ambos os dispositivos de trabalho pretendem categorizar doenças em diagnósticos, tendo como intuito auxiliar diversos profissionais, não substituindo o exercício da prática clínica.

Os recursos oferecidos por meio desses compêndios mostram o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais estando voltado intimamente a questões psiquiátricas, enquanto a Classificação Internacional de Doenças diz respeito à padronização e classificação de diversas doenças e enfermidades, possibilitando a percepção de que

> Classificar fatos ou fenômenos (inclusive pessoas) é próprio da ciência. Trata-se de uma forma de obter controle sobre aquilo que é nomeado. É bem verdade que a classificação facilita a comunicação entre profissionais, objetivando a linguagem, favorecendo análises estatísticas e certas previsões de comportamento. Entretanto, considerando que o comportamento humano é algo único, baseado na livre escolha, é um contra-senso tentar encaixá-lo em algo pré-existente. (ERTHAL, 2013, p. 97).

Segundo Shlien (1977 apud SOUZA; CALLOU; MOREIRA, 2013, p. 4-5), “a classificação e o diagnóstico são recursos científicos importantes, porém a visão unilateral desta perspectiva se torna arriscada para o desenrolar do processo terapêutico, por levar a uma redução e ‘coisificação’ do cliente, aprisionando seu modo de ser”. Portanto, a relação psicoterapêutica baseada em “[...] um processo comunicacional no qual uma pessoa (o profissional) compreende e intervém em outra pessoa (paciente/cliente) que busca ser ouvida ou tratada” (GOMES, CASTRO, 2010, p. 83), deve considerar o indivíduo em sua totalidade organísmica, pois, conforme Forghieri (1996), a estrutura originária da existência humana é o ser-no-mundo, existindo sempre em relação a algo ou

a alguém, permitindo a identificação do momento existencial em que se encontra, estando aberto para as possibilidades vivenciais.

De acordo com os autores Laurenti et al. (2013, p. 2), as questões relacionadas à classificação de doenças encaminham-se para a definição dos conceitos de nosologia e nosografia. A nosologia baseia-se na "[...] classificação de doenças segundo características comuns e serve, basicamente, para finalidades estatísticas quanto à distribuição das doenças na população"; por sua vez, a nosografia "[...] tenta traduzir e possibilitar nossa compreensão sobre as causas, a patogênese e sobre a natureza da doença", fazendo com que uma mesma nomenclatura seja reconhecida em diversos lugares, facilitando o planejamento e avaliação de diversos profissionais. Assim, as nomenclaturas dizem respeito à nosografia e a classificação se relacionada à nosologia, destacando-se que "[...] não são antagônicas mas, antes, têm finalidades distintas".

Para Laurenti et al. (2013), a classificação nosológica refere-se, então, ao estudo de doenças que acometem o ser humano, permitindo classificá-lo segundo padrões diagnósticos estabelecidos por meio de recursos científicos. Enquanto isso, a nosografia relaciona-se à identificação da origem da doença, ou seja, sua etiologia, bem como os sintomas e sinais apresentados que se referem à patologia.

Considerando que o ser-doente existencialmente já está se dando em restrição de sentido, como pontua Forghieri (2015), atenta-se aqui para um risco: "[...] muitas vezes a pessoa humana é esquecida em prol de generalizações que a rotulam e que afastam, assim, a verdadeira compreensão do cliente dentro de sua própria realidade" (ERTHAL, 2013, p. 103). Logo, a partir "[...] da compreensão do que vem a ser um desajuste, chega-se à conclusão de que não se pode fundamentar a prática terapêutica sobre rótulos diagnósticos atribuídos a alguém" (ERTHAL, 2013, p. 102).

Dessa forma, o estabelecimento de modelos e padrões em Psicologia preocupa na medida em que pode gerar situações que venham a estigmatizar as pessoas, atribuindo características aos diversos componentes de uma mesma sociedade, visto que o

> Estigma define-se como um atributo, visível ou não, que denuncia uma imperfeição no indivíduo, que o desqualifica de uma aceitação comunitária plena, resultando em atitudes discriminatórias, ou seja, o estigma pode ser definido como uma desaprovação social severa devido a características presumidas ou verídicas, crenças ou comportamentos, que não estão de acordo com as normas económicas, políticas, culturais ou sociais. (OLIVEIRA; AZEVEDO, 2014, p. 2).

Conforme essa perspectiva, aquelas pessoas que não pertencem aos padrões pré-determinados socioculturalmente ou que pertencem a padrões definidos cientificamente, são categorizadas, fazendo com que elas deixem de ser alcançadas em sua totalidade, reduzindo sua capacidade de ação ao serem vistas como seres desprovidos de potencialidades. A partir de então, o estigma pode ser compreendido por aspectos que vão refletir na forma pela qual a pessoa escolhe se colocar no mundo.

Segundo Goffman (2015), o estigma possui características negativas e positivas: o estigma negativo estaria atrelado às “marcas” impregnadas na pessoa, as quais tendem desqualificá-la, podendo ser encaradas como uma espécie de rótulo; de outro modo, ao ser observado por uma ótica positiva, estaria relacionado à ampliação da experiência do indivíduo em relação ao estigma, a fim de se promover um melhor entendimento e aceitação de suas particularidades. O autor acrescenta que os conceitos socioculturalmente construídos pelo estigma levam em consideração o encontro entre normais e estigmatizados nas situações sociais, permitindo que ambos enfrentem suas causas e efeitos. A partir desse encontro e da impregnação do estigma, a pessoa tende a ser rotulada e caracterizada como alguém que não pertence aos padrões entendidos e intitulados como “normais”. O estigma pode então reduzir as chances de vida ao colocar o homem numa condição de menos humano.

Com o intuito de ampliar e não reduzir as possibilidades existenciais de uma pessoa, as questões relacionadas às classificações diagnósticas podem ser observadas por uma perspectiva científica e fenomenológica, em que o método científico refere-se à identificação da doença, em sua etiologia, em seus sinais e sintomas, possibilitando um histórico clínico do caso e permitindo possíveis intervenções. Em contrapartida, o método fenomenológico, compreende a “[...] psicopatologia como algo que vai além de um diagnóstico ou uma técnica de aplicação prática, recolocando a experiência do sujeito como ponto de destaque ao invés de um aprisionamento no sintoma” (SOUZA; CALLOU; MOREIRA, 2013, p. 8). Nesse contexto, através de atitudes fenomenológicas, o psicoterapeuta vivencial busca compreender o cliente e a sua forma de se relacionar com suas questões existenciais, com ou sem implicações em classificações diagnósticas. Vale ressaltar que, conforme afirma Erthal (2013), o ato classificatório pode ser utilizado para fins didáticos, mas que, no entanto, a prática clínica não deve ser baseada em uma teoria

geral, uma vez que essa atitude pode levar a uma compreensão inumana das questões existenciais da pessoa. Portanto, perpassando as condutas classificatórias, busca-se alcançar a pessoa em sua totalidade como ser-no-mundo.

A REDUÇÃO FENOMENOLÓGICA PARA ALCANÇAR O SER-NO-MUNDO: UM CASO CLÍNICO

O questionamento sobre a classificação diagnóstica caminha em direção aos conhecimentos de Edmund Husserl, criador do método fenomenológico, mencionado por Lima (2008). A partir das contribuições de Husserl, destaca-se o conceito de "redução fenomenológica", que "[...] consiste em suspender todos os preconceitos, valores, teorias científicas e crenças pré-existentes" (LIMA, 2008, p. 30), fazendo com que os conceitos adquiridos pelo senso comum e pelos constructos científicos sejam colocados entre parênteses, permitindo-se atingir um conhecimento amplo ao se movimentar ao encontro do fenômeno, ou seja, da experiência da pessoa que se mostra durante a relação terapeuta-cliente. Desse modo, a fenomenologia busca a descrição dos fenômenos, considerando a intencionalidade da pessoa ante ao que se apresenta a sua consciência, pois "[...] o que se enfatiza é a intuição (vivência), procurando eliminar tudo o que for de não intuitivo (predeterminado) para se chegar ao conhecimento absoluto" (ERTHAL, 2013, p. 39).

> Preocupados que estamos em ressaltar a dignidade existencial, repudiamos a classificação, já que esta antagoniza-se com a realidade do fenômeno da existência, classificando ou fragmentando o homem. Isso quer dizer que os existencialistas estão mais ocupados em "des-cobrir" o molde sobre o qual o cliente se criou do que impor-lhe um padrão. (ERTHAL, 2013, p. 96).

Assim, a atitude fenomenológica busca captar a essência do fenômeno, permitindo que o profissional trabalhe com diferentes pessoas e as considere únicas, respeitando as diversas singularidades, entendendo que o sintoma é também manifestação do fenômeno no aqui-e-agora do processo terapêutico.

Logo, em vez de etiologia, busca-se pensar em motivação. Nesse sentido, Cardinalli (2012), fundamentando-se em Boss, menciona a "gênese motivacional" interligada aos estudos das psicopatologias, considerando a etiologia em termos de "genética motivacional", pois as ações humanas envolvem motivações, as quais "[...] não

pressupõe[m] que um único motivo seja determinante dos comportamentos, sadios ou patológicos" (CARDINALLI, 2012, p. 87). Tal entendimento ganha relevância na compreensão do homem, uma vez que o espaço de liberdade lhe está preservado, porque os motivos o solicitam e não o compelem. Assim, percebe-se que

> [...] as possibilidades humanas não são pensadas como um conjunto prévio potencial dentro do homem independentemente das solicitações do mundo. Ao contrário, são consideradas segundo as solicitações que se apresentam nas situações específicas da vida de cada um, através das relações interpressoais e dos modos de ser mais valorizados em cada contexto histórico-social. (CARDINALLI, 2012, p. 83).

Desse modo, de acordo com Teixeira (2006), a compreensão da psicopatologia precisa estar contextualizada na existência e deve considerar a subjetividade, incluindo aspectos históricos, socais e culturais, os quais influenciam nos conceitos de saúde e doença, evitando a redução do indivíduo a sua patologia, pois a saúde existencial "[...] está profundamente relacionada ao modo como conseguimos estabelecer articulações eficientes entre a amplitude e as restrições de nosso existir" (FORGHIERI, 2015, p. 53), enquanto o adoecimento existencial acontece quando as "[...] limitações e conflitos não são reconhecidos e enfrentados pela pessoa, à luz de suas múltiplas possibilidades, passando, então, a se tornar exageradamente ampliados e dominantes em sua vida" (FORGHIERI, 2015, p. 53), reduzindo suas possibilidades.

> É a partir da relação estabelecida com a pessoa que a compreensão sobre seu modo de se relacionar e corresponder às solicitações do mundo em geral pode ser compreendida, incluindo o modo como ela se relaciona com seu adoecimento. Cada pessoa constitui-se como um modo singular de se relacionar com o mundo, e isso pode ajudar a compreender o fato de pacientes, com uma mesma patologia, ou seja, que receberam o mesmo tipo de diagnóstico, apresentarem comportamentos distintos. Poder acompanhar cada pessoa, sem esperar seu enquadramento em um diagnóstico, é o que permite a abertura de um espaço em que cada um possa mostrar-se em seu modo de ser possível no momento e na compreensão dos sentidos e significados que estão em jogo naquela situação. (SILVA; FEIJOO; PROTASIO, 2015, p. 286-287).

Contudo, no que se refere às questões levantadas pela abordagem humanista-existencial, a psicopatologia interliga-se ao modo inautêntico de viver, já que a pessoa se afasta de si e do "projeto original" que norteava sua existência. A partir da modificação em sua forma de existir, a realidade passa a ser vista de maneira distorcida, sendo

caracterizada “[...] essencialmente por uma existência limitada, tematizada e bloqueada” (TEIXEIRA, 2006, p. 293).

> Assim, a psicopatologia caracteriza-se essencialmente por uma existência: limitada e aprisionada, porque afastada de seus valores e da sua possibilidade de auto-afirmação e em que o indivíduo não experimenta a sua existência como uma realidade; tematizada pelo seu passado, na medida em que o indivíduo continua a viver em função de identidade e características que já não são as presentes; bloqueada no seu desenvolvimento, porque não consegue projectar-se do devir. (TEIXEIRA, 2006, p. 407).

Erthal (2013), baseando-se na psicoterapia vivencial, descreve o caso de uma cliente do sexo feminino, de 26 anos, estudante de curso superior da área de Ciências Humanas, cuja queixa principal era a de crises frequentes de automutilação. Diante de situações de forte tensão ou ansiedade, surgia uma compulsão igualmente forte, de se machucar: cortava-se no braço esquerdo, queimava-se com cigarro na mão também esquerda ou batia com a cabeça até sangrar. A escolha do lado esquerdo era explicada como sendo de mais fácil acesso. Esse impulso era descrito por ela como uma forma de diminuição da ansiedade, quando em estado insuportável, oriunda de conflitos pessoais não resolvidos. Geralmente os cortes eram feitos de forma superficial, podendo ir sozinha até um hospital para ser socorrida. Essa necessidade chegou a tal ponto que levava consigo um pedaço de vidro na bolsa, caso a vontade ocorresse, evitando, dessa forma, quebrar vidros em qualquer lugar onde estivesse. Os cuidados que tomava a essa altura já eram maiores, pois se munia de uma caixa de lenços de papel para conter o sangue, assim como um casaco de nylon para evitar que as pessoas percebessem o sangramento. Hematomas eram constantes devido às fortes pancadas que dava em sua cabeça. Dizia não sentir dor quando se automutilava, mas não perdia a consciência em momento algum.

Diante do exposto, Erthal (2013) relata que ela se submetera a vários tratamentos psiquiátricos, nos quais costumava ser medicada à base de droga antipsicótica, embora o uso de tais medicamentos não fosse seguido à risca pela cliente. Havia se submetido, também, a diversas formas de psicoterapia. Esteve internada em hospitais psiquiátricos por quatro vezes, mas todas elas por sua própria vontade. Na verdade, ia até tais instituições, como se fossem hotéis, na esperança de contar com pessoas vinte e quatro

horas por dia, que lhe dessem atenção e a ajudassem a resolver seu problema. Nessas tentativas, alguns a consideravam uma “neurótica deprimida”, outros a tratavam como “suicida”, outros, como “psicótica”, outros ainda como “epilética”. Seus tratamentos anteriores parecem não ter correspondido à sua expectativa, embora com alguns tenha alcançado mudanças, mas não o suficiente para impedir tais crises. Nesse ponto, importa destacar todos esses dados diagnósticos, embora importantes, não foram suficientes para compreender a cliente em sua existência, uma vez a pessoa possui sua singularidade e não deve ser restringida e limitada a apenas alguns acontecimentos.

Elevando a compreensão da existência de sua cliente, a fim de propiciar-lhe ampliação de autoconsciência, Erthal (2013) descreve ainda que ela era filha de pais separados, possui mais dois irmãos (uma irmã e um irmão) com quem mantém bons relacionamentos. A cliente foi criada pela tia, irmã de sua mãe, durante alguns anos, com quem rompeu o relacionamento devido ao seu forte temperamento, voltando então para a companhia da mãe. Dizia manter com o pai uma relação razoável, mas não muito boa com sua atual esposa. De acordo com seu parecer, o pai foi morar mais distante para não dar acesso próprio aos filhos. Com a mãe, a relação era de competitividade e desconfiança. Sentia-se sempre perdendo quando a mãe tinha que escolher entre ela e seus ocasionais namorados. Via-se como uma espécie de mãe para a sua própria mãe, quando tinha que resolver algum problema, mas tentava frequentemente encontrar nela a “mãe de seus sonhos”. A preocupação que a mãe tinha por ela não correspondia de forma alguma ao que desejava.

A representação da figura masculina era bastante ambígua: a imagem de seu pai, e, por vezes, a de seu irmão, era passada como de pessoas frágeis e inseguras, embora potencialmente fortes, uma visão que generalizava para os outros homens, o que aumentava seu nível de exigência para com eles. Ela aprendeu a ver pela relação de seus pais, que toda relação homem/mulher é de denominador/dominado. A irmã (mais velha) era uma espécie de “modelo” para todos os membros da família, inclusive para ela. Julgando-a “completa” e bem-amada, almejava um dia vir a ser igual a ela. Sentindo-se uma espécie de “ovelha negra”, apresentava cada vez mais frequentemente um comportamento opositor. Parecia como se achasse que não seria amada, e precisava chamar à atenção das pessoas, ainda que de forma grotesca.

Mantendo um enorme desprezo por pessoas fracas, paradoxalmente, namorava um rapaz que julgava dominar por completo. Ora sentia-se verdadeiramente amada por ele, ora acreditava que necessitava dela por impulsioná-lo a agir. Apegava-se a ele como se não tivesse possibilidade de ser amada por mais ninguém. O fato mais importante é que percebia, com relativa clareza, que precisava dele, já que o tinha como amigo imprescindível e fiel, mas que precisava ter duas características para ficar “completo”: ser mais forte e assexuado.

O sexo era um problema em sua vida. Atingia o orgasmo apenas através da masturbação, fato que relutou muito em aceitar, mas a penetração em si era bastante dolorosa. Chegava a sentir nojo do cheiro do namorando quando pensava que iria manter relações sexuais. Fomentava fantasias homossexuais, mas salientando que não era do contato sexual que mais se nutria, e sim da proteção feminina (a fantasia era com mulheres fortes).

Sentia-se culpada sempre por achar que desapontava as pessoas. Isso a conduzia à depressão, e nesses momentos a morte ou a loucura pareciam ser a única solução. A forte preocupação era com os seus estudos: preocupada excessivamente com seu brilhantismo intelectual, esforçava-se todo o tempo por se sair bem em tarefas que lhe exigiam o intelecto. Aprecia sua determinação em continuar lutando, em querer mudar – justificativa dada por haver procurado a psicoterapia.

Sendo assim, a presente pesquisa pretende pensar na psicopatologia como algo que transcende as classificações diagnósticas, uma vez que a experiência da pessoa deve ser o ponto de partida para o processo de tratamento, buscando melhores condições para o autoconhecimento, autodesenvolvimento e autoaceitação através da ampliação de autoconsciência proporcionada pelo encontro vivencial estabelecido entre terapeuta e cliente, em que ambos tendem a se desenvolver, eliminando possíveis rotulações que podem ocorrem nas relações sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando a importância da temática proposta, que se refere ao processo psicoterapêutico humanista-existencial, questionando a relevância de rótulos relacionados à classificações diagnósticas, é possível perceber que o presente trabalho se faz

extremamente atual, uma vez que, ao se categorizar pessoas, atrelam-nas a padrões diagnósticos com o intuito de se objetivar o tratamento, não atribuindo devido valor às vivências e às questões subjetivas trazidas pelo cliente.

Ao longo das pesquisas e da metodologia utilizada, compreende-se que o processo psicoterapêutico visto por uma abordagem humanista-existencial pode trabalhar com questões diagnósticas, desde de que se faça a redução fenomenológica, uma vez que o cliente não é identificado a classificações diagnósticas. Dessa forma, a partir da não rotulação, trata-se a pessoa, reconhecendo sua patologia classificada nosograficamente como parte de sua existência, ou seja, como um dado a ser colocado em suspenso – entre parênteses – e não como o fio condutor da psicoterapia. Vale ressaltar que, a classificação trata-se de um dado importante na medida em que o terapeuta busca compreender a relação que o cliente estabelece com seu diagnóstico, ou seja, qual o significado que ele lhe atribui e qual o sentido que o cliente lhe confere.

Sendo assim, fez-se necessário situar o processo terapêutico na visão humanista-existencial, em que a pessoa considerada na totalidade de seu existir, passa por etapas, as quais podem variar conforme a subjetividade de cada pessoa, a fim de lhe permitir um melhor conhecimento de suas vivências enquanto ser-no-mundo. Além disso, no que se refere ao processo diagnóstico, ressalta-se a visão fenomenológica do encontro vivencial e a sua preponderância frente aos conhecimentos prévios sobre sinais e sintomas. Assim, no que tange a referida abordagem, o psicólogo busca se relacionar com o mundo do cliente, não o enquadrando em categorizações, pois a relação terapêutica valoriza a forma como a pessoa percebe e lida com sua doença, atribuindo o significado que dá a ela e o sentido que exerce em sua existência. Por conseguinte, situa a classificação nosológica e nosográfica durante a psicoterapia atreladas a questões existenciais.

Dessa forma, entendendo que a pessoa é um ser-no-mundo inserida em contextos históricos, sociais e culturais, busca-se contribuir e auxiliar a pessoa em seu processo de “vir-a-ser”, desmitificando possíveis estereótipos, o que inclui aqueles advindos dos próprios diagnósticos clínicos.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **DSM-5**: Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. Disponível em:

http://blogdapsicologia.com.br/unimar/wp-content/uploads/2015/12/248320024-Manual-Diagnosico-e-Estatistico-de-Transtornos-Mentais-DSM-5-1-pdf.pdf. Acesso em: 11 de jun. 2017.

CARDINALLI, I. E. **Daseinsanalyse e esquizofrenia**: um estudo na obra de Medard Boss. São Paulo: Escuta, 2012.

CARVALHO, C. R. A. A identidade profissional dos terapeutas ocupacionais: considerações a partir do conceito de estigma de Erving Goffman. **Saúde e Sociedade**. São Paulo, 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902012000200010&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 9 de jul. 2017.

ERTHAL, T. C. S. **Trilogia da existência**: teoria e prática da psicoterapia vivencial. Curitiba: Appris, 2013.

FORGHIERI, Y. C. **Psicologia fenomenológica**: fundamentos, método e pesquisas. São Paulo: Cengage Learning, 2015.

_____. Saúde e adoecimento existencial: o paradoxo do equilíbrio psicológico. **Temas em Psicologia**. Ribeirão Preto, 1996. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1996000100009. Acesso em: 8 de jun. 2017.

GOFFMAN, E. **Estigma:** notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC, 2015.

GOMES, W. B; CASTRO, T. G. Clínica Fenomenológica: do método de pesquisa para a prática psicoterapêutica. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Brasília, 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/ptp/v26nspe/a07v26ns.pdf. Acesso em: 13 de jul. 2017.

LAURENTI, R. et. al. A classificação internacional de doenças, a família de classificações internacionais, a CID-11 e a síndrome pós-poliomielite. **Arquivos de Neuro-Psiquiatria**. São Paulo, 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0004-282X2013000900111. Acessado em: 19 de jul. 2017.

LIMA, B. F. Alguns apontamentos sobre a origem das psicoterapias fenomenológico-existencial. **Revista da Abordagem Gestáltica**. Goiânia, 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v14n1/v14n1a06.pdf. Acesso: 28 de jul. 2017.

OLIVEIRA, A. R. F; AZEVEDO, S. M. Estigma na doença mental: um estudo observacional. **Revista Portuguesa de Medicina Geral e Familiar**. Lisboa, 2014. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2182-51732014000400004. Acesso em: 9 de jul. 2017.

SILVA, J. N; FEIJOO, A. M. L. P; PROTASIO, M. M. A psicopatologia em uma perspectiva daseinsanalítica. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**. São Paulo, 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rlpf/v18n2/1415-4714-rlpf-18-2-0280.pdf. Acesso em: 08 de jun. 2017.

SOUZA, C. P; CALLOU, V. T; MOREIRA, V. A questão da psicopatologia na perspectiva da abordagem centrada na pessoa: diálogos com Arthur Tatossian. **Revista da Abordagem Gestáltica**. Goiânia, 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672013000200006. Acesso em: 08 de jun. 2017.

TEIXEIRA, J. A. C. Introdução à psicoterapia existencial. **Análise psicológica**. Lisboa, 2006. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/pdf/aps/v24n3/v24n3a03.pdf. Acesso em: 11 de jun. 2017.

_____. Problemas psicopatológicos contemporâneos: uma perspectiva existencial. Análise psicológica. Lisboa, 2006. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312006000300017. Acesso em: 11 de jun. 2017.

14. PSICOLOGIA:

ESTUDO ESTATÍSTICO DO COMPORTAMENTO SUICIDA:

estudos, perfis e intervenções psicossociais

Julia Braz Goudinho[132]
Nilly Rosana Rodrigues Duarte Coutinho[2]
Mariana Fernandes Ramos dos Santos[3]

RESUMO: O suicídio é um problema de saúde pública, que vem apresentando um crescimento exorbitante. O artigo objetiva-se identificar o quantitativo de suicídio no Brasil e o índice estatístico entre homens e mulheres, abordar o comportamento suicida ao longo de seus diferentes contextos. A metodologia utilizada será revisão sistemática da literatura e teve como principais autores: Emile Durkheim, Lacan e Aron Beck. A discussão girou em torno do suicídio a partir de intervenções psicossociais como o "Setembro Amarelo", divulgando dessa forma a proposta de levar a todos a importância de se falar sobre o suicídio, desmistificando o "tabu" que este é encarado como uma transgressão religiosa. Enfim, levar a todos o valor de reconhecer o comportamento suicida, avaliando os riscos que cada um apresenta, podendo evitar, que o indivíduo tire a própria vida.

PALAVRAS-CHAVE: Suicídio. Setembro Amarelo. Saúde Mental.

[132]Graduando do Curso de Psicologia do Centro Universitário São José de Itaperuna (UNIFSJ) – Itaperuna-RJ. E-mail: juh_braz@hotmail.com.

[2] Graduando do Curso de Psicologia do Centro Universitário São José de Itaperuna (UNIFSJ) – Itaperuna-RJ. E-mail: nillyrosanar@gmail.com

[3] Professora do Curso de Psicologia do UNIFSJ. Psicóloga. Neuropsicóloga. Terapeuta Cognitivo Comportamental. Mestre em Psicologia. E-mail: marineuropsi@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O Suicídio na Antiga Grécia era permitido com autorização da comunidade, podendo ser condenado quem violasse a lei, somente o Estado poderia impedir ou consentir o suicídio. Santo Agostinho e logo em seguida São Tomás de Aquino estabeleceram o suicídio como blasfêmia, transgredindo um mandamento "não matarás", o que gerou uma crença importante no que diz respeito aos designíos divinos. Dessa forma, quando o indivíduo se suicidava a igreja renunciava seus funerais e enterros. Ainda existem em muitas culturas, penalidades para parentes da vitima do suicídio, embora em algumas mais rigorosas que outras. O Código Penal Brasileiro acusa quem incentiva o ato suicídio, quando a vítima vem a óbito. Ainda há discussão sobre o suicídio assistido (Eutanásia) (SOUZA, *online*).

A partir do século XIX, através dos questionamentos filosóficos começa-se a contestar tais atitudes, consequenciando em mudanças. Mediante a estes questionamentos, o suicídio começou ser considerado "loucura", sendo atribuído a quem tinha problema mental, cometia um suicídio (SOUZA, *online*).

Atualmente, o suicídio vem sendo classificado como um problema de saúde pública. Em algumas faixas etárias, em algumas profissões o número de tentativas de suicídio vem aumentando de maneira exorbitante, onde a cada dez tentativas,uma acaba consequenciando em morte.São várias as causas e fatores que levam o indivíduo ao suicídio. A atitude do ato suicida concentra-se na busca de alívio para uma dor que está inerente ao mesmo, um grande sofrimento, que para ele a solução é a finalização da própria vida (SOUZA, *online*).

Na busca de intervenções psicossociais, concentrando-se na prevenção ao suicídio, criaram a campanha *setembro amarelo* como proposta discussão desta temática a nível social. Intervenção esta que começou no Brasil em 2014 pelo Centro de Valorização da Vida, pelo Conselho Federal de Medicina e Associação Brasileira de Psiquiatria, cujo objetivo foi conscientizar a prevenir o suicídio conscientizando os profissionais da área para a discussão do assunto é para reconhecer sinais que levariam a tal quadro (SETEMBRO AMARELO, *online*).

Este artigo tem como proposta relatar sobre o suicídio, apontar as estatísticas ligadas ao suicídio bem como intervenções psicossociais como o setembro amarelo, ressaltando também dados sobre o suicídio a nível mundial.

Sendo que a questão da pesquisa foi qual seria o perfil do suicida brasileiro e quais estratégias psicossociais a saúde mental tem se utilizado para discutir tal assunto?

Que teve como justificativa,que o suicídio ainda é visto pela sociedade não como doença e sim algo relacionado à crença, religião, tabu. Porém a cada 40 segundos 1 pessoa comete o suicídio em algum lugar do mundo, segundo relatório da OMS (ano). Muito mais do que julgar é saber que a depressão, o medo, o fracasso, a ansiedade, fim de relacionamentos, perdas de ente queridos, luto não vivido, estresses, a sensação de estar só, estão entre os comportamentos reconhecidos como sinais que podem levar a um pensamento suicida e se detectado é possível um tratamento eficaz. Considerando que o Brasil é o 8° país no mundo com mais suicídios cometidos, divulgado pela Organização Mundial da Saúde (CIÊNCIA E SAÚDE, *online*), se faz de suma importância pesquisas e mapear o perfil de comportamento suicida. No que se referem ao gênero, os homens praticam mais o suicídio do que as mulheres embora as mulheres tenham mais pensamentos suicidas os homens executam o ato com mais “sucesso” vindo a óbito. Segundo um relatório divulgado pela OMS para uma entrevista do G1, do dia 04/09/2014.

Como proposta psicossocial, foi criado o Setembro Amarelo como meio de compreender a luta por essa causa, onde durante todo o mês de Setembro todos os profissionais da área da saúde manifestam ações em causa do suicídio. Vestem-se de amarelo, divulgando a proposta com o objetivo de levar a todos que o suicídio é uma doença sim e que ninguém está isento deste caso. A importância de se pedir ajuda faz com que muitos casos possam ser revertidos. Onde se faz necessária a discussão desse assunto num âmbito macro, com intervenções sociais como o setembro amarelo bem como a compreensão de como estes espaços sociais se dão e tais finalidades.

Como objetivo geral,discutir a temática do suicídio a partir de intervenções psicossociais como o setembro amarelo.

E os objetivos específicos:abordar o comportamento suicida ao longo de seus diferentes contextos;identificar o quantitativo de suicídio no Mundo e o índice de suicídio entre homens e mulheres; desmitificar o "tabu" do suicídio, visto para muitos como transgressão religiosa; compreender o "Setembro Amarelo" como proposta de intervenção psicossocial na temática do suicídio.

O artigo será de caráter bibliográfico com o banco de dados do site do CFP - Conselho Federal de Psicologia (*online*); CVV – Centro de Valorização da Vida (*online*);

da Bireme – Biblioteca Regional de Medicina (*online*) e do Scielo (*online*), e os principais autores: Emile Durkhein, Lacan e Aron Beck, Associação Brasileira de Psiquiatria, Tratado de Psiquiatria, Kaplan e Sadock.

LINHA DO TEMPO DO SUICÍDIO

A morte é inerente ao ser humano, sendo a última fase da vida do indivíduo. Pouco se fala sobre a morte, podendo dizer que é tão incompreensível, quanto inseparável do ser. A vida e a morte gera angustia, ou seja, coloca o ser humano a encarar sua finitude.

> A morte é interpretada somente como uma contraposição contraditória da vida, como a ausência da vida, em suma, como o não-ser. Mas a morte é um fato que tem também seu significado positivo, é um aspecto articular do ser e não só do não-ser; é um certo algo e não o completo nada (VIGOTSKI, 1996, p. 265).

O suicídio passa por momentos de diferentes definições, onde primeiramente foi colocado a importância do indivíduo estar inserido na sociedade, reduzindo dessa forma um sofrimento, ou seja, a busca de livrar-se de uma angústia, uma dor imensa que o envolve. Surge então uma grande controvérsia: viver ou morrer! Um grande duelo, tentando modificar o verdadeiro sentido da vida, levando o indivíduo desejar a própria morte, para enfim conhecer algo novo, onde esse sofrimento possa não mais existir.

Emile Durkhein cita abaixo que os fatores sociais são influentes no ato suicida. Se por exemplo o indíviduo sofre por desemprego, problemas financeiros ou que tenha um trabalho pesado onde não é valorizado tende o maior risco de suicídio. Assim como solteiros, separados ou viúvos, onde na maioria desses casos os laços sociais são menores (DURKHEIN, 2000).

> O sociólogo Emile Durkheim assinalou, no século XIX, um conceito de laço social que ainda hoje nos é muito útil. Quanto maiores os laços sociais em uma determinada comunidade, menores seriam as taxas de mortalidade por suicídio. Este conceito sociológico pode ser transposto para o nível individual: quanto menos laços sociais tem um indivíduo, maior o risco de suicídio. As pessoas que emigram são, pela sua própria definição privada de apoios sociais estáveis, mais suscetíveis ao suicídio. No entanto, novamente o próprio fato de migração não deve ser utilizado a fim de minimizar a importância de perturbações mentais, quando estas estão

> presentes. (DURKHEIN apud ABP - Associação Brasileira de Psiquiatria, 2014, p. 22-23).

É comum ouvir de pessoas depressivas que o melhor ato que poderia acabar com a dor do peito, da alma seria cometer o suicídio. Pois para algumas pessoas a vida já não faz mais sentido e então Lacan explica em citação de que fato somente quem sente sabe o tamanho da dor. O vazio da alma torna-se impreenchível e essa falta o faz o que não tenha forças que dê sentido a sua existência.

> A angústia, segundo Lacan, é o único afeto que não engana, visto que é real e experimentado no corpo. O sujeito deprimido é aquele mergulhado numa angústia desmedida, angústia materializada no corpo sob a forma de dor. Dói o corpo, dói o peito, dói a alma, como relatam alguns pacientes. É comum atribuírem a esta dor a causa precipitante do seu ato suicida, quando afirmam que matar-se seria a única forma de livrar-se dela (LANCAN apud CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2013, p. 33).

A vida e a morte são conflitos internos que acompanham o indivíduo em sua existência. O suicídio é avassalador, onde se deve observar o comportamento suicida, para que o indivíduo possa compreender que tem tratamento para aliviar o sofrimento psíquico, mediante a dor que o fez desejar tal ato.

> Para Beck et al, pacientes suicidas frequentemente entravam em conflitos sobre razões para viver e para morrer",um conflito que resulta da batalha interna entre desejar morrer e desejar continuar vivo. Consequentemente, frente ao desespero insuportável que ,a cada dia,é infligido pelo sofrimento físico ou emocional,a vida perde o sentido e a morte transforma-se no passaporte para um mundo totalmente diferente,no qual todas as necessidades sejam saciadas (BECK et al apud CANFIELD, J. 2015, p. 17, *online*).

O PERFIL SUICIDA NOS PRINCIPAIS PAÍSES DO MUNDO

O suicídio é praticado no mundo todo, porém existem países onde essa atividade tem se tornado cotidiano. Sendo assim cada país desempenha seu perfil suicida. Temo como exemplo a Inglaterra, onde é muito comum a prática realizada através da toxidade pelo gás doméstico. Nos dias de hoje essa prática já diminuiu bastante, mas em contrapartida não deixa de ser o perfil daquele lugar, diferentemente da prática no Brasil,

que é muito usado armas brancas, como remédios ou venenos ou armas de focos e inclusive o ato do enforcamento (GHOSH e BRUCE, 1996).

Em algumas religiões espalhadas por todo mundo, a concepção de que se é pecado a ação de tirar sua própria vida é muito forte e intenso. A cultura de que o ato suicida é pecado, impede de que algumas pessoas mesmo que tenham intenção vão à vias de fato por estar enraizadas a etnia. Há também aqueles que acreditam que o suicídio seja uma escolha contra a dor onde a morte seria o final de todo sofrimento (GHOSH e BRUCE, 1996).

> O suicídio pode ser entendido a partir de diferentes perspectivas, a parte religiosa, filosófica e sociológica, a psicológica e biológica. Historicamente, o significado que o suicídio tem,reflete a natureza dos princípios espirituais mais cultural orientador importante (STEVENSON,1988, p. 1314).

Nos países mais tradicionalmente católicos como Itália, Espanha e Irlanda cuja tradição judaico-cristã tem como conceito que a vida é um dom oferecido por Deus e é rigorosamente proibido tirar a mesma. Estas influências ainda são evidentes e pode contribuir para a existência de uma taxa mais baixa de suicídio (GHOSH e BRUCE, 1996).

A escolha da morte contra a dor se deu ao respeito pela vontade e direito do indivíduo, considerar que o suicídio é um ato racional. Esta perspectiva levou ao surgimento movimentos que apoiam suicídio como um direito de pacientes terminais, alcançando mesmo um suicídio assistidopelo médico. Referendos sobre esta questão realizada em vários estados que foram negativos para esta opção (GHOSH e BRUCE, 1996).

No entanto, a margem estreita a derrota reflete um apoio crescente parte da sociedade. O aspecto fundamental que tem de enfrentar o médico psiquiatra é que o suicídio é um ato "racional". Pode ser em si um ato racional uma pessoa que está sofrendo de uma doença Psiquiátrico? A grande maioria dos suicídios, mais de 90% ocorrem em indivíduos com desordens psiquiátricas no momento de cometer suicidio (WINOKUR e TSUAN 1975; ROBINS et al, 1959).

Conhecimentos demográficos e epidemiológicos envolvido em suicídio é essencial para o clínico avaliar o paciente suicida. O suicídio é a nona principal causa de mortes mais importante nos Estados Unidos, responsável por 30.000 mortes todos os anos. Esta taxa é de cerca de 11,6 por 100.000 habitantes (GHOSH e BRUCE, 1996).

Apesar dos programas de prevenção do suicídio, o aumento da capacidade de detecção de depressão, hospitalização e avanços na tratamento biológico de depressão, um suicídio não mudou no passado das décadas: ainda 11 a 12 por 100.000 habitantes (SAINSBURY, 1986; STEVENSON, 1988).

Foi demonstrada pela primeira vez na Inglaterra no início deste século, quando diminuiu a toxicidade produzida pelo gás doméstico, a taxa de suicídios diminuíram em paralelo. A disponibilidade de Armas de fogo também parece correlacionar com o risco de suicídio (GHOSH e BRUCE, 1996).

Em um estudo por recenterealizado Marzouk et al. (1992) em cinco distritos de Nova York, demonstraram que as diferenças o risco global de suicídio entre os municípios. Eles correlacionados com diferenças na disponibilidade letalidade das armas. Embora a taxa de suicídio global manteve-se constante ao longo das últimas décadas, sim houve mudanças entre diferentes subgrupos de idade, sexo e raça. O muito divulgado aumentado de suicídio entre adolescentes e juventude parece ser compensado por uma diminuição em adultos idosos (ROBINS e KULBOK, 1988). Entretanto, as taxas de suicídio entre idosos continuam a ser elevados (GHOSH e BRUCE, 1996).

ESTRATÉGIAS DE INTERVENÇÃO – SETEMBRO AMARELO

O Setembro Amarelo se retém quando foi iniciado no Brasil CVV (Centro de Valorização da vida), CFM (Conselho Federal de Medicina) e ABP (Associação Brasileira de Psiquiatria), onde foi realizada as primeiras atividades em 2014 concentradas em Brasília. Onde no ano seguinte, 2015, conseguiu uma maior exposição de ações em todas as regiões do Brasil. No dia 10 de Setembro é comemorado o Dia Mundial de Prevenção do Suicídio estimulado e vinculado pelo IASP (Associação Internacional para Prevenção do Suicídio) (SETEMBRO AMARELO, *online*).

É de suma importância também falarmos sobre o CVV (Centro de Valorização da Vida) que é uma entidade sem fins lucrativos que atua gratuitamente na prevenção do suicídio desde 1962. Onde é uma das principais mobilizadoras do Setembro Amarelo que atua junto com a IASP (citada a cima), Abeps (Associação Brasileira de Estudos e Prevenção do Suicídio) e de outros órgãos internacionais que atuam pela causa (SETEMBRO AMARELO, *online*).

A campanha do setembro amarelo é de suma importância, pois ainda existem pessoas que desconhecem esse movimento e suas causas. A Intenção dele é de mobilizar a sociedade de que o suicídio é muito maior do que somente um tabu, é um assunto de utilidade pública que precisa ser falado com uma cautela ainda que existam rejeições de alguma parte da população. Ainda que as pessoas tentem esconder, e muito mais do que conscientizar é a desmistificação em relação às crenças ou ligação a alguma patologia (SETEMBRO AMARELO, *online*).

Neste ano de 2017 o grupo suicida na rede social facebook “baleia azul” foi a explosão de fato ocorrido para toda sociedade. Onde foram levantada polêmicas em todos os lugares. Muitas pessoas pararam para analisar o grupo de forma coerente com toda essa tecnologia que nos rodeia e então entender o motivo onde muitas pessoas “caem nessa armadilha” e outras ainda tem a crença muito aflorada, ainda pensam que o ato suicídio é falta de Deus. O suicídio precisa ser falado, ser notado e ser tratado sem pre-conceitos (SETEMBRO AMARELO, *online*).

REFERÊNCIAS

ABP - Associação Brasileira de Psiquiatria. Disponível em: <http://www.cvv.org.br/downloads/suicidio_informado_para_prevenir_abp_2014.pdf>. Acesso em: 20 de março de 2017.

BECK, A.T; WENZEL, A.; BROWN, G.K. **Terapia cognitivo-comportamental para pacientes suicidas.** Porto Alegre: Artmed, 2010.

BIREME – Biblioteca Regional de Medicina. Disponível em:<http://www.paho.org/bireme/>. Acesso em: 8 de março de 2017.

CANFIELD, J. **A terapia cognitivo-comportamental e o suicídio. Quais as possibilidades de tratamento?** Disponível em: <http://www.orgone.com.br/imagens/suicidio.pdf>. Acesso em: 20 de março de 2017.

CIÊNCIA E SAÚDE. Disponível em: <http://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2014/09/brasil-e-o-8-pais-com-mais-suicidios-no-mundo-aponta-relatorio-da-oms.html>. Acesso em: 14 de março de 2017.

CFP - CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Disponível em: <http://site.cfp.org.br/>. Acesso em: 8 de março de 2017.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **O Suicídio e os Desafios para a Psicologia.** 1. ed. Brasília: CFP, 2013.

CVV – Centro de Valorização da Vida. Disponível em: <http://cvv.org.br/>. Acesso em: 12 de março de 2017.

DURKHEIN, E. **O suicídio: Estudo de Sociologia.** Tradução de Monica Stahel. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

GHOSH, T. B; BRUCE, S. V. **Suicídio.** In: ROBERT, E. H; STUART,, C. Y; JOHN, A. T. (Org.). Tratado de Psiquiatría. 2. ed. Barcelona: Ancora. S. A., 1996.

LANCAN, J. **O seminário: a angústia.** Tradução de Vera Ribeiro. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

MARZOUK, P. M. et al. **Prevalência de co-utilização Caine entre os moradores de Nova York, que Com Suicídio durante um Por ano por iod.** Am J Psiquiatria: Washington, n. 149, p. 371-375, 1992.

ROBINS, E. et al. **Some clini-cal considerations in the prevention of suicide basedon a study of 134 successful suicides.** Am J Public Health: Washington, n. 49. p. 888 - 899, 1959.

ROBINS, L. N; KULBOK, P. A. **Estudos emológicos epidemiológicos em suicídio.** P Sacolat Ric Anna Ls, v. 18, n. 6 19, p. 623 - 627, 1988.

SAINSBURY, P. **The epidemiology of suicide**. Edited by Roy A. Baltimore, MD, Williams & Wilkins, p. 17 – 40, 1986.

SCIELO. Disponível em: <http://www.scielo.org/>. Acesso em: 5 de março de 2017.

SETEMBRO AMARELO. Disponível em: <http://www.setembroamarelo.org.br/>. Acesso em: 10 de março de 2017.

SOUZA, F. Suicídio – História e taxas no Brasil e no mundo. Disponível em: < http://www.psicologiamsn.com/2011/12/suicidio-historia-brasil-mundo.html>. Acesso em: 8 de março de 2017.

STEVENSON, J.M. **Suicide, in The American Psychiatric Press Textbook of Psychiatry.** Edited by Talbot JA, Hales RE, Yudofsky SC. American Psychiatric Press: Washington, p 1021- 1035, 1988.

VIGOTSKI, L. S. Teoria e método em Psicologia. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

WINOKUR, G.; TSUAN, G. M. T. **Suicídio no homemia, depressão e esquizofrenia.** Am J Psychiatry: Washington, n. 132, p. 650 – 651, 1975.

15. PSICOLOGIA:
OS PREJUÍZOS DOS EXCESSOS DO USO DA TECNOLOGIA NO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DOS BEBÊS

Danielle Soares da Silva[133]
Mariana Fernandes Ramos dos Santos[134]

RESUMO

Na atualidade as habilidades sociais que se constroem através das relações e interações entre as crianças têm sido atropeladas pela tecnologia que é uma ferramenta que vem crescendo de forma rápida e com seu avanço vem atingindo de forma direta o desenvolvimento dos bebês, que começam a ter contato com as várias formas de tecnologia cada vez mais cedo. No presente artigo o foco são os bebês, de 0 a 3 anos. Como objetivos o artigo possui investigar como o uso excessivo das tecnologias no desenvolvimento dos bebês pode trazer prejuízos para a cognição; definir a importância do relacionamento social para o desenvolvimento do bebê; identificar quais riscos o uso da tecnologia em excesso pode causar no desenvolvimento dos bebês; analisar como a tecnologia afeta a cognição da criança; investigar até que ponto as tecnologias podem interferir na Saúde Mental da criança. O método utilizado foi direcionado a Pesquisa Bibliográfica. O artigo destacou a socialização como um passo importante para o desenvolvimento infantil, por que através dela os bebês conhecem novas possibilidades no mundo, estimulando a afetividade, a cognição e a capacidade de se adaptar as mudanças. Por conta disso, este trabalho se direciona em estudar as relações estabelecidas com os bebês e a inteligência artificial.

PALAVRAS-CHAVE: Infância. Bebês. Cognição. Tecnologia.

INTRODUÇÃO

A infância é o período que vai desde o nascimento até aproximadamente o 12º ano de vida de uma pessoa. É um período de grande desenvolvimento físico, marcado pelo gradual crescimento da altura e do peso da criança, especialmente nos primeiros três anos de vida. Essa fase é marcada também pelo desenvolvimento psicológico da criança, envolvendo graduais mudanças no comportamento do indivíduo e na aquisição das bases da sua personalidade.

[133]Graduanda do Curso de Psicologia do Centro Universitário São José de Itaperuna (UNIFSJ) – Itaperuna-RJ. dani25soares@hotmail.com
[134]Professora do Curso de Psicologia do UNIFSJ. Psicóloga. Neuropsicóloga. Terapeuta Cognitivo Comportamental. Mestre em Psicologia. marineuropsi@hotmail.com

Didaticamente a infância é dividida em três fases: do nascimento aos dois anos, dos dois aos seis anos (período pré-escolar) e dos seis aos onze/doze anos (período escolar), sendo cada fase marcada por características e desenvolvimentos específicos, podendo variar subjetivamente o tempo de desenvolvimento. Onde a partir de cada experiência e de acordo com os estímulos que o sujeito recebe, ele apresenta evolução nas etapas do desenvolvimento, no entanto como estes quesitos são subjetivos, é importante destacar que cada criança se desenvolve em um tempo e de uma forma, tempo e forma subjetivos.

No período até os dois anos há um acelerado desenvolvimento psicomotor que vai permitir à criança adquirir várias competências como sentar-se, engatinhar e andar. Dos dois aos seis anos as transformações físicas que ocorrem com certa velocidade, permitem a criança concretizar um conjunto de tarefas como segurar um lápis e desenhar, recortar, vestir-se e etc. Na última fase que ocorre dos seis aos onze/doze anos várias competências são aperfeiçoadas pela criança, que permitem a ela responder as exigências da vida escolar como, por exemplo, ler e escrever.

No presente trabalho o foco são os bebês, de 0 a 3 anos, que são seres em desenvolvimento que dependem muito do cuidado do outro para sobreviverem.

Nos dias atuais essas habilidades sociais que se constroem através das relações e interações entre as crianças têm sido atropeladas pela tecnologia que é uma ferramenta que vem crescendo de forma muito rápida nos últimos tempos, dominando várias áreas de atuação. A disseminação das tecnologias de informação e comunicação está crescendo de uma forma tão grande que vem se tornando de forma direta influenciadora da vida social. O desenvolvimento técnico-científico vem gerando grandes alterações na vida humana, e com o seu avanço a tecnologia vem atingindo de forma direta até o desenvolvimento dos bebês, que começam cada vez mais cedo a ter contato com as várias formas de tecnologia, o que influencia o seu desenvolvimento em vários aspectos.

O artigo conta com a questão problema que gira em torno de: Quais são as consequências que o uso em excesso da tecnologia pode trazer para o desenvolvimento cognitivo dos bebês?

Tendo metodologia direcionada a Pesquisa Bibliográfica, cujo banco de dados será utilizado com as palavras chaves: Infância, Bebê, Cognição, Tecnologia. Utilizando sites e

revistas científicas bem como os seguintes autores: Vygosky, Piaget, Vasconcelos, Papalia, Bandura.

Como justificativa o artigo se faz importante uma vez que há a motivação de compreender um tema que vem crescendo de forma muito rápida nos últimos anos, o uso da tecnologia de forma indiscriminada pelas crianças. Isto se dá a partir do incentivo dos pais que usam desse recurso como uma forma de distração para os bebês, de prender a atenção deles para que fiquem quietos e comportados, de controlar as crianças nos momentos e nos locais que elas precisam se comportar, o que agrava ainda mais a situação, por que a tecnologia vem sendo usada como uma forma de controlar comportamentos que são naturais das crianças, na busca de dar aos pais momentos de tranquilidade e relaxamento, com as crianças se mantendo distraídas pelas várias formas de tecnologia, como celular, televisão, tablets, vídeo games e etc.

Justifica-se assim dado que as crianças estão sendo condicionadas a inibirem comportamentos característicos dessa fase da vida, no caso, a interação e a socialização e estão ficando cada vez mais presas ao mundo tecnológico deixando de viver a infância real para viver o mundo virtual.

Como objetivos o artigo se dá por investigar como o uso excessivo das tecnologias no desenvolvimento dos bebês pode trazer prejuízos para o seu desenvolvimento cognitivo e ainda definir a importância do relacionamento social para o desenvolvimento do bebê; identificar quais riscos o uso da tecnologia em excesso pode causar no desenvolvimento dos bebês; analisar como a tecnologia afeta a cognição da criança; investigar até que ponto as tecnologias podem interferir na Saúde Mental da criança.

O presente artigo se divide em três seções, a primeira usada para relatar sobre o desenvolvimento cognitivo infantil, a segunda focada no desenvolvimento da tecnologia e a terceira nos prejuízos e comprometimentos no desenvolvimento cognitivo dos bebês.

DESENVOLVIMENTO COGNITIVO INFANTIL

Os três primeiros anos de vida de um bebê são fundamentais para o seu desenvolvimento ao longo do seu crescimento, dando a criança fundamentos para se desenvolver de forma saudável ao longo dos anos, sendo fundamental uma boa estrutura tanto familiar quanto ambiental para que a criança possa ter acesso às oportunidades que

são necessárias para o seu crescimento saudável, que é composto por desenvolvimento físico, emocional, cognitivo e cultural. Isso fica claro no trecho do texto do autor Shonkoff (2011) “Nessa fase da vida deve ser combinado o favorecimento do enriquecimento cognitivo com uma maior atenção na prevenção de adversidades significativas para o desenvolvimento do cérebro”.

A partir disso pode-se perceber como os estímulos em todas as áreas da vida do bebê são fundamentais para um desenvolvimento saudável que proporcione todos os subsídios para o bebê alcançar o pleno desenvolvimento tanto físico quanto cognitivo por que é a associação dos dois que proporciona um crescimento saudável da criança.

O desenvolvimento do bebê começa desde o útero da mãe e os cuidados na gravidez são essenciais para que a criança após o nascimento tenha condições favoráveis para se desenvolver da melhor forma possível. Com o nascimento os cuidados passam a ser para dar à criança as possibilidades adequadas para crescer e as relações são ponto fundamental para esse desenvolvimento. No artigo “A Incompletude como Virtude: Interação de Bebês na Creche”, Vasconcelos *et al*. (2003), afirma que:

> A imaturidade motora faz com que a criança permaneça por um longo período vulnerável e impotente para sobreviver sem a ajuda de um ser humano adulto. Por outro lado, seu equipamento sensorial e expressivo facilita a comunicação, a interação e a aprendizagem com o outro desde o nascimento. (VASCONCELOS et al., 2003)

Por conta do avanço do seu desenvolvimento motor o bebê começa a obter habilidades exploratórias, como engatinhar, por exemplo, para conhecer o ambiente a sua volta e explorar novas possibilidades, conseguindo com isso chegar até outras pessoas para começar a estabelecer contatos sociais, o que passa a possibilitar ao bebê comunicação, interação e aprendizagem com outras pessoas além dos pais, como com outras crianças.

A afetividade tem um papel fundamental no desenvolvimento global dos bebês, ela influência diretamente e de que maneira as relações afetivas entre adultos-crianças e crianças-crianças contribuem para o seu desenvolvimento. Para que essa afetividade possa ser desenvolvida e estimulada é preciso que a criança esteja em contato com outras pessoas e vivendo relações de cuidado e atenção por parte dos que estão a sua volta. Nessa fase, a relação dos bebês, com os adultos e com outras crianças é constante

e ocorre por meio de brincadeiras, na hora das refeições, nos momentos de colocar a criança para dormir, na hora do banho e etc. Segundo Papalia, (2006):

> Algumas crianças, evidentemente, são mais sociáveis do que outras, refletindo traços de temperamento como humor usual, prontidão em aceitar novas pessoas e capacidade de se adaptar à mudança. A sociabilidade também é influenciada pela experiência; bebês que ficam com outros bebês tornam-se sociáveis mais cedo do que aqueles que sempre ficam em casa sozinhos. À medida que as crianças ganham idade e participam cada vez mais do mundo fora de casa, as habilidades sociais tornam-se cada vez mais importantes. (PAPALIA, p. 261, 2006)

Assim, é necessária uma relação afetiva a todo o momento, seja por meio da promoção do desenvolvimento da inteligência, do desenvolvimento motor, da promoção da autoestima e da socialização, pois as crianças se desenvolvem em cada atividade realizada.

De acordo com Dantas (1992) *apud in* Leite (2014) desde o nascimento os bebês possuem sua afetividade e inteligência misturadas, onde a interação das duas promove o desenvolvimento: “O ser humano foi, logo que saiu da vida puramente orgânico, um ser afetivo. Da afetividade diferenciou-se, lentamente, a vida racional. Portanto, no início da vida, afetividade e inteligência estão sincreticamente misturadas, com o predomínio da primeira.”

Para o desenvolvimento da inteligência é preciso que a afetividade esteja estimulada na vida do ser humano, por isso é necessário que a afetividade seja trabalhada na vida dos bebês desde cedo, promovendo assim subsídios para que a inteligência também seja desenvolvida, o que mostra o quanto a interação social é fundamental no desenvolvimento humano, inclusive na vida dos bebês que vão se desenvolver a partir dessa estimulação da afetividade que abre caminhos para o desenvolvimento de várias outras áreas da vida da criança, inclusive a inteligência.

O DESENVOLVIMENTO DA TECNOLOGIA

A Inteligência Artificial é um campo de pesquisa da Ciência da Computação, que teve seu início nos anos 50 com o objetivo de através dos símbolos computacionais, construir dispositivos que pudessem simular a capacidade do ser humano de pensar e resolver problemas, ou seja, sua capacidade de ser inteligente. Os pioneiros nessa

pesquisa foram os cientistas Hebert Simon, Allen Newell e Jonh McCarthy, que tinham como intenção criar um “ser” que simulasse a capacidade de pensar do homem.

Com o avanço das tecnologias a Inteligência Artificial também começou a evoluir e com isso os objetivos iniciais se expandiram e além de querer reproduzir a capacidade de pensar do ser humano os cientistas começaram a evoluir as pesquisas no sentido de reproduzir a capacidade de sentir, de criar e de usar a linguagem como os seres humanos fazem. No trecho do texto de Lino (2004) ele deixa claro que:

> Esta nova ciência junta as capacidades cognitivas do homem à tecnologia, para criar máquinas autonomamente capazes de decidir e tomar decisões tão bem ou melhor que o homem. Mas por mais próximo que a inteligência artificial esteja da inteligência humana, ainda faltam aperfeiçoar mecanismos que só o humano possui, que são eles as emoções e sentimentos. (LINO, 2004)

A memória, a linguagem, o raciocínio e as emoções são componentes fundamentais da inteligência do ser humano, sem os quais o homem não se tornaria apto a sobreviver e um ser autônomo. Assim, tal como a inteligência humana, também a inteligência artificial utiliza o raciocínio lógico, a memória e a linguagem, mas falta-lhe um componente bastante importante da inteligência humana, a emoção.

Para alcançar a inteligência humana à inteligência artificial precisou buscar afundo do que a inteligência humana era composta e os autores Doron & Parot (2001) *apud in* Lino (2004) definem a inteligência humana por:

> “Funções psicológicas ou conjuntos de funções graças às quais o organismo se adapta ao seu meio produzindo combinações originais de condutas, adquire e explora conhecimentos novos e, eventualmente, raciocina e resolve os problemas de uma maneira conforme às regras destacadas pelas formalizações da lógica”. (DORON & PAROT, 2001 *APUD IN* LINO, 2004)

Por isso a inteligência humana é um conjunto inato de funções que os seres humanos possuem, que com o passar do tempo vão se desenvolvendo e crescendo, conforme suas experiências de vida, auxiliando o homem a adaptar-se ao meio em que vive e a tomar decisões perante os obstáculos que se apresentam ao longo do seu desenvolvimento.

Depois de buscar suas bases na inteligência humana a inteligência artificial é definida pelo autor Lino (2004) como “uma nova ciência, que “bebe” teorias tanto da

informática como das experiências da psicologia cognitiva, tendo como objectivo geral reproduzir por meio de máquinas, nomeadamente computadores, actividades humanas qualificadas como inteligentes.”

A Inteligência Artificial se assemelha em muitos fatores a inteligência humana buscando reproduzir o que de melhor o ser humano possui, mas apesar disso falta à inteligência artificial um fator que é fundamental na vida humana e que torna o homem um ser único, que é a emoção, e esse fator peculiar do ser humano a inteligência artificial não consegue reproduzir. No texto de Lino (2004) ele cita sobre a visão da Psicologia sobre essa capacidade de sentir do ser humano relacionando-a a inteligência:

> No âmbito da psicologia a capacidade adaptativa do ser humano, é dosada pela inteligência e pela emoção, se um indivíduo for demasiado racional a sua adaptação ao meio social torna-se mais difícil, pois todas as suas ações e comportamentos estão condicionados por uma avaliação lógica e fria, por outro lado se esse mesmo indivíduo for demasiado emocional, também condiciona a sua capacidade adaptativa, pois este passa a dar muita importância aos seus sentimentos e menos importância à razão, o que o torna mais fraco e frágil. De fato ser inteligente é ser capaz de se adaptar a qualquer situação ou meio ambiente, e para isso é necessário saber articular a razão e a emoção. (LINO, 2004)

O que caracteriza o ser humano é sua capacidade de se adaptar as situações e para que isso aconteça é preciso à junção dos fatores que são a inteligência e a emoção que fazem com que o homem consiga dosar a sua racionalidade e sua emoção para poder agir de forma coerente nas situações que enfrenta no dia a dia e tornando o homem um ser flexível aos contextos de sua vida.

Com o avanço da Inteligência Artificial as tecnologias começaram a dominar a vida das pessoas e o seu uso que pode ser feito de diversas formas começou a ser mais acessível para todas as classes da população, em uma pesquisa realizada pela 11ª edição da pesquisa TIC Domicílios 2015, foi medida a posse, o uso, o acesso e os hábitos da população brasileira em relação às tecnologias de informação e de comunicação, e o resultado mostrou que 58% da população brasileira usam a internet, o que representa 102 milhões de internautas. A pesquisa também apontou um ranking que mostra que:

> O telefone celular é o dispositivo utilizado para o acesso individual da internet pela maioria dos usuários: 89%, seguido pelo computador de mesa (40%), computador portátil ou notebook (39%), tablet (19%), televisão (13%), e videogame (8%). De acordo com o levantamento, 56% da população brasileira usaram a internet no telefone celular nos três meses antes da pesquisa. (AGÊNCIA BRASIL)

Com essa pesquisa pode-se observar como o uso da máquina é alto no dia a dia das pessoas e que são várias as formas de se ter acesso à internet, promovendo assim acesso fácil e rápido a tecnologia o que faz com que as pessoas façam dela parte do seu contexto diário, atingindo assim a vida de todos, inclusive dos bebês que já estão em contato com essa tecnologia desde muito cedo.

PREJUÍZOS E COMPROMETIMENTOS NO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DOS BEBÊS

Esse capítulo trata sobre como o estímulo social e condicionamento através da tecnologia como tablets, smartphones, vídeo games pode afetar o desenvolvimento infantil.

Os bebês nascem bastante imaturos em relação a alguns pontos de vista, como o desenvolvimento motor, por exemplo, mas por outro lado, suas características perceptuais são bastante desenvolvidas, sendo assim é preciso estimulá-los a explorar os ambientes em que convivem e a estabelecer relações interacionais para que todas as áreas de sua vida sejam estimuladas. No artigo “Ambiente familiar e desenvolvimento cognitivo infantil: uma abordagem epidemiológica”, Andrade *et al*. (2005), afirma que:

> A interação da criança com o adulto ou com outras crianças é um dos principais elementos para uma adequada estimulação no espaço familiar. Os processos proximais são mecanismos constituintes dessa interação, contribuindo para que a criança desenvolva sua percepção, dirija e controle seu comportamento. Além disso, permite adquirir conhecimentos e habilidades, estabelecendo relações e construindo seu próprio ambiente físico e social. Estudos sobre associação entre estimulação ambiental e cognição concluem que mães orientadas a estimularem seus bebês, por meio de uma variedade de experiências perceptivas com pessoas, objetos e símbolos, contribuíram para o desenvolvimento cognitivo das crianças, observando-se consequências positivas em longo prazo. (ANDRADE *ET AL*, 2005)

As experiências sociais com outras pessoas são um ponto fundamental para o desenvolvimento psicossocial dos bebês, por que é através de observar comportamentos, que eles aprendem por imitação, que é um processo importante para a socialização, para o desenvolvimento da linguagem e da cognição, e com isso ao longo do seu desenvolvimento vão aprendendo a interpretar comportamentos compreendendo-os e não mais só imitando-os.

Inicialmente é a imitação que faz o bebê aprender fazendo com que as pessoas com que ele convive tenham comportamentos adequados para que a criança possa observar e aprender o que querem passar para ela. A teoria da aprendizagem vicariante ou da modelação de Bandura trata exatamente dessa aprendizagem via imitação de comportamentos e no artigo “A Teoria Cognitiva Social de Albert Bandura”, o autor Azevedo (1997), usa a teoria de Bandura para afirmar que:

> Na aprendizagem vicariante, o sujeito aprende observando o desempenho de modelos quer por observação direta quer através de leituras ou de outros instrumentos mediadores. Também aqui, a observação explica as mudanças no desempenho através da formação de expectativas. Em regra, as aprendizagens complexas envolvem simultaneamente aprendizagem atuante e vicariante. A aprendizagem por observação e imitação é frequentemente designada por modelação (modeling). Distinguem-se modelos vivos, que são pessoas, e modelos simbólicos, que correspondem a modelos apresentados oralmente, por escrito, ou por outras vias audiovisuais. (AZEVEDO, 1997)

A socialização é um dos passos importantes para o desenvolvimento infantil, por que através dela os bebês conhecem novas possibilidades no mundo, estimulando a afetividade, a cognição e a capacidade de se adaptar as mudanças que começam a acontecer no seu ambiente. Com o avanço da tecnologia as relações estabelecidas com os bebês e a inteligência artificial cresceram e pôde-se começar a observar que a interação social não é mais priorizada nos primeiros anos de vida, e, sim, o bebê entra em contato com objetos tecnológicos cada vez mais cedo, destacando-se a importância dessas relações para seu desenvolvimento singular.

Com o uso excessivo da tecnologia os bebês estão deixando de ser estimulados pelos pais e de terem contato com outras crianças e adultos para ficarem em contato com as tecnologias inibindo os comportamentos de criança nos momentos em que os pais querem que as crianças se comportem, fazendo com que os bebês deixem o contato com o mundo real e com as relações humanas para viver o mundo da tecnologia, que de certa forma estimula sim alguns dos sentidos dos bebês, mas não estimula a afetividade e a interação social que são pontos essenciais para o desenvolvimento saudável do bebê. Segundo Leite (2014) no texto “A Importância das relações afetivas nas interações sociais entre adultos e crianças da Educação Infantil”, afirma que:

> De acordo com Silva (2012), a afetividade é essencial desde os primeiros anos de vida, pois o contato do bebê com o adulto é uma maneira dele interagir, permitindo assim o “processo de diferenciação eu/outro”. E é por meio da afetividade que a criança ingressa no mundo simbólico e

> desenvolve assim sua cognição. É importante destacar que as crianças também aprendem a se diferenciar através das interações, dos jogos de papéis, das brincadeiras e do convívio cotidiano. (LEITE, 2014)

As interações sociais e a afetividade são necessárias para que o bebê possa encontrar seu lugar no mundo e através das interações descobrir quem e o que é ele e o que são os outros e o afeto é importante por que essa descoberta precisa ser feita com cuidado e com o apoio e carinho necessários de quem está a volta do bebê dando suporte a ele para descobrir e explorar o mundo além de si.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente trabalho possibilitou um breve estudo de como o excesso do uso da tecnologia pode prejudicar o desenvolvimento cognitivo dos bebês influenciando diretamente na sua socialização e desenvolvimento da sua afetividade.

Com as pesquisa pode-se notar que quando os bebês entram em contato com a tecnologia desde muito cedo e fazem uso desses meios tecnológicos em excesso eles têm a sua interação social prejudicada, por que o bebê deixa de viver sua vida de criança e de explorar o mundo real para viver e explorar o mundo virtual.

Os pais são diretos influenciadores desse uso da tecnologia pelos bebês por que usam da tecnologia como meio de distração para seus filhos nos momentos em que precisam que as crianças se mantenham comportadas e controladas, inibindo comportamentos característicos da infância que fazem com que as crianças explorem o mundo e as possibilidades e assim se desenvolvam e conheçam seus limites e o que tem capacidade de realizar.

Não há a pretensão de se esgotar este tema aqui, uma vez que se faz importante uma análise crítica deste avanço da tecnologia e de como isso pode influenciar diretamente a vida das pessoas tanto direta quanto indiretamente e que ao contrário do que muitos pensam a tecnologia afeta sim a vida dos bebês de forma direta quando há um uso excessivo dos meios tecnológicos por eles, porém percebe-se que por ser um tema inovador dentro de uma lógica ampla necessita de fomentação de discussões posteriores.

REFERÊNCIAS

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento Humano**. 8º Edição. Porto Alegre: Artmed, 2006.

PAIVA, N. M. N.; COSTA, J. S. **A influência da tecnologia na infância: desenvolvimento ou ameaça**. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0839.pdf>. Acesso em: 04/04/2017.

VASCONCELOS, C. R. F. *et al* . **A incompletude como virtude: interação de bebês na creche**. Psicol. Reflex. Crit., Porto Alegre , v. 16, n. 2, p. 293-301, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722003000200009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 04/04/2017.

MOURA, M. L. S.; RIBAS, A. F. P. **Imitação e desenvolvimento inicial: evidências empíricas, explicações e implicações teóricas**. Estud. psicol. (Natal), Natal , v. 7, n. 2, p. 207-215, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2002000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 04/04/2017.

SANTOS, M. A. S. **Inteligência Artificial**. Brasil Escola. Disponível em <http://brasilescola.uol.com.br/informatica/inteligencia-artificial.htm>. Acesso em: 30/08/2017.

LINO, T. A. L. R. **Inteligência Artificial, Humana e a Emoção**. Universidade Autónoma de Lisboa. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0012.PDF>. Acesso em: 30/08/2017.

BRASIL, Agência. **Pesquisa mostra que 58% da população brasileira usam a internet**. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/pesquisa-e-inovacao/noticia/2016-09/pesquisa-mostra-que-58-da-populacao-brasileira-usam-internet>. Acesso em: 13/09/2017.

LEITE, A. C. L. **A Importância das relações afetivas nas interações sociais entre adultos e crianças da Educação Infantil**. Universidade Estadual em Maringá. 2014. Disponível em: <http://www.dfe.uem.br/TCC-2014/anny_carol_lealeite.pdf>. Acesso em: 13/09/2017.ANDRADE, S. A. *et al*. **Ambiente familiar e desenvolvimento cognitivo infantil: uma abordagem epidemiológica**. Revista Saúde Pública. 2005. Disponível em: <http://www.scielosp.org/pdf/rsp/v39n4/25533.pdf>. Acesso em: 14/09/2017.

AZEVEDO, M. **A Teoria Cognitiva Social de Albert Bandura**. Universidade de Lisboa, Faculdade de Ciências. 1997. Disponível em: <http://webpages.fc.ul.pt/~mdazevedo/materiais/ME&TES/Aprendiz02CognitSocial.pdf>. Acesso em: 14/09/2017.

16. PSICOLOGIA:

SAÚDE E EDUCAÇÃO: TRAJETÓRIAS E ENCONTROS COM A MEDIAÇÃO ESCOLAR NO PROCESSO DE INCLUSÃO DA CRIANÇA COM AUTISMO NO ENSINO REGULAR

Renata Domingues Gonçalves Caveari de Sousa[135]
Maria Goretti Andrade Rodrigues[136]

RESUMO

A pesquisa aborda a questão da inclusão de crianças com autismo no ensino regular em uma cidade do interior do Estado do Rio de Janeiro, trazendo como foco principal a participação dos mediadores escolares no processo ensino-aprendizagem e o rompimento da lógica dos encaminhamentos ao serviço de psicologia, pensando a partir dos conceitos de integralidade e matriciamento o fortalecimento da rede na produção do cuidado compartilhado contemplando outros espaços que não apenas o da saúde, mas todos que se encontram disponíveis no território. Acredita-se que incluir é buscar não apenas que se frequente a escola, mas que seja garantido a permanência e o acesso a todo conhecimento dispensado pela mesma a seus estudantes contribuindo desta maneira para a autonomia e empoderamento deste sujeito que ali está inserido. Discorrer sobre o tema da inclusão é pensar sobre estratégias possíveis de rompimento com a lógica da segregação e da perspectiva medicalizante adotada com a questão do não aprender. Neste sentido, justifica-se esta investigação uma vez que escolas, professores, pais e estudantes sentem-se em sua grande maioria desamparados diante da “diferença” e submissos ao discurso médico. A cartografia será o viés metodológico a ser utilizado, uma vez que o pesquisador é figura atuante no processo de investigação, causando e sofrendo impactos em sua análise, sendo realizadas rodas de conversas com os mediadores e professores da rede regular de ensino.

PALAVRAS-CHAVE: Autismo. Mediação escolar. Educação Inclusiva.

ABSTRACT

The research addresses the issue of inclusion of children with autism in regular education in a city in the interior of the State of Rio de Janeiro, bringing as main focus the participation of school mediators in the teaching-learning process and the disruption of the

[135]Mestranda do Programa de Pós-graduação em Ensino/INFES/UFF; e-mail: recaveari@hotmail.com
[136]Professora Doutora do Programa de Pós-graduação em Ensino/INFES/UFF e-mail: mariagoretti@id.uff.br

logic of referrals to the service of psychology, thinking from the concepts of integrality and matriciamento the strengthening of the network in the production of shared care contemplating spaces other than health, but all that are available in the territory. It is believed that inclusion is not only a search for school attendance but also for the permanence and access to all the knowledge imparted by it to its students, thus contributing to the autonomy and empowerment of this subject that is inserted there. To discuss the theme of inclusion is to think about possible strategies of disruption with the logic of segregation and the medicalizing perspective adopted with the issue of not learning. In this sense, this investigation is justified since schools, teachers, parents and students feel for the most part helpless before the "difference" and submissive to the medical discourse. Mapping will be the methodological bias to be used, since the researcher is an active figure in the research process, causing and suffering impacts in its analysis, being carried out wheels of conversations with the mediators and teachers of the regular network of education.

KEYWORDS: Autism. School mediation. Inclusive education.

INTRODUÇÃO

O presente estudo parte de trajetórias e encontros ocorridos na saúde pública com questões relativas aos casos de crianças encaminhadas pelas escolas aos serviços de psicologia no intuito, na maior parte dos casos, de remeter ao estudante a culpa pelo seu fracasso escolar. Partindo da potência de um encontro com a mãe de uma criança com autismo muitas inquietações surgiram sobre a possibilidade de minha prática enquanto psicóloga estar contribuindo para reforçar diagnósticos enclausurando pessoas em uma realidade limitadora.

Neste sentido, seria necessário romper com a passividade de apenas receber os casos encaminhados para a psicologia e lançar-me em outros campos do conhecimento na perspectiva de estabelecer uma relação de parceria e aprendizado entre os vários profissionais que podem contribuir decisivamente no processo de inclusão de crianças com autismo no ensino regular. Aposto na perspectiva do matriciamento na produção de saúde e cuidado compartilhado, me apoiando na cartografia enquanto viés metodológico no traçar de um plano comum para circular por territórios não familiares e vivenciar com diferentes atores momentos de intensos afetos no encontro com a estranheza.

A articulação em rede passa a ser a alternativa de maior viabilidade para que se possa conduzir e pensar sobre as demandas relativas à inclusão de crianças com autismo no ensino regular, prezando pela qualidade do aprendizado destes sujeitos. Assim sendo, recorremos ao dispositivo da mediação escolar enquanto uma prática não medicalizante,

valorizando o sujeito e sua singularidade, escapando ao diagnóstico, não o ignorando, mas fazendo da prática da mediação uma prática de construção de novos caminhos para a escolarização e socialização de estudantes com autismo. A produção de saúde não se encerra apenas no atendimento ambulatorial, conta também com todos os dispositivos encontrados no território para que assim possa ser viabilizada a construção de um plano comum da criança com autismo e sua família, a escola e a saúde pública. É pensando a rede e o território enquanto construção coletiva que a prática clínica também se transforma.

A entrada no campo ocorre por meio do encontro com os professores mediadores da rede regular de ensino, das inquietações que surgiram diante da conversa na roda. Também são apresentadas as impressões e possibilidades para a presente pesquisa na conversa com as profissionais do Núcleo de Apoio à Educação, que diretamente estão implicadas com as questões da Educação Inclusiva no município, especificamente com o trabalho dos mediadores escolares com as crianças com autismo.

O CUIDADO COMPARTILHADO E A CONSTRUÇÃO DE UM PLANO COMUM A SER CARTOGRAFADO

O trajeto percorrido durante os anos de atuação no serviço público contribuíram para a inquietação que me move na busca pelos encontros que possibilitem a ruptura dos paradigmas impostos ao sujeito que difere do padrão de normalidade estabelecido socialmente. Skliar (2006) afirma efetivamente que deve-se alterar o foco, ou seja, a questão central não estaria na anormalidade, mas sim na escolha e no estabelecimento de um padrão a ser seguido, uma norma, o normal, a normalidade que torna todo o resto desviante, passível de ser corrigido. Nesse sentido, o despertar para a questão da criança com autismo levou-me à compreensão da necessidade de diferentes tipos de articulações e ao percurso de caminhos que pudessem contribuir para a desterritorialização de trajetórias psicologizantes. Seria necessário romper com a passividade de apenas receber os casos encaminhados para a psicologia e lançar-me em outros campos do conhecimento na perspectiva de estabelecer uma relação de parceria e aprendizado entre os vários profissionais que podem contribuir decisivamente no processo de inclusão de crianças com autismo no ensino regular. Assim, a articulação em rede passa a ser a alternativa de maior viabilidade para que se possa conduzir e pensar

sobre as demandas relativas à inclusão de crianças com autismo no ensino regular, prezando pela qualidade do aprendizado destes sujeitos. O interesse pela pesquisa foi disparado por tais reflexões, mas não se encerra apenas no atendimento ambulatorial, contará também com todos os dispositivos encontrados no território para que assim possa ser viabilizada a construção de um plano comum da criança com autismo e sua família, a escola e a saúde pública.

Ao ser convocada a trabalhar com questões apontadas pelo campo da educação, é imprescindível que todos estejam envolvidos. Assim, segundo Brasil (2011), é a partir da lógica do matriciamento, ou seja, na produção de saúde e cuidado de forma compartilhada que será possível a elaboração de estratégias que possam efetivamente contribuir para a Educação Inclusiva. O fortalecimento do trabalho em rede configura-se como oportunidade de ampliação da autonomia e maior empoderamento do sujeito diante dos desafios da vida, que não se configura apenas nos espaços escolares, mas em todos os outros os quais pertence.

De acordo com Passos & Kastrup (2013), "cartografar é traçar um plano comum". Circular por territórios não familiares e vivenciar com diferentes atores momentos de intensos afetos no encontro com a estranheza requer o traçar de um plano comum, ou seja, o construir junto, possibilitando processos de inventividade, não padronizando, não rotulando, mas descobrindo a partir da heterogeneidade as possibilidades de existir em cada situação que surge dentro e fora do espaço escolar. Nesta perspectiva o postulado de um saber pré existente, direcionador e equalizador se rompe, abre-se espaço para as trocas, as criações e a afetação mútua, sem postulados a seguir. “A diretriz cartográfica se faz por pistas que orientam o percurso da pesquisa sempre considerando os efeitos do processo do pesquisar sobre o objeto da pesquisa, o pesquisador e seus resultados” (PASSOS & BARROS, 2015, p. 17). Todos produzimos e sofremos os efeitos dos encontros.

A aposta que faço nesta pesquisa parte da perspectiva do cuidado compartilhado na promoção da saúde do sujeito com autismo. O diálogo com a temática parte do conceito da integralidade enquanto o olhar que se amplia para o sujeito em todas as suas demandas e necessidades, não apenas enquanto aquele que adoece e precisa ser tratado. Neste sentido Pinheiro (2009) nos fala de uma produção de cuidado de caráter ético-político na medida em que considera as pessoas enquanto sujeitos do desejo,

capazes de serem responsáveis por suas escolhas, atos e histórias. O olhar sobre a saúde ganha contornos que não apenas a ausência da doença, mas constitui-se em uma prática do cuidado no cotidiano, no jeito de conversar com o sujeito, no toque, no amparo à queixa, com a atenção flutuante e com uma escuta atenta.

Na ampliação do cuidado, as redes se tornam essenciais na potencialização da relação entre os diversos espaços por onde circulam os sujeitos. Essas redes configuram-se como serviços e equipamentos de saúde que se articulam em um determinado território (BRASIL, 2009). O trabalho que se constrói em torno do sujeito em sofrimento psíquico, na concepção da inclusão social requer a participação de todos os dispositivos possíveis na busca da qualidade de vida para este e seus familiares. Assim sendo, o cuidado amplia-se para outros espaços que não apenas o da saúde, mas todos que se encontram disponíveis na cidade. Ressalta-se assim a importância de áreas como a Educação, a Assistência Social, a Justiça, dentre outras que se entrelaçam. O mais importante a ser destacado nesta conjuntura que se apresenta é a visão de rede enquanto possibilidade de construção de perspectivas outras no cuidado à saúde que não o viés da medicalização, da segregação e do enclausuramento daquele que sofre. De acordo com Brasil (2009), podemos considerar esta rede como transversal, se afirmando a partir do seu caráter heterogêneo ao tecer com diferentes atores os fios que se interligam, criam, transformam e tencionam o campo da produção de cuidado na saúde pública. Pensar a rede é pensar também o território em que circula. Não apenas o território geográfico, estático e fixo. Mas o território dos encontros, das passagens, das instituições que estão presentes, daquilo que se passa e acontece na vida na comunidade. “Trabalhar no território significa assim resgatar todos os saberes e potencialidades dos recursos da comunidade, construindo coletivamente as soluções, a multiplicidade de trocas entre as pessoas e os cuidados em saúde mental” (BRASIL, 2005, p. 26).

É pensando a rede e o território enquanto construção coletiva que a prática clínica também se transforma. Não há como tratar o sujeito apenas do ponto de vista sintomático, que o simplifica ao diagnóstico, ignorando aquilo que lhe é singular. Cada um de nós sente de modos diferentes, sofre de maneiras distintas, adoece e se cura de formas desiguais. O atendimento dispensado ao sujeito precisa levar em consideração o maior número possível de variantes que estão interligadas ao seu processo de

adoecimento. Nesta abordagem, a Clínica Ampliada (BRASIL, 2009) se mostra fundamental ao levar em consideração todos estes aspectos, além de valorizar a transdisciplinaridade no trabalho na saúde, a compreensão ampliada do processo saúde-doença, a construção compartilhada dos diagnósticos, a ampliação do objeto de trabalho, a transformação dos "meios" ou instrumentos de trabalho, a valorização da comunicação transversal e de lidar "com" pessoas e suas singularidades e o suporte para os profissionais de saúde.

Entendo que é a partir da proposta de uma Clínica Ampliada que se constrói possibilidades de uma prática que possa ajudar o sujeito em seu projeto de transformação, acreditando que mesmo diante de um diagnóstico a vida se faz potente e precisa ser experimentada.

O viés da pesquisa que se constitui caminha na perspectiva de um trabalho construído em conjunto com todos os atores envolvidos na produção de saúde e qualidade de vida para as pessoas em geral. O lugar de "dar conta" dos possíveis sintomas do sujeito que não aprende, que não consegue acompanhar os conteúdos que aprioristicamente a escola decidiu como sendo os que devem ser aprendidos, ou seja, o lugar de "dar conta" dos que são excluídos da escola não mais se reduz aos consultórios. A aposta que faço neste trabalho é de um cuidado compartilhado convocando também a escola a "dar conta" de suas questões e tensionar seus saberes e práticas instituídos como verdades absolutas.

De acordo com Mantoan (2006) a inclusão leva a escola à uma crise de identidade institucional, contribuindo desta maneira para a transgressão de um modelo elitista, homogeneizador e normatizador. Retomando a questão da prática enquanto psicóloga da rede pública de saúde, me aproprio do conceito de matriciamento (BRASIL, 2011) enquanto processo de produção de saúde de modo compartilhado, através do encontro de equipes e intervenções pedagógico-terapêuticas que visam quebrar com a lógica da fragmentação dos encaminhamentos, permitindo a co-responsabilidazação de todos os envolvidos no cuidado com o sujeito. A partir da lógica do matriciamento coloco-me no lugar do apoiador na escola, contribuindo para as trocas de saberes e a construção de novas práticas que favoreçam não apenas a inclusão do estudante neste território, mas fortaleça sua permanência e a apropriação do conhecimento por todos. Entendo que é a partir de uma proposta coletiva de trabalho que se pode estruturar de fato práticas

transformadoras e capazes de reverter a lógica de exclusão e segregação que envolve as crianças com autismo. É no cotidiano da escola, junto com professores, pedagogos, pais e estudantes que poderemos pensar práticas como a da mediação escolar na inclusão da criança com autismo no ensino regular.

MEDIAÇÃO ESCOLAR: TECENDO CAMINHOS POSSÍVEIS

Machado et al. (2009) aponta para o fato da Psicologia estar cada vez mais sendo convocada ao debate das práticas excludentes que são reforçadas por várias instituições, sendo uma delas a escola. Esta postura aponta para um conflito histórico, que apresenta em seu âmago a exclusão social, sendo assim, cabe a nós psicólogos estarmos implicados com a estruturação de políticas públicas transformadoras desta realidade. Ao iniciar o trabalho como professora substituta no Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior - UFF, em 2015, no curso de Pedagogia, deparei-me com o trabalho realizado pelo Grupo de Pesquisa Educação e Saúde (GRUPES), projeto desenvolvido por graduandos em Pedagogia, bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e supervisionado pela professora Doutora Maria Goretti Rodrigues, que posteriormente veio a orientar a presente pesquisa. Este grupo trazia à tona as fragilidades e as potencialidades em se atuar junto a uma criança com autismo no espaço da escola regular. Nesta perspectiva, o trabalho realizado por este grupo, a mediação escolar, apresentava novas possibilidades de existência para a relação da criança com autismo com a escola, com a família e consigo mesmo. De acordo com Kaufman (2016), a prática da mediação escolar ainda é um processo em construção, sendo este estruturado de acordo com a demanda de cada estudante e sua dificuldade. O mediador atua em vários cenários dentro da escola e sua relação será estruturada passo a passo com a mesma, professores, pais e estudantes. Não há um modelo padrão de mediação e sim práticas a serem construídas. Percebe-se que é na relação, é no encontro que o mediador poderá estruturar sua prática. Vale a pena ressaltar que esta relação é produzida a partir de uma perspectiva não medicalizante, valorizando o sujeito e sua singularidade, escapando ao diagnóstico, não o ignorando, mas fazendo da prática da mediação uma prática de construção de novos caminhos para a escolarização e socialização de sujeitos com necessidades educacionais especiais. Kaufman (2016) aponta que a prática da mediação escolar deve se configurar em movimento para

expansão da vida, rompendo com a lógica da segregação e da exclusão social destes sujeitos.

De acordo com Mousinho (2010) foi a partir do ano 2000 que a figura do mediador escolar se tornou mais presente no espaço da escola no Brasil. Seu trabalho a princípio recebeu a orientação dos profissionais que já acompanhavam as crianças em terapias de apoio, realizando algumas trocas com a escola. Na rede pública de ensino este trabalho vem sendo desempenhado por estagiários, estando a formação básica do mediador vinculado a área da saúde ou da educação sendo: psicólogos, professores, pedagogos, psicopedagogos, fisioterapeutas, dentre outros. “Conhecer o aluno que será acompanhado pela mediação, discutir com a equipe pedagógica da escola e com a equipe de apoio terapêutico são pontos fundamentais para atender à necessidade específica e assim alcançar os objetivos estabelecidos pela equipe” (MOUSINHO, 2010, p. 103). É importante que o mediador esteja aberto ao encontro com o sujeito a ser acompanhado e todas as questões que surgirão desta relação.

Este modelo recorda de certa maneira a concepção do acompanhamento terapêutico, que se instituiu como uma nova atuação no campo da saúde mental no que se refere ao cuidado com pessoas em sofrimento psíquico. Esta concepção se alinha ao movimento da Reforma Psiquiátrica, uma vez que preconiza um modelo assistencial que valoriza a relação com o sujeito que é acompanhado, fortalece suas referências em seu território e incentiva sua autonomia (NETO & AMARANTE, 2013). Tanto a mediação escolar quanto o acompanhamento terapêutico possibilitam novas sociabilidades. Ambos vão configurar micropolíticas no cotidiano das práticas que irão romper com a lógica da normalização daqueles considerados “diferentes”. A mediação entendida como processualidade será sempre uma aposta, uma possibilidade de acontecer ou não. Deverá sempre acontecer em conjunto, com os componentes da escola, a família, os profissionais envolvidos com a criança, enfim, todos os atores que estão envolvidos com a proposta de inclusão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa ainda encontra-se em andamento. Mas já foi realizado um encontro com os professores da rede pública municipal que estão passando pelo processo de inclusão de crianças com autismo no ensino público. De modo geral foi possível perceber que por trás de uma aparente resistência aos sujeitos em situação de inclusão existem forças que moldam e enquadram os professores à produtividade exigida pelo sistema escolar. Para além da questão do processo ensino-aprendizagem existe a necessidade de produção que a escola requer: manter o IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) da escola alto, o que reflete em impactos financeiros para a mesma, atender o maior número possível de estudantes (salas super lotadas), inclusão a qualquer preço, etc. Os professores sentem a necessidade de desabafar. Precisam dar conta de uma série de exigências, mas muito pouco ou quase nada é oferecido como ajuda. Demonstram cansaço, mas não desânimo. Muitos em suas falas mostraram-se inspirados com a educação, mas sem saber o caminho a seguir na produção de um ensino de qualidade. Falaram de suas práticas, da construção de possibilidades e alternativas, principalmente com os estudantes em situação de inclusão. Mas também falaram dos medos e da estranheza de tê-los em suas salas de aula. A partir deste primeiro encontro foi possível perceber que os encaminhamentos de estudantes para a rede pública de saúde, em especial para o serviço de psicologia soavam mais como um pedido de socorro. Todos de alguma maneira sofrem: os professores, os estudantes, os familiares, enfim, aqueles que se preocupam efetivamente com o processo de inclusão no ensino regular.

No encontro realizado com o Núcleo de Apoio à Educação (NAE) do município o qual a pesquisa se desenvolve foi destacado o caráter inovador da mediação escolar enquanto estratégia de apoio à inclusão destas crianças na escola. No início do trabalho muitos professores sentiam a presença do mediador como invasiva, o que trouxe intensa resistência por parte dos mesmos. Mas ao longo do processo essa postura foi se dissolvendo e muitos passaram a construir com o mediador uma nova perspectiva de trabalho para o estudante com autismo na escola. Os mediadores neste contexto são estagiários do curso de pedagogia da Universidade Federal Fluminense, bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência. De modo geral há uma crítica do trabalho em rede, o que fortalece o entendimento de que esta é uma prática a ser construída e fortalecida por todos os atores envolvidos com a inclusão.

REFERÊNCIAS

AMARANTE, P. D. de C. & NETO, M. de L. A. O Acompanhamento Terapêutico como Estratégia de Cuidado na Atenção Psicossocial. **Rev. Psicologia: Ciência e Profissão**. 2013, 33 (4), 964-975;

BRASIL. Ministério da Saúde. Centro de Estudo e Pesquisa em Saúde Coletiva. **Guia prático de matriciamento em saúde mental.** Dulce Helena Chiaverini(Organizadora) ... [et al.]. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2011. 235 p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde.DAPE. Coordenação Geral de Saúde Mental. **Reforma psiquiátrica e política de saúde mental no Brasil.** Documento apresentado à Conferência Regional de Reforma dos Serviços de Saúde Mental : 15 anos depois de Caracas. OPAS. Brasília, novembro de 2005. 56 p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Política Nacional de Humanização da Atenção e Gestão do SUS.** Redes de produção de saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2009. 40 p.

KAUFMAN, N. Cinco pistas para uma prática de mediação escolar não medicalizante. **Conversações em Psicologia e Educação**. Comissão de Psicologia e Educação do CRP-RJ (org.). Conselho Regional de Psicologia 5° Região, 2016, p. 49-59.

MACHADO, A. M.; ALMEIDA, I. & SARAIVA, L. F. O. Rupturas necessárias para uma prática Inclusiva. In **Educação Inclusiva: experiências profissionais em psicologia**. Brasília: Conselho Federal de Psicologia. 2009, p. 21-36.

MATOAN, M. T. E. O direito de ser, sendo diferente, na escola. In: RODRIGUES, D. Inclusão e educação: doze olhares sobre educação inclusiva. São Paulo. Summus, 2006.

MOUSINHO, R.; et al. Mediação escolar e inclusão: revisão, dicas e reflexões**. Revista Psicopedagogia**, São Paulo, v. 27, n. 82, 2010. Disponível em:<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S01038486201000010010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 15/02/2015.

PASSOS, E.; BARROS, R. B. A cartografia como método de pesquisa-intervenção In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Org.) **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade** – Porto Alegre: Sulina, 2015. p.17-31.

PASSOS, E. & KASTRUP, V. Cartografar é traçar um plano comum. **Fractal, Rev. Psicol.**, v. 25, n. 2, p. 263-280, Maio/Ago. 2013.

PINHEIRO, R. Integralidade em Saúde. In: **Dicionário da Educação Profissional em Saúde.** 2009. Disponível em: <http://www.epsjv.fiocruz.br/dicionario/verbetes/intsau.html>. Acesso em: 22/10/2016.

SKLIAR, Carlos. “A inclusão que é ‘nossa’ e a diferença que é do ‘outro’.” In: RODRIGUES, D. **Inclusão e educação: doze olhares sobre educação inclusiva.** São Paulo. Summus, 2006.

17. PSICOLOGIA:

A FRAGMENTAÇÃO DO EU: o vazio na contemporaneidade

Carolina de Oliveira[137]
Mariana Fernandes Ramos dos Santos[138]

RESUMO: O presente trabalho procura compreender e observar como se dá a fragmentação do “Eu” e as patologias no século XXI, buscando fazer uma análise prescritiva de algumas obras de grande relevância como Zygmunt Bauman e Viktor Emil Frankl, para entendermos e levantarmos alguns constructos de como as relações interpessoais “líquidas” e o desapego da afetividade que são vivenciadas por algumas pessoas neste século podem ter influência em seu processo de adoecimento psíquico e na fragmentação do seu "Eu”. O artigo concentra-se em entender como se inicia esse processo e quais os traços mais marcantes para a identificação desses que se tornam um problema psicológico que está em acessão em nossa sociedade contemporânea e como tais indivíduos se posicionam mediante esses fatos. Para a elaboração desse artigo fez-se indispensável uma pesquisa bibliográfica para que pudéssemos refletir sobre a temática do adoecimento psíquico a partir do prisma da falta de interação. A discursão girou em torno da displicência que alguns indivíduos têm acerca dos meios de comunicação e conclui-se que o afastamento interpessoal das pessoas acarreta alterações psicopatológicas.

PALAVRAS-CHAVE: Afeto. Sociedade. Interação. Adoecimento. Patologia.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho surgiu a partir de indagações sobre as patologias do século XXI, que aparecem mediante as relações interpessoais “líquidas”, ou seja, as relações totalmente apáticas vivenciadas por algumas pessoas em nossa sociedade brasileira. Assim, buscam-se respostas á questão problema: como a diminuição das relações

[137]Graduanda do curso de Psicologia do Centro Universitário São José de Itaperuna (UNIFSJ) – Itaperuna- RJ. Carolinabracho16@hotmail.com
[138]Docente do curso de Psicologia do UNIFSJ. Psicóloga. Neuropsicóloga. Terapeuta Cognitivo Comportamental. Mestre em Psicologia pela UCP. marineuropsi@hotmail.com

interpessoais podem acentuar os quadros psicopatológicos no indivíduo e qual a significância da interação afetiva para a vida das pessoas?

Este texto tem como objetivo compreender a dinâmica das relações interpessoais e como a falta dessa traz desequilíbrio para o indivíduo. Tendo como objetivos específicos: definir relações interpessoais; compreender a dinâmica das relações; analisar as relações interpessoais e suas implicações a luz de Zygmunt Bauman (2008) e Viktor Emil Frankl (1984).

A hipótese é de que a falta de interação social pode acentuar o vazio existencial, podendo causar um adoecimento psíquico.

A motivação para a escolha desde tema originou-se da observação da ascensão do número de patologias que tem surgido em nossa contemporaneidade. Entendendo poder se tratar de questões que perpassam a patologia. Justifica-se que este trabalho é de grande relevância, pois propõe refletir e analisar existencialmente como essas relações "líquidas" podem propiciar o adoecimento e consequentemente quadros psicopatológicos na vida do sujeito. Faz-se de suma importância o entendimento de como estamos estruturando nossas relações e quais os critérios que estão sendo utilizados para essa interação afetiva. Mediante esta temática, analisaremos os conceitos de projeto de vida de Viktor Emil Frankl (1984) e de relacionamento líquido de Zygmunt Bauman (2008) com o intuito de compreender como se dá às relações interpessoais no século XXI a partir desses teóricos. Sendo importante um destaque onde se observa que o adoecimento psíquico é algo em ascensão na pós-modernidade e mediante ao fato o conhecimento da temática torna-se indispensável, uma vez que dialogar sobre a qualidade de nossas relações é de uma magnitude imensurável.

A INTERAÇÃO DO SÉCULO XXI

O homem é um ser psicossocial. O que caracteriza sua evolução é a facilidade que tem de enfrentar e se adaptar aos desafios que surgem em sua trajetória. Ao longo da história humana, o homem empregou diversas formas para se comunicar. Podemos citar por exemplo a arte rupestre, assim denominada as pinturas feitas em cavernas.

A internet é uma rede de comunicação internacional que liga computadores através de linhas telefônicas ou conexões discadas. Tornou-se o principal meio de comunicação

da pós-modernidade e desde os primórdios tem por finalidade conectar as pessoas. Hoje podemos usar o termo interligar as pessoas, pois ela as têm substituído fisicamente, talvez em um futuro não muito distante essa substituição de pessoas será algo comum, a exemplo de robôs que a partir de um comando executa um trabalho que demandaria muita mão de obra.

Vivenciamos um processo intenso de dependência e interdependência do outro. Um gesto como um aperto de mão, um sorriso ou mesmo um elogio pode suscitar pensamentos e sentimentos errôneos a respeito do outro e tudo isso faz parte da comunicação social. Procuramos a inteireza no olhar do outro.

> Por sua vez, a resposta emitida servirá de estímulo á pessoa que a promoveu, gerando por seu turno um outro comportamento desta última, estabelecendo-se assim o processo de interação social. (Rodrigues, Assmar e Jablonski, p.13, 2008)

Em meio a essa “conexão” vamos nos alienando de nós mesmos e criamos um “eu” idealizado pela necessidade que sentimos de enquadra nos moldes pré-estabelecidos pela sociedade. Nos distanciamos de nosso projeto original e passamos a ter comportamentos de cópias, usando as mesmas dialéticas da sociedade, não sabemos mais manter nossos laços afetivos a longo prazo e por conta disso nossas relações tem características frouxas, vazias e por vezes sem sentido.

Não necessitamos mais sair de casa para explorar o mundo realizar um pagamento ou mesmo comprar alguma coisa, podemos interagir com o mundo sentando em uma poltrona. Podemos estudar, assistir grandes espetáculos, fazer vários “amigos”, mostrar foto para os vizinhos e para parentes distantes tudo isso sem sair da poltrona.

Em 1995, Bill Gates previu que a internet se tornaria algo de elevada importância para todos

> Ela será mais que um objeto que carrega ou um aparelho que se compra, será um passaporte para uma nova forma de vida. (GATES, p.15,1995).

Essa interação é ambígua, pois ao mesmo tempo em que aproxima as pessoas também às levam a se distanciar do seu meio, levando-as a estabelecer pouco afeto em suas relações, não pertencendo e não se deixando pertencer a ninguém, levando-o para um acomodamento afetivo onde as relações começam a ter um desequilíbrio, podendo à

partir desse ponto surgirem as inseguranças, pois esse indivíduo cria a ideia que mediante as redes sociais ele tem possibilidade de estabelecer uma relação melhor, alienando-se de si mesmo e trazendo uma ideia de incapacidade para fazer algo ativo em relação a sua própria vida e ao ambiente em que vive, caindo em um vazio existencial. Nada é feito para durar na cultura da contemporaneidade, as relações possuem prazo de validade na pós-modernidade, estamos vivenciando o tempo dos relacionamentos de bolso do tipo que pode se dispor quando necessário.

> Um ser humano não é oco num sentido estático, como se fosse uma bateria precisada de nova carga. A sensação de vazio provém, em geral, da ideia de incapacidade para fazer algo de eficaz a respeito da própria vida e do mundo em que vivemos. O vácuo interior é o resultado acumulado, em longo prazo, da convicção pessoal de ser incapaz de agir como uma entidade, dirigir a própria vida, modificar a atitude das pessoas em relação a si mesmo, ou exercer influência sobre o mundo que nos rodeia. Surge assim a profunda sensação de desespero e futilidade que a tantos aflige hoje em dia. E uma vez que o que a pessoa sente e deseja não tem verdadeira importância, ela em breve renuncia a sentir e a querer. A apatia e a falta de emoção são defesas contra a ansiedade (...). (ROLLO MAY, 2002, p. 22).

Muitas pessoas optam por relações virtuais, seja de amizade ou relacionamentos onde pode esconder sua verdadeira personalidade, onde podem repensar suas palavras, elaborar melhor os textos para atingir o objetivo desejado, se escondendo atrás de um “EU” idealizado, uma máscara social, fugindo do tédio e da ansiedade de se mostrar verdadeiramente a outra pessoa, porém, até nessas relações existem as frustrações e algumas pessoas adoecem psicologicamente por não conseguirem lidar com esses conflitos que se internalizam em si, ou seja, há uma dificuldade no direcionamento perante a nomeação desses sentimentos.

> Por essa razão, cria-se uma concepção perversa de felicidade como uma condição que pode ser atingida por poucas pessoas. A felicidade torna-se impossível ou materializada em um novo produto disponível no mercado. [..] Se a felicidade pode ser um “estado” de excitação estimulado pela incompletude” (Bauman, 2009, p 43)

Esses relacionamentos são descartáveis, não existe o compromisso com o outro e assim apresenta-se uma característica de negócios, onde tem sempre um valor atribuído para tudo. Dentro da pós- modernidade o “ter” passou a ser mais importante que o “ser”.

As pessoas no presente momento também passam a ser avaliada por aquilo que possui, como se o valor dela estivesse embutido dentro do seu “ter”. Pelo contrário avaliamos as pessoas a partir do pressuposto de suas qualidades singulares.

Vivenciamos intensas mudanças em nossa contemporaneidade e isso tem afetado as pessoas física e psicologicamente conduzindo-as a uma alienação dentro desse processo de globalização, a sociedade nos induz a todo o momento ao consumismo desenfreado e isso nos leva a adotar um comportamento que acentua o individualismo. Existe uma necessidade que o consumismo não pode suprir que é a necessidade de sentido existencial, pode-se dizer que essa falta de sentido existencial é um paradoxo. Se os indivíduos olhassem para dentro de si mesmo notariam que são dotados de potencialidades e que possui a responsabilidade de enxergar a vastidão de sentido que possui a vida. Segundo Erick Fromn 1983, nessa dinâmica de dissolução da dignidade humana, “a pessoa não se preocupa com sua vida e felicidade, mas em tornar-se vendável”.

Estamos sempre procurando algo para nos envolvemos, como novos projetos e conquistas e na resolução de conflitos, não suportamos o silêncio o estar consigo mesmo por medo quem sabe de uma profunda reflexão.

A FRAGMENTAÇÃO DO “EU”

Hoje muitas pessoas escolhem o afastamento social, dando margem as fantasias idealizadas e preconizando sempre a razão no lugar de suas emoções, substituindo o toque pessoal pelo relacionamento virtual. Em função disso poderão se tornar pessoas mais frágeis, inseguras tendo dificuldade de manter relacionamentos saudáveis.

O adoecimento psíquico da contemporaneidade aparece dentro de traços de desamparo, falta de referência e um intenso vazio interno. Sendo as principais doenças vigentes: pânico, depressão, distúrbios relacionando a má alimentação, as psicossomatizações e algumas síndromes como Burnout e Anorexia nervosa. Conforme diz Baumam

> Os indivíduos recebem uma cobrança intensa através dos meios de comunicação todos os dias, para se enquadrarem no dito “Modelo ideal”, onde quem não se enquadra fica as margens da sociedade. É, mediante esta crença, de que se tem que ser ideal, as pessoas se envolvem cada vez mais nesta relação virtual. Com o intuito de expandir as relações

> virtuais deixando sem significância a afetividade dentro das relações (Baumam, p. 2. 2004).

Com isso, as relações ficam vazias, sem sentido, as pessoas passam a se relacionar com as outras apenas para obter favores, não sabendo mais manter seus laços afetivos em longo prazo. Não são apenas as relações amorosas que entram em conflito, mas todas as relações interpessoais desse indivíduo. Muitos já perderam sua percepção de humanidade, ou seja, a capacidade de lidar e se colocar no lugar do outro, a chamada empatia. Vivemos uma geração que parece estar sempre conectada, procurando informações fáceis e imediatas, digitando ao invés escrever, buscando a individualidade sem abrir mão do grupo, buscando sua liberdade a todo o momento e buscando se estabelecer como um ser dinâmico.

Entendendo que

> Quando não podemos mudar a situação temos a liberdade de mudar nosso comportamento frente à situação. Quando alguém aprende a elevar-se a cima de si mesmo, passa a mostrar uma capacidade que é única e própria do ser humano. Tendo a capacidade de transformar a tragédia em triunfo (FRANKL, 1984, p.4).

Muitos indivíduos se distanciam de seu projeto original e passa a delegar a outrem a responsabilidade de seu estado de espírito, como dependentes que necessitam de demonstrações de afeto para se sentirem aceitos. A busca desenfreada pela dita aparência ideal tem asfixiado o prazer de viver, a autoestima e levando o ser humano a condição de cópias, onde todos necessitam ter a mesma silhueta, cabelo e estilo para serem aceitos em determinados grupos, perdendo assim sua subjetividade e a identidade. Segundo Frankl,

> A existência humana direciona-se sempre para “além de si mesma, indicando um sentido”. Então, o importante é primeiramente realizar um sentido, ou seja, é importante que a pessoa assuma atitudes que a aproximem da realização daquilo que tem sentido (FRANKL, 1948/1993, p. 61).

O ser humano é extremamente paradoxal, ele consegue se descrever externamente para o outro, mas vive na dúvida quanto a sua própria identidade. A imagem que o ser humano cria de si mesmo determina o comportamento que ele irá desenvolver. Torna-se importante o indivíduo ter um encontro interno com ele mesmo para se conscientizar e assumir a responsabilidade de seu projeto de vida.

> O ser humano não é completamente condicionado e definido. Ele define a si próprio seja cedendo ás circunstâncias, seja se insurgindo diante delas. Em outras palavras, o ser humano é, essencialmente, dotado de livre-arbítrio. Ele não existe simplesmente, mas sempre decide como será sua existência, o que ele se tornará no momento seguinte (Frankl, 1997, p. 39).

Entendendo que Frankl diz que mesmo em situações adversas o ser humano pode encontrar um sentido para viver. Existe no íntimo do ser humano um desejo e uma vontade de encontrar esse sentido e mesmo quando a vida perde o significado o indivíduo é capaz de suportar qualquer sofrimento e se reencontrar seu sentido de viver.

INFLUÊNCIAS EXTERNAS

Um estudo realizado por alguns cientistas na revista BBC Brasil (2012), concluíram que pessoas viciadas em internet têm alterações similares no cérebro àquelas que usam drogas e álcool em excesso. Cientistas estudaram os cérebros de 17 jovens viciados em internet e descobriram diferenças na massa branca - parte do cérebro que contém fibras nervosas dos viciados na rede em comparação a pessoas não viciadas. A análise de exames de ressonância magnética revelou alterações nas partes do cérebro relacionadas a emoções, tomada de decisão e autocontrole.

De acordo com Bauman 2004, p.8

> Na modernidade “líquida” os laços agora se dão em rede não mais pessoalmente. Os relacionamentos recebem o nome de conexão, que pode ser feito, desfeito e refeito a qualquer momento. O que gera dificuldade para manter laços a longo prazo.

O indivíduo contemporâneo é motivado pelo excesso de informações a todo momento de consumismo, das tele entregas, dos aparelhos eletrônicos e a grande variedade de sites e páginas na internet. Percebe-se uma necessidade de alguém ou alguma coisa para preencher o vazio de seu mundo interno, vazio este deixado pela falta de contato interpessoal. Estamos vivenciando um mundo virtual e que algumas pessoas tomam como real, ou seja, a ilusão da ilusão. Muitos perderam a consciência de sua existência fora das “conexões”.

> E assim é numa cultura consumista como a nossa, que favorece o produto pronto para uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação instantânea, resultados que não exijam esforços prolongados, receitas testadas, garantias de seguro total e devolução do dinheiro. A promessa de aprender a arte de amar é a oferta (falsa, enganosa, mas que se deseja ardentemente que seja verdadeira) de construir a "experiência amorosa" à semelhança de outras mercadorias, que fascinam e seduzem exibindo todas essas características e prometem desejo sem ansiedade, esforço sem suor e resultados sem esforço (BAUMAN, 2004, p. 22).

A vida dentro desse meio consumista é uma vida de aprendizado rápido, mas também de um tipo de esquecimento veloz. Algumas vezes dentro desse contexto pré-estabelecido pela sociedade surge a sensação de inadequação, deslocamento e inconformidade com esse espaço e tempo estabelecido. Pode-se dizer que esse inconformismo denota a origem da crise do ser humano que de tão múltiplo, perde-se em si mesmo a todo momento e luta para buscar-se novamente em meio as incertezas e contradições, levando a muitos a um estado de questionamento interno, podendo tornar-se depressivos e inseguros.

De acordo com Medeiros, 2008, os indivíduos expõem seu físico, seu psíquico e emocional para não serem rejeitadas em seu meio. As pessoas se transformam em mercadorias uma espécie de autopromoção por meio do consumo que as torna atraentes e desejadas. Assim,

> Dessa forma ao mesmo tempo em que promovem as mercadorias, também são promovidas por elas e isso se torna algo normal, o indivíduo se remodela automaticamente para obter os prêmios sociais que ambicionam, ou seja, como produtos que são capazes de obter atenção e atrair fregueses e demandas (Medeiros, 2008, p.1).

A busca pelo sentido é uma necessidade humana, porém a sociedade faz com que a cada dia seja mais aflorada a sensação de falta de sentido. Diferentemente de outros autores, Frankl acredita que o sentido da vida não é algo que pode ser atribuído ou criado pelo indivíduo, ele se coloca a cada dia como um desafio e exigência a ser descoberto. Encontrar este sentido que permeia e estrutura a vida, evita que a pessoa se desajuste e acabe adoecendo. O sentido da vida é essencial e a sua busca é o que move cada um.

> [..] ouso dizer que nada no mundo contribui tão efetivamente para a sobrevivência, mesmo nas piores condições, como saber que a vida da gente tem um sentido. Há muita sabedoria nas palavras de Nietzsche:

> Quem tem um por que viver pode suportar quase qualquer como (Frankl, 1985, p. 95-96).

Os valores existenciais acontecem quando vivenciamos algumas experiências de relacionamentos interpessoais, podendo obter valores mediante essas vivências realizadas ao longo da vida. Sua grandeza ou simplicidade pode mensurar um valor inimaginável e são esses momentos que podem dar sentido a toda uma vida O indivíduo precisa dessa interação com o outro para construir-se pessoa. De acordo com Frankl, 1989 “o sentido do amor é a única maneira de captar o outro no íntimo da sua personalidade. Ninguém consegue ter consciência plena da essência última de outro ser humano sem amá-lo”. Esse sentido pode se dar através dessas relações interpessoais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo objetivou relatar a importância das relações interpessoais dentro da contemporaneidade, pois percebe-se que a interação que a pós-modernidade tem estabelecido são porosas e distantes. A todo momento se privilegia o supérfluo e as relações “corpo a corpo” tornam-se cada vez mais escassas, favorecendo o isolamento e a falta de poder da coletividade.

Alguns indivíduos não se permitem mais observar e experienciar o toque, algo de fundamental importância para a sobrevivência humana. É preciso sair da zona de conforto “conectado” e entender que a internet é uma ferramenta importantíssima para a contemporaneidade, mas não pode ser a única forma de interação social.

A maior questão é o uso exacerbado dos meios de comunicação, a ponto de se deixar de lado momentos de contemplação do belo, como conversar com um amigo, observar o pôr-do-sol, ir ao cinema, namorar, etc.

Sentir o outro não é perder tempo, ao contrário é ter qualidade de vida e obter tempo de qualidade. A falta do toque pode trazer grandes patologias para a vida do indivíduo, daí a importância do reconhecimento do seu “eu”, reconhecer seu reflexo e se sentir uma pessoa única e espetacular.

REFERÊNCIAS

BIRMAN, Joel. **Subjetividade contemporânea**. In: *Psychê- Revista de Psicanálise*. São Paulo, ano. v, n.7, PP.151-69, 2001.

_____. **Os traumas da modernidade**. *In RUDGE, Ana Maria (Org) Traumas. S*ão Paulo: Editora Escuta 2006. Biblioteca de Psicopatologia Fundamental.

BAUMAM, Zygmunt. ***Amor Líquido*: Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed. 2004.

BAUMAM, Zygmunt, ***Vida para consumo*: a transformação das pessoas em mercadorias**/ Zygmunt Baumam; tradução Carlos Alberto Medeiros. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

CURY, Augusto Jorge. ***A ditadura da beleza e a revolução das mulheres***. Rio de Janeiro: Sextante, 2005. ISBN 85- 7542- 198-0.

DASHEVSKY, Evan. ***Oito novas doenças provocadas pelo uso da Internet***. Você tem alguma? Disponível em: http://idgnow.com.br/internet/2013/10/16/oito-novas-doencas-mentais-que-atingem-voce-por-causa-da-internet/. Acesso em: 01 de jun.2016.

FELDMAN, R. S**. *Introdução à psicologia***. 10. ed. Porto Alegre: AMGH, 2015. 704 p.

GRAEML, K. S; VOLPI, J.H; GRAEML, A. R. **O impacto do uso (excessivo) da Internet no Comportamento Social das Pessoas**. Revista Psicologia Corporal (José Henrique Volpi e Sandra Mara Volpi, Orgs.). Vol.5, 2004.

http://coletanea2008.no.comunidades.net/**sindrome-de-burnout**

ROBALLO, Davi. ***A modernidade e o Mito de Narciso***. Disponível em: http://www.progresso.com.br/opiniao/**a-modernidade-e-o-mito-de-narciso** Acesso em: 01 de jun.2016.

6. ed. **O normal e o patológico**/ Georges Canguilhem; tradução de Mana Thereza Redig de Carvalho Barrocas; revisão técnica Manoel Barros da Motta; tradução do posfácio de Piare Macherey e da apresentação de Louis Althusser, Luiz Otávio Ferreira Leite._6.ed.rev._Rio de Janeiro: Forense Universitária,2009.

Frankl, Viktor E. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração.** Tradução de Walter O.Schlupp e Carlos C. Aveline; revisão técnica de Helga H. Reinhold. 2. ed.São Leopoldo, Editora Sinoda Petrópolis, Editora Vozes,1991.

WWW. Scielo.br/pdf/estpsi/v25n4/a11v25n4.pdf

Bauman, Zygmunt, **Vida para consumo**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar,2008.199p.

http://lounge.obviousmag.org/luciana_chardelli/2014/02/**nao-me-delete-por-favor**.html#ixzz4jiRhqmYD

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672015000200005

http://egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/13772-13773-1-PB.pdf

www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/educacao/**bauman-e-a-sociedade-de-consumidores-a-transformacao-das-pessoas-em-mercadoria**/13883

O vazio e a vontade de sentido: uma análise da religiosidade pós-moderna / Hélio Alves de Oliveira. Belo Horizonte, 2010.

http://conversandocomoprofessor.com.br/artigos/arquivos/bauman_e_o_sentido_da_dignidade_-_blog_versao_final.pdf

http://www.osentidodavida.com.br/a_logoterapia_e_o_sentido_da_vida.html

file:///C:/Users/carol/AppData/Local/Packages/Microsoft.MicrosoftEdge_8wekyb3d8bbwe/TempState/Downloads/25155-72059-3-PB.pdf

http://revista.fcat.edu.br/index.php/path/article/viewFile/8/8

file:///C:/Users/carol/AppData/Local/Packages/Microsoft.MicrosoftEdge_8wekyb3d8bbwe/TempState/Downloads/13865-58490-1-PB.pdf

O livro da psicologia / tradução Clara M.Hermeto e Ana Luísa Martins. – São Paulo: Globo, 2012.

RESUMOS:

1. CIÊNCIAS CONTÁBEIS:

EVOLUÇÃO DA MULHER CONTABILISTA NO MUNDO ATUAL: Desafios e perspectivas

Jaqueline Dias Maciel UNIFSJ[1]
Kaio Júnio de Souza Batista UNIFSJ[2]
Daniele Perissé Rangel UNIFSJ[3]

RESUMO: A contabilidade passa por um período de grande valorização da profissão junto à sociedade, e dentro deste contexto pudemos observar que a evolução da mulher dentro da profissão contábil vem crescendo muito nos últimos anos. Esta pesquisa tem como objetivo identificar as perspectivas e os desafios do mercado de trabalho para a mulher contabilista em nosso país. O estudo caracteriza-se por uma pesquisa descritiva e qualitativa. Vivemos hoje um período histórico onde a mulher ocupa mais espaço no mercado de trabalho, o que não poderia ser diferente na contabilidade. Segundo o Conselho Federal de Contabilidade, este crescimento da participação das mulheres na área contábil tem sido observado de forma mais expressiva exatamente nos últimos 12 anos. No ano de 2004 elas tinham uma representatividade de menos de 35% e nos dias atuais representam quase metade dos profissionais da área, um total de 42,5%. Com base nos resultados obtidos foi possível observar que a mulher vem evoluindo, quebrando barreiras e se firmando como profissional de forma competente no mercado de trabalho.

Palavras-chave: Contábil. Mercado. Trabalho. Profissão

2. CIÊNCIAS CONTÁBEIS:

CONTABILIDADE AMBIENTAL COMO FERRAMENTA DE RESPONSABILIDADE SOCIOAMBIENTAL

Renata Aparecida Barbosa Ferreira UNIFSJ renataferreiraribeiro@gmail.com
(G Ciências Contábeis UNIFSJ)
Roberta Tinoco Novaes UNIFSJ beta.tnovaes@gmail.com
(G Ciências Contábeis UNIFSJ)
Daniele Perissé Rangel UNIFSJ danieleperisse@hotmail.com
(G Ciências Contábeis UNIFSJ)

RESUMO: Nos últimos anos vem aumentando a imposição exercida pela sociedade para que as empresas respeitem ao meio ambiente. Devido a esta imposição, as empresas vêm sendo obrigadas a adotar políticas de controle, preservação e recuperação ambiental, para que assim possam garantir sua continuidade. O objetivo dessa pesquisa é

identificar de que forma a contabilidade ambiental poderá contribuir como ferramenta de responsabilidade socioambiental, demonstrando nesta pesquisa a sua importância para o equilibro ecológico, identificando e divulgando os benefícios da contabilidade ambiental, que é um tema ainda pouco explorado pelas empresas e pela contabilidade. A metodologia aplicada nesse estudo é de pesquisa bibliográfica, qualitativa, quantitativa e revisão literária. A Contabilidade Ambiental é um instrumento capaz de ajudar a organização a preservar ao meio ambiente, cumprir a legislação, evitar prejuízos e a crescer economicamente. Com base nos resultado da pesquisa foi permitido identificar que a função da Contabilidade Ambiental vai além de ser de um agente de preservação da sustentabilidade do planeta, contribui também para identificação de oportunidades estratégicas, pois sua observância agrega valor ao produto da organização que passa a ser considerada empresa de responsabilidade socioambiental, gerando assim vantagens competitivas no mercado.

Palavras-chave: Sustentabilidade. Controle. Instrumento.

3. CIÊNCIAS CONTÁBEIS:

IMPOSTOS MUNICIPAIS E SUAS APLICAÇÕES NA SOCIEDADE

Lázaro Candido UNIFSJ lazaro-cand@hotmail.com
(G Ciências Contábeis UNIFSJ)
Liessandro Ribeiro Fernandes UNIFSJ liessandro@fsj.edu.br
(G Ciências Contábeis UNIFSJ)
Daniele Perissé Rangel UNIFSJ danieleperisse@hotmail.com
(G Ciências Contábeis UNIFSJ)

RESUMO: Os gastos e as receitas públicas devem passar por uma planificação para que a arrecadação se torne eficiente, tanto do ponto de vista orçamentário como socioeconômico. Tem-se que buscar uma forma equilibrada entre a arrecadação e a devolução de serviços públicos pela administração a população. Os municípios, que são um dos âmbitos do campo de ação do governo, têm poder para cobrar os impostos alencados no Art. 156 da CF/1988 que são o IPTU, o ITBI e o ISS. Cada um destes impostos tem suas peculiaridades e preceitos que devem ser analisados. A relevância desta pesquisa se dá em evidenciar a natureza dos impostos municipais trazendo assim contribuições, informações e esclarecimentos sobre estes impostos. Sendo assim, a Administração Municipal deve executar de forma justa suas ações promovendo serviços públicos com qualidade. É necessário que todos os itens que fazem parte da tributação sejam compreendidos por todos os políticos e por toda a sociedade. Exposto isso, o objetivo deste trabalho, que foi feito por meio de pesquisas bibliográficas, é de demonstrar as particularidades de cada tributo bem como a sua incidência. Com base nos resultados obtidos pudemos verificar que os impostos municipais são uma grande fonte de arrecadação, devendo, portanto ser repassado serviços públicos de qualidade em favor do bem-estar de toda a sociedade.
Palavras-chave: Competência. Administração. Características.

4. CIÊNCIAS CONTÁBEIS:

Empresas Familiares: há espaço para o profissional de controladoria?

Liessandro Ribeiro Fernandes UNIFSJ liessandro@fsj.edu.br
(Ciências Contábeis UNIFSJ)
Armênia Arantes Guimarães UNIFSJ armenia@fsj.edu.br
(Administração UNIFSJ)
Arleide Soares da Silva

RESUMO: O presente artigo objetiva abordar as particularidades existentes nas empresas familiares, destacando a sua forma de gestão e também transcorrer a cerca da controladoria e o profissional que a exerce. Foram apontadas as aparentes divergências entre as duas temáticas, apreciando definições e conceitos, perfil da gestão nas empresas familiares e o profissionalismo intrínseco na controladoria, extraídos das bibliografias de especialistas no assunto. A inferência alcançada foi a certificação que com a exigência constante da profissionalização da gestão nas empresas familiares, há espaço para o controller nessas empresas, tornando-as cada vez mais competitivas, desde que a percepção seja absorvida por aqueles que a dirigem.

Palavras-chaves: Empresas familiares. Controladoria. Controller. Gestão. Contabilidade.

5. FARMÁCIA:

AUTOMEDICAÇÃO DOS AINEs: UM PROBLEMA DE SAÚDE PÚBLICA

Bruno Borges do Carmo (UNIFSJ).
E-mail: brunobji@gmail.com
Vinícius Ferreira Rodrigues(G – Farmácia - UNIFSJ).
E-mail: viniciusferreira_farmacia@hotmail.com
Julio Cezar Ribeiro Junior(G – Farmácia - UNIFSJ).
E-mail: juliocezarjunior@gmail.com

RESUMO:
A automedicação anti-inflamatórios não esteróides (AINEs) se disseminou pelo Brasil trazendo uma falsa suavização do Sistema Único de Saúde (SUS) virando um problema de saúde pública, acarretando um alto risco a saúde da população, que vai das mais simples reações adversas até as maiores intoxicaçõe. De uma forma geral, todos os efeitos dos AINEs estão direcionados com a inibição da ciclo-oxigenasse (COX) do ácido araquidônico e, portanto, inibi a reprodução de prostaglandinas e tromboxanos, o que causa efeitos indesejados podendo levar a óbito. O presente estudo realizou uma revisão de literatura dos principais estudiosos sobre o assunto em questão, onde foram

abordadas questões relevantes sobre a automedicação dos AINEs e suas consequências, concluindo que os usuários realizam a compra desenfreada desses medicamentos devido à facilidade de oferta e falta de informações profissionais.

PALAVRAS-CHAVES: Anti-inflamatórios. Automedicação. Efeitos adversos. Saúde Pública.

6. FARMÁCIA:

RELIGIOSIDADE NA BUSCA DE QUALIDADE DE VIDA DO OBESO

Bruna da Silva Lopes Melo

Resumo: A qualidade de vida tem sido cada vez mais danificada com o aparecimento da obesidade, portanto a morbimortalidades relacionada à obesidade vem crescendo de forma alarmante. A obesidade é caracterizada como um distúrbio nutricional o qual acarreta o acúmulo excessivo de gordura corporal, colocando em risco a saúde dos indivíduos por possuir relação direta com outras doenças crônicas não transmissíveis como o diabetes, hipertensão que culminam com eventos cardiovasculares. Este distúrbio vem tomando dimensões importantes em todo o mundo, inclusive no Brasil. Dentre as principais razões que levam uma pessoa a procurar uma ajuda religiosa, estão relacionados problemas de saúde. Vários estudos implicam que a doença pode mobilizar a busca de ajuda por meio da religião. Portanto a Cirurgia Bariátrica tem sido uma ferramenta de auxílio no tratamento clínico da obesidade

7. HISTÓRIA:

Espiritualidade Inaciana e processo de colonização brasileira na personagem de Manoel da Nóbrega

Antônio Paulo Pimentel da França[1] (G); e Vanessa Oliveira da Silva[2] (G)

_____-

[1]Graduando em História; Centro Universitário São José de Itaperuna; e-mail: antppf@gmail.com

[1]Graduando em História; Centro Universitário São José de Itaperuna; e-mail: vanessa_avgm@hotmail.com

RESUMO: Nessa pesquisa inicialmente buscamos refletir sobre a educação e o processo de formação da identidade brasileira, delimitamos nosso objeto na figura de Manoel da Nóbrega, através do método e prática dos “exercícios espirituais” inacianos, por suas

contribuições para o padrão de evangelização a ser implantado no Brasil e por conseguinte no próprio modelo de colonização colonial português, que viria a ser fortemente atrelado as práticas metodológicas dos padres da Companhia de Jesus. Como base usaremos as diversas fontes bibliográficas e teremos como fonte estruturante as cartas trocadas entre Manoel da Nóbrega, corte portuguesa e sede da Companhia de Jesus em Portugal e Roma. Com a intenção de nos aprofundar em tal modelo de colonização proposto por Manoel da Nóbrega, explanando o "tripé" aldeamento, colégio e casa religiosa (igreja), e seu legado para a formação colonial brasileira.

Palavras-Chave: Companhia de Jesus. Manoel da Nóbrega. Colonização Brasileira. Espiritualidade Inaciana.

8. HISTÓRIA:

QUADRINHOS: BREVE HISTÓRICO E APLICAÇÕES EDUCACIONAIS

Lucas Campos Crisostomo[139]

RESUMO: As histórias em quadrinhos (HQ's) são uma das manifestações artísticas mais conhecidas em todo mundo. É praticamente impossível falar da história do século XX sem se referir aos quadrinhos. As HQ's fazem parte do nosso cotidiano: estão presentes em bancas e livrarias ao redor do globo e espalharam sua popularidade para outras mídias, como o cinema, a televisão e os jogos. Atualmente, os quadrinhos estreitaram seus laços com o mundo educacional. As discussões sobre o uso das HQ's no processo de ensino-aprendizagem vem rendendo excelentes trabalhos acadêmicos e cada vez mais as salas de aula vem incorporando a linguagem dos quadrinhos para o seu cotidiano. A capacidade de se usar uma linguagem tão dinâmica como ferramenta de ensino vem atraindo cada vez mais estudiosos para o tema. Este trabalho se propõe a analisar a origem dos quadrinhos, sua trajetória no mundo acadêmico e sua aplicação na educação, como mecanismo no processo de ensino-aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: Histórias em quadrinhos. Ensino-aprendizagem. Educação.

9. LETRAS

JORGE AMADO E SUA *TENDA DOS MILAGRES*: a presença do Candomblé na literatura brasileira

Ísis Lima de Paulo(G)

[139]UFF: Mestrando em Ensino – UFF; Especialista em Docência do Ensino Superior – UNOPAR; Graduado em História – UNIFSJ. E-mail: camposlucas1994@gmail.com

Centro Universitário São José de Itaperuna (Unifsj)
lima.isis97@gmail.com

Resumo: Este artigo tem como objetivo identificar na obra de Jorge Amado como a presença constante do Candomblé se torna parte da história do povo baiano. Trata-se de uma pesquisa de cunho bibliográfico, que analisa a obra *Tenda dos Milagres*, tendo Carneiro (1978) e Bosi (1970) como teóricos basilares. O Candomblé, muito presente na Bahia, mostra-se diretamente ligado à formação cultural, principalmente na década de 30, nos anos de autoritarismo, quando a religião sofria perseguições. Neste contexto, um autor do Romance de 30, Jorge Amado, passa a retratar contexto social, incluindo a religião em suas obras. Justifica-se o estudo de uma obra que se configura como um verdadeiro arquivo da cultura baiana que inclui a religião de matriz africana, vitimada pela intolerância religiosa, cujos rituais sofreram a violência dos brancos. Assim, busca-se evidenciar a valorosa contribuição desse autor na defesa da culturalidade do legado afro-brasileiro. Conclui-se o quão a literatura amadiana, em especial Tenda dos Milagres contribui para o adentramento de discussões como o Candomblé no legado afro-brasileiro.

Palavras-chave: Bahia. Candomblé. Neorrealismo.

10. LETRAS

BERTOLEZA E RITA BAIANA
As figuras representativas da mulher negra em *O Cortiço.*

Estefanni da Silva Souza Brasil; Kerolayne Santos Franklin[140]
Ana Lúcia Lima da Costa Schmidt[141]
Dulce Helena Pontes-Ribeiro[142]

---

[140]Graduandas do Curso de Letras (Português/Literatura) do Centro Universitário São José de Itaperuna (Unifsj). E-mails: estefanni.brasil@gmail.com; kerolaynesantosfranklin@gmail.com;

[1412] Orientadora. Pós-Doutora em Cognição e Linguagem pela Universidade do Norte-Fluminense (Uenf). Doutora em Ciência da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (Ufrj). Mestre em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Juiz de Fora (Ufjf). Pós-Graduada em Literatura pela Fundação São José. Graduada em Letras pelo Unifsj. Professora em exercício do Ensino Médio do estado do Rio de Janeiro. Coordenadora e Docente da Educação Superior no curso de Letras do Unifsj. E-mail: analucia@fsj.edu.br.

[142]Coorientadora. Doutora em Letras (Língua Portuguesa) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj). Mestre em Educação pela Universidade Católica de Petrópolis (UCP). Pós-Graduação em Língua Portuguesa e Graduada em Letras pela Faculdade de Filosofia de Itaperuna (Fafita). Revisora da revista

1 Graduanda do Curso de Letras (Português/Inglês) do Centro Universitário São José de Itaperuna (Unifsj). E-mail: raquelfreitas_@hotmail.com.

2 Graduanda do Curso de Letras (Português/Inglês) do Centro Universitário São José de Itaperuna (Unifsj). E-mail: vyvi46@hotmail.com.

3 Orientadora. Doutoranda em Cognição e Linguagem pela Universidade do Norte-Fluminense (UENF) Mestre em Educação pela Universidade Iguaçu, RJ (UNIG). Especialista em Língua Inglesa (PUC/MG). Graduada em Letras Português/Inglês e suas Literaturas pela Faculdade de Filosofia de Itaperuna (Fafita). Professora de Língua Inglesa na Unifsj. E-mail: sonifon1@hotmail.com.

Resumo: O presente artigo, de teor bibliográfico, tem como objeto de estudo a representação da figura da mulher negra na obra literária “O Cortiço”, de Aluísio Azevedo, destacando duas personagens: Rita Baiana e Bertoleza. Ambas correspondendo ao mesmo contexto, porém com posicionamentos distintos: a primeira concretiza seu ideal de liberdade; a segunda perpetua seu estigma de escravidão. As fontes de pesquisa para realização deste artigo foram o próprio Aluísio Azevedo (2004), Darcy Ribeiro (1995), Jean-Yves Mérian (1970), Nina Rodrigues (2010) e Gilberto Freyre (2006), Abdias Nascimento (1998). Contudo conclui-se que o comportamento de ambas personagens traduz a forma de adaptação que encontraram para lidar com as consequências sociais deixadas pela escravidão na sociedade a que pertenciam.

Palavras-chave: Bertoleza. Rita Baiana. Escravidão. Adaptação. Representação.

11. LETRAS: O USO DA GÍRIA COMO RECURSO DE APRENDIZAGEM EM UMA ABORDAGEM SOCIOLINGUÍSTICA

Raquel França Freitas[1]
Vyvian França Souza Gomes[2]
Sonia Maria da Fonseca Souza[3]

RESUMO
A presente pesquisa propõe explorar a dinamicidade da língua e as formas de adequação situacional, observando os falares e a identidade do indivíduo falante, orientação esta dada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais –PCN (BRASIL, 1998, p.33). Nossa discussão está ancorada nos estudos da sociolinguística e ensino de línguas. Esta pesquisa é bibliográfica de abordagem qualitativa, a fim de propor uma reflexão teórico metodológica, baseada nos estudos da sociolinguística, acerca do uso da gíria nas práticas de ensino e aprendizagem de língua inglesa. Considera-se que a gíria por ser relacionada aos adolescentes e jovens, pode ser um meio eficaz e que deve ser valorizada como recurso didático para facilitar o aprendizado do aluno no ensino de Língua Inglesa.

Palavras-chave: Gírias; Ensino; Língua Inglesa.

ABSTRACT

The present research proposes to explore the dynamicity of the language and the forms of situational adequacy, observing the speakers and the identity of the speakers, orientation given by the Parâmetros Curriculares Nacionais –PCN (BRAZIL, 1998, p.33). Our discussion is anchored in sociolinguistic studies and language teaching. This research is a

bibliographical of a qualitative approach, in order to propose a theoretical methodological reflection, based on the studies of sociolinguistics, about the use of slang in English teaching and learning practices. It is considered that the slang for being related to adolescents and young people, can be an effective and should be valued as a didactic resource to facilitate student learning in English language teaching.

KEYWORDS: Slang; Teaching; English language.

12. LETRAS:

JOGOS INTERATIVOS COMO MEIO DE APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA

Licimar Dias da Silva Monteiro (G Letras), Unifsj,licymonteiro1974@hotmail.com
Sonia Maria da Fonseca Souza, Unifsj/Unig/Uenf, sonifon1@gmail.com

RESUMO: Esta pesquisa, de cunho bibliográfico, tem como objeto de estudo os jogos interativos (JI) como recurso facilitador do aprendizado de língua inglesa (LI). O estudo não só caracteriza os JI, como também discorre sobre a relevância lúdica desse recurso em sala de aula e sobre a sensibilidade da inobservância de regras. Além disso, apresenta estratégias de utilização desses jogos nas aulas de inglês. Depreendeu-se da investigação que os JI sejam usados como estratégia de ensino e motivação para que o professor crie uma aula criativa formando um indivíduo melhor para viver em sociedade, capaz de descobrir, inventar, mudar seu conceito de ensino-aprendizagem, aumentando a autoestima e colaborando para a construção de novos conhecimentos.

Palavras-chave: Educação. Estratégia. Ferramenta. Lúdico.

13. PSICOLOGIA

O PRÁTICA PSICOLÓGICA ENQUANTO REFERÊNCIA PARA TRANSMITIR MÁS NOTÍCIAS NO PROCESSO DE DOAÇÃO DE ÓRGÃOS E TECIDOS PARA TRANSPLANTE

BISCÁCIO, N.A. (PG – Linguística Aplicada) Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
naiarabiscacio@hotmail.com

RESUMO: O processo de doação de órgãos e tecidos para transplante no Brasil é um campo novo em ascensão estrutural no que diz respeito aos protocolos e resoluções legais e éticas para colocar em prática o direito ao diagnóstico de Morte Encefálica e a possibilidade de familiares dos pacientes decidirem por uma doação. Na equipe interdisciplinar, o psicólogo tem lugar muito bem estabelecido e delimitado na função de acompanhar a família, comunicar a morte, bem como manejar o entendimento desta má notícia, partindo do princípio de que conhece tecnicamente o caso. Neste sentido,

vivencia-se na prática da Psicologia Hospitalar uma interação efetiva com a área médica e de enfermagem, bem como o compromisso com o referencial humano, analítico e ético que direcionam a comunicação enquanto instrumento de promoção de gerenciamento de conflitos, de acordo com Vilela (2007). Ao trazer ao ambiente de comunicação de má notícias técnicas para administrar a interação face-a-face e manejo dos modos verbal e não-verbal de ordenação das falas (PHILIPS, 2013) e ao possuir material metodológico, como a etnografia, para avaliar aspectos culturais que se manifestam nas interações entre família e equipe interdisciplinar, pode o profissional colaborar para melhor utilização de protocolos médicos de comunicação como o SPIKES, que colabora e direciona o profissional no que diz respeito à introdução do assunto, desenvolvimento e resolução da decisão em questão.

Palavras-chave: Doação. Comunicação. Interação. Interdisciplinar.

14. PSICOLOGIA

TRANSTORNO AFETIVO BIPOLAR, SUAS FASES, SEUS SUBTIPOS E O DESAFIO DE SEU DIAGNÓSTICO E TRATAMENTO.

Arthur de Castro Ferreira
UNIFSJ/CEBESP/UNIG
artycastro@hotmail.com
Mariana Fernandes Ramos dos Santos
UNIFSJ/UCP/UNESA
marineuropsi@hotmail.com

RESUMO: Cerca de 4% da população adulta mundial sofre de transtorno afetivo bipolar e, segundo a Associação Brasileira de Transtorno Bipolar (ABTB), essa prevalência vale também para o Brasil, o que representa 6 milhões de pessoas no país. Tendo necessidade de conhecer melhor o Transtorno, este trabalho teve como objetivo geral conscientizar através de informações sobre o Transtorno. Para isso o definiu apresentando os subtipos e discutir o diagnóstico diferencial com a Esquizofrenia. Para a realização do mesmo, foi feita um levantamento de dados bibliográficos, utilizando a principal fonte de dados: lilly, scielo, Google acadêmico. Observou-se que o Transtorno obtém 4 fases (episódios de Humor), dentre eles, episódios maníacos, hipomaníacos, fases eutímicas e fases depressivas, e em alguns casos presença de delírio e alucinação. Como resultado, portadores de transtorno afetivo bipolar com sintomas psicóticos podem ser erroneamente diagnosticados como tendo esquizofrenia, outro transtorno mental grave ligado a delírios e alucinações. Conclui-se que existe uma questão importante no que diz respeito aos Transtornos de humor que são as crenças relacionadas as fases ou episódios desse transtorno, o que surge a necessidade de esclarecimento no que se refere as fases como as consequências das mesma. E, que há a necessidade de tratamento dentro do Transtorno, enfatizando que esta discussão não se esgota, pelo contrário, ela abre a discussão para pensarmos que a fase maníaca e hipomaníaca também é uma forma de adoecimento e estudarmos o TAB em seus subtipos, que são TAB (Transtorno Afetivos Bipolar) tipo 1, tipo 2 e tipo 3.
Palavras-chave: Transtorno Afetivo Bipolar. Episódios do Transtorno e os seus Subtipos. Diagnóstico e tratamento.

15. PSICOLOGIA

O BERÇO VAZIO DIANTE DA EXPRESSÃO DA VIDA

TOSTES.Z, (G – Psicologia) Centro Universitário São José de Itaperuna.
zilmaratostes@hotmail.com
QUEIROZ. L, (G- Psicologia) Centro Universitário São José de Itaperuna.
ludymiladharaqueiroz@gmail.com

RESUMO: Um dos momentos mais esperados após o nascimento do bebê, é o contato visual para confirmação ou não das expectativas, o que inclui o processo de levá-lo para casa. Enquanto esse desafio não se torna possível, torna-se um problema de ordem afetiva, social e familiar, gerando um choque emocional quando os objetivos não são atingidos conforme o esperado. Os recém-nascidos com risco de vida, são aguardados com ansiedade por suas mães e familiares em virtude da necessidade de assistência médica intensiva e controle do quadro clínico, bem como seus sinais vitais. Diante deste rompimento, a equipe médica e de enfermeiros, conta com a intervenção de psicólogos com familiares e a própria equipe de saúde, objetivando o fortalecimento do vínculo entre os bebês e familiares. Segundo Brazelton e Cramer (1992) uma das fases de prevenção de psicopatologias infantis está no primeiro estágio da relação mãe-bebê. Assim, esta abordagem pode funcionar como um modo de prevenir psicopatologias ao longo do desenvolvimento dos bebês. Nesse sentido, Klaus e Kennell (1993) relatam que os pais passam por fases de aperfeiçoamento, fases estas relevantes para o estabelecimento do processo de vínculo, sendo elas: planejamento da gestação (antes da gestação); confirmação e aceitação da gestação; percepção dos movimentos fetais e inicio da aceitação do filho como um indivíduo (durante a gestação); e ver, tocar, cuidar do bebê e aceitar o neonato como um indivíduo à parte (após o nascimento) a fim de possibilitar um desenvolvimento significativo de suas funções cognitivas, afetivas e sociais durante o crescimento.

Palavras-chave: Interdisciplinar. Vínculo. Família.